

J. Correna

O Renascimento das Estirpes



Livro 3 das
Crônicas

dos Bardos

CRÔNICAS DOS BARDOS

LIVRO 3

O RENASCIMENTO DAS ESTIRPES

J. Correna

Revisão: Eloísa Moriel Valença

ISBN 978-65-00-70317-7 (PDF)

ISBN 978-65-00-70315-3 (EPUB)

ISBN 978-65-00-70314-6 (AZW3)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Correna, J.

O renascimento das estirpes [livro eletrônico] :
livro 3 / J. Correna. -- 1. ed. -- Viçosa, MG :
Ed. da Autora, 2023. -- (Crônicas dos Bardos ; 3)
PDF

ISBN 978-65-00-70317-7

1. Ficção de fantasia 2. Literatura épica
I. Título. II. Série.

23-157763

CDD-B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura brasileira
B869.93

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

CRÔNICAS DOS BARDOS

O RENASCIMENTO DAS ESTIRPES

J. Correna

SUMÁRIO

MAPA	1
PRÓLOGO	2
1. O KRAKEN DO MERCADO	9
2. O PRIMEIRO DESVIO: INTENÇÕES.....	32
3. O SEGUNDO DESVIO: DESTINO.....	49
4. O SENTINELA ANTROPÓFOBO	62
5. A POLÍTICA DO REINO.....	78
6. A BATALHA DAS ESTIRPES	112
7. A FÚRIA DE OSTREBOR	167
8. VESTÍGIOS, RUÍNAS E MEMÓRIA: SALVAGUARDA.....	182
9. LEOPOLDO DE CARIOR.....	251
OS NOMES DESTA HISTÓRIA	267
Pessoas, criaturas e grupos	267
Edifícios	269
Geografia Política	269
Geografia Natural.....	270

MAPA



PRÓLOGO

“Minha querida Tessa,

Precisamos muito de você, e com urgência. Encontre-nos no Porto Alto o mais rápido possível. Estamos a caminho.

Beijos, Tonio.”

“Meu querido Tonio,

Não.

Beijos, Tessa.”

Os passos incessantes pelo assoalho de madeira incomodavam os hóspedes que estavam prestes a reclamar. Caso a chuva que caía durante todo o dia tivesse se interrompido no início da noite, seu chiado abafaria o som da indignação de Tonio. No entanto, não havia atenuante para os passos e imprecações que dominavam o ar.

- Não! Foi só o que ela escreveu! Nem mais uma palavra! Você acredita?

Confusa, Lucha se sentava com as pernas cruzadas no canto da cama, tentando acompanhar o desabafo do mestre de armas:

- O que você escreveu, afinal?

- O suficiente!

Mostrou o que chamava de carta que foi anexada à resposta enviada por Tessa. Lucha contemplou o bilhete, e levantou os olhos para Tonio.

- Suficiente?

- Não podemos explicar com todas as palavras. Se veio de mim, teria que ser suficiente para Tessa!

- Sim, porque ela não tem uma vida, compromissos, Penélope...

Tonio bufou antes de protestar:

- E nós? Não somos nada para ela?

Lucha não respondeu e foi interrompida quando alcançava papéis para iniciar sua própria redação:

- Lucha! Não podemos ser explícitos! E se a carta for interceptada?

Lucha novamente levantou os olhos a Tonio, a desafiá-lo. Ele explicou colocando o dedo na ferida:

- Por Labaki, por exemplo?

Vencida, suspirou antes de pensar.

“Querida Tessa,

Tivemos uma viagem bárbara! Gostaríamos de compartilhar contigo, mas infelizmente nosso destino nos impede de visitá-la no Vale da Rã. Eu e Tonio nos perguntamos se não estaria interessada em se juntar a nós nessa peregrinação de fé.

É isso mesmo, Tessa. Estamos em uma peregrinação de fé. Testemunhamos o fantástico perto de Dust, onde uma revelação mudou nossa visão de mundo e agora seguimos com outros peregrinos rumo a um destino cheio de incertezas, mas cheio de promessas também.

De todos que passaram por nossas vidas nos últimos anos, acreditamos que você é a que melhor entenderia nossa motivação, dado que nos conhece e sabe o quanto somos espiritualizados a ponto de seguir com mais de trezentas pessoas de um deserto gelado até a terra que almejamos. E sabe quem é o líder espiritual? Tonio! Sim, há muito a explicar, e precisamos de você nessa jornada. Lembra-se de Samantha e das revelações de fé que tivemos naquela época? Eram apenas um prelúdio do que nos foi reservado. Você, nos conhecendo, entende a profundidade dessas palavras.

Acreditamos que faça parte disso. Não nos deixe sem o seu apoio espiritual, como o dado naqueles dias de provação no Vale da Rã.irá nos encontrar junto a Donnal.

Sua eterna amiga, Lucha

P.S.: Tonio manda lembranças. Não escreveu por estar ocupado a guiar os fiéis que se apoiam em sua liderança e palavras de fé para seguirem por esta árdua peregrinação. Você achará fantástico, não deixe de vir.”

Mostrou a Tonio, que se acalmou:

- Sim, acho que pode funcionar.
- É bom que funcione, por você e por Lina.
- Cuide dela, eu tenho mais de três centenas de pessoas a cuidar de mim.

*

O abraço de Martius foi tão forte que Ella ficou sem ar. Ele tinha a sensação de que a não veria mais, mas evitou a funesta premonição. Ella tinha lágrimas nos olhos quando balbuciou:

- Cuide-se, não vou demorar a encontrá-lo.

Era uma mentira que ambos tentavam se convencer: que meses passariam rápido.

Leafir foi obrigado a se controlar pela primeira vez perante um desconforto com a proximidade de Martius e Ella. Como ele também sabia como meses eram um tempo considerável entre humanos, optou por tolerar a despedida.

Martius se afastou com as últimas palavras de Ella ribombando na cabeça:

- Estamos indo atrás de nossas escolhas.

Martius havia escolhido Baai. Encontraria Lucha na Capital de Katos, e assim evitariam Valdoa, para seguirem até o Pequeno Reino do Pontal com Lina. Perguntava-se se Tonio havia resgatado a fada como planejado, pois, desde que entraram no reino, tomaram rumos distintos.

A ruptura da Plêiade de Danati foi também a ruptura dos bardos, obrigados a seguirem por diferentes direções a fim de cumprir as escolhas que fizeram, como mencionado por Ella.

Tonio e Lucha foram resgatar Lina, e seguiriam com a renovada Estirpe de Tenet por Katos até Moros, a fim de Tonio apresentá-los aos Lanceiros Perpétuos. Lucha e Lina se desgarrariam no caminho após encontrarem Tessa, que deveria auxiliar Tonio.

Ella e Martius foram até a Ilha das Flores, onde Leafir os aguardava. De lá, Ella e Leafir atravessariam Atavina a noroeste a fim de evitar Racina e seguir para Femon margeando a fronteira de Andreada.

Quando a Estirpe de Ruan estivesse em segurança com Leafir em Femon e a Estirpe de Tenet com Tessa e os lanceiros, Ella e Tonio se juntariam a Lucha e Martius em Carior. Martius esperava já ter instruções para a busca a Baai até ver novamente os outros músicos. E partiriam para esta busca com Celiah e Melgrod bem longe.

A princípio, parecia um plano simples e prático. Confiariam em seus aliados até se reunirem para assumir mais uma missão juntos. A única coisa que o incomodava era que, quanto mais tentavam acertar um plano bem elaborado, pior faziam.

“O que vai dar errado desta vez?”

*

Malva olhava para as roupas dobradas sobre o baú. Sabia que não era sensato, mas nada mais a prendia ao Vale Cálido. Sua tia a pegou naquele torpor:

- Ainda há tempo para se arrepender.

Ela foi seca:

- Já me arrependo. Ele nunca voltou e a culpa é minha.

- Você era uma criança, Malva!

Ela concordou:

- Eu era. Não sou mais – justificou. – Ele salvou minha vida, tia! E o que eu fiz a ele?

Não havia mais o que discutir. Foram os argumentos de semanas. Desde que a mãe se foi, Malva engatilhou um processo de revisão de seu passado que, apenas agora ficava claro, havia se iniciado com aquela contadora de histórias. E culminou em sua partida.

- E se ele não estiver no Vale da Rã?

- Ele não está, mas dizem que esteve. Seguirei seu rastro.

Rastrear o rastreador. Malva não entendia por que não sentia medo.

*

Amanda de Aflatin se ajoelhou. Havia duas pessoas em Racina que podiam exigir tal gesto dela: o Rei de Racina e o Duque de Fraga.

Rêmulos de Pisanti acreditaram que se decepcionariam novamente com Amanda assim que ela retornou de sua visita ao Reino de Katos. Entretanto, a crise que a atingiu afetou suas forças inesperadamente. Por mais que ela cometesse erros, o que era natural da juventude, sua vitalidade era um dos laços que prendiam seu frágil corpo àquele mundo. Seus sentimentos por Amanda, e pela falecida Amália, oscilavam entre o paternal até à rivalidade do poder que ele tinha e da jovialidade que elas retinham. Desejava o melhor para as moças, mas se ressentia quando elas se afastavam de seu controle.

Assim, o atentado contra Amanda despertara sua revolta e renovou sua voracidade contra o Reino de Katos. Vendo-a ajoelhada e de cabeça baixa mais uma vez, ele sentiu a familiar proximidade à Grã-Mestra dos Betemares e o domínio sobre a Condessa de Aflatin. Suas vontades se convergiam novamente.

- Meu senhor, foi confirmado que Sávio Labaki não é de Moros, como ele afirmou. No entanto, não conseguimos localizar sua origem.

Rêmulos apertou os olhos, ou pela informação, ou pela dor no corpo distorcido.

- E os outros?

- Ridell é um bandoleiro, mas já deve estar morto. O general Leafir foi um herói da Guerra dos Metoikos, porém nenhuma confirmação temos dos bardos a serviço do Reinado de Eduardo Bouças. No entanto, receio que tenhamos sido atraídos para esta armadilha desde o início. A visita deles era parte de uma sabotagem para iniciar uma guerra que não irá tardar. Os próprios vampiros minaram Fraga Oriental...

- Lembre-se que você forneceu as informações sobre Quedanct. Eles não tinham como saber!

Amanda se conteve. O Duque tinha razão. Era preciso separar os fatos das impressões.

- Creio que aproveitaram a oportunidade.

- A vinda deles foi pessoal. Já foi comprovado. Foi na saída de Fraga que se aliaram ao sabotador Labaki. Ele é o chefe. Algum chefe de espionagem de Katos, algum nobre que mudou de nome, ou herói da guerra. Como não é possível apagar o passado, procure melhor, dentre os nobres declarados mortos nos últimos anos, por exemplo.

Amanda já havia procurado. A ordem significava repassar todos os nomes dos bem-nascidos, mas os heróis vivos e mortos na guerra compunham uma tarefa quase impossível. No entanto, ela o fazia. Sávio Labaki precisava existir.

*

As notícias que chegaram a Labaki não o surpreenderam totalmente: Ella e Martius virem à Ilha das Flores sem Lucha e Tonio fez mais sentido a ele, que sabia que Tonio se desviaria para buscar Lina, do que o estranho bando a acampar fora da cidade. O vulcão também exigiu reflexão e questionamentos, porém sem confirmações do que realmente ocorreria. Contudo, nada era mais misterioso do que a decisão de atravessarem a pé todo o Sul com uma horda estranha e faminta.

“Poderiam ter morrido! O que eles planejam?”

O ocaso com Amanda e a justiça local da Ilha dificultaram sua coleta de informações. O trio Ella, Leafir e Martius já havia partido quando ele ouviu pela primeira vez da boca de um espião o termo Estirpe de Ruan.

Amaldiçoou Ridell por ter estragado o disfarce de Inar pela ridícula paixão pela Condessa de Aflatin. Era o momento de enviar o elfo para se juntar àqueles peregrinos, talvez Leafir até o tivesse convidado, mas como o espião se expusera demais a Racina e a Femon, Ridell seria útil apenas em Valdoa, onde poderia conferir os passos de Comperteiro.

Aliciar necessitados para cobrir Ella e Celiah não era difícil naqueles dias. Nunca fora, desde que tivesse recursos. A dificuldade era confiar na integridade e na competência de seus partidários. Não poderia aceitar a oferta das fadas novamente, pois ao priorizar a vida de Awmeniewlyna a seu segredo, revelou a sua relação com o pequeno povo que habitava Carior. Foi naquele momento que se lembrou que Tonio a deveria estar interrogando.

*

Tonio se lembrava da dor na garganta enquanto aguardava Lina. Quando a viu, suas preocupações foram adiadas. Esticou a mão para que ela subisse e aproximou-a do rosto para sentir seu cheiro. Lina tocou os lábios de Tonio com as mãos pequeninas com um silencioso pedido de perdão.

Ele também sentia que precisava pedir perdão pela sua cegueira. Depois de ter tantas vidas sob seus cuidados na travessia até Katos, ele se tornou mais sensível às necessidades alheias, dada a bofetada que a vida dera em sua percepção.

Até então, ele se considerava atento àqueles próximos de si, disponível para conversar e orientar. No entanto, quando ele elegia uma necessidade ou objetivo, seu foco se desviava e nada mais o permitia ver. A diversidade de demandas na travessia exigiu mais de si para outros a ponto de esgotá-lo em alguns momentos e o fez finalmente perceber o que deveria ter feito para o bem da fada.

A visão de Lina era um bálsamo por ter duplo sentido: ele não sentia que doava apenas, mas que recebia muito da fada. Deveria apenas balizar suas necessidades para não exigir demais, ignorando as necessidades intrínsecas da vida de uma criaturinha tão delicada.

Apesar de ter adiado a conversa definitiva nos primeiros dias, sabia que ela seria necessária. Lina também.

De cabeça baixa, ele não sabia como iniciar. Ela sabia.

- Precisamos dele.

- De quem?

- Dele, que os guia.

Tonio proferiu a palavra seca:

- Labaki.

Ela confirmou em silêncio. Protegia as mãos entre os joelhos. Para ouvi-la, Tonio precisava se manter bem próximo, mas desejava andar à sua volta para ocupar o espaço e ampliar seu domínio. Lina o continha.

- Seja o que ele prometeu, não creio que irá cumprir!

- Proteção.

- Para as fadas?

- Sim.

- Acredita que ele tem esse poder?

- Ele é capaz. Com sua ajuda e de seus amigos.

- Nós! Como?

Ela confessou em um choro:

- Carior precisa de Ostrebor de volta!

O coração de Tonio se apertou.

- Lina, ele está mentindo para vocês!

*

Ridell largou o alforje sobre a cadeira nua da hospedaria. Sobrevivera a seus mestres, tanto Labaki quanto Amanda, que o enfeitiçara. De acordo com o primeiro, ainda estaria sob o feitiço da segunda caso a encontrasse, razão pela qual fora aproveitado longe da ação principal. Vigiar Fúlvio Comperteiro.

Jogou o alforje ao chão para usar a cadeira a serviço de sua própria dor. Suas lesões foram curadas, exceto as sequelas do passo manco, impossível de evitar, e da derrota, penosa em aceitar. Ambas provocavam dor e esgotavam seu ânimo. Saíra vivo, mas fora derrotado pelos caprichos de Labaki, pela indiferença de Leafir, pela manipulação de Amanda e pelo desejo de vingança de Trobal. E ele? O que tinha a contribuir para aquele conjunto de defeitos dos que o rodearam?

Pensou nos laços que deixaram de existir com o fechamento de Belerod. Comparou-se a Leafir, que fora um dia um general e vivia seus dias desejoso de criar novos laços no mundo dos humanos. Ele, Ridell, esgueirava-se pelos anos a procurar seu lugar em cantos obscuros que estavam longe de brilhar como ele merecia. Pensou o quanto seria diferente se estivesse dentre os elfos.

Seu talento antes elogiado e promissor nada frutificou naquele mundo sem Belerod. Desistira de compartilhar suas ideias com aquele povo que não tem tempo para desperdiçar oportunidades, porém era surdo à sua voz.

E então surgiram Labaki, Leafir e Amanda. O primeiro despertou seu instinto adormecido que se limitara a sobreviver, o segundo mostrou como se adaptava com persistência a este mundo humano, e a última resgatou sua inquietude perdida após tantos anos de incompreensão.

Ridell abriu a janela para fitar as ruas de Valdoa. Algo precisava mudar. Ele não era um servo da vida, e fazia anos agia como tal. Pensou que o êxodo dos elfos o destacaria no mundo humano. Ao contrário, tornara-o um pária. Algo precisava mudar. Aquela a dor, antes latente, emergiu para clamar que a vida que levava não permaneceria.

*

A cada dia, morre um elfo.

Leafir acordou só, com a frase martelando em sua cabeça. Os dias passavam rapidamente, ao contrário do deslocamento moroso do povo que compunha a nova Estirpe de Ruan. Ele rolou para o lado, suspirou.

Ella deveria ter acordado cedo para ditar suas ordens, apontar as providências e cuidar do bem-estar de sua gente. Ela fazia isso muito bem, melhor que ele.

Era bom assim, o bem-estar não era sua função. Ele pensou em como iria transformar pessoas que não ousavam sequer se expressar com desembaraço em uma ordem de arqueiros. Era justo admitir que eles melhoraram desde que se juntou ao grupo, mas ainda eram hesitantes e inseguros.

E para qual motivo? Proteger a gema mágica. Um bom motivo, mas Leafir cogitava quanto mais poderia ser feito com trezentos arqueiros e uma fonte de tão grande poder. Bom, não seriam trezentos.

Sentou-se, desanimado. Gastaria toda sua habilidade para transformar pedras em pérolas e destiná-los a um propósito que contradizia o seu. Em seguida, procuraria um favor na gratidão de estranhos beneficiados por ele próprio.

A cada dia morre um elfo. Era o preço de sua palavra, de sua honra e de seu amor.

Saiu da tenda para fitar seu desafio. Ciganos vieram à sua cabeça. Havia o grupo que cozinava, o que limpava, o que cuidava das crianças e velhos. Aqueles que percorriam as vilas e as cidades próximas a procurar trabalho ou comida. Alguns adeptos animaram-se com a nova vida e resgataram seus talentos em comerciar. Outros, os plenos em especial, sabiam como produzir mesmo em terra de passagem. Afinal, um povo que viveu em grande escassez tinha habilidades ocultas que finalmente eram reveladas e bem aproveitadas por Ella e Martius.

Quando chegaram aos primeiros sinais de civilização, Martius já havia organizado o povo tanto de Ella quanto de Tonio, o que foi essencial para que não se perdessem no caos e na destruição dos territórios pelo qual passaram. Com a ajuda de Zirgur, Virgur e Velma, conheceu as habilidades e disposições daquela gente, conversou, perguntou e testou.

Envolveu Lucha e seus assistentes. Antes de partir, deixou indicações dos talentos e habilidades de cada pleno ou adepto a fim de que Ella e Tonio explorassem os perfis apropriados nas atividades requeridas.

Leafir aprovou a iniciativa. De fato, é preciso conhecer os seus para saber como apontar as obrigações, um conceito básico de qualquer liderança. Leafir observou como Tonio fez com Ella, Martius e Lucha ao longo das histórias que contaram, e viu agora como Martius apontou o que delegar de acordo com o potencial de cada membro da Plêiade. Correção, de cada membro da Ordem Draconiana.

Era o que ele, Leafir, também precisava fazer. Ainda estavam no Ducado de Atavina, a caminho de Andreada, e usaria o longo percurso para conhecer melhor seu exército e extrair quantos fosse possível a fim de transformá-los em bons arqueiros. Quiçá houvesse um ou dois com talento para um dia se tornarem exímios arqueiros. Como aqueles que um dia liderou.

1. O KRAKEN DO MERCADO

Ridell havia localizado o segurança de Comperteiro na porta de um templo. Aos olhos do elfo, os religiosos humanos eram divididos entre aqueles cuja vida medíocre exigia orientações e aqueles cuja culpa os levava a se amarrar em algum tipo de perdão. Acreditava que o segurança fazia parte do segundo grupo, visto que o primeiro geralmente era condicionado por amarras como raízes, identidade e, principalmente, familiares de sobrevivência dependente de um arrimo sufocado de reponsabilidades e obrigações.

Avaliou se precisava saber mais sobre aquele segurança para atingi-lo a contento. Sem família, sua consciência devia afetar sua aceitação pessoal por alguma ação do passado. Provavelmente, algum crime ou ato de covardia equilibrados pela crença em uma absolvição remota em que o maior interessado, a vítima em si, não precisa ser ouvida.

Seu objetivo era simples: desestabilizar o oponente e provocar um conflito. Entretanto, ele exigia perspicácia para atingir o ponto certo da variável fraqueza que leva à resposta a uma provocação.

E a provocação é uma arte! Deve ser única, rápida e crescente. Se composta de várias tentativas, perde a força se dividida em múltiplos argumentos e expõe a intenção do provocador. Se demorada, a intenção também é percebida e o objeto da provocação pode se afastar antes que perca a calma. Já o seu caráter crescente visa minar a tolerância do objeto com o aumento da intensidade a cada novo ataque: a provocação identifica a ferida, toca a lesão de leve para chamar a atenção do alvo, depois arranca a casca para causar dor mais intensa e, em seguida, penetra pela carne viva para extrair um urro que obriga o oponente a se defender. Aos olhos externos, uma boa provocação não pode ser entendida como um ataque e, por conseguinte, a ação do oponente não pode ser interpretada como uma defesa. Caso estes critérios sejam atingidos, a vítima se torna o algoz e é julgada conforme sua incapacidade de se controlar.

Como os motivos que ferem alguém são tão diversos quanto a sua história pessoal, Ridell precisava encontrar o tema que levava à fraqueza de controle daquele ser em particular. Investigar o passado de sua vítima custaria um tempo de valor inestimável de sua estratégia para conquistar um espaço na casa de Comperteiro, que já tinha previsão de semanas para se concretizar. Se não dominasse as variáveis da fraqueza, ele percebeu que podia dominar as variáveis da força que equilibrava aquela fraqueza: a religião. E aquele tema foi escolhido como alvo da provocação.

Como falar mal da religião de alguém podia angariar simpatias para o provocado, ele se deu ao papel de levantar a crítica, e deixar que terceiros broncos comprassem a censura sobre o assunto tão delicado. Ele cuidava de direcionar a conversa e alimentá-la quando ela se desviava ou perdia a força. Depois de atingir o ponto de intolerância desejado, ele cravou as finas lâminas no amor próprio do oponente, que se levantou.

Estavam sob as arcadas da prefeitura, onde o segurança aguardava seu senhor junto com outros serviçais dos mais diversos tipos, quando ele desembainhou a espada em um sotano que resvalou o peito de Ridell, este foi obrigado a se envergar para trás com ar surpreso, fazendo-se de vítima. Disfarçado com uma boa maquiagem e falsa barba, ele usava um

capuz para esconder as orelhas pontudas e exagerou em seu andar manco. Pensou em se passar por um pobre velho ranzinza e indefeso de posse de uma bengala somente, mas sua vaidade o impediu de tanto. Ao mesmo tempo que queria aparentar ser o injustiçado, não estava disposto a se rebaixar e acabou optando por desvelar a inaptidão do homem ao enfrentá-lo sem armas, o que daria uma boa impressão para si. Deixou-se ir ao chão para chutar a canela do segurança, desequilibrando-o. Enquanto o segundo caía, Ridell saltava de volta aos dois pés e chutou sem dó o rosto do homem, o que o atordoou e deu tempo de Ridell se sentar sobre ele para desferir alguns socos rápidos e bem colocados no abdômen e na face. Levantou-se e se retirou sem palavras e com a cabeça baixa, sob olhares de admiração dos presentes.

Foi assim que um anônimo abriu uma vaga no rol de serviçais de Comperreiro para que Ridell pudesse agir com rapidez, oferecendo suas habilidades, porém com paciência para aguardar com aparente desinteresse que seus esforços se frutificassem. E o melhor lugar para passar o tempo sem se expor à bebida e a possíveis contratempos era a praça do mercado.

Ele estava em meio aos gritos vindos das barracas nas últimas tentativas de vendas do final da tarde. Muitos feirantes já haviam esvaziado seus postos, porém outros menos afortunados lutavam para espremer o ganho com os fregueses ansiosos por também se recolherem a seus descansos. Sua atenção corria de barraca em barraca a procurar alguma distração, quando estancou na anã que recolhia seus produtos em uma carrocinha que visivelmente ela estava disposta a puxar, dada a ausência de tração sobre quatro patas. Leu na placa: Velas Aromáticas de Aida Galla.

A raiva acendeu uma chama na boca de seu estômago, poderia ter derretido a cera dos produtos cuidadosamente alocados na carroça. Ele se lembrou de Trobal, o anão que fora seu amigo, mas acabou por ser o executor do golpe de maça que esmagou parte de seus ossos e o presenteou com um passo desigual. A palavra manco foi ouvida por Ridell pela própria boca de Trobal naquele dia, e nunca mais ela o alcançou sem que alguém pagasse por pronunciá-la.

Ridell mordeu o lábio inferior, cravando o olhar na anã como se ela fosse parte de seu infortúnio. Cogitou se aquela raiva seria despertada por todo anão ou anã que passasse em seu caminho. Seria irracional. Contudo, a tranquila anã alheia ao mundo era alvo de seu ressentimento, encaixando suas velas sem graça na carrocinha miserável que compunha sua felicidade ignorante. Certas pessoas são tão insignificantes que não precisavam existir, exceto para nos distrair. Ele conteve o sorriso perverso. Que mal faria? Consciente de que seus sentimentos não eram coerentes com a realidade, decidiu apenas se divertir às custas da pobre Aida. Nada de muito cruel. Encostar-se à carroça até que ela virasse, algumas velas tão perdidas quanto o olhar de abandono da criatura desamparada. Uma ou outra palavra dura para enterrar o ânimo de quem esperaria desculpas ou um gesto de apoio, e seguiria seu caminho, deliciando-se com o contraste entre sua maldade e a falta de malícia de sua vítima.

Aproximou-se sorrateiro para se posicionar adequadamente de maneira a parecer descuido. Olhava para os lados a apreciar os produtos restantes no fim do dia, enquanto seu campo visual registrava a concentração de Aida em sua tarefa entediante.

Estava a meio passo de seu malfeito quando ouviu:

- Ei, seu elfo imbecil! Se encostar aí desestabiliza a carroça, idiota. Quer pagar por um lote inteiro de velas quebradas? Se quiser, já viro o raio da carroça eu mesma para poupar sua queda.

Ele a fitou desconcertado.

- O que é? Não sabe falar? Andou caindo em outro lugar, a ponto de largar o cérebro na última queda! Estou te fazendo um favor, idiota! Afaste-se! Essas velas são caras! Isso, dê um passo atrás, outro por garantia! Não vai querer passar a noite na cadeia por não ter como me indenizar, não é? E dói muito pôr a mão no bolso, não é? De nada!

E se voltou às velas.

Ridell rosnou, furioso por sua falta de reação. Não esperava tanta grosseria! Não deixaria por menos:

- Não se pode esperar o mínimo de educação de uma anã.

Aida levantou a cabeça, fitando-o novamente:

- Quer pena? Procure uma galinha. Você anda melhor que meu tio Gundfar, e nos dias em que estava sóbrio!

- Eu só ia descansar.

A anã saiu de trás da carroça, colocando-se à frente de Ridell com as mãos apoiadas nas ancas largas.

- Não ouviu o que eu disse, não é? Então vá, descanse. Apoie-se aí, fique à vontade. Mas ouça isso: estou há cinco anos neste mercado, conheço todos os guardas, e você vai pagar por tudo o que quebrar! Com dinheiro ou qualquer outra coisa que tenha! Vá em frente, pobre elfo desamparado! Descanse!

Ele não saiu do lugar. Nem para virar a carroça, tampouco para se afastar de tamanha afronta. No entanto, continuava sem reação.

Aida observou sua rigidez, suspirou e se deu por vencida:

- Desculpe, amigo. Não queria desarmá-lo. – Agarrou seu braço espontaneamente, como a um velho amigo. – Venha, sente-se aqui. Imagino que sua perna esteja doendo.

Ridell se desvencilhou:

- Não está! Me deixe em paz!

Ela fechou seu caminho.

- Não, não deixo. A culpa é minha, eu faço isso, me irrita fácil, não é sua culpa não entender o mecanismo de estabilidade dessas carroças humanas. São frágeis – sussurrou. – Eles não são tão hábeis com as mãos quanto pensam.

Ridell esboçou um riso irônico, concordando, mesmo ainda ofendido.

- Deixa para lá. Estou bem.

Ela era bem despachada:

- Com essa cara? Não está! Veja – esticou o braço e pegou uma vela –, um pedido de desculpas. Para você não dizer que ninguém quis alegrar o seu dia. Cheire, vai gostar.

Ridell não acreditava. Deveria tê-la feito odiá-lo, e estava ganhando presentes! Inspirou vencido e dissolveu sua amargura com a doce memória de casa. Fechou os olhos a fim de apreciar melhor aquele momento. Quando voltou a abri-los, se deu conta de que Aida o fitava, satisfeita.

- Você sabe o que isto significa!

Ela foi natural:

- Claro que sei. É por isso que estou te dando.

Impossível não se render à curiosidade:

- Como sabe dos cedros de Belerod?

- Ora, sou uma profissional: os cedros que ladeavam a saída de Belerod, as brejeiras dos rios de Andreada, as cestrum noturnas das encostas de Carior, os arbustos brasileiro de Escarpado. É parte de mim conhecer os odores e sabores.

Ele arguiu:

- Sabe que as melhores brejeiras estão em Faemon Handra?

- Depende do que chama de melhores. As mais ácidas veem do Har Mael, mas as de aroma adocicado crescem no Eire e se espalham por Faemon Handra até alcançar Andreada na foz do Jortun. Estas têm um caráter próprio, vindo do mar. Não me olhe assim, elfo. Sou uma pessoa simples, mas domino a minha arte. Basta dizer o que espera e eu te darei a memória.

Ele finalmente abriu um sorriso completo, ainda odiando-se por dentro por não ser capaz de odiá-la.

*

Desde que tivera seu palacete invadido por baderneiros, como colocara para sua esposa a abordagem dos bardos, Comperteiro mantinha dois contratados que se alternavam em acompanhá-lo, além de uma discreta vigia permanente em sua propriedade. Ambos eram diligentes em suas obrigações, que incluíam zelar pela imagem de seu senhor; ao menos até aquele momento. O rosto arrebatado em uma briga de rua logo à frente da prefeitura não era compatível com a sobriedade que Comperteiro tentava aparentar, e ele fora desviado para a vigia da casa por um tempo. Outro segurança seria necessário.

A eficiência que o elfo apresentara ao saber do ocorrido e julgar que o nobre precisaria de nova equipe era um bom sinal. Mesmo mancando, ele mostrou a agilidade necessária. Se continuasse a procurar, Comperteiro encontraria gente sem limitações, mas sua vaidade o provocou a ter um elfo a seu serviço para ostentar junto à nobreza de Valdoa. Desde que anunciou ao Barão de Baixo Campo sua independência financeira, resultado de alegados bons investimentos, Fúlvio recuperou parte do respeito da sociedade e

ampliou sua rede de influência com outros investimentos, reais investimentos, relacionados às pessoas certas.

Também recuperou, surpreendentemente, o reconhecimento de sua antes decepcionada esposa. Entretanto, o uso de uma segurança adicional a deixou insatisfeita, e ele precisava compensar as perdas dos últimos meses com um agrado especial a Isabel. Fúlvio não considerou que fosse o elfo, mas cogitou se ela o veria também como um sinal de status e aprovasse, pelo menos um pouco, a iniciativa que ela considerava deselegante.

Precisava ser cuidadoso, não queria que figuras influentes da nobreza de Katos também o considerassem sem tato. Sim, um elfo poderia sanar tal impressão. Iria sondar melhor quem era a figura.

Quem era a figura foi providenciado pelo próprio Ridell. Não poderia vir de Carior, onde fora um bandoleiro embrenhado em florestas, tampouco da Ilha das Flores, onde se envolvera no atentado contra a Condessa de Aflatin, de Racina, e foi dado como morto após a libertação de Leafir. Então criou um passado anunciado, e pago, na própria Faemon Handra, onde servira a uma família da pequena nobreza rural, mantendo-se fiel desde o fim da guerra por laços de gratidão. Por lá ficou por gerações, até que o último membro da família faleceu sem herdeiros e Ridell sentiu que deveria ampliar suas fronteiras, pois Faemon há muito passara a ser Femon. Chegara a Valdoa à procura de trabalho de mesma natureza que o manteve leal por décadas em sua terra.

Parecia bastante apropriado. Seguro, para sua gestão, romântico, aos olhos de Isabel, elegante, perante a sociedade.

Comperteiro foi até a hospedaria com seus outros dois seguranças a fim de surpreender o elfo. No entanto, informaram que ele se encontrava no mercado.

- Tanto melhor. Vamos ver como ele age quando ignora ser observado.

E lá o avistaram sentado em uma carroça encostada no canto de uma banca onde uma anã expunha velas, embora mantivesse sua atenção no elfo, a dizer algo que o fazia rir entre um ou outro petisco vindo de um saco em suas mãos. Ele mexia a cabeça em negação, como a recusar a veracidade da história que era contada, enquanto ela gesticulava a insistir em sua versão. Eventualmente, ela interrompia a história para atender a algum freguês, voltando a interpelar o elfo com comentários que arrancavam novos risos.

Fúlvio Comperteiro aproximou-se altivo, mãos às costas e passo lento.

Ao vê-lo, Ridell aprumou-se e desceu da carroça, colocando-se em prontidão. Aida se calou, a observar a cena.

- Eu pensei que elfos e anões não se davam muito bem.

Ridell concentrou sua formalidade nas explicações que eram esperadas que fossem banais.

- Sempre há exceções, senhor. São baseadas na cordialidade.

- É bom saber que é cordial.

Aida pensou se cortaria aquele ar entediante, mas percebeu que algo importante para Ridell estava em curso.

Ele continuou:

- Uma característica essencial para o trabalho que almeja.

Ridell concordou com um meneio.

Comperteiro avaliou a banca de Aida como se ela fizesse parte do tema em discussão. Conhecendo-a, fez um sinal implorando para que não se incomodasse com o ar de empáfia do nobre, pois já lera o olhar de indignação nascendo no semblante da anã. Ela se segurou, contorcendo a boca. Inclinou a cabeça para o lado e colocou as mãos nos quadris. Ridell inspirou fundo, e decidiu prevenir.

- A senhora Aida recebeu a encomenda de um lote de velas com essências élficas e me contratou para comprovar sua qualidade. Ela é uma excelente veleira, e preza pelo seu produto. Claro que não pude recusar, por deferência à senhora e por não recusar trabalho digno, mesmo que não aquele que melhor sei fazer: garantir a segurança de quem protejo.

Aida foi corrosiva:

- Não contratei não. Cuido de meus produtos sem ajuda.

Ridell a fuzilou com o olhar. Ela devolveu outro tão ameaçador às costas de Comperteiro que o elfo ignorou por receio dela transformar a expressão nas palavras costumeiras de sua impaciência.

Contudo, Comperteiro se voltou e captou a comunicação silenciosa da dupla. Falou ao elfo, porém encarando a anã:

- Ridell, está com medo de admitir para mim que são um casal?

Ele gelou e arregalou os olhos, pois viu sua oportunidade de emprego se esvaír ao ficar sem palavras enquanto o queixo da anã suspendeu alguns centímetros e um ar de orgulho despertou a altivez da pequena.

- E se formos?

Comperteiro sorriu, animado com a notícia:

- Ótimo! Contratar o casal é bem mais vantajoso! A senhora Isabel Eduína Comperteiro precisa de uma criada e temos alojamentos para casais. Ridell, caso sua esposa aceite o trabalho – voltou-se rapidamente a Aida e novamente ao elfo – mais bem pago que velas no mercado, você estará contratado.

Ridell deu um passo à frente para impedir Aida de bufar. Colocou o braço sobre seus ombros segurando-a firme enquanto afirmou ao nobre:

- Aceitamos. Pegou-nos de surpresa mas, por favor, ignore minha esposa, conversaremos sobre a oportunidade e tenho certeza de que ela estará empolgada até o dia de amanhã. Eu sei como convencer minha mulher... anã... esposa.

Aida olhou para ele pasma. Ele disfarçou:

- Não vamos tomar o seu tempo, senhor. Ou testemunhará uma discussão acalorada aqui.

Fúlvio riu, lembrando-se das discussões acaloradas que já tivera, tanto as boas quanto as ruins, e achou por melhor afastar-se, com ligeiro temor do que estaria por vir. Parecia que mulheres, humanas ou anãs, não entendem que os homens sempre sabem o que é melhor para elas. Pelo que Ridell disse, ao menos aquela cedia após uma conversa sensata ou após algo mais íntimo.

Fúlvio Comperteiro se pegou refletindo sobre qual das estratégias fazia errado.

Às suas costas, ele não viu uma anã inflar de ódio e despejar sobre um elfo de mãos postas no ar uma série de imprecações que teriam inaugurado uma antipatia milenar entre elfos e anões, caso ela não existisse.

Depois de acrescentar novo vocabulário chulo às crianças que por ali passaram, de afastar todos os fregueses prováveis do dia e de divertir os outros mercadores entediados que ansiavam por uma pendenga, Aida começou a se acalmar o suficiente para escutar a voz de Ridell:

- Sem escândalos. Não há necessidade de tanto! Proponho um negócio! Será lucrativo, ouça!

Ela novamente colocou as mãos na cintura:

- Diga! Para você não dizer que não o ouvi antes de chutar sua bunda magra.

Ele se ofendeu, mas foi obrigado a ignorar:

- É um negócio! Eu pago. Faça-se de minha esposa por um mês, trabalhe para a senhora, depois teremos uma briga...

- Essa parte é fácil.

Foi a vez de ele bufar:

- humpf, é, é fácil. Deixarei que ganhe a briga. Deixarei que diga o que quiser. Comperteiro já terá visto do que sou capaz e ele me deixará ficar, você pode voltar ao mercado. E, a melhor parte: com a quantia que ganha em um ano vendendo velas para toda Valdoa. A recompensarei muito bem, muito bem! Mais! Não será a média, mas o seu melhor ano em Valdoa! Eu cubro!

Aida fechou o semblante:

- Tudo muito estranho, Ridell.

Ele hesitou. Que droga, precisava dela como aliada. O que seria obrigado a fazer se ela recusasse, ou pior, se o denunciasse? Seria ela capaz de o trair? Foram tão poucos dias. Concentrou-se.

- O que é estranho, Aida?

- Se você tem dinheiro, por que precisa do trabalho?

Ele fechou os olhos. Odiava o que era naquele momento.

- Aida, meu trabalho é outro. Por favor, confie em mim. Eu preciso trabalhar para Comperteiro. Estou disposto a fazer o que for preciso para isso.

Ela olhou para os pés. Dele. Depois desviou a cabeça para o mercado, mas podia-se ver que seu pensamento estava longe. Ridell tinha todos os músculos tensionados, já doíam. Odiava-se.

- Sem sexo! Não quero você!

Ele explodiu, ofendido. Um diferente tipo de ódio foi direcionado a Aida, aquele que dá vontade de estrangular momentaneamente na vã tentativa de eliminar a parcela irritante da vítima. Ele se preocupando com a vida dela, e ela pensando em sexo?

- É claro! O que passou pela sua cabeça?

- Que está se metendo em algo perigoso?

Ele se calou. Ela não era idiota. Admitiu:

- Já me meti faz tempo.

Aida estava séria:

- Precisa de ajuda, Ridell?

- Sim. Que se passe por minha esposa.

Ela suspirou, aceitando em definitivo. Após tantos anos, parecia que algo finalmente estava acontecendo.

*

Começaram a trabalhar na semana seguinte, após Aida ter sido aprovada pela senhora Isabel Eduína Petrosa Comperteiro. Ridell torceu para que Aida conseguisse se conter junto à senhora, e se surpreendeu quando a encontrou em atividade na primeira vez. Cabeça baixa, sorriso plácido, era o primor da obediência. A ele, deu uma piscadela para mostrar que sabia se comportar quando valia a pena.

Eles dividiam o mesmo quarto, e como camas separadas não eram incomuns nem entre os criados, nem entre os senhores, não despertaram suspeitas. Conversavam por horas sobre o dia, ora entediante, ora tão pouco emocionante quanto o discurso do Barão de Baixo Campo no casamento da filha de Guida Mantina. Os comentários pitorescos ficavam por conta de Aida, e o sarcasmo cruel era o tempero de Ridell. Aida percebia a amargura por trás do que deveria ser uma piada, mas reservava a observação para um momento mais propício.

O mês se passou e Ridell não pôde evitar o comentário:

- Não acha que vão estranhar esse quarto tão silencioso?

Aida chicoteou:

- Não vou entrar nessa baixaria, Ridell. Não estou aqui para ficar chacoalhando camas para entreter vizinhos.

O elfo virou os olhos:

- Oh, anã irritante, falo de nosso rompimento! Temos que começar a discutir alto, para que possam antever um rompimento. O mês está acabando, e logo terá sua rica liberdade.
- Piscou para ela.

Ele estava encostado em sua cama, pernas esticadas sobrepostas.

- Ah, sobre isso. – Ela se sentou ao lado. – Estou pensando em ficar.

- ãh?

- Acho que me cansei de viver de velas. Aqui não tenho que pensar, só obedecer e executar. Nada de balanços, controle de material, e as negociações com os fornecedores são cansativas. Os fregueses também não ajudam. Vou ficar aqui por um tempo.

Ridell estranhou:

- Não pode estar falando sério!

Deram o sinal. Era hora de apagar as luzes, Aida se adiantou para soprar a vela a fim de deixar o quarto a meia luz. Sob uma luz tênue ela foi para trás do biombo para se trocar, como fazia todas as noites. Fez tudo ainda a defender seu ponto de vista:

- Seríssimo! Desde que cheguei em Valdoa, estou no negócio. Ele já deu frutos, estou bem. Agora tenho que evoluir. Sim, sei, criadagem não é evolução. Mas, como você mesmo defendeu faz quase um mês, aqui conheceremos gente nova. A senhora Isabel não para de frequentar. Já conheci o assistente do maior fornecedor de linho da cidade, o secretário do importador de essências finas de Velemont, o neto do marceneiro da reforma de Creodora e até vi as obras que ele está preparando para o teatro.

A voz saiu amarga:

- E gostou de algum?

Aida saiu de trás do biombo:

- Se está perguntando se alguém me deu um tapa na bunda, não. – Parou à frente da cama do elfo. – Eles sabem que sou casada com um elfo que tem uma lâmina tão afiada quanto o olhar.

- E desconhecem a língua afiada da anã.

- Afiada? – Ela pulou em sua própria cama. – Tenho mais um martelo pesado na boca que arrebeta quem fica no caminho.

Ele riu no escuro.

- Às vezes penso que você enxerga pessoas como bigornas.

Foi a vez de ela rir.

- Pode ser.

Silêncio. Ele não resistiu:

- Não acho que este seja o motivo. Espero que não tenha relação comigo.

- Pensa que me apaixonei por você?

Ele odiava quando ela mencionava o relacionamento. Ela sabia que aquilo o desarmava.

- Refiro-me aos meus objetivos com Comperteiro. Espero que não esteja interessada neles.

- Sempre desconfiado da lealdade alheia, não? Sim, já percebi. Lamento que tenha uma vida cheia de suspeitas. – Esperou por uma defesa que não floresceu. – Tenho meus próprios motivos.

- Envolvem Comperteiro?

- Eu não sei exatamente o que envolvem, sigo meus instintos.

- E não é se tornar a maior veleira de toda Valdoa.

Ela sorriu. Ele oscilava entre a raiva, a amargura, a cordialidade e o bom humor. Pensou o que forjou seu caráter tão instável, e só via injustiça em sua superfície e insegurança em seu íntimo. Ridell precisava de confiança. Mais que confiar, precisava que confiassem nele.

Decidiu estender esta mão:

- Não fui uma veleira a vida toda.

Uma interjeição encheu o quarto vazio. Ele já sabia.

- Não vou lhe dizer o que fui, Ridell. No entanto, digo que larguei tudo e vim para Valdoa devido a um sonho, algo que me pareceu que aconteceu, ou que acontecia naquele momento e, depois, que iria acontecer. Já sonhei coisas assim, em geral com outras pessoas, ou para outras pessoas. Elas são reais.

Já deitado, ele levantou a cabeça:

- Você é uma oneir querathyra?

- Ah, você conhece, é claro, um elfo! – Suspirou. – Eu sou. Só que, daquela vez, o que atravessou foi para mim, como um chamado. Claro, eu poderia recusar e passar minha vida me perguntando o que perdi, o que conheceria aqui cuja oportunidade perdi. Não gosto de incertezas, então aceitei e vim para Valdoa.

- Algo aconteceu?

Desdenhou, para evitar a verdade:

- Você foi a coisa mais interessante que aconteceu nos últimos anos.

- Por que não me conta?

- O quê?

- O sonho. Posso ajudar a interpretar.

- Eu sei o que significa. Eu deveria estar aqui.

- Posso ajudar, Aida.

Ela não queria, mas se fosse para dar a confiança que Ridell precisava, ela teria que ceder. Decidiu adaptar.

- Eu vi o mar no Sul. Uma costa que não conheci, mas sabia que era no Sul. As águas estavam inquietas, o azul intenso era coberto pela camada branca revolta que parecia punir as areias. Do fundo, uma criatura magnífica emergiu em direção à terra. Era imensa, elegante, tão azul quanto o mar, misturava-se a ele até se revelar abaixo da espuma branca: um... kraken.

- Kraken? Azul?

- Era um sonho Ridell! Raios, já sonhou algo inexistente? E ainda diz que tem capacidade de interpretar!

- Eu tenho, não seja ríspida, só estranhei! Raios, digo eu, continue.

- Desculpe. Sim, era um... kraken azul. Como eu disse, era magnífico. Se você sabe o suficiente de nós querathyras, deve saber que entendemos o sonho no tempo. Aquilo acontecia naquele momento. Um kraken emergiu das águas do mar aberto no Sul!

Ridell imaginou a criatura arrastar-se até a vila próxima e o desastre que teria sido, se tivesse realmente acontecido. Nunca ouvira falar do fato. Duvidava até se krakens se aproximavam da costa, quanto mais que pudessem se locomover fora de seu habitat.

- Você sabe que pode significar que um grande mal saia da água, como uma peste chegada à terra em um navio estrangeiro. Soube de alguma tragédia do tipo?

- Bem observado, mas não. Oneir querathyras têm maior precisão em nossas interpretações, pois sentimos o que vimos. Não era uma peste. Sequer era ruim para todos. Como uma inundação de um rio que traz o terror momentâneo, mas renova o solo para os próximos anos de plantio.

O silêncio mostrou que Ridell nada tinha a acrescentar.

- Ele estava ferido. Sentia dor, contorcia-se a se acostumar com a luz e com seus próprios movimentos. Precisaria de tempo para se recuperar por completo. A praia era hostil, o sol forte queimava sua pele.

Ridell pensou que aquilo fazia mais sentido, embora imaginasse krakens com cascos ou conchas.

- Ele clamou de dor antes de abrir as grandes asas e levantar voo para longe...

- Ah?!! Agora o kraken voa?

- Pelos céus rasgados como o rego sujo de Elthor! Meu kraken voa! E daí?!

- Deixa para lá, continue. Desculpe.

Aida levou uns segundos para recuperar a calma. Sabia que os criados vizinhos a ouviram. Se fossem simular um rompimento, o plano de Ridell começava a se formar.

- Como eu ia dizendo, o kraken, que era alado, porque meus krakens gostam de voar, abriu as grandes asas em um gesto magnífico e levantou voo da praia, alcançando os céus para então deslizar pelas nuvens. Caso não saiba, sonhos saltam no tempo. E este saltou para o futuro. O kraken voou e pousou no mercado de Valdoa. Desceu sobre o telhado da torre do Torrão Dourado, e contemplou a cidade. Em seguida, inclinou seu longo pescoço para baixo, e não fale nada, pois krakens têm pescoços longos, e me fitou nos olhos. Eu estava no mercado, à sua frente, e era a única que chamou sua atenção. Ele sabia que eu sonhava e pedia ajuda. Estava ferido, e pedia minha ajuda. Então, vim encontrá-lo. Estou há anos aguardando que ele pouse neste mercado.

Ridell tentou unir as palavras em um pensamento conexo.

- Eu sou o seu kraken?

Ela se rendeu:

- Talvez.

- Seria uma infelicidade para você.

- Pode ser Comperteiro. Foram os únicos que realmente estavam no mercado e precisavam de mim.

- Eu não preciso mais, já entrei. Se é assim, você deve pegar seu dinheiro e seguir, preferencialmente me esquecer, esquecer Valdoa e toda essa merda. Pode piorar muito. Não vale a pena, Aida.

- E se for Comperteiro?

- Ele também não vale você ter se desviado de sua vida.

- Aquele sonho é muito mais. Não é uma simples intervenção. Alguém pediu minha ajuda pela dor que sentia. Preciso ficar até ter certeza.

“E nem entendo ainda a profundidade da dor que você sente, Ridell.”

*

Ridell aguardava encostado no armário de louça de Guida Mantina a suportar os olhares da copeira, fosse por sua aparência ou por excesso de cuidado com a porcelana. Se Aida estivesse na cozinha, ela diria que era pela porcelana. Pensou em sorrir para a copeira a fim de confirmar a suspeita, mas não estava disposto a problemas.

A jovem camareira entrou entediada e foi repreendida. Afastou-se para o canto de Ridell, sentou-se na ponta da mesa e fatiou um pão cuidadosamente, o queijo ao lado seria o próximo. Levantou o olhar a Ridell e ofereceu com um gesto. Ele recusou.

- Pode aceitar. Não te ofereceram nada ainda, pois o trabalho está intenso. Acabo de ser enxotada do caminho, mas eles não negam comida aos criados alheios.

Ridell pesou se tais palavras o ofendiam. Ela não fez por mal.

- Não é isso, agradeço, mas devo circular em minutos. Mesmo longe do meu senhor devo verificar os arredores.

- Claro, você é o elfo guardião. É famoso.

Ridell não disfarçou o orgulho, mas nada disse.

- Esse queijo é uma variedade da minha terra, devia experimentar.

- Conheço a cozinha dos Mantina, menina. Você é que é nova aqui.

Ela deu de ombros. Ele se interessou pelo gosto com que ela comia.

- Onde é sua terra?

- O Vale Cálido é uma vila. Você já deve ter ouvido falar de Rocha Negra, Vale da Rã ou Ermitão Cansado.

Ridell reconheceu a menção ao Vale da Rã, mas forneceu outra referência:

- Sim, ao norte do Pontal. Estive alguns anos no Pequeno Reino. Aceito um pedaço, me deixou curioso.

Ela cortou um pedaço generoso a ele, satisfeita por não ter sido recusada. Encolheu os ombros graciosamente enquanto ele mordia. Ridell cogitou se também ela tentava seduzi-lo. Ao contrário de tantas, não soube reconhecer. Foi cortês:

- Muito bom. Tem razão.

- Não há muito o que fazer aqui além do trabalho, mas a comida é boa.

- A comida dos ricos sempre é boa!

Ela não sabia como introduzir o assunto, mas queria perguntar:

- Trabalhar para a senhora Comperteiro é bom?

- Trabalho para o senhor. É satisfatório. – Provocou. – Já está pensando em mudar?

- Não! Estou satisfeita aqui, aprendendo muito, mas, não sei.

Ele sentiu obrigação de demonstrar curiosidade.

- É que... Guida Mantina é ótima! Nada a reclamar, às vezes me enche de tarefas, mas acho normal. Já o filho dela, Círio Mantina, que dá calafrios quando olho para ele.

Ridell se interessou.

- Calafrios? Ele te olha?

- Espero que não! Quando me contaram sobre o sacrifício na floresta eu já tinha aceitado este trabalho... – sua voz foi morrendo na frase quando viu o riso de Ridell subindo de tom.

Ele se divertia sinceramente com a ingenuidade da menina:

- E você também caiu nesta fantasia?

- Não sabe se foi verdade! Ou sabe?

- Claro que sei, ninguém morreu.

- Como pode saber? Você os viu?

Ridell se calou. Era apenas uma jovem, recentemente saída da puberdade. Não seria mais que aquilo, e era uma história que já tivera seus desdobramentos. Se ela perguntasse sobre a Ilha das Flores, sobre o atentado ou algo parecido ele desconfiaria, mas ela apenas estava influenciada por um boato antigo.

- Os músicos foram vistos tocando depois daquilo.

- E as prostitutas?

- Não havia prostitutas! Eram parte da trupe. Acha que os nobres fariam um evento cheio de convidados para sacrificar prostitutas discretamente na mata? Para comer seus fígados? Duvido até de qualquer conotação sexual entre eles.

- Eles saíram imundos da caçada!

- Era uma caçada! Ninguém lutou com ninguém, não houve ataque a mulheres indefesas ou cavaleiros salvadores derrotados. Eles são nobres, não deuses. Se sujam, escorregam, caem, correm e podem até rolar, mas não entre si. Veja, há três momentos em que os ricos se dispõem ao esforço físico: na guerra, no sexo e na competição. E nem sempre estão dispostos a se esforçar nos dois primeiros, mas não se deixam abater em uma competição.

Ridell fingiu não perceber como ela se enrubescou ao ouvir a segunda causa. Entendeu que os cuidados dela com Círio Mantina iam além de um boato.

Ela resistia em acreditar:

- Tem certeza? Dizem que houve um secretário que desapareceu.

Ridell sabia que ela falava de Labaki. Agora sim, era o seu trabalho de fato.

- Quer saber mesmo? Não é para fofocar, está bem? Na casa de Comperteiro falou-se que ele não era um primor de honestidade, tenho certeza de que foi colocado na rua assim que o senhor descobriu. Não tem relação com os bardos.

Quando ela colocou a mão na têmpora de uma maneira mais inocente do que Amanda fazia quando refletia sobre o que ouvira, algo mexeu dentro de Ridell.

- Ele se insinuou para você?

- Quem?

- Círio Mantina.

- Não. Apenas essa história me deixou preocupada.

- Fique tranquila, ele é um médico, deve ter um mínimo de ética. Dizem que os médicos têm. Garanto que nada aconteceu com os músicos ou os outros envolvidos naquela caçada. No entanto, se perceber algo de estranho dele para contigo, pode me avisar.

Ela o fitou interrogativamente. Ele tentou deixá-la à vontade.

- Avise através de minha esposa Aida, a camareira da senhora Isabel. É fácil encontrá-la, é uma anã. E as camareiras se comunicam. Aliás, qual o seu nome?

- Malva, do Vale Cálido. Você é um elfo e tem uma anã como esposa?

Ridell encheu vagarosamente o ar no peito para se acalmar e se levantou:

- Preciso fazer minha ronda.

*

O último indício de Martius após o incidente que o fez sair do Vale da Rã foi em Valdoa, junto a Comperteiro. A oportunidade de trabalhar para Guida Mantina demorou, mas foi providencial para Malva se informar melhor dos próximos passos do rastreador. Seu plano de se aproximar dos empregados de Comperteiro teve execução iniciada naquela noite, e frutificou nos dias seguintes.

Não imaginou que seria por meio do elfo, conhecido como o mais pedante dos criados de Comperteiro, mas até o momento a sorte não a abandonara. Explorou o mote do boato oportunamente para buscar um sinal de onde ir em seguida, pois ela sabia que Martius não apoiaria qualquer assassinato. Ficou ligeiramente enciumada quando o elfo afirmou que os quatro continuavam a seguir viagem juntos, ela ponderou se tal vínculo dificultaria uma decisão de retornar à sua terra natal.

Levou pouco tempo para ter permissão de acompanhar Guida Mantina nas visitas a Isabel Eduína Petrosa Comperteiro, o que a aproximou de Aida e Ridell. Além de Malva, sentavam-se à mesa sob coordenação da cozinheira Servília Mãe, a jovem Servilina, o outro segurança Olmar de Atavanel, o cocheiro Rododendro e seu aprendiz, Moita, que ganhou o apelido depois que começou a cuidar dos cavalos de Rododentro, e o cocheiro da família Mantina, Estiopitário Neto, cujo único orgulho era o nome complexo que estava há gerações na família. O terceiro segurança não morava na casa por ter família na cidade e poucas vezes se socializou com os demais.

Nova no grupo, Malva foi protegida das investidas de Olmar por Ridell, que se sentava ostensivamente entre os dois, sob um sorriso de aprovação de Aida e sob as rugas na testa de Servília Mãe. Mais de uma vez a cozinheira avisou:

- Olmar, na minha cozinha você nada tem entre as pernas!

Ela tinha o costume de fornecer conselhos ou advertências segurando a faca de carnes, o que dava mais consistência à sua mensagem.

Já Ridell aproximou-se de Malva devido a serem os dois que mais circulavam nas duas casas: Ridell acompanhava Fúlvio em visita a Círio, enquanto Malva acompanhava Guida em visita a Isabel Eduína Petrosa Comperteiro.

Quando a presença incisiva não foi suficiente para conter Olmar, Ridell decidiu ser mais contundente no sentido literal. Usou a escuridão da saída dos fundos, onde o amplo pátio da cozinha se conectava ao portão por uma passagem coberta em arco. Nas noites sem lua, bastava se encostar à parede para se tornar invisível, enquanto as pupilas dilatadas permitiam enxergar mais do que aquele que saía da cozinha. Ridell aguardou Olmar chegar até a passagem coberta, encostou a faca em sua garganta e se identificou imediatamente:

- Olmar, pensei que havia dito que Malva não está a seu alcance. Qual foi o acidente que o deixou surdo?

- Pelos céus, Ridell. Está se excedendo pela menina!

- Exato, meu amigo, é uma menina.

Afrontado, Olmar não deixou por menos:

- Você é mesmo um elfo ou um cachorro de anã?

Uma joelhada no meio das pernas deixou Olmar no chão. Ele aproveitou para desequilibrar Ridell ao explorar seu defeito na perna.

Ridell também caiu, mas conseguiu tirar a espada no ar e direcioná-la em fendente para o peito de Olmar, que a aparou com o facão com o qual andava. O impasse os deu tempo para negociar:

- Eu só estou deixando claro do que sou capaz. Não importa se é pela anã, pela menina ou por mim. É mais sensato acatar o que é apenas um aviso!

- Fique com a sua vida e eu fico com a minha, não vamos misturá-las.

Ridell afastou a lâmina, mas devagar para alertar:

- Mais uma coisa. Se reclamar a Comperteiro, não deixe de mencionar que você estava querendo pegar a criada da senhora Guida. Vai deixá-lo muito satisfeito.

Olmar entendeu que a menina não valia a pena.

Sem mencionar o incidente, ambos por cautela, ele foi esquecido pelos participantes e a vida doméstica retomou sua paz. Poucas vezes Aida ou Servília captaram um resquício de olhar entre os seguranças, bem compreendido pela primeira e carregado de possibilidades suspeitas pela segunda.

Afora tais momentos, o grupo passou a se integrar como uma trupe há anos na estrada, com todo tipo de conversa. Além da vida de seus senhores, o que incluía o passado, as perspectivas futuras e as relações presentes, falavam das perspectivas para si junto e longe deles. Entre piadas, normalmente de Rododendro ou de Aida, iam criando um laço que os levou às conversas mais comprometedoras. Enquanto Servilina cuidava do chá das senhoras e do café dos senhores, os outros levantaram o assunto sob olhares repreendedores de Servília, que sabiamente permaneceu em silêncio.

- Um ou outro trocado para dizer se ele está em casa eu não vejo mal.

Ridell estava tão atento quanto Olmar, e simulando tanta naturalidade quanto ele. Cada qual deu sua opinião sobre vender informações de seus patrões a terceiros, que foram diversas, porém nenhuma realmente comprometedora.

Mais tarde, ao comentar da inutilidade daquele tipo de conversa, ouviu de Aida:

- Mas você estava alerta.

- E não deveria estar? Faz parte de meu trabalho.

Ela resmungou:

- Malfeito, por sinal.

Já deitado, Ridell levantou a cabeça, encarando-a. Aida entendeu que não escaparia de uma confissão:

- A conversa não levaria a nada, visto que Servilina estava aprontando a mesa.

Ridell se sentou, interessado. Aida viu que ele não estava satisfeito:

- Olha, eu não tenho certeza. Ela anda com alguns mimos que excedem a sua remuneração de copeira. Conhecendo Servília, não é a mãe que a está presenteando. Ou Olmar finalmente conseguiu, e aí o problema é de Servília, ou alguém a anda pagando bem.

- E aí o problema é meu.

- Em ambos os casos, é de Olmar. Não quer sussurrar e deixar que ele resolva? Uma das hipóteses já será fato para ele.

Ridell discordou:

- Não estamos com a melhor das relações, e isso eu devo fazer. – Voltou-se para Aida, pois até então fitava o vazio. Na verdade, fitava o olhar frio de Labaki sobre ele. – Preciso ganhar pontos.

Aida entendeu. Foi sábia em se calar.

Ridell planejou o que fazer na mesma noite. Além de seguir Servilina discretamente, o que poderia indispor Olmar, ele apelou para a recente proteção a Malva.

- Quer que eu a espione?

- Só diga se, quando saem juntas, a ver com alguém.

- Olmar?

- Então é verdade?

Malva se irritou:

- Não, não é verdade. Nem ela, nem eu. Mas é o que pensam!

- Não penso isso, Malva. Só quero saber. Ela anda de sussurros com pessoas estranhas?

Malva bufou:

- Sim, e é bem paga por isso.

Ridell não disfarçou o desconforto. Malva se interessou:

- O que precisa, Ridell?

- Precisava saber quem são.

- Posso fazer isso.

Ela captou sua total atenção:

- Pode ser perigoso.
- Quero algo de você. Quero que me ajude.

Ridell mudou de postura imediatamente:

- Malva, eu prometi te ajudar. Era só pedir, o que Círio fez que a...
- Não é isso! Quero outra coisa. Um favor! Um favor pelo outro, pode ser?

Ele concordou, e logo Malva se pôs em ação. Dias depois, ela chegou com a resposta:

- Querem informações da casa. Os convenci a me contratarem ao invés de Servilina.

Ridell quase deu um salto. A puxou para fora da cozinha dos Mantina para terem mais privacidade, sob os olhos desconfiados da copeira.

- Não foi o que pedi! Era só descobrir quem eram!
- São dois, se revezam. Se chamam de João e José. Só que já trocaram certa vez, o João original percebeu, eu fingi que não, ele acreditou.
- O que costumam perguntar?
- A rotina da casa dos Comperteiro. Com quem se encontram, aonde vão, o que conversam.
- Não responde muita coisa. Mas espere! Como você os convenceu a espionar a casa onde não trabalha?

Malva sorriu:

- Eu disse que era sua amante.

Ridell ficou desconcertado, principalmente ao ver que ela achava a ideia genial.

- Além disso, eu deixei claro que eu iria para a Capital acompanhar os Mantina, Servilina não tem chances de ir.
- O que vai fazer na Capital?
- Eu me voluntariei, exatamente para ficar junto de vocês.
- Malva, quem são “nós”?
- Você não sabe? Você também se muda, afinal, você e Aida vão aonde os Comperteiros vão. Agora que estou no esquema, eis o que preciso que descubra para mim.

*

Fúlvio Comperteiro informou naquele mesmo dia a Ridell e a Aida que eles se mudariam de Valdoia à Capital de Katos. Ridell não gostou de ter essa informação via Malva, mas rapidamente deu conhecimento a Labaki.

Comperteiro também não gostou da novidade, pois ia contra a sua vontade. Sentado em seu gabinete, lembrou as palavras do Barão de Baixo Campo.

- Você aprontou esse imbróglio, trate de resolvê-lo antes que se torne uma crise, e de uma crise um escândalo, até chegar em uma tragédia na família! Com quem anda comprometendo o nome de minha filha?!

Novamente, era humilhado pelo seu sogro e obrigado a se calar. Pensou que aquela condição estaria encerrada com seus negócios promissores, mas exatamente a solução do passado se tornava o problema do presente: Sávio Labaki.

Ridell ainda estava à sua frente, a aguardar dispensa. Fúlvio precisava desabafar:

- Ridell, já pagou um preço caro por um sucesso?

- Senhor, a minha condição geralmente me faz pagar caro por nada.

Fúlvio não se voltou ao seu segurança, pouco se importando com o infortúnio alheio.

- No início achei que era a minha grande sorte. Não nego que foi. No entanto, até hoje sinto que a conta vem em pequenas parcelas, e agora a derradeira está a caminho.

- Posso ser útil para sanar esta conta?

Comperteiro sabia a que Ridell se referia. Ele apreciava tanto a descrição quanto a utilidade das ofertas do elfo. Era alguém a quem confiar mais:

- Não creio, por enquanto. O estrago está feito. Você já deve ter ouvido falar de um sócio que recentemente dispensei, Sávio Labaki. Ouviu?

- Ouvi como seu secretário, senhor.

- Não, era uma espécie de sócio. Foi beneficiado e me trouxe lucros. Grandes lucros. Não dei muitas explicações na época, não era de nosso interesse explicitar nossa relação. Que pensassem que ele era um secretário, um amigo, um primo, que importa? Era um sócio. E não era dos confiáveis, me trouxe problemas. Agora eles estão batendo à porta.

O instinto de Ridell estava à tona. Imaginava, até desejava por diversão, se Comperteiro o enviaria para matar Labaki. Somente o próprio Labaki se divertiria mais que ele nessa empreitada.

- E não deseja mesmo que eu disperse os pedintes à porta?

- Não, não é seguro. Digo, não é um problema, somente um incômodo. – Fúlvio não confessaria o medo que tinha de Labaki. – Ele se envolveu em algo perigoso, só preciso mostrar que nada tenho com isso.

- Seria aconselhável que eu soubesse melhor o que este homem fez que o possa ter comprometido?

- Sim, claro. Ouviu falar da crise com Racina, despertada na Ilha das Flores, um atentado contra uma Condessa deles? Uma protegida do próprio Duque de Fraga.

Ridell tinha prendido a respiração. Era bom que Fúlvio estivesse de costas.

- Sim, uma condessa, Condessa Alice, é isso?

- Isso mesmo, Condessa Alice de Fraga.

Havia momentos em que Ridell desprezava profundamente Fúlvio Comperteiro.

Ele continuou:

- Pois bem, parece que o meu ex-sócio se envolveu em um atentado contra ela depois de se tornar seu amante.

“Por que todos envolvem sexo na história? Eles mal flertaram!”

- Ela denunciou um conluio internacional, onde Katos, Femon e Moros se uniram contra Racina. Labaki parece estar envolvido, mas preciso ajudar a provar que Katos não estava. Dizem que Labaki é de Moros.

“Ninguém sabe de onde ele é.”

- Essa é a crise. E a família foi envolvida na crise. Digo, é só um imbróglio, mas é minha função limpar nosso nome. Ou melhor, sanar qualquer mal-entendido. O meu sogro confia em mim a ponto de me delegar a missão, então me envia para a Capital. Entende o seu papel nesse cenário?

- Perfeitamente, senhor. Estarei pronto e à disposição para guardar a família, seus bens e o nome dos Comperteiro. Estarei pronto para tudo.

Satisfeito com o compromisso de Ridell, dispensou-o. Também ficou satisfeito em como ele próprio alterou o teor das palavras do Barão de Baixo Campo em favor de sua imagem. Eliminar termos como irresponsável, repreensível, duvidoso, e o pior, baixa estirpe, transformou a humilhação em uma honra.

Ao menos uma coisa tinha em seu favor. Isabel adorou a promessa da longa temporada na Capital, a ponto de convencer Guida Mantina a acompanhar o filho. Já Círio, estava tão envolvido quanto ele próprio.

*

Ridell e Aida faziam as malas. Ele estava introspectivo, não se atingia nem pelas piadas, nem pelas provocações dela. Aida foi sutil como sempre quando queria a atenção de Ridell. Atirou sobre ele a mala cheia.

- Ei! – Protestou e parou por ali.

Ela viu que era sério.

- O que houve, elfo?

Ela o chamava assim quando o assunto era sério. Ele resistiu pouco, precisava externar.

- Não gosto desta mudança.

- Por você ou pelo seu empregador?

- Não considera que pode ser por outras pessoas? Estes que você comentou sabem se cuidar.

- Cuidar do perigo?

Ele suspirou. Aida não precisou de confirmação.

- Por que se apegou à menina?

Ele foi rápido na resposta:

- Eu não me apeguei a Malva!

Aida cruzou os braços, vitoriosa:

- Eu nem disse um nome.

- Eu não sou burro.

Ela torceu a boca para ganhar tempo para pensar.

- Se você acha que haverá perigo, faça algo que a impeça de ir.

- Não seria suficiente para estar a salvo.

Aida se interessou mais:

- Está me dizendo que essa menina mal saiu de sua terra e já está ameaçada por suas ações?

- Não. Por suas amizades. Receio que a pessoa menos perigosa que a rodeia é você, Aida.
– Seu rosto de iluminou. – Você poderia ajudá-la!

Aida manteve-se estável diante da oferta:

- Talvez eu possa. Por que pensou em mim?

- Ela pode ser a sua missão.

Corrigiu:

- O meu chamado, não tenho missão. Pode ser. Não nego ajuda a quem precisa, mas o que eu poderia fazer?

- Conseguiria sonhar com ela?

- Talvez. Eu precisaria saber o que deseja que eu sonhe.

- Ela procura alguém chamado Martius. – Ridell não conseguiu dizer que ela se envolveu com um João e um José que tinham um papel com instruções carregado de vestígios de baunilha e canela. – Consegue sonhar onde ele está? É um bardo, não dos comuns, ele tem poder de controlar elementos com sua música. Já ouviu falar de Altero de Medina? – Aida acenou afirmativamente. - Imagine muito mais que ele! Martius do Vale Cálido toca muito bem, anda com outros bardos tão poderosos quanto ele, e está em uma busca que pode levá-lo a qualquer lugar.

Aida captou mais:

- Em uma busca perigosa?

Ele baixou a cabeça. Confirmou:

- Menos perigosa que ficar ao meu redor, entre meu empregador e a rede de espionagem que está à sua volta. Martius já a protegeu no passado, salvou a vida de Malva. É melhor enviá-la para o bardo.

Aida se aproximou do elfo. Ele sabia que ela concordaria, mas sabia que, como tudo, haveria um preço. Preparou-se para aceitar o que fosse. Antes que dissesse o clássico “Faço o que você quiser”, a anã se adiantou e o abraçou, levantando os braços fortes a esmagar seus ombros.

- Estou orgulhosa de você, elfo. Muito orgulhosa! Preparo hoje mesmo a poção de indução.

Saiu do quarto, deixando um vazio em Ridell, que não conseguia conceber o que movia tal criatura sem ambição ou desejos próprios.

*

Aida tomou a poção naquela última noite em Valdoa, concentração absoluta em sua tarefa, e impenetrável aos olhos profundos do elfo. Seus sonhos já captaram fatos alheios por diversas vezes, mas um alvo em especial exigia uma indução.

Além da poção, fez com que Ridell dissesse tudo que sabia sobre Martius, o que deixou o elfo em apuros. Ele detalhou a história como Malva havia contado na caverna com os lobos e a incompreensão do povo do Vale Cálido. Depois adaptou a parte de quando o conheceu em Carior e destacou sua valentia no porto, vendo que Aida relevou saber das partes que não interessavam. Contou dos espetáculos que ouviu de terceiros e das reações da plateia. Falou ligeiramente dos outros bardos para contextualizar as amizades.

Em seguida, Aida adormeceu, deixando Ridell com a história de Martius sussurrada nas paredes do pequeno quarto. Ele não pôde deixar de comparar os feitos de sua longa vida com os da curta existência daquele humano. Com as mãos presas atrás da cabeça, deitado na cama a ouvir o ronco de Aida, odiou Trobal, Labaki, Leafir e, naquela noite, até Amanda.

Aida atravessou a mata em direção aleatória, pois sabia que seu sonho a induzia a um lugar específico, independentemente do rumo escolhido. Os arbustos se abriram para que visse a superfície de ardósia a proteger pequenas luzinhas que volta e meia saltavam sobre as paredes. Um galho se quebrou próximo. Voltou-se, viu a criatura de cabelos de fogo de cócoras em uma pedra com um pedaço partido em cada mão, a fitá-la curioso.

Aida se afastou devagar, sentindo o perigo dentro de seu próprio sonho. A criatura estava ciente da espionagem de seu território, no entanto, não demonstrava ameaça, ainda. Ela tentou falar, a voz não saía. Percebeu que ele não permitia. Ela desenhou runas invisíveis no ar, ele as leu e ouviu seu pensamento: Martius, o bardo.

A criatura acenou afirmativamente. Depois saltou em um buraco e desapareceu. Outro buraco engoliu Aida, onde tudo escureceu no ar, exceto as luzinhas no topo. Elas disseram:

- Seja rápida, ele morre em breve.

Ela se debateu enquanto caía, até acordar também se debatendo nos braços de Ridell:

- Aida, você gritava!

- Eu caía! – Ela soltou as unhas que se cravaram nos braços do elfo, que em nada protestou. – Ridell, em que você se meteu?

2. O PRIMEIRO DESVIO: INTENÇÕES

Leafir observou o treinamento. Confuso. Não conseguiria extrair um bom grupo além de vinte a quarenta arqueiros. Que a arquearia exige prática desde tenra idade ele não se esquecera, mas o que via era um desastre.

Sabia que não haveria como desenvolver os músculos necessários para um confronto, cuja distância ideal é cerca de 200 metros para o tiro indireto, que é vencida pela energia transmitida à tração do arco e à tensão da corda. Tampouco haveria condições para desenvolver uma combinação de força e velocidade que permitisse uma frequência de 10 a 20 flechas por minuto. O tiro indireto era a base para a chuva de flechas que escurece o sol e o ânimo dos inimigos que antevia a infantaria, mas até a clássica atuação dos arqueiros em batalha exigia um mínimo difícil de encontrar na Estirpe de Ruan. O tiro indireto em batalha exigia uma tração de 30 a 70 quilos dominada por braços ágeis em arcos mais longos ou compósitos. Os primeiros, mais difíceis de manejar, os segundos, mais caros.

Ainda assim, ele tentou com boa vontade, a fim de preparar a Estirpe de Ruan para os anos vindouros. Identificou aqueles membros com algum talento, os esforçados e outros relativamente dispostos dentre o restante sem futuro. Definiu três tipos de arcos para diferentes perfis, e um quarto de reserva.

O arco compósito de bambu no núcleo em V, fibras vegetais no dorso e chifre de boi na barriga, tinha 1,2 m de comprimento, o que o tornava mais leve, exigia tração de 15 quilos e foi indicado para todos que não atendiam aos requisitos seguintes.

O arco longo assimétrico, para mais fácil manuseio por envergar pouco o limbo inferior e assim, ampliar a tensão na parte superior. Da altura de uma pessoa, os melhores eram feitos de olmo, embora aceitara os modelos de Katos de pau-ferro na Guerra do Êxodo e, dadas as presentes condições, também para seus aprendizes. Seria para a massa que tivesse força suficiente.

O arco médio para tocaia, por exigir menor tração, de cerca de 20 quilos, para aqueles dispostos a treinar a pontaria em menor alcance, inferior a 150 metros. Dependeria mais do talento e da perseverança no treinamento, mas poderia formar um bom grupo.

O arco compósito reflexo, de madeira reforçada por tendões e chifre de boi no dorso e na barriga respectivamente, era mais um desejo que uma intenção. Eram caros e exigiram arqueiros mais fortes para controlar a tração, porém a maior limitação era a perícia inexistente na estirpe. Esperava que alguns vinte jovens poderiam chegar àquele nível no futuro, quando ele acionaria conhecidos de longa data para a aquisição.

Em nenhuma situação, e a ninguém, mencionou o arco élfico: um arco deflexo compósito de olmo, tendões e chifres de búfalo, cujas pontas rígidas de galhada de veado, assim como a empunhadura, permitia mais 25% de energia para a mesma força. Tais características levavam a flecha a ultrapassar os 350 metros que, aliados à precisão de quem treinava por décadas, tornava-se uma arma surpreendente e mortal.

A superioridade da arquearia élfica era tão explícita que Leafir chegou a se perguntar, em outros tempos, do motivo pelo qual humanos insistiam em praticar a arte aparentemente inalcançável a eles. Naquilo e em outras artes. Quando foram derrotados, foi obrigado a rever suas impressões e admitir qualidades além da superioridade numérica dos humanos. A humildade fora construída com os anos de convivência cortês entre os humanos, mas ele ainda não conseguia lidar com a displicência de tantos.

Como em outros momentos, suas lembranças foram desviadas pela música inspiradora de Ella, prova de que os muitos humanos dividiam características tão distintas que qualificá-los geralmente levava a enganos. Caracterizar um povo nunca funcionou, pois o esforçado e o displicente, o bem e o mal-intencionado, o compreensivo e o intolerante eram encontrados em qualquer grupo.

Mesmo dentre os elfos. Lembrou-se de Ridell, o bandoleiro barato que desonrava sua origem e envergonhava Leafir pela simples lembrança. Por outro lado, ele ouvia as mãos de Ella deslizarem sobre as cordas de maneira tão superior à cacofonia vigente dos músicos de Galianthiel, que muitas vezes ele esquecia que não estava em Belerod. Ella o transportava para seu refúgio, aninhava seus temores em conforto e reascendia uma vida que se entregara à penumbra.

Por minutos, esqueceu da arquearia, fechou os olhos e se entregou. Mesmo após o silêncio, reteve a escuridão a fim de permanecer neste limbo de paz pelo tempo que lhe fosse permitido. Sentiu uma figura se aproximar, sentiu o seu perfume e permitiu o toque. Abriu os olhos para que o sorriso de Ella novamente iluminasse seu dia.

- Não vá dormir sentado.
- Somente estendendo o prazer em ouvi-la.

Lisonjeada, escorregou a mão pelo ombro do elfo, enquanto a outra segurava o violino e o arco.

- O fim da tarde precisa ser marcado, acredito em recompensas pelo esforço do dia.
- Caso se esforçassem...

Ella o repreendeu com o olhar. Já conhecia a opinião de Leafir.

- Desculpe, não enxergo o contrário.
- Você treinou humanos antes.
- E eram diferentes. Minto, alguns eram exatamente assim, mas tentavam acompanhar os elfos.
- Leafir, além de não terem as referências da época, eles não estão em guerra.
- Sim, sim, e além da falta da ameaça, estão se habituando a um mundo novo e têm a atenção dividida. São cheios de energia, no entanto...

A ausência de conclusão admitia que nada iria mudar desde a última conversa. Ele suspirou:

- Não vamos por este lado. Estou em paz com o que ouvi e com quem vejo, não vamos estragar este momento.

Ella se sentou e encostou o braço no dele, que o levantou e a envolveu.

Acolhida pelo silêncio reconciliador do fim de tarde, ela reconheceu parte de razão nas palavras de Leafir. A justificativa de que os fracassos eram decorrentes das dificuldades naturais da situação em que se encontravam não a saciava mais. Reconhecia que os antigos plenos trabalhavam com afinco e que os adeptos tinham mais gana para o treinamento, mas a decepção com os que ficaram no caminho, não foi compensada pelo maior número atraído pela pregação que acompanhou os passos. O misticismo incrustado nos plenos levava a uma veneração desconfortável onde ela e a gema eram o alvo e o raciocínio turvo um perigoso algoz da mente. Embora os beneficiasse por um lado, por gerar disciplina para que sobrevivessem como um grupo, por outro os levava à perigosa predisposição para um sacrifício romântico e desnecessário.

No plano material, eles tinham alimento a duras penas, mas tinham. Era um povo sem medo do trabalho, devido à origem em terras hostis. No entanto, eram pouco criativos e careciam de liderança para as mais simples atitudes. Embora não requeressem conforto, exigiam organização para que funcionassem e nada entendiam de como alcançá-la. O acampamento tornou-se bem estruturado por mérito de Leafir e dos veteranos que atenderam a seu chamado a fim de aplicar a disciplina militar. Os guerreiros dos tempos da Guerra do Êxodo eram agora conterrâneos veteranos em Galianthus e tornaram-se a base da comparação que fazia Ella pender para concordar com Leafir.

Não se pergunta a um elfo por qual motivo permanecera em Faemon Handra, e Ella se matava de curiosidade. Leafir deixou claro os três motivos básicos: pela falta de oportunidade na escolha, pela decepção com a derrota ou por amor. Coriolano, Lohrys, Asinuich e Caemvhir eram discretos e não resgatavam o passado nas conversas que compartilhavam.

Coriolano era a exceção. Seu nome humano combinado aos humanos que ainda chamava de netos expunha sua escolha. Ele falava dos filhos falecidos como algo natural, e dos descendentes como novos filhos com os quais se preocupava como qualquer avô ao deparar-se com a nova geração. Na guerra, era responsável pelas armas de cerco, como as catapultas e torres móveis, e chegou mostrando à massa desorganizada como criar trajetos retos de fácil locomoção. Removeu barracas e criou os primórdios de vias no acampamento. Ella não pôde evitar de se lembrar que Tonio se preocuparia com o deslocamento eficaz da Estirpe.

Ao fitar Asinuich, uma elfa de cabelos negros, lábios finos em uma boca rasgada e estranhas tatuagens em relevo nos braços, Ella cogitou se ela também permanecera por amor, mas não via nenhum olhar perdido por uma história mal encerrada que a fadou à solidão. Ao contrário, era inquieta, captava o movimento e os olhares à sua volta e os transformava em informação. Interpretava acertadamente as intenções e antecipava acontecimentos, o que foi útil no acampamento para estabelecer procedimentos que evitou derramamento de grãos por mera distração dos envolvidos, carroças quebradas por falta de manutenção, e outros pequenos acidentes que dificultariam a vida cotidiana.

Leafir sinalizou que era sua subordinada, o que levou Ella a acreditar que Asinuich também era prisioneira quando os elfos deixaram Faemon Handra.

Lohrys era introspectivo, mais disposto a lidar com animais e objetos do que a interagir com humanos, com quem apresentava sérias dificuldades. Ella não entendeu o motivo para ter atendido ao chamado de Leafir. Com o tempo, acreditou que ele sofria menos nos campos de Femon por ter menos oportunidades de falar com humanos. No acampamento, sua reserva era vista com naturalidade, pelo próprio recato que muitos membros da Ordem Draconiana tinham dificuldade em abandonar. Ele passava os dias livres dedicado ao parco rebanho que criaram, caminhando entre os animais a conferir pelagem e patas, e as horas de trabalho voltadas às armas. Embora sua função principal era ensinar a confeccionar os arcos simples e construir ele mesmo os arcos compósitos, pouco fez no ensinar, pois aceitou somente uma aprendiz. Jukka mostrou habilidade com as armas e sagacidade na observação. Ele fazia o arco, ela captava os procedimentos e os reproduzia sem perguntas. Então ele analisava o produto, suspirava baixo e refazia na frente dela, que observava para criar um novo arco após supor ter identificado seus próprios erros. O processo foi lento no início, mas depois que se compreenderam, Jukka passou a supervisionar a confecção dos arcos longos enquanto ele cuidava dos compósitos sem disposição para ensiná-la. Jukka aceitou as limitações impostas e continuou o seu aprendizado com poucas palavras e sem contato visual, como se acostumara na Plêiade. Quando seus filhos precisavam de seu suporte, ela informava a Lohrys que sua cria exigia dela e se afastava sem esperar uma manifestação que seria inexistente se aguardasse. Não sabia o que o elfo pensava dela, nem sua opinião sobre qualquer coisa que não a qualidade dos arcos: aceitável ou inaceitável. Este último era óbvio quando ele quebrava a arma. Embora ele fosse cortês com Ella por deferência a Leafir, a quem claramente respeitava, era impossível evitar a tensão perto de Lohrys.

Por fim, Caemvhir era o que Ella caracterizaria como um típico elfo. Cuidava do preparo físico dos arqueiros, exigia, gritava, ameaçava com palavras duras, mas também sorria e mantinha a formalidade fora do ambiente de treino. Em Femon, tornara-se escrivão de línguas diversas sem perceber como se conformara à vida pacata. O retorno ao campo de treino renovou sua disposição que contagiava os subordinados, fossem plenos, adeptos ou recentemente incorporados à Estirpe de Ruan. Ele não escondia a admiração ao violino, nem o apreço a Leafir, a quem tocava o ombro e atestava fraternalmente:

- Você está bem!

Todos eram elegantes, altivos e belos. Mesmo Lohrys, contido em seu silêncio enquanto se entretinha com suas armas ou em meio ao rebanho, era exemplo de uma existência dedicada à perfeição. Apreciavam a música de Ella, que os surpreendeu nos primeiros dias e os cativou nos seguintes. Apenas Coriolano havia conhecido seu trabalho em Galianthiel, na ocasião de uma visita a Leafir, e adiantou elogios que foram compartilhados pelos demais após a ouvirem uma única vez. Asinuich se enchia de empolgação e, inspirada por uma balada romântica, propunha uma revisão épica de uma aventura passada. Colocava Ella em cheque com sua naturalidade associada à inventividade em explorar temas e sugerir novos caminhos e variações. Caemvhir abria os braços para receber as vibrações que ativavam seu corpo e se refletiam no sorriso aberto em seu rosto e atenção fixa nas mãos de Ella. Lohrys se encostava e fechava os

olhos, transportando-se a outro lugar onde se sentia em casa, enquanto revelava o esboço de prazer em seu rosto de semblante imperscrutável.

Nesses momentos, Ella dava razão a Leafir.

*

Não foi repentina a decisão de Ella.

Velma e Zirgur tornaram-se assistentes espirituais da Profetisa da Luz, por meio da qual a luz da fonte se manifestava. Embora tivessem se convertido à lógica apregoadada em benefício da Estirpe de Ruan, e Ella tentava transmitir sua história e significado no âmbito da Ordem Draconiana, a base mística permanecia nos corações da antiga Plêiade. Levaria tempo para que a Plêiade se tornasse a Estirpe, e Ella se irritava quando nem Velma nem Zirgur colaboravam para que esse prazo fosse reduzido. Ele tentava ser prático, mas a mudança repentina em suas crenças exigia a revisão de tantos conceitos e expectativas da vida que seu esforço carecia de eficiência. Entendia a ameaça à fonte e a necessidade de protegê-la, aceitava que uma ordem antiga estava em reconstrução, mas não conseguia se desvincular da essência divina da Gema de Celiah. Velma já tentava aceitar a palavra de Ella sem contestar suas explicações, mesmo com as dificuldades em entender, pois se resignava a executar a vontade da Profetisa. Aquilo irritava a violinista, que precisava de aliados comprometidos, mas também que contestassem o status. Ou então, como seria quando a gema gerasse vida a um dragão? Seria como Hesdrath, que foi tratado como uma divindade?

Aqueles momentos de desânimo ocasionados pelo esforço adicional que exauriam as forças de Ella eram compensados no final da tarde quando tocava para a Estirpe de Ruan. Ella direcionava a canção para contrabalançar os acontecimentos do dia e criar uma identidade fortalecida pela música que batizava os corações. Ao ver seu esforço recompensado, o estímulo para o dia seguinte estava renovado. Afinal, sem as trocas com os demais bardos que dividiam o fardo e alimentavam suas forças, a música fazia seu papel isoladamente. Ou quase. Leafir também apreciava o intervalo do pôr do sol para ouvi-la. À noite, dividia as preocupações e aconselhava, assim como ouvia as opiniões da violinista.

No entanto, desde que os elfos chegaram, Ella aceitou o novo fomento à sua criação. A admiração pelo seu trabalho trouxe incentivo, mas também pressão. Após superar a insegurança, Ella enfrentou o desejo de crescer para conquistá-los ainda mais. Teve como retorno diferentes reações que alimentaram seu esforço que, por sua vez, foi reconhecido. E como consequência, novas relações foram erigidas.

Soube de Coriolano sua história ausente de arrependimentos e como o elfo lidava com a perdas de seres de vida tão curta como os humanos.

- E não se sente só depois que ela morreu?

- Não é possível, estando eu na quarta geração de minha criação. Sofri mais com a morte de meus dois filhos, pois com ela vivi o que foi esperado. Um de meus filhos deixou descendência, e até hoje tenho laços que me mantêm atado e não me permitem lamentar a vida. E já estou amarrado aos novos pequeninos que andam crescendo. Como me arrepender por ser um patriarca que conta histórias a olhinhos brilhantes e curiosos?

Ella sorriu como uma das crianças de olhinhos brilhantes.

- Não se cansou, então?

- Claro que sim! Eles são exaustivos! Fico cansado a cada visita, mas depois de sair logo vem as saudades.

- Não me referi...

Coriolano levantou a mão para interrompê-la:

- Eu sei. No entanto, é todo o cansaço que enfrento.

Riram. Ella decidiu avançar:

- Sente falta da guerra, Coriolano?

Ele fechou o semblante, mas foi educado.

- É claro que não.

- Refiro-me às pessoas. Aos elfos.

- Ah sim, é natural que sinta. Veja, Ella, são o meu povo. Sou conhecido em Galianthiel, vivo lá antes de qualquer humano, mas basta vir alguém de fora que me sinto um estrangeiro em minha própria terra. Porque sou minoria e, portanto, incomum. Minha família não rejeita o diferente porque para eles sou comum, nasceram e cresceram com minha presença. Não pretendo sair de minha cidade nem cortar os laços com aqueles que se renovam, pois sustentam o meu pertencimento. Temo o dia em que não se reconhecerão mais em mim, pois neste dia estarei a caminho de me tornar um pária. Não tenho arrependimentos, mas tenho temores.

Embora a incerteza do futuro seja uma angústia natural dos seres conscientes da passagem do tempo, Ella começou a entender com Coriolano como os elfos lidavam com a expectativa de uma longa vida, nem sempre abençoada.

Mas o passado também podia assombrá-los. Ella admirou mais ainda Leafir ao entender como ele superou bem com os seus fantasmas após a guerra ao erigir uma estabilidade emocional por si., mesmo com um incentivo caprichoso da sorte.

Contudo, não foi assim com Asinuich. Conversas ligeiras e comentários sagazes, porém carregados de uma velada dor inata, pincelavam o tom de voz da elfa que foram aos poucos coletados por Ella. Foi falando dos procedimentos criados por Asinuich para padronizar os trabalhos rotineiros que chegaram aos padrões da natureza, às tatuagens em seus braços e às escolhas baseadas na natureza.

- Gosto dos padrões. Geram ordem, nos permitem compreender melhor o nosso entorno. Sejam ativos, como as ações, ou passivos, como o cenário que a natureza nos fornece.

- A natureza me parece mais aleatória.

- Engane-se, Ella. O ambiente natural tem os seus padrões. Costumam ser muito complexos e, portanto, difíceis de enxergar, quanto mais compreender. Mas estão ao nosso redor, só precisamos observar melhor.

- Foi um desses padrões complexos que decidiu tatuar?

Asinuich contemplou a arte que cobria seus braços. Falou com naturalidade, e foi Ella quem se encolheu.

- Os desenhos seguem uma outra lógica. – Levantou o braço, aproximando-o da luz cinza que insistia em romper a barreira de nuvens pesadas do dia chuvoso. – As marcas foram aleatórias, pois não foram criadas pela natureza, mas por mim, veja, foi necessário criar imagens que seguissem a aleatoriedade dos cortes. Eu me movi por todos os lados para me desvencilhar, então não houve padrão.

Ella estava pálida, admirada e sentida. Não era preciso perguntar onde ela estava, pois os limoeiros estavam representados na imagem, assim figuras humanoides disformes que não diferenciavam elfos de humanos. As outras imagens eram claras, a vegetação, as armas, os escudos, as barracas, o acampamento em meio à clareira. Assim como as sombras, as escalas diferenciadas indicavam a profundidade. As cicatrizes determinavam ora o caule de um limoeiro, ora a espada de um guerreiro. Relevos disformes foram coloridos com o vermelho do sangue escorrido de corpos embaçados, e curvas marcavam o escudo de um guerreiro, manchas foram transformadas em fumaça. Pela superfície curva de seus braços, Asinuich contava a história testemunhada para olhos atentos que tivessem permissão de se aproximar e analisar a obra.

A voz de Ella tremia quando perguntou:

- Onde você está?

- Aqui à sua frente. Eu carrego o que vi, não havia espelhos.

Ela ainda tinha uma dúvida:

- Era o acampamento que Leafir...

- Sim.

Queria perguntar mais, mas temia que as lembranças ferissem Asinuich. Ela percebeu.

- As pessoas têm medo de perguntas. Veja só, acordo e durmo com esta visão. Quando a abracei, ela deixou de me perseguir. E assim tive condições de aprender a falar sobre isso: como fiquei presa ao limoeiro com o arco na mão sem conseguir me mover, como a dor da espada encravada era menor que a do peito ao ver o massacre, como foi o desejo de me desvencilhar para cobrir os ouvidos quando os gemidos rasgaram o silêncio. – Pausou. Contemplava a cena enquanto girava os braços infantilmente, constatando para si. – Só consegui transferir as imagens. – Outra pausa e sorriu em seguida para apagar a lembrança. – É assim que sua música me faz bem. Ela não permite o silêncio.

Ella gaguejou. A elfa a socorreu:

- Sempre que quiser, pode perguntar. Não temo as palavras, mas a falta delas. Assim como não temo o que há um padrão, pois são o caminho para compreender o fenômeno. Meu desespero, enquanto pendurada no limoeiro, não tinha padrão. Era caos. Tema apenas o que não consegue entender, Ella.

Ela refletiu antes de responder:

- Desculpe Asinuich, eu sempre ouvi que não devemos temer o que não entendemos. Este é o erro em que muitos incorrem.

Asinuich inclinou a cabeça de lado, intrigada. Nada respondeu, apenas saiu. Ella se repreendeu, imaginando ter ofendido a elfa. No entanto, no dia seguinte foi abordada por uma elfa feliz por desvendar a charada:

- Ella, você tem razão, mas em parte. Concordo que o temor não pode vir da incapacidade de entender, mas tema o que não lhe é permitido apreender. Quando não há padrões, não há possibilidade de previsão, se algo ruim acontecer, você não saberá como se defender. Então, sim, tema o desconhecido. Domine o que lhe é conhecido.

A imagem da Gema de Celiah surgiu de imediato em sua mente. Balançou a cabeça, apagando-a.

- Talvez você esteja certa, Asinuich. Dominar as causas é a melhor maneira de solucionar um problema.

Asinuich estava empolgada:

- Claro! É o que faço. Se eu pudesse, até dominaria sua arte, ela é perfeita. Bom, com esses braços não posso nem mais tensionar um arco, quanto mais um violino. – Riu. - Ainda, seria uma boa solução. Não sendo possível, sou grata por Leafir ter nos convocados. Ele nunca deixou de cuidar de nós. Até a Lohrys sua música traz benefício! Como ele percebeu que você o tocara? Quem diria que encontraríamos algo tão precioso depois do Êxodo!

Ella ficou encabulada com os elogios. Desviou o assunto para Lohrys.

- Ele é muito fechado, não? Alcançá-lo é mesmo um desafio, talvez possa me ajudar a entendê-lo.

Foi corrigida:

- Ele é atormentado! Bom, como não seria? Eu não ousa ver a vida como um peso quando o tenho como exemplo.

Curiosa, foi descuidada:

- O que houve com ele?

Asinuich continuou naturalmente:

- Você não sabe? Bom, vou cuidar de minha vida pouco atormentada, então. Que cada um de nós cuide do que é capaz, e eu preciso dar um jeito na maneira como estão contratando serviços alheios. Sem critério algum! Até mais.

A dispensa deixou Ella ainda mais curiosa. Nos dias em que se seguiram, Ella tentou encontrar um meio de alcançar Lohrys, sem consumir qualquer ação de fato, com receio de pressioná-lo e terminar com o efeito contrário, afastando-o.

Seu excesso de cuidado mesclado ao desejo de se aproximar de Lohrys transpareceu nas conversas com Leafir, que a inquiriu. Ella falou sobre Asinuich. Leafir abaixou a cabeça.

- Não falamos sobre a guerra, Ella.

- Eu sei, não quero ser invasiva...

Ele levantou a mão, interrompendo-a, mas não o olhar:

- Por favor, me deixe continuar. Não falamos por consideração às experiências de cada, embora Asinuich tenha sido genial em lidar com seus problemas. Aliás, ela é genial. Sua capacidade de compreender o que a afligia e externar seu pior momento na vida para se livrar dele, ao menos parte dele, é ímpar. Assim ela conseguiu sobreviver. Ao contrário, Lohrys sempre foi introspectivo, avesso a se socializar, e a tortura acabou levando-o ao extremo.

Ella segurou a respiração.

- Deixe-o, por favor. Agora você sabe, não insista. Embora você seja o humano que conseguiu que ele levantasse o olhar para encarar de frente, admirando como você embala o seu corpo com sua própria música, o que deveria me enciumar, bem... eu me perdi. – Suspirou. – É Lohrys, não tenho ciúmes. O que quero dizer é que, o que ele tem com você já é algo especial, então não force. Não há como ir além. Sou grato, mas não vá além.

Ella entendeu as limitações que Leafir declarou e respeitou, mas não pôde evitar de ser marcada pela notícia até então desconhecida: Lohrys a observava enquanto tocava. Ella pensou que ele apenas fechava os olhos para se isolar do mundo, mas por muitas vezes ela cerrava suas próprias pálpebras, então, como saberia?

Depois de ser informada, não foi difícil confirmar. Ela fingia não perceber para evitar constrangê-lo, mas passou a tocar em locais próximos onde ele se isolava, como se fosse casual. Fingia analisar o sítio, aprovar e se instalar a contento. Percebeu que ele interrompia o trabalho para ouvi-la, primeiramente a fitar o vazio, depois de duas músicas já se virava para apreciar a cena, e o passo final era se transportar para seu mundo interior. Percebeu as expressões de dor e prazer, a pressão e o relaxar dos lábios, as sobrancelhas tensas e as marcas da testa que se suavizavam. Ao terminar, ela não observava mais, deixando-o à vontade para retornar anônimo ao mundo. Era o tempo de guardar o violino. Ao estar certa de ele ter se recobrado, ela se levantava e lançava um sorriso de agradecimento que era retribuído com uma reverência ligeira. Um dia ele sorriu timidamente. Em outro, abertamente, e aqueceu o peito de Ella.

Não havia como disfarçar. Fora afetada pelo seu próprio sucesso em tocar o coração de Lohrys, sem que o ego fosse envolvido na trama, mas sim a dádiva em ser especial para alguém incapaz de se inspirar com a vida ao seu redor. Construíram um ritual particular por meio do qual passaram a almejar. Mesmo inocente, deve-se lembrar que circunstâncias exclusivas despertam desejos alheios e sentimento de rejeição dentre os excluídos, como também despertam olhares, constatações e mágoas. Não se lembraram de tais consequências.

Foi quando ouviu de Leafir:

- Você vai magoar alguém.

Ella pensou ter visto seus olhos vermelhos, mas não os encarou tempo suficiente para confirmar. De costas, respondeu:

- Não deixei de te amar. É outra coisa, preciso chegar até ele.
- É sua escolha – respondeu friamente.

Ella não sabia se Leafir protegia a ele ou a Lohrys, pois este último, ao perceber que sua ligação antes privada se tornara de conhecimento público, entrou em uma crise contida que o levou a se retrair em seu espaço pessoal e a rejeitar o ritual antes cobiçado. Por mais de uma vez, afastou-se quando percebeu Ella a seu alcance com o violino nas mãos, a evitar testemunhar sua arte. Quando tocava no centro do acampamento no fim das tardes, ele evitava o local e, caso não pudesse se evadir, lutava para não expressar reação. Suas poucas palavras se extinguiram. Seu olhar não se elevava. Seus músculos se tensionavam quando Ella se aproximava.

Mais que ferida, Ella ficou ofendida. Encontrou o momento certo, sem testemunhas, para tirar satisfação.

Ele estava em uma de suas caminhadas que o isolavam do acampamento, Ella o interpelou. Não havia mais motivo para não pressionar.

- Por que rejeita minha ajuda?

Lohrys tentou se desviar por acreditar na potência daquele gesto para reivindicar respeito à decisão.

- Não pense que me ignorar vai adiantar, Lohrys! Não sou do tipo que me calo resignada!

Ele parou. Esfregou as mãos no rosto, Ella entendeu o termo transtornado. Ele não se voltou para responder:

- E é do tipo que não se importa com os sentimentos alheios?
- Pensei que o fazia se sentir bem.
- E Leafir?

Ella não se deixou envergonhar, e adotou um tom compreensivo em sua justificativa:

- Nada faço contra Leafir, Lohrys. Já estive só a enfrentar fantasmas, até no sentido literal, e aprendi que há mais chances de vencer se temos aliados. Nada desejo de ti senão amenizar sua dor, quero usar o meu dom para que supere seus temores. O meu propósito é compartilhar minha música, assim quero para você, por que a rejeita?

Ele continuou sem se virar:

- Não nego o seu valor. É um bálsamo. Contudo, não quero ser motivo de dor para outros. Mesmo que não seja para Leafir, tornou-se público, não quero me expor.
- Qual o mal em se expor?

Ele se virou, ríspido:

- Não aceitarei ser julgado por humanos!

Embora ofendida, Ella manteve o foco no que a interessava:

- Eu ofereço somente a minha amizade. Nada mais. Expor a amizade eliminaria qualquer julgamento. Mantenha algo inocente em segredo e haverá suposições maldosas mesmo!

Ele baixou a cabeça, envergonhado. Sussurrou:

- Não tenho este hábito.

- De quê?

- Me expor.

- Não vale a pena tentar?

Valia. Valia mais.

- E Leafir?

- Ele é uma das pessoas mais generosas que conheço! Tem inseguranças como todo mundo, mas é generoso. Fale com ele, não tem obrigação de se explicar, apenas fale o que sente. Ele irá nos apoiar.

Embora mortificado, Lohrys acatou o conselho de Ella, finalmente encarando Leafir após semanas. Cuidou para que estivessem a sós, isolados de olhos e ouvidos desinformados de sua dor no mundo de poucos elfos. Sem testemunhas, atinou para a profundidade da compreensão de Leafir, mais acentuada que a previsão de Ella e mais ampla a ponto de prever a estima de Lohrys pela violinista.

Seus olhos exalavam ódio quando pressionou a garganta de Leafir com o braço:

- Você sabia que isso aconteceria!

Leafir não se abalou.

- Ella precisa de inspiração, caríssimo. Deixe que sua dor a inspire. Não é um sacrifício.

- Não é “este” o sacrifício!

Leafir entendeu e temeu que Lohrys quisesse mais para o futuro, ou pior, que recuasse:

- Aproveite o dom de Ella, Lohrys. Ele estará sempre por perto, contente-se com sua sorte. E não traia uma causa nascida há tão pouco tempo! A mesma causa que irá manter o dom ao nosso alcance. Não recue, por favor. O mais difícil nós já temos!

Lohrys soltou o seu general, trêmulo. Era sorte, de fato. Ella tinha razão sobre a generosidade de Leafir: ele oferecia parte da dedicação de seu próprio amor para aplacar uma dor de mais de século e ainda a possibilidade de se livrar daquele mundo humano. Encontraria um meio de lidar com o conflito que reconhecia: não era possível ter se apaixonado por uma humana, mesmo que fosse aquela que abriria a passagem de Belerod.

*

Leafir forneceu a segurança que Ella precisava para se posicionar com Lohrys perante os demais. Quem julgaria a profetisa? Lohrys ainda se incomodava com os olhares conscientes de que havia sido brutalmente torturado, mas se sentia acolhido por Ella e seu carinho. Quanto aos elfos, nada viram de prejudicial, pois admiravam sua arte.

Caemvhir também nada viu, exceto o incômodo de Lohrys por ser o centro de atenções, pois se lembrou certa vez em que confessou desejar nunca ter sido percebido pelos humanos. E foi a Caemvhir que Lohrys novamente confessou, porém o plano de Leafir.

Sua reação, além de tensionar todos os músculos do corpo, assim como da face, foi uma constatação:

- Entendo agora as perguntas de Ella sobre Belerod.
- Perguntas? Logo para o entusiasta?! Está colaborando ativamente com o plano, Caemvhir.
- Ela nos admira, Lohrys.
- Por que não admiraria? Eu admiro que ela não tenha ascendência élfica.

Caemvhir cortou o comentário:

- Não se exceda. Eu realmente descrevi Galianthiel em sua época de ouro, com o toque saudosista que tanto alimento, mas – suspirou – não esperava fazer este papel.
- Eu também falei de Galianthiel e Belerod, da beleza das terras que cuidamos e dos dias tão tranquilos que nos permitia deslizar os dedos sobre orvalho acumulado nas folhas da cerejeira e umedecer os lábios, como um prazer rotineiro e sem valor. Somos óbvios. O general soube a quem convocar, como sabia a quem enviar à missão certa durante a guerra, como sabe a quem delegar os afazeres de hoje. Bastou que estivéssemos aqui. Hábil como sempre. – Lohrys olhou profundamente para Caemvhir. – Sente-se manipulado?
- Não fiz nada que não faria em qualquer outra situação. Como você disse, ele não nos manipulou, apenas reuniu as pessoas certas para alcançar o resultado desejado.

Lohrys olhou para os pés.

- Acredito que haja sequelas.
- Quando não há em um conflito? Mesmo que de intenções?
- Ella irá enxergar em algum momento. – Lohrys não percebeu o quanto desejava aquilo.
- Pelo que ela andou me perguntando, talvez já tenha constatado. Agora vejo sentido nas dúvidas que me colocou. Estou certo de que Leafir nada pediu, nada pressionou.
- O general é honrado. Se apenas mostrou as necessidades dos elfos, ela não se sentirá traída.

Caemvhir não percebeu a decepção por trás do elogio. Contudo, percebeu a leveza de Leafir no dia em que Ella o comunicou sua decisão:

- Quero aprender como usar Celiah para abrir Belerod.

Leafir se adiantou em menção de abraçá-la, porém foi esbofeteado.

- Ella!

- Eu sei que você planejou isso. E sei que vai dizer que não me manipulou, só mostrou o seu lado com testemunhos, que são mais robustos que argumentos. Pois bem, sei que é real, que é necessário, mas nada muda o fato de que suas ações farão com que eu traia os meus amigos. Farei pelos elfos, não por você! Que fique claro! Então você mereceu esse tapa! Agora me console, pois estou me sentindo miserável pelo que virá.

Se ele temia perder o que não viveu com Ella, também temia perder o que não viveu com o seu povo, que seria muito mais duradouro que a curta existência da humana. Felizmente, estava conseguindo aliar os dois objetivos. Leafir abriu novamente os braços e a envolveu, aliviado pelo desfecho de sua trama.

*

Nos dias em que Leafir se incomodava com a chuva intensa que atrapalhava o treinamento de arqueiros – além da fragilidade de ter somente arqueiros – Tonio analisava a situação junto com Tessa, e a vantagem de ter lanceiros.

- Não é um conflito que queremos encarar, mesmo se Ella não fosse adversária e tudo mais. O plano era que preparássemos as estirpes nos locais mais apropriados para seus treinamentos a fim de que se tornassem partes especializadas da Ordem Draconiana. Essa crise é uma estupidez!

- Agora você chegou no ponto.

Tonio mostrou seu desgosto em uma careta:

- Sei que Ella não está feliz. E sei o quanto é determinada, mas duvido que tenha convicção diante desse impasse. Leafir deve tê-la influenciado muito, só não sei como. As cartas não transparecem sua opinião individual, ela apenas fala de Belerod.

Tessa tentava evitar que o assunto se desviasse:

- Qual a sua estratégia?

- A melhor seria evitar, mas ela está se encaminhando a outro desfecho.

Tessa manteve o silêncio. Ele entendeu que ela precisava de mais.

- Quer a tática? Na batalha? Vai depender do terreno. Temos apenas lanceiros, eles têm apenas arqueiros. Todos, inexperientes. Não vou pedir aos Lanceiros Perpétuos para se juntarem a esta batalha. Ao menos nós temos a infantaria. O problema é que infantarias são apoiadas por arqueiros, que serão nossos adversários. A vantagem é que acredito que Leafir está em pior situação em um confronto direto.

- Ele tem a vantagem da distância.

- Ele tem. Dependendo do arco que ele está colocando nas mãos dos Ruaneiros, serão mais eficazes em batalha. As armas. Não os arqueiros. Seria preciso anos de treino para que tivessem uma perícia média. Esse é o grande problema dele, que é pior entre arqueiros que entre lanceiros inexperientes, pois aqueles precisam de muita força para tracionar o arco. Até lá, a força em braços pouco treinados está comprometida. No entanto, há os contatos. Ele pode conseguir pessoas mais habituadas à arte.

Tessa entendeu que Tonio se referia aos elfos continentais. Era como os elfos que permaneceram em Femon eram apontados.

- Os Lanceiros Perpétuos não lutariam mesmo por você?

Tonio segurou a respiração. Era quase um sacrilégio.

- É uma pergunta estranha. Eu nem esperava que me apoiassem quando cheguei com essa horda sem rumo. Pensei que continuavam a ver algo em mim que nem eu sabia o que era. Levei um tempo para entender.

- Que você é o senhor do Coração de Melgrod. Eles reconhecem esta condição.

- Não como um título. Ficaria envaidecido com este reconhecimento, embora inseguro do que ele significaria no futuro. O pior é que a verdade me deixa mais inseguro ainda.

Tessa já ouvira a história.

Quando ele chegou com a Estirpe de Tenet, apresentou o problema a Mestre Gan. Esperava que as promessas do passado se refletissem em abrigo nas terras dos lanceiros e alguns recursos para treinamento. Ao contrário, teve apoio total, como se fosse a missão dos lanceiros abraçarem a causa de Tonio. Aquilo o causou um desconforto inexplicável, pois o desdobramento do pedido deveria ter sido positivo aos olhos de Tonio.

Em outro momento, junto a Mestre Eal, Tonio levantou a dívida que adquirira com os lanceiros. Mestre Eal não pôde ser mais claro:

- Gan Hu Mentras não comercia benefícios, por que nos toma por mercenários?

Tonio sentiu que entrava em um tema delicado, mas seu amigo mais próximo dentre os lanceiros seria o melhor para repreendê-lo, se fosse o caso:

- Porque não vejo outro motivo para irem contra o que pregam e revelar as técnicas para pessoas tão despreparadas.

- Você não é despreparado.

Tonio ia bufar, mas conteve-se em respeito. Ele sabia que Eal jogava com as palavras propositadamente.

- Então Mestre Gan quer que eu me responsabilize por todos eles? Não tenho como, e nem quero tal fardo.

- Seja menos filosófico e mais prático, Tonio. Toda jornada é um desafio, cada dia é um conjunto de escolhas, mas há momentos em que ser prático é a melhor tática. Não é sobre a sua jornada. Olhe à sua volta.

Tonio sabia que não era literal, mas aproveitou o momento para desviar o olhar para o campo de treinamento onde dezenas de antigos plenos e adeptos, agora Tenetianos de Dracon giravam seus troncos em diversas inclinações para desviar de lanças de ponta almofadada sem mover os pés da base inicial. Ocasionalmente, alguém exagerava e perdia o equilíbrio.

Tonio tentou imaginar o que seria daqueles principiantes em dois ou cinco anos. Ou dez. Se estivessem vivos.

Voltou-se a Mestre Eal:

- E por qual motivo os Lanceiros Perpétuos se preocupam exatamente com o crescimento desta gente? Além dos dragões, o que têm de especial?

- Além da Ordem Draconiana, dos dragões que podem voltar, de gemas que são armas de grande destruição caso eles não retornem, e de você os guiando?

Tonio cedeu, sorrindo tristemente ao perceber como fora vencido:

- Vocês querem reduzir os danos!

- Despreparados, vocês seriam um desastre!

Ao se lembrar daquela frase, Tonio reconheceu a de Tessa:

- Talvez eles lutem por mim. Para que o desastre seja evitado.

*

Tonio lembrou outro dia de treino com Mestre Gan, cujo andamento estava fora do esperado para um mestre lanceiro. Ele fintou enquanto sustentou a lança com as duas mãos para aparar o golpe. A finta evitou a estocada inimiga cuja ponta aguçada inexistia, mas uma arredondada e acolchoada a fim de amortecer o choque. Mestre Gan e Tonio treinavam com a lança curta de 2,4 m e crina de cavalo tingida na base da lâmina, cuja função era aparar o sangue e evitar que o fuste se tornasse pegajoso e difícil de manejar.

Ver mestres em treino exige conhecimento e percepção rápida, ou não é possível identificar as vantagens e os erros sutis que são claros a eles. O aprimoramento se manifesta na distância de centímetros a ajustar combinada à velocidade de estocada no momento preciso. Firmeza no deslocamento ou na postura podem enganar o oponente, mas raramente é uma falha em si.

Naquele dia, olhos treinados podiam ver que Tonio não estava bem. O mestre interrompeu:

- Você age como se o fracasso estivesse à sua porta. Seu movimento responde ao peso de sua mente.

O orgulho de Tonio chacoalhou:

- Eu não penso assim! Ao contrário, já conquistei muito! No entanto, reconheço que o fardo é maior do que posso carregar sozinho. Não estou preparado para tanto.

- E quem estaria preparado para manejar um coração de um dragão mágico?

Mestre Gan, assim como os Mestres Superiores e somente eles, sabia da história completa desde o resgate dos Corações de Celiah e de Melgrod, mas foram poupados das tramas de Labaki, das mentiras de Comperteiro ou das fadas de Carior. Sabiam ainda que havia pelo menos mais duas gemas a recuperar, ou três pela teoria de Lucha. O Mestre continuou:

- Aceitamo-lo porque sabíamos que havia algo grandioso em você. O que fizemos foi colhido com benefícios, mas acredito que não acabou, e que nos beneficiaremos se permanecermos perto de seu dom.

- De prontidão para corrigir os meus erros.

- Não se confunda. Todos estamos suscetíveis a errar, é natural. O que nos move é dividir o seu fardo.

Tonio não respondeu. Era o que precisava e o que tinha dificuldade em admitir. Sentia-se abandonado, embora aquele era o plano traçado anteriormente e nada havia se desviado até aquele momento. Esperava que não demoraria a Martius e Lucha voltarem com notícias do Coração de Baai e se encaminharem a Ella para a terceira busca.

Saber que os irmãos lanceiros zelavam por ele como em tempos passados era um conforto e saber que Tessa estava junto a Donnal e logo estaria ao seu lado o tranquilizava. Com Tessa presente, poderia se voltar à busca de Baai.

Ao resgatar a mente das lembranças, Tonio viu Tessa impulsionando os Tenetianos com o seu entusiasmo. Ela identificou aqueles com interesse em poções e aproveitava seu tempo livre para criar pupilos, enquanto ele ainda se ocupava com a gema.

Em breve, desde que a crise com a Estirpe de Ruan fosse resolvida sem sangue, ele entregaria Melgrod a Tessa de vez, quando ela prometeu que não tiraria a caixa de seu domínio. O próprio Mestre Gan havia prontificado uma guarda exclusiva para a gema, mas Tonio alegou que o segredo ainda era a melhor defesa: para todos os efeitos, havia uma caixa idêntica que continha uma pedra comum com a qual ele carregaria consigo, porém deixaria a chave aos cuidados de Tessa. A caixa com a verdadeira gema ficaria com ela também, porém aquele fato era desconhecido até da Estirpe que deveria protegê-la. No entanto, Tonio aceitou que os lanceiros protegessem Tessa.

Ele se sentou, preparando-se para tocar, como fazia todas as manhãs. Seu acordo com Mestre Eal, responsável pelo treinamento da estirpe, era tocar quando o sol apontava no horizonte e muitos estavam de pé para um novo dia. Isso coincidia com o momento em que estava se preparando para dormir. Como tocar renovava sua disposição, seu sono se iniciava depois do início dos afazeres diários, e ele era novamente visto do meio para o final da tarde.

Esta condição o deixava horas consigo mesmo, como em outros tempos. Nos últimos dias, ele aproveitara para refletir sobre a insegurança perante Leafir e as cartas trocadas com Ella. Estariam mesmo fadados ao rompimento?

As reflexões da última noite se misturaram à promessa de apoio de Mestre Gan, à segurança que a presença de Tessa o transmita, e também à falta de notícias de Martius e, conseqüentemente, de Lina. A raiva pela falta de controle de tantas variáveis cresceu com a música.

Como estava se habituando, os momentos de maior concentração eram compartilhados com Melgrod, que brilhava e emanava seu calor a exigir atenção. Naquele dia, Tonio também queria dividir suas aflições.

O que ele não sabia era que Ella dedicava-se intensamente a entender como Celiah manifestava seu poder mágico, e que ela o fazia naquele momento.

Percebeu quando viu suas patas vermelhas escuras e o dorso claro brilhando ao sol. À sua frente, Celiah já alçara voo, após circundar o ar uma vez a aguardá-lo. Inflou o peito e moveu as asas, sentindo o corpo se elevar. Logo seu peso se anulava sob o bater ruidoso que deslocava o ar.

Ao pousar à frente de uma abertura pequena que cabia a sua cabeça apenas, Melgrod observou o interior abandonado. Celiah esperava pousada em uma rocha metros acima, mas o pensamento os permitia se comunicarem.

- Fomos guardados sem muito esmero.

- Uma caverna comum, para passar despercebido. Nossa mãe sabia como nos preservar.

- Não sinto magia.

- Nenhuma?

- Não.

Celiah voltou-se à paisagem, pensativa.

- Fomos apenas guardados aqui, mas não concebidos. Tampouco o feitiço que nos fez híbridos.

- Mestiços.

- Onde está a fonte de nossa magia, Melgrod? Por que somos tão diferentes?

Melgrod não tinha respostas. Tirou o pescoço da caverna e também contemplou o vale.

- Você cresceu aqui.

- Nada mais significa.

- O que é seu significa para mim, irmã. Seu passado me importa mais que o meu.

- Chega disso, não teremos respostas aqui.

Levantou voo, e Melgrod se retardou para observar a silhueta do dragão contra o sol. Ele sabia que por ela lutaria até a morte.

De sua parte, Celiah voava a admirar sua terra natal. Passou pelos campos em que correu quando criança, pelo riacho que alegrou seus banhos, subiu a encosta até a ruína do castelo, recolheu as asas para deslizar sobre o planalto que terminava no penhasco por onde desceu até a praia aparada por Sonnel. Lembrou-se porque Melgrod olhava com respeito para aquela terra de onde todos vieram, fossem quantos existissem. Era a origem, e era em especial, o início de sua história.

Ella acordou com a certeza de que Celiah aprovava abrir Belerod e Tonio, com a certeza de que mataria qualquer um que desviasse Ella de trazer o dragão de volta.

3. O SEGUNDO DESVIO: DESTINO

Labaki se encurvou para passar pela fresta escavada para dar acesso à câmara que permaneceu centenas de anos fechada e desconhecida de vidas. Há poucos anos a caverna havia sido redescoberta e aberta, e ainda continha o cheiro da velhice de um ar estagnado que recirculou pelas mesmas paredes a fortalecer os vícios e as manias sufocantes das impurezas aprisionadas no tempo. Quando a luz rasgou aquele ar pesado há menos de uma década, nada brilhou debaixo das camadas de sedimentos que há mais de séculos levitaram naturalmente. Labaki ainda tinha que escolher uma peça e limpar a poeira de cerca de um milênio depositada sobre o tesouro do dragão. Seus passos vagarosos não denotavam admiração ou cuidado, mas arranhavam o chão e se resvalavam no tesouro a indicar a melancolia pelo que ele representava. Recusou-se a dar espaço para que as memórias o assombrassem.

Concentrou-se na praticidade em encontrar as peças pequenas e menos impressionantes, fossem joias completas ou gemas, moedas ou lingotes. Um eventual mimo era conveniente, como uma adaga bem trabalhada, um carimbo de selo ou alfinetes e broches. Às vezes era difícil encontrar a discrição no meio do gosto exótico do dragão. Labaki desbravava as pilhas desleixadas com olhos rápidos a declinar das possibilidades de acordo com suas necessidades financeiras. Quando algo o interessava, pisava sem interesse naqueles recusados até alcançar a peça para deslizar as mãos enluvadas, e já encardidas, sobre a poeira a fim de analisar melhor sua composição. Dali, a peça era displicentemente solta ao chão ou recebia uma carícia de um veludo a fim de que fosse armazenada no saco em melhor estado.

Seu interesse aumentou quando encontrou um montículo de moedas soltas no chão. Agachou-se, separando-as da poeira, que já se tornava terra, para que uma rápida limpeza as qualificasse para o armazenamento. Sorriu, satisfeito com a eficiência de sua coleta. Seus dedos rápidos separavam o trigo do joio quando raspavam em algo mais intrigante.

Seu coração bateu forte. Com cuidado, como se tocasse em algo sagrado, estendeu a mão e recolheu a placa em forma de gota para confirmar suas suspeitas. Foi solene em limpar a poeira que revelou a escama azul solitária a denunciar o antigo dono daquele tesouro. Labaki engoliu, mas sua boca seca agrediu o que deveria ser um alívio. O olhar frio foi substituído pela amargura das memórias que romperam sua barreira.

Seu esforço para se concentrar mais uma vez no presente desviou seus olhos para o tesouro. Tudo velho, vazio e seco, e ainda a bradar um poder latente escondido no pó. Em suas mãos estava o que já foi vida. Apertava-a forte. Sua cabeça se inclinou devagar para trás, a buscar o ar pesado, porém único disponível naquele buraco. A boca se abriu para inspirar, mas um sorriso se esboçou nela. O ar foi expelido em um riso breve que antecedeu a risada e, depois, a gargalhada que ecoou nas paredes disformes daquele esconderijo. Ele apertava a escama contra o peito enquanto gargalhava com prazer pelo seu novo capricho.

*

Lucha não pôde esperar Tessa. O atraso pela primeira recusa fez com que ela deixasse Tonio antes mesmo de pisar em Moros, pois Lina não tinha tempo para imprevistos. Da Serra de Atavina, desviou-se em direção à Capital de Katos, onde encontraria Martius para seguirem juntos ao Reino do Pontal.

Já estava próxima da Capital, em uma hospedagem de parada ligeira para seguir viagem, quando bateram à sua porta. Alguém a esperava no pequeno saguão. Desconfiada, pois guardava Lina, Lucha preferiu deixar a fada em alerta e só a mandar um estranho subir. Ficou mais inquieta quando viu o gigante olhando-a de cima como a um inseto. Estendeu a mão a mostrar um embrulho:

- Para você.
- Como sabe que é para mim?
- Tenho sua descrição.

Lucha o enfrentava no mesmo tom.

- E é da parte de quem?
- Você saberá quando abrir.

Ela apalpou o que parecia ser uma pequena placa de formato irreconhecível antes de desembulhar com cuidado. Uma palavra inteligível, um som sem sentido ou uma interjeição inexistente foi o som que saiu de sua boca ao sentir nas mãos a escama e ao testemunhar com os olhos a vivacidade do azul. Então conseguiu dizer:

- Martius! Martius encontrou Baai?

Golias Mantala nada entendeu. Sua tarefa era apenas entregar, mas acabou por esclarecer:

- Não sei de nenhum Martius. Não tem um bilhete?

Lucha ainda não se recuperara. Agachou-se, escarafunchando o tecido que compunha o embrulho. Ouviu de Mantala:

- O senhor Labaki deveria ter sido mais claro.

Por estar em alerta devido a Lina, ou pelo próprio nome expressado, nenhum outro raciocínio incorreu a Lucha, exceto de estar em uma armadilha. Com os instintos em alerta, sacou a faca e se jogou sobre o homem a fim de ameaçá-lo até ter melhores respostas. Por ter mostrado a faca cedo demais, o gigante Mantala reagiu a contento, segurando a mão direita e torcendo-a até a arma cair ao lado da escama.

Lucha gemeu e o chutou no joelho. Ele pouco sentiu da agressão, embora tenha sentindo-se afrontado. Ele a socou na maçã do rosto, o que eliminou sua capacidade de reação pela dor que se espalhou do ponto focal por todo o rosto, cegando-a com as lágrimas, e levando à tontura pelo impacto. O diafragma contraiu-se involuntariamente com um soco no abdômen. Ela levantou a mão para alcançar o rosto de seu agressor em vão, pois já levava outro soco no lado, e depois foi chutada na panturrilha, acabando por se ajoelhar ao chão. Quando já encolhida para proteger o rosto, o terceiro chute no tornozelo satisfez Golias Mantala de maneira a deixar o local, ainda a praguejar pela falta de respeito.

Lucha se arrastou até a faca por instinto. A mão direita não conseguiu se fechar no cabo.

*

As últimas palavras alheias que Golias Mantala ouviu foram “Você fez o quê?”, e as suas próprias foram “Aquele petulante mereceu a surra! Não levanta a cabeça tão cedo para desafiar alguém!”. Não ouviu o seu riso que viria em seguida, pois foi impedido pelo estalo dos ossos de seu pescoço. Depois seu corpo inerte caiu sobre a confortável sala de Labaki, o ar se movia apenas pelo tremor das mãos de seu assassino.

Então ele percorreu rapidamente a sala, maldizendo sua provocação. Era uma brincadeira, um stratagema para ser lembrado! O que aquele estúpido fez?! Como Lucha estaria?

Estavam afastados. Não havia como saber, exceto se enviasse mais alguém. No entanto, seria preciso corrigir seu erro, era sua inteira culpa dar uma tarefa tão simples àquele brutamontes.

*

Martius bateu com receio na porta, pois não saberia o que encontrar. A voz de Lucha a perguntar quem batia à porta o tranquilizou, mas voltou a se surpreender ao se deparar com sua imagem.

- Que merda de acidente foi esse?

Ela se recostou, satisfeita com a figura e as palavras familiares.

- Daqueles em que se calcula errado o humor do acidente.

- E Lina? Você deixou claro na mensagem que Lina estava bem, onde ela está.

A fada já tinha saído de baixo da cama, mas Martius estava focado nos hematomas de Lucha. Ao vê-la, Martius abriu o sorriso e os braços, como se precisasse de mais que a mão para envolvê-la. A fada voou em seu ombro e abraçou seu pescoço.

- Bom te ver bem também, amiguinha. Passamos por problemas tão diferentes, né? Lucha não te comeu ainda?

Lina o chutou pela piada. Martius gargalhou. Ela tapou os ouvidos, ele se desculpou. Lucha aguardou os cumprimentos antes de avisar:

- Terá que levá-la, Martius.

Ele recusou:

- Nós dois.

- Ela não tem este tempo. Ainda estou mal. O médico me deu mais duas semanas para sair deste quarto.

Martius murmurou um xingamento.

- Eu disse pior quando soube do prazo. Daí mandar te chamar na Capital Katos. Não saio daqui em tempo. É sua missão agora. Desculpe, eu fui... caí na armadilha dele novamente.

O rastreador foi solidário.

- São mil anos de artimanhas. Não se culpe. Sabe qual a intenção, desta vez?

Lucha fez um gesto a Lina, que voou até uma gaveta e levantou com dificuldade um objeto embrulhado. Martius pegou no ar, reparando no gesto negativo de Lina.

- O que quer dizer, Lina?

Lucha entrevistou:

- Ela não acredita que foi uma armadilha. Acha que ele quer devolver os dragões.

Quando Martius a encarou, Lina baixou a cabeça.

- Vai me contar essa história melhor na viagem, Lina.

Lucha se mexeu desconfortável. Martius fez menção de ajudar, mas foi impedido por um gesto:

- Não, preciso do doutor. Lina, pode chamar Val Nher, por favor?

- O quê?

Lucha havia se esquecido de explicar:

- Ele a achou por acidente! Reconheceu os riscos que ela corre, zelou por ela e por mim. Eles até se dão bem!

- Lucha!

- Eu não posso segurá-la! Ela voa até o quarto dele quando quer! Até hoje está bem! Cuide dela agora, mas preciso que ela o chame. Estou mal!

Lina voou pela janela antes que Martius protestasse. Lucha também foi rápida.

- Ela não sabe que as gemas próximas são uma arma. Não diga a ela. Tonio omitiu muita coisa. Ela acredita que Labaki pode trazer Ostrebor. É o que as fadas esperam. É o que ele prometeu.

Martius foi pego de surpresa:

- Ah... sim, está bem. Então ela é uma espiã de Labaki?

- De certo modo. Lina não faz por mal, mesmo sendo confessa. E ainda precisamos das fadas. Elas nos mostraram o caminho para Melgrod, precisamos agora de Baai. Aliás, você não abriu. – Apontou o embrulho.

Quando Martius exprimiu reação igual à de Lucha, a porta foi aberta. Ele fechou rapidamente e um homem de aparência desleixada que em nada se parecia com um médico entrou. Entretanto, o seu olhar não era desleixado, mas carregava um zelo que se exprimia em sua voz.

- Como se sente?

Parou ao ver Martius. Lucha esclareceu:

- O amigo.

- Ah sim, o amigo. Elder Val Nher, a seu dispor.

Martius se sentiu o estranho no grupo. Lina estava no ombro do médico.

- Ela vai precisar de repouso, mas ficará bem. O que sente, Lucha?

- Além de dor?

- Vamos lá, minha impaciente paciente.

Enquanto conversavam, Martius analisou a escama. Fez um gesto para guardá-la, mas Lucha estava atenta. Apontou para o embrulho:

- Isto fica comigo.

- Hum... falamos sobre isso depois.

- Não. Você estará longe quando eu me recuperar. Quero investigar umas coisas. Terei tempo, você me pega na volta, quando tiver a informação de que precisamos.

Martius olhou para o Val Nher, que permaneceu indiferente à conversa, rabiscando algo.

*

Partiram no mesmo dia. O último gesto de Martius foi enfiar uma faca debaixo do travesseiro de Lucha, tirando-a em seguida ao sentir outra no mesmo espaço. Trocou olhares com ela, que riu baixo. Ele aprovou e recomendou:

- Não confie cegamente em médicos.

- Você está levando a única coisa que ele pode querer, Martius.

Era verdade. Ainda assim, Lucha não andava relaxando na presença de ninguém novo em sua vida.

Quando Val Nher encontrou a faca, lançou um olhar de compreensão a Lucha que incluiu seus hematomas, e a devolveu ao seu lugar. Embora tivesse respeitado o cuidado de sua paciente, não deixava de provocar:

- Vou mover seu pé, o tornozelo vai doer. Mantenha sua faca quietinha e bem aquecida debaixo desse travesseiro, está bem?

- Então mova com cuidado, doutor.

Ele ria baixo.

Quando Lucha inquireu sobre um médico estar naquela hospedaria, ele se explicou a contento.

- Tragédias, desvios, perdas. Há momentos na vida em que só nos resta o conhecimento.

- E o reconhecimento?

Ele esclareceu, impassível:

- Não me cassaram.

Era suficiente para Lucha.

A visão de Lina foi mais complicada, literalmente. Com um salto para trás, Elder Val Nher recitou uma série de termos e expressões científicas que classificaram, quantificaram e avaliaram Lina, sua origem, suas habilidades e sua capacidade de sobrevivência. Neste momento, voltou-se a Lucha com o ar mais ameaçador que em que era capaz:

- Tem consciência de que essa criaturinha está demasiadamente afastada de seu habitat? E dos riscos para sua saúde? Não estou cuidando de uma contrabandista, estou?

A confiança de Lina em Lucha o desarmou. Ela também se viu desarmada nos dias subsequentes, quando percebeu Lina de conversas e cochichos com Val Nher. Ficou insegura pelo interesse científico sobre a fada, mas depois justificou que a repentina amizade foi suprida por este conhecimento. Entretanto, Lucha recusava-se a dormir enquanto Lina não retornava ao seu canto, e chegou a proibir a fada de se encontrar com o doutor longe dela. Em vão. De cama, ela nada podia fazer além de torcer para não dar motivo para Tonio torcer o seu pescoço.

Suas dúvidas e inseguranças foram esclarecidas dias depois, quando já mancava, mas tinha locomoção recuperada.

Ao pisar com firmeza, sentiu-se pronta para ir além.

- Obrigada Val Nher. Não conseguiria sem você.

Ele desdenhou:

- Apenas faço o meu trabalho.

- Trabalhos precisam ser pagos. E te avisei que não tenho dinheiro. Vai me dizer agora para onde vai, a fim de que eu envie algo assim que possível?

Ele recolhia seus objetos estranhos em uma maleta:

- Não Lucha, no seu caso, já estou bem pago.

- Não sei por quem. – Riu.

Lucha não viu quando ele incluiu na maleta a faca que morava debaixo do travesseiro.

- Sente-se, ainda não está bem. Precisa repousar este tornozelo algumas horas por dia, para que não seja forçado.

Ela obedeceu antes de insistir:

- Vamos lá, não mora nessa hospedaria. Como o encontrarei no futuro? Futuro próximo, eu prometo.

- Não sei onde estarei, Lucha. Agora que estou bem empregado, irei onde meu senhor me enviar.

Lucha apertou os olhos, curiosa:

- Conseguiu um emprego?

- Veja só, Lucha. O seu “acidente” foi provocado pela falta de tato. Como você tem pouco tato, como já percebi, o mensageiro deveria ter tido mais. Ele pede desculpas pela péssima escolha, palavras dele.

Lucha segurou a respiração. Val Nher não havia terminado:

- Aqui está uma carta, ele explica melhor de seu próprio punho, sem intermediários. Contratou-me para que se recuperasse totalmente, não quis nada além do melhor. O melhor médico, o melhor mentiroso, o melhor cuidador. Ele não poupou despesas.

Lucha deslizou a mão para o travesseiro.

- Ah sim, o mais velhaco também.

Ela encontrou o vazio.

- Como eu dizia, ele não poupou despesas, tampouco a ira. As últimas palavras de Golias Mantala teriam sido sucedidas por um riso que foi impedido pelo estalo dos ossos de seu pescoço. Foi o que ouvi. O que vi foi a cabeça do bruto que te surrou, ele ia enviá-la. Pediu que eu a preservasse. Depois achou melhor enviar isto.

Deixou um pequeno baú cujo conteúdo tilintou ao ser colocado sobre a mesa lateral da cama.

- Veja só, você não precisa me pagar. Sou eu quem está responsável por indenizá-la. Foi assim que Labaki falou: indenização pelos transtornos que te causou.

Ele se levantou.

- Bem, carta entregue, desculpas oferecidas, paciente recuperada e mais rica que antes. Encerro minha participação em seu infortúnio e desejo o melhor para o seu futuro.

Lucha sabia que não conseguiria nem correr. Percorreu o quarto mentalmente e percebeu que o médico estava entre suas armas e ela. Ele adivinhou seus pensamentos.

- O último medicamento que tomou foi trocado, a fará dormir. Suas armas estarão com o hospedeiro, poderá pegá-las quando acordar. Desculpe a intromissão, mas Labaki me alertou que, certa vez, o esfaqueou. Vejo uma relação intensa no ar que prefiro me privar dos detalhes. – Acrescentou com uma reverência – Boa sorte.

Os olhos de Lucha já pesavam.

*

Depois de acordar, recuperar as armas, atirar as moedas pelo quarto, gritar de raiva, pegou a carta. Pensou em queimá-la, em rasgá-la, mas sabia que ia ler. Cada palavra. Analisar cada curva de sua letra. Comparar o contraste da tinta com o fundo. Colocá-la contra a luz. Apalpar, cheirar e tentar adivinhar seus pensamentos.

Lucha,

Lamento o desenrolar de uma provocação que quase terminou em tragédia. Das coisas que me arrependo, esta estará dentre as mais dolorosas. Enviei um presente para que se

lembrasse de mim, algo cujo valor a impediria de atirar pela janela. A escolha do mensageiro foi desastrosa, assumo o meu erro e sinto nos ombros o peso de meu desleixo. Tento compensá-la com o que posso no momento, principalmente por saber que minha presença não é bem-vinda. Envio-te o melhor médico considerando desconhecer sua urgência, envio-te uma indenização pelos problemas que causei, recomendações de que seja bem cuidada e a minha palavra de que aquele que a causou mal pouco viveu. É a terceira carta que escrevo. É a definitiva. Espero revê-la em breve, certo de que nossos caminhos ainda se cruzarão. Com a alma doída, peço que me desculpe. Ao menos por este erro, espero que possa me perdoar.

Sávio Labaki

Quando Lucha colocou a carta contra a luz, percebeu vestígios de uma redação em outro papel, decerto estava sobre aquele recebido. O espaço entre o corpo do texto e assinatura de Sávio continha as marcas de um trecho da segunda versão: *...lma doída, imploro que me perdoe. Nestes últimos tempos, ando necessitado de um perdão.*

Lucha segurou a escama, analisando-a cuidadosamente mais uma vez. Sentiu a urgência em sair daquele lugar, onde Sávio a localizou com facilidade. Como? Seu rastro era tão visível que foi aos confins do mundo e foi abordada por seus mensageiros ao retornar?

Suspirou. Retornou em uma caravana de mais de 300 exóticos a abrir caminho entre campos e estradas repletas de testemunhas! Lucha não sabia do envolvimento de Labaki com Leafir e Amanda, quanto mais com Ridell, mas ponderou que ele tinha uma rede de informações que o alimentava dos passos dos bardos.

Fazia as malas enquanto pensava em como apagaria seu rastro. Usaria o próprio dinheiro de Labaki para se livrar dele, antes que ele ampliasse seu controle sobre as gemas. Não poderia ir até Martius, Val Nher já devia tê-lo informado do destino do rastreador. Raios sobre um mar de vento morto, as fadas já deveriam tê-lo informado!

Controlou-se. Labaki queria a próxima gema, a escama era o sinal. Ele colaboraria para Martius conseguí-la. Por enquanto seu amigo estaria bem.

Lucha olhou novamente para a escama. Aquilo não poderia ser um chamado inocente. Havia algo mais, e ela precisava descobrir.

Decidida aonde ir, Lucha deixou a hospedaria naquele mesmo dia. Que Labaki a seguisse se quisesse, ele não conseguiria impedi-la de descobrir qual feitiço estava sobre a escama de Baai.

*

A salinha escura não tinha janelas. Era enfumaçada pelas velas adocicadas que embrulhavam o estômago.

Atavanel era terra de essências, ficava próxima do desvio do rio Desterro quando ele deixava de ser divisa entre Atavina e o território da capital por um curto trecho. Outro limite conhecido da cidade foi durante a invasão, quando o exército de Racina passou a distância vista dos muros de Atavanel. Não foi alvo direto na guerra como Valdoa, mas

sentiu a brutalidade passar por suas terras. A sul de Atavanel, em direção ao mar, Racina não pisou.

Lucha sentia-se tonta. Detestava essências sem controle. Havia uma mistura de mau gosto para sua percepção, eventualmente elogiada por narizes pouco exigentes, onde rosas, cravos, aloe e camomila digladiavam-se com a baunilha, ostras, morangos e coentro.

O feiticeiro entrou, ignorando-a. Atentou para suas velas, pareceu desaprovar o cenário. Moveu algumas e apagou outras, o que liberou um odor ainda mais forte. Percebeu que incomodava e removeu as velas apagadas da salinha. Trouxe alguns cristais para perto, afastou as flores.

Lucha não resistiu em provocar:

- O cheiro é para desarmar o cliente?

Ele foi impassível:

- Sim. Evita que ofereça resistência.

Lucha não soube definir se era ironia ou verdade.

Ele finalmente se sentou, cruzando as mãos sobre o colo e perguntando:

- Como vai, Lucha?

Foi a vez dela se vingar:

- Não force uma intimidade que não temos, nunca nos conhecemos.

Ele aceitou a sinceridade, constatando consigo mesmo:

- E será mais difícil para se abrir. Vamos em frente.

- Não preciso me abrir. – Ela colocou a escama na mesa. – Preciso saber que feitiço há nessa escama.

Os olhos do feiticeiro brilharam.

- É de dragão!

- Eu sei. E sei de que dragão. Que feitiço colocaram nela?

O feiticeiro entendeu que seus desejos recentes em possuir a escama estavam acabados. Avisou:

- Precisarei tocá-la.

Lucha aquiesceu.

Pegou-a como a uma joia. Alisou, cheirou, aproximou-a do rosto:

- Não seja nojento em lambar.

O comentário o desagradou:

- Se o meu trabalho exigisse, o faria. Mas não é necessário.

Devolveu-a à frente de Lucha.

- Pelo seu tempo de análise, suponho que seja simples.

- Muito simples.

- O que a escama tem?

- Nada.

Lucha apertou os olhos.

- Tem certeza?

- Tenho certeza de que você procurou boas recomendações antes de se dispor a pagar meu preço. Portanto, não preciso confirmar. Esta escama está tão limpa de feitiços quanto um bebê que ainda engatinha.

Ela aceitou.

- Então não tenho nenhum problema?

- Você tem muitos!

- Refiro-me a feitiços!

- Eu também. A escama está limpa, você está mais carregada que prostituta na festa de...

- Poupe-me.

- É preciso que tenha entendido integralmente.

Lucha hesitou. Ele completou:

- Não tenho prazer nesta avaliação, mas sou um profissional. Veio até mim, pagou meu preço, estou fazendo o meu trabalho. Você não está amaldiçoada, mas tem um vínculo forte com algo. Algo poderoso, que a acompanha. Não se livrará com facilidade, eu mesmo não posso ajudar, somente identificar. E ainda cogito se deseja se livrar. Tornou-se parte de você.

Lucha manteve-se calada.

- Pela sua reação, você sabe o que é.

Ela se levantou:

- Eu sei. Minha preocupação é a escama. Fico grata por sua sinceridade pelo que não perguntei. Tenha um bom dia.

O ar puro da rua movimentada de cavalos trouxe um odor de estrume de ração que aliviou a pressão no peito de Lucha. Entretanto, sua mente trabalhava com um turbilhão de possibilidades. A primeira noite com Labaki, ainda em Valdoa, quando se encheu de sangue horas antes. Não, a iniciativa de comer o fígado foi dela. Ao contrário de Galianthus, quando ele executou o ritual. Ou quando ela o esfaqueou! Talvez não envolvesse sangue! Lucha pensou nos momentos com ele, das conversas mais amenas ao

sexo mais intenso. Que havia algo de estranho, sempre havia entre eles. Um desafio seguido de uma rendição, ora dele, ora dela. Qual teria sido o ritual, e qual era o feitiço?

De vínculo.

Lucha caminhava apressadamente, como a fornecer a força motora para o pensamento girar. Levou um tempo até que a palavra vínculo surgisse claramente em sua compreensão.

Começou a rir, incrédula da sua estupidez. O que mais tinha eram laços! Com as sereias, com cada um dos bardos.

Tocou o seu amuleto. Quisera sentir seus amigos através dele, mas o propósito do amuleto era a música. Lucha pensou em Ella, em Tonio e Martius.

Pensou nas sereias. O silêncio reinava há muito tempo. Não parecia que ainda estavam ligadas por alguma essência. Mesmo quando embarcou a caminho de Dust, nada sentiu das irmãs. Pesou o quanto teria se desvinculado delas. Se fosse o caso, então o feiticeiro se referiu aos bardos. Lucha se lembrou que ele cogitou se ela desejava se livrar desta conexão! Se fossem os bardos, ela não desejava. Das sereias, não sabia o que sentiria.

Embora com um certo receio de encarar a verdade, Lucha não poderia sustentar uma suposição sobre a quem estava ligada. O fácil acesso de Sávio a mostrou que mais provações os aguardavam, ela precisava ter clareza sobre o que era, e quem eram os seus aliados. Bom que estava próxima à costa.

*

Assim que teve condições de se locomover, Lucha se mudou. Assim que teve condições de forçar o tornozelo, ela passou a caminhar na praia. E assim que foi capaz de escalar, ela gastou suas horas isolada entre as rochas banhadas pelas ondas fortes do mar.

Deixava o pensamento fluir, como a enviá-lo pelas correntes para o mundo sobre e sob a superfície. As gotículas que tiravam seu calor traziam o gosto forte do sal, a dinâmica da maré carregava o cheiro das criaturas vivas do mar, o sol reaquecia sua pele e o vento cantava em seus ouvidos. A visão dispensável frente à sensibilidade dos demais sentidos permitiu a Lucha manter os olhos fechados. Teve ímpetos de mergulhar, mas sentia que algo a prendia em terra.

Dias nessas condições e mente fluida como o ar, Lucha se renovou. Estava atenta ao seu redor, porém com a racionalidade abandonada em prol da espontaneidade da consciência. Evitou desafiar seus sentimentos, tampouco ignorar sua existência. Alcançou uma paz que fazia tempos não experimentava, ciente de que a ausência de tensão fortalecia seu espírito.

Um dia, ouviu seu nome. Respondeu antes de se voltar:

- Alia!

A sereia estava emersa sobre uma rocha, apenas a ponta da cauda a lambendo a onda que volta e meia batizava a margem.

- Você chamou, finalmente.

- Finalmente? Faz tempo que não as ouço.
- Nos ouviu uma única vez depois que se isolou.
- E agradeço.
- Você cantou.

Lucha não se envergonhou, seu espírito estava em paz:

- Foi necessário.
- Não a julgo. Lamento que tenha cantado só.

Não estava só, mas Alia não entenderia. A princípio, Lucha não sabia o que dizer, depois se lembrou de seu propósito. A sereia passaria o dia em silêncio a vivenciar as sensações que o mar propiciava, caso Lucha não a abordasse. Pois assim era a vida das sereias.

- Alia, ainda estamos ligadas?
- Você nos chamou e eu atendi.
- Até que ponto?

Alia demonstrou não ter entendido ao apoiar as duas mãos na rocha em direção a Lucha, a fim de oferecer toda a sua atenção.

- Refiro-me a nosso vínculo. Ele é forte?
- Forte? Você nos deixou, Lucha. Foi em busca de mais. Não éramos suficientes.
- Eu lamento.
- Por que lamenta? O que procurava há muito não estava nas águas, era preciso que retornasse à terra. Encontrou?
- Eu creio que sim. – Mentiu. Depois percebeu que era verdade.

Alia voltou-se ao mar.

- Admiro como conseguiu ir, pensei que morreria no retorno. Torci por você, mesmo acreditando que haveria arrependimentos. – Voltou-se a ela. – Vejo que não há. Melhor, mais um tempo e teria sido definitivo. Você saiu antes de se transformar por completo.

Lucha sabia. Atingir o canto máximo de uma sereia transformaria seu corpo, nada diferente do que aconteceu com o monstro Adália do Charco.

- Eu teria sido infeliz.
- Você precisa do que está em terra. É um vínculo muito forte.

Lucha estava confusa. Não eram as sereias. Seria sua própria origem?

- É um vínculo mágico, Alia?
- Que pergunta estranha.

Lucha sabia que sereias não respondiam o que não entendiam.

- Sabe como posso rompê-lo?

- Volte até nós. No entanto, tem desejo de rompê-lo?

A pergunta deixou Lucha sem resposta. Alia sabia que não. Passaram o resto da tarde a apreciar o calor do sol penetrar por entre as frestas da maresia. Lucha sabia que Alia não sentia aquele calor no Atol. E que ela só tinha oportunidade de sentir o calor quando chamada.

O sol no horizonte determinou a partida. Despediram-se silenciosamente.

Lucha soube que voltar a suas irmãs faria dela uma sereia em definitivo, sem nunca mais pisar em terra. E ela estava em paz ao apreciar o mar da costa.

4. O SENTINELA ANTROPÓFOBÓ

Martius estava novamente diante de Sinária, a fada mãe de Carior. Ele esperava que elas estivessem gratas por retornar com Lina, mas estavam furiosas por Tonio tê-la levado.

- Ela quis ir! A mando de Labaki! Não simulem mais, sabemos que nos receberam a mando dele.

- A mando? Ele nos orientou na ausência daquele que guiava o nosso povo neste mundo. E o fez mal, pois não alertou para o sacrifício de Awmeniewlyna.

- Ela foi sacrificada? – Ele apontou de maneira ampla ao seu redor, pois fazia dias que ela desaparecera.

- Ela é ciente dos seus deveres, apontada com sabedoria. No entanto, seu amigo abusou de nossa confiança.

- A meu ver, nós a salvamos!

A fortaleza de paredes de ardósia ficou escura. Todas as luzinhas tênues que circulavam na noite desapareceram. Martius foi procurar o canto dentro do templo ruído para se abrigar e usar algumas horas de sono. Cansado de discutir o mesmo tema há dias, ele nada tinha a fazer além de aguardar a raiva das fadas passar. Ou seja, lá o que elas aguardavam.

Acendeu sua fogueira e ajustou o canto debaixo de uma mesa de pedra, um abrigo menor que a mesa ritualística externa, porém mais protegido no pequeno templo semidestruído. Mesmo tendo conferido que a escada que descia para um subsolo estava bloqueada por um desabamento, ele se instalava de maneira que ela fosse a primeira cena que vislumbrava ao abrir os olhos. Aquela passagem o incomodava mais do que a própria entrada do templo, uma porta de madeira empenada impedida de se fechar há muito tempo.

Dormiu o resto da noite e, como nos dias anteriores, explorou os arredores sob o sol pulverizado na mata. Ao entardecer, cumpriu o ritual de entrar no templo e aguardar até que as fadas dominassem o espaço da fortaleza. Ao ver as luzes em movimento, ele saía do seu abrigo.

Qualquer outro tipo de comportamento levava-as a se retirar, e nenhum progresso era alcançado nas noites em que elas se esvaíam cedo. A solidão noturna o ensinou que o violão dedilhado sem pressa as atraía de volta, e que ignorar o impasse como se fosse desimportante as mantinha na negociação. Ele as captava em seu campo visual, escondidas nas frestas da fortaleza a desafiar a ordem de Sinária em prol do prazer de ouvi-lo. Controlava o repuxar do canto da boca para que seu orgulho não o sabotasse enquanto fitava as estrelas a piscar sobre Carior.

Aqueles momentos permitiram à música atravessar os muros da Fortaleza e fluir livremente até as folhas úmidas de orvalho que filtravam os acordes para penetrar na mata e atingir distâncias inimagináveis em campo livre. Uma ressonância deliberada, oriunda da alteração da frequência natural dos corpos, era resultado de torções e de deslocamentos da vegetação, dos fungos e dos líquens que obedeciam à ordem de deixar a música

percorrer a montanha. Ninguém consciente passou por Carior para testemunhar os pequenos animais se abrigarem, outros saírem para compor as barreiras, enxames se deslocarem e miríades se recolherem. Sem que Martius percebesse, Humapaew'en kueve se tornou a fonte de uma magia amplificada pela floresta, e o cume de Carior, um ponto central de ondas que se expandiram pelo Pequeno Reino do Pontal.

O jogo de recusar Martius e deixá-lo produzir a música penetrante que apaziguou as aflições, extinguiu os cansaços e renovou os espíritos, durou tantos dias que ele perdeu a noção do tempo. Seus acordes serenos, porém determinados, dominaram a fortaleza como se tocassem em sua casa.

E como o dono da casa, recebeu os convidados atraídos pelas notas que lançou no ar. O convite foi aceito por três criaturas que chegaram juntas a afugentar as fadas, embora fossem tão fantásticas que pareciam todos vir do mesmo mundo dos pequenos seres de luz. Afinal, a seu modo, cada uma também emitia alguma energia luminosa.

A criatura de silhueta feminina e dourada com cabelos lisos a escorrer pelos ombros como um véu coroado por uma galhada, era vestida por finas camadas de casca de árvore solta até os pés descalços a dançar conforme seus movimentos. Ela parecia desprovida de cores visto que emanava uma luz amarelo-esverdeada que iluminava o seu espaço pessoal como uma redoma de luz à sua volta.

A outra criatura também tinha chifres, porém menores e feitos de gravetos, tinha os cabelos de grama verde a sombrear o rosto e destacar os olhos brilhantes escrutinadores. Sua barba rala também era feita de grama, porém era disfarçada por um grande cachecol vermelho a cair pelos ombros. Uma túnica não impedia o seu movimento rápido que dispensava o cajado que agarrava. Usava botas de cano alto até os joelhos, o único calçado do grupo.

O último tinha o tamanho de um garoto, mas suas feições não denunciavam qualquer aparente idade. Seus cabelos de fogo e a penugem incandescente que substituíam seu pelos eram familiares. Ele percebeu quando Martius o reconheceu.

A primeira vinha acompanhada de uma corça, o segundo, de um lobo cinzento e o último, de uma onça pintada. Estavam à frente de Martius, sobre o platô onde certa vez uma visão de Tonio o apresentou Melgrod.

O garoto se agachou como se a posição permitisse ver melhor, a mulher permaneceu ativa e o homem se apoiou no cajado com as duas mãos, como um velho que não era.

Martius engoliu em seco, tendo parado de tocar em respeito pela cena. Observavam-se atentamente, os três a avaliar o tocador da música que os atraíu, e este, a aguardar algum sinal de ameaça. Torcia que não, pois entendia o respeito que aquelas criaturas demandavam pela sua própria existência. Decidiu cumprimentá-los com uma reverência.

Eles continuaram a fitá-lo, ignorando qualquer outra ação. Apenas mexiam as cabeças a mudar os pequenos ângulos de observação. Martius teve a impressão que conversavam sem mover os lábios. Telepatia!

Fez menção de tocar, resolvido de que sua magia os atraía. O olhar reprovador do garoto o desencorajou.

Engoliu em seco e deixou ser o desconfortável alvo da avaliação. Uma vã tentativa de compreender o que tanto poderiam ter a discutir sobre ele o levou a imaginar se a telepatia não era um processo lento cujas ondas demoravam a atravessar o breve espaço entre uma mente e outra.

A mulher riu com prazer divertido, como resposta ao seu pensamento.

“Vocês leem minha mente!”

A confirmação no sorriso dela o levou do embaraço à revolta pela intrusão. Eles não pareceram se importar. A indiferença das criaturas o levou à fúria, e Martius se controlava para não pegar no arco em seu ombro, sob olhos atentos daqueles que mantinham desafiadoramente a invasão. Ele sabia que nada que fizesse seria surpresa, e a sensação de impotência o direcionou à revoltante humilhação. Nada a fazer senão aceitar o escrutínio daquelas criaturas mágicas que liam seu pensamento, pesavam a tensão de seus músculos e até a velocidade com que suas pálpebras se fecharam em submissão à vontade dos mestres da situação.

A luz que clareou os borrões disformes dos olhos fechados anunciou que algo mudara. Ao abri-los, viu que a fonte de luz intensa era a criatura feminina que era ofuscada pelo seu próprio brilho. A outra criatura adulta curvou-se para repousar a mão sobre o ombro da criatura de fogo que se mantinha agachada, sem de fato tocá-la. Após sua despedida, desceu as escadas do platô da fortaleza com o lobo ao seu lado. A luz intensa amenizou-se até desaparecer, sem deixar sinal da dama e sua corça.

Apenas a criatura de cabelos de fogo permaneceu. Aguardou uma reação de Martius que, em vingança pela humilhação, nada fez. Em sua mente, apenas repetia, “O que vai fazer agora?”

A criatura respondeu:

- Você não serve. Vou matá-lo.

A onça urrou em desafio e correu, enquanto o agressor saltou para o pátio de Ayaa pa cewvy, onde Martius se encontrava. Ele já aguardava com a espada na mão quando a criatura pisou no solo. Seu olhar maligno não escondia o agrado na execução a que fora incumbido ou, como Martius imaginava, a que se voluntariara.

Ciente de que não era capaz de matar aquele ser, ele riscou a espada no ar para afastar o agressor e tomar o caminho da mata pelo curto labirinto que antecedia a saída da fortaleza. Sabia que seria seguido, assim como sabia que não conseguiria despistar o senhor daqueles bosques.

Saber rastrear era fácil. Evitar os rastros era quase impossível. O cheiro, as pegadas, os fragmentos de folhas e gravetos rompidos ao passar, nada era fácil de evitar. Um curso d'água ajudaria e, embora também deixasse suas marcas, era a melhor opção. Martius procurou identificar os declives que o levariam a algum riacho, e apurou os ouvidos para captar o chiado do borbulhar de uma queda ou os tons mais puros da água corrente. Estava atendo ao redor, mas não via a criatura que o ameaçou. Imaginava se os outros dois ajudariam naquela caçada, ou se a incumbência era exclusiva do Cabelos de Fogo.

Encontrou um córrego, e passou a seguir por ele. Tinha o arco retesado e uma flecha pronta para a imagem iluminada da criatura que brilharia mesmo durante o amanhecer.

A luz cinza metamorfoseou no branco até se amarelar com o sol alto a anunciar a metade do dia e o cansaço de Martius. Ele nada viu durante aquele período, e começou a se perguntar se era tão fácil fugir da criatura.

“Talvez seja um blefe; talvez ele só queira me expulsar”.

Riu de sua momentânea ingenuidade. Aquela criatura não tinha necessidade de blefar, e Martius levaria mais de um dia para sair de seu território. Sentou-se para analisar sua condição.

Seus pés permanentemente mergulhados no riacho foram premiados com o contato com o ar, foram massageados por mãos cansadas de tensionar o arco e permitidos a um breve repouso. Os ouvidos, no entanto, não paravam de captar os sons naturais da mata e reinterpretar as fontes que os criavam.

O córrego não o levaria para longe de Carior, pois serpenteava pela montanha em um trajeto sinuoso, indo e vindo pelo veio da terra em um passeio despreocupado até os cantos mais sombrios da montanha. Aquilo era claro: embora descendente, o córrego não saía, mas entrava pelas grotas escuras nos cantos úmidos da mata fechada. A escuridão beneficiaria Martius, pois ele duvidava que o perseguidor conseguiria disfarçar o seu brilho. No entanto, nenhuma invisibilidade o beneficiaria se continuasse a entrar na casa do Cabelos de Fogo. Igualmente, sair da proteção do córrego deixaria seu rastro ainda mais visível.

Sem escolha, afastou-se do riacho com a intensão de se manter à sombra até que a noite caísse e, antes que as trevas abraçassem Carior, Martius percebeu que seu rastro nunca fora perdido. O urro da onça anunciou que era hora do confronto.

Martius se pegou com os punhos cerrados sobre ao arco e a flecha com toda a sua força. Aceitava aquele como fim digno, e lutaria até o fim para que assim morresse sem arrependimentos. Odiaria que seus últimos momentos fossem entre humanos em uma cidade fétida. E melhor era longe dos bardos ou de qualquer um que choraria inutilmente por ele. Era um bom fim. Honraria também a criatura com a melhor luta que fosse capaz.

Quando a luz surgiu fraca ao longe, a flecha atravessou feroz até o alvo. Não errou, mas a criatura se deslocou com rapidez. Outra flecha, e logo se viu no lugar do caçador. O fogo pareceu se apagar.

O caçador ouviu uma voz:

- É por aqui.

Ele duvidou se acreditava, nada via. Então ouviu Tonio:

- Martius, venha, confie.

Ele correu na direção da voz. Abriu caminho na mata fechada, a seguir o comando de Tonio.

- Onde você está?

- Siga-me, Martius.

- Onde você está?

- Estou longe, amigo, você sabe. Lina o guia. Confie nela, venha.

Martius hesitou. Sinária não deixaria Lina sair novamente.

- Lina está contigo?

- Martius, venha, siga minha voz através de Lina, Ella está em perigo.

Um arrepio passou por sua espinha. O que teria acontecido com Ella? Por que Tonio precisava dele para salvar Ella?

Martius continuou a seguir a voz que por vezes se manifestava, perguntando-se por que a criatura desaparecera. Teria receio das fadas? Nunca aparentou.

- Tonio, está aí?

- Venha.

O rastreador tinha consciência de que se embrenhava mais a fundo em Carior. Não era uma saída. E mais, por que Tonio o chamava?

- Tonio, está aí?

- Estou longe. Lina o guiará. Continue, meu amigo.

- Tonio, Lina está me mandando para dentro.

- Lina sabe o caminho.

Martius suspirou. Ele também conhecia os sinais em uma floresta. Não precisava de uma fada para guiá-lo.

- Não é Lina.

- Martius, por Ella, venha.

- Incendeie-se todo, seu maldito. – Atirou uma flecha onde imaginou que a criatura estava. Ela saltou, correu e se escondeu. Martius correu em outra direção, fugindo de seu alcance.

A onça urrou em fúria.

Uma flecha voou até ela.

A criatura de fogo gritou:

- Deixe-a!

Martius respondeu em fúria:

- Ela será minha caça antes que eu seja a sua!

Uma ordem inteligível enviou a onça para longe.

“Ele se importa!”

- Apareça e me enfrente!
- É você quem foge!
- Você não quer lutar, quer que eu me perca nesta mata. Isso não vai acontecer.

Silêncio.

O vento uivou para anunciar que a noite chegara. As estrelas brilhavam acima da cobertura fechada das copas, os insetos cantavam uma ópera estridente na inútil tentativa de disfarçar os sons da fuga dos grandes animais daquele território. A disputa se iniciava, e nenhum desejava testemunhar.

Quase nenhum.

Ayaa pa cewvy era a antiga fortaleza de Ostrebor, e a atual porta de entrada das fadas de Carior no mundo humano. Elas observaram aflitas o desenrolar do desafio cujas consequências poderiam alterar seus destinos.

Sinária ouviu o apelo:

- Mãe, seja clemente.
- Citá-la não basta. A promessa ao dragão já foi cumprida.
- Mãe, é também nossa batalha.

Sinária fitou a jovem fada:

- Você é valente, Awmeniewlyna. Por que deseja dar sua vida pelo rastreador?
- Vejo que trará o dragão de volta.

Sinária baixou a cabeça. Desejava ter conhecido a época em que o grande campeão defendia a montanha e todo o território ao seu redor, acima e abaixo. O dragão implacável. Seria o preço para este retorno a sua querida prole?

- Meu coração sangra. Vai enfrentar o Guardador das Matas, e em nada poderei interferir.

Lina estava em paz, e tinha urgência em intervir por Martius:

- Eu vou.

Sinária consentiu sem palavras.

Cabelos de Fogo começava a aceitar realmente que Martius não se perderia. Ele entendeu o percurso do córrego e permitiu ser direcionado enquanto foi conveniente. Percebeu o estratagema da voz de Tonio, o apelo por Ella, e pouco tempo levava para interpretar as armadilhas criadas.

No entanto, aquele era apenas o primeiro dos seus recursos. Seu chamado fora emitido quando a humana iniciou a subida até Carior, e o tempo foi bem administrado para trazê-la onde desejado, e quando. Ele não se perguntou sobre a relação daquela visita, pois não se importava com as causas alheias, mas aproveitaria oportunamente a presença da moça. Os lobos confirmariam assim que chegassem.

No entanto, ele não contava com Lina, e silvou ao vê-la chegar até Martius.

- Fada!

Martius sentiu Lina pousar em seu ombro antes mesmo de perceber o seu brilho. Ela não se dirigiu ao rastreador, mas ao agressor:

- Falo por ele, já que falou por mim, Guardador. Este é outro que zela como você.

O riso baixo da criatura revelou o sarcasmo.

- O guardador de humanos.

- E de uma fada.

- Você desejou se unir aos incautos.

- Desejei o mesmo que o Guardador das Matas de Carior. E ainda luto assim. O Guardador de Humanos tem força para enfrentar Carior e magia para a vida, é sagaz perante armadilhas e bravo no perigo.

“Eu? Guardador de Humanos?”

- Condena-se a falhar com ele, Awmeniewlyna de Sinária.

- Sou oferenda. A mãe nada deve receber.

- Aceito seu sacrifício. O dele será em vão.

Martius tocou a fada para aproximá-la de seu pescoço, mas o movimento rápido da criatura o levou a agarrar Lina e arremessá-la contra um arbusto. Ele se atirou para o lado oposto enquanto jogou sua faca no ponto onde estava, adivinhando que ali era a meta da criatura. A faca resvalada na coxa do Guardador das Matas de Carior eliminou o olhar cruel em prol da perplexidade de ter sido atingido. Fitou o rastreador que, mesmo deitado, já tensionava uma flecha no arco e saltou por reflexo para o lado antes de ser atingido. Continuou a encarar Martius confuso com o sangue que escorreu de sua coxa. Tocou, sem tirar os olhos de seu inimigo também hipnotizado pela falta de reação da criatura.

O contato do fio de sangue com o ar alimentou a chama que subiu até consumir o fluido sem ferir o seu dono. Martius o fitava com respeito, ainda deitado, porém incapaz de puxar nova flecha. Uma tristeza surgiu nos olhos em chamas.

- Está só começando, guardador de humanos.

As labaredas acompanharam seu dono, que se embrenhou na floresta até que o seu brilho se dissipasse com a distância.

*

Martius acordou sobressaltado com o zumbido de Lina à sua volta. Relaxou quando viu a comida posta à sua frente: frutas e folhas. As folhas aromáticas davam outro sabor às frutas suculentas de maneira a proporcionar uma nova experiência e um singelo prazer naquela situação inusitada. Ele agradeceu.

Ao vê-lo satisfeito, Lina considerou o momento apropriado para introduzir outros assuntos:

- Ele explora o medo.

Martius não parou de mastigar:

- Eu sei.

- Enlouquece.

Ele concordou:

- Faz sentido. – Completou ao pensar “Que sanidade aguenta uma combinação de Grande Dan com um zelador de vidas apoucado por uma criatura com a cabeça em chamas?”

- Não conseguirá escapar.

Martius suspirou:

- Tentarei ao máximo.

- Precisa se provar.

Ele quase se engasgou:

- Ah?

Muitas vezes, as fadas eram literais na compreensão da comunicação humana:

- Precisa se provar.

- Eu entendi suas palavras, Lina. O que quer dizer com preciso me provar?

- É sua provação.

Duvidou:

- Não. Ele me avaliou. Tenho certeza. E reprovou. Agora é hora de me eliminar. Aliás, ele me avaliou para quê?

- Para buscar o dragão.

Praguejou, desculpou-se com Lina.

- Preciso dele, então? Já falhei.

- Ele aprovou. Trouxe outros para confirmar. Aprovou para o teste.

Martius começou a ouvir com mais atenção:

- Quem eram os outros, Lina?

- Guardadores de outras terras. Ele ainda não se convenceu de que você também é um guardador.

Martius não foi irônico:

- Nem eu me convenço dessa bobagem. Ele tem razão. Nada consigo proteger. E os vampiros que soltei? O vulcão que ajudei a criar? Não foi despertar, foi criar! Criamos um vulcão! E ajudamos o canalha do Labaki! Não protejo ninguém!

Lina baixou os olhos antes de sussurrar sobre o seu ombro:

- A menina entre os lobos.

Ele saltou:

- Como sabe essa história?

Admitiu a inutilidade da pergunta. Lembrou-se de Sinária a informar que antes mesmo que ele saísse do Vale Cálido, ouviram falar de sua música. Como não saberiam dos lobos? E aquilo foi antes mesmo de Lina viajar com eles, quando conviveu a sós com cada um dos bardos.

- Eles estão vindo.

- Eles quem?

- Os lobos. O Guardador das Matas emitiu o chamado, eles atravessam vales, estradas e rios para aqui encontrá-lo.

Martius não duvidava de mais nada.

- Será contra eles que terei que lutar?

- Não sei a que virão.

Ele tinha certeza. Não os matou e depois fora poupado. Seria exigido matar para sobreviver.

Martius tinha mortes em sua conta, mas nenhuma que pesasse sua consciência além das vítimas dos vampiros, da Plêiade de Danati ou...

Riu amargurado. Já era uma longa lista. No entanto, nunca matara um amigo. Os lobos eram amigos.

- Cabelos de Fogo tem razão, Lina. Morrerei aqui.

*

A noite doce de vento fresco não chegou naquela noite, mas uma noite amarga a ensaiar o breu de um túmulo. As estrelas não saíram para saudá-lo uma última vez, mas as nuvens encobriram o firmamento a limitar o alcance das ações humanas. Nenhuma criatura viva ultrapassara aquela coberta, exceto dragões. Com exceção deles, nenhuma vontade alcançou tamanha imensidão.

Muito menos a dele. Ser confrontado com os lobos de pelo ralo dos montes tépidos de sua terra natal não era a morte que esperava naquele lugar. Era uma boa morte? Sim, por garras e dentes amigos, embora fosse estranho. Não sabia o que esperar deles, mas deixou que a amargura que eles confortaram anos atrás retornasse para seu último encontro.

- É um ciclo que se fecha, Lina. Eu deveria estar em paz, mas não consigo aceitar que seja por eles, embora racionalmente eu ache bom.

Lina não argumentava mais, apenas dava sua opinião:

- Passará no teste.

- Não os matarei, já disse.

Um ruído grosseiro na ordem da vida selvagem o alertou. Algo estava perto, algo sem malícia, sem leveza, sem harmonia com o natural. Algo que andava com o passo trôpego, respiração ofegante, suspiros de incerteza e insistentemente em linha reta em um mundo onde elas não existiam, a trombar nos galhos, quebrar os gravetos e arranhar-se nos arbustos.

De pé, ele reconheceu o aproximar de um humano.

- Ei, aqui!

Um grito agudo de alegria ainda em sofrimento foi a resposta. O passo se tornou mais rápido em direção a ele. Lina voou à frente para guiar a pessoa perdida. Foi sua luz que revelou o rosto aflito, porém esperançoso, que sorriu para a sombra da mata onde Martius se escondia:

- Eu me perdi, há dias que me perdi nessa selva.

Não houve resposta, exceto a surpreendente constatação:

- Malva!

A menção de seu nome trouxe a certeza do alívio.

- Sim. Martius? É você? O rastreador Martius do Vale Cálido?

Ele não sabia o que dizer. Lina voou para o seu ombro.

- É a sua protegida? Ela falará por você, Guardador de Humanos!

Ele recuou, apavorado com o julgamento da menina. Acordou daquela impressão. À sua frente estava uma jovem mulher, porém insegura pelo silêncio do homem misterioso abrigado na escuridão que a reconheceu. Ele reagiu a tamanha vulnerabilidade.

- Sou eu, Martius. Acalme-se. Não irei feri-la.

Ela voltou a se tranquilizar:

- É você mesmo! Não, por que iria me ferir? Salvou minha vida! Eu sempre soube, você me salvou. Eu sempre soube.

Ele engoliu em seco a ignorar o reconhecimento que antes teria sido tão precioso. Salvava Malva certa vez. No entanto, os lobos estavam a caminho.

Não era mais permitido morrer.

*

Martius percorria os olhos entre o arco, a espada e o violão. Tentava elaborar um plano que poupasse o máximo de vidas alheias. Lina insistia que ele era a prioridade, as fadas e toda Carior precisavam de Ostrebor de volta.

- Por que Leopoldo? Vim por Baai.
- Carior é a casa de Ostrebor, aqui se inicia a sua busca.
- Quer dizer que encontrarei pistas do Coração de Ostrebor nesta montanha?

Ela acenou afirmativamente:

- O Guardador retém o segredo do dragão.

Martius se moveu como se tivesse sido atacado.

- De Ostrebor?
- Do que restou do dragão.

Malva observava confusa, pois não era capaz de ver Lina.

- Tem certeza que há alguém contigo?

Lina não queria ser interrompida. Reacendeu a fogueira para provar sua presença e calar Malva. Ela obedeceu ao gesto de Martius mais do que algumas poucas chamas revividas.

- Então devo encontrá-lo.
- Assim todos desejamos.
- Menos o tal guardador. Ele me testa de que maneira? O que ele quer de mim?

Lina baixou a cabeça, embaraçada por não ser capaz de responder:

- Ele está nestas montanhas antes das fadas. Ele esteve com Ostrebor. Ele nos permitiu aqui, mas nada revela além do necessário.
- O que ele receia?
- É um grande poder, muitos almejavam o Coração de Ostrebor.
- Como os outros corações.
- Desconhecíamos outros. Desejamos este de volta, pleno e vigoroso.
- Não me fale na palavra pleno! Nem em calor. – Uma breve pausa. – Ou recato.

Lina acatou com naturalidade as estranhas manias dos humanos sem esforçar-se em entendê-los.

Martius refletiu:

- Se ele é o protetor das florestas, e se Ostrebor protegia Carior, ele quer saber se sou capaz de escolher os lobos a ela. – Apontou para Malva. – Não sei o que fazer, Lina. Não passarei no teste. Tonio disse que Leopoldo era implacável, e eu não matarei ninguém que me estendeu a mão. Ou a pata.

Lina entendia.

- E escolher os lobos a seu povo?

- Deixá-los estraçalharem aquela menina? – rebateu Martius, indignado.

Malva não escutava Lina, mas captava palavras soltas de Martius, principalmente quando ele levantava a voz. Ela ouviu o suficiente da última frase:

- O que disse?

O rastreador suspirou:

- Malva, este é um momento de sinceridade plena. – Odiou a escolha do termo, mas não se permitiu interromper. – Está em perigo. – Corrigiu. – Estamos. Em grande perigo. Darei o meu melhor, mas não há garantias que saíamos vivos dessa montanha.

Ele estranhou a calma com que ela respondeu:

- Estou com você, vi coisas que não pensaria serem possíveis se não as tivesse vivido. Não as estranhei porque tudo parece ser mais natural para uma criança. No entanto, sei hoje como eram fantásticas. Não tenho medo.

- Eu tenho.

- Eu o ajudarei.

Ele riu, incrédulo:

- Como?

- Não sei, mas estarei aqui.

Ele recusou aquela fé cega.

- Por que veio?

- Para lhe dizer que pode voltar para casa.

Martius se mexeu desconfortavelmente. Ela continuou:

- Você saiu como um fugitivo condenado, hoje é um herói. Recusei a sua crueldade que me foi descrita, remendei os fatos e refutei as ilusões inseridas em mim pelos adultos. Levei muito tempo para ver, e mais outro para reunir a coragem e revelar o que aos poucos fui entendendo à medida que crescia. Eu devia essa verdade a você, a ser dita pessoalmente.

- E se eu disser que você foi enfeitiçada?

- Pela contadora? – Pego de surpresa, ele transpareceu conhecer a história sem que Malva se intimidasse. – A cidade foi encantada. Eu já havia enxergado. A contadora apenas facilitou aceitarem a minha versão. – Malva se interrompeu para pensar, e o encarou com uma afeição inexistente em uma criança. – Era você que tocava naquela noite?

Acuado, ele olhou para as armas. O arco, a espada e o violão. O que fazer?

Malva respondeu:

- Quando você toca, o melhor acontece.

*

Martius iniciou o reconhecimento. Deixou que a brandura penetrasse pelos troncos e farfalhassem as copas, e recebeu a resposta dos uivos de quem se aproximava. A hospitalidade mostrou o caminho à alcateia por uma trilha de sons de perfeita clareza aos ouvidos apurados dos lobos.

Cordial, ele elevava o tom para alegrar e o suavizava em seguida para acalmar, a fim de preparar o espírito dos lobos para o reencontro. Eles vinham correndo, ansiosos pelo chamado que pensaram ser de Martius.

Malva posicionou-se atrás de Martius, com Lina em seu ombro. Embora não pudesse vê-la, aceitou a palavra do rastreador. A fada tinha a oferecer um encanto que confundia a visão na floresta noturna, mas em nada colaboraria perante a fraca visão dos animais contrastada ao olfato apurado. Indicou então uma erva que disfarçava o cheiro da jovem.

- Eles saberão que ela está aqui, mas talvez não a reconheçam.

Martius duvidou:

- O alpha é o mesmo.

Como os uivos anunciavam, a alcateia se aproximava.

Não demorou para ouvir os passos ligeiros e secos de membros ágeis e determinados. As ondas anunciavam o que era mata, o que era mineral e o que eram os vultos que surgiram à sombra da floresta escura.

Martius reconheceu que o beta era novo, parou à frente em uma distância respeitosa, os demais que o seguiam também se estancaram. Em passo moderado, o alpha ultrapassou a todos e tomou a frente para reconhecer e cumprimentar. Reconheceu Martius, assim como a fêmea que o acompanhava.

- Presa.

O grupo reagiu rapidamente, posicionando-se nos flancos e na retaguarda do trio. Velozes, subiram o barranco onde dava a impressão de proteger as costas. Estavam acima dele, em posição adequada para atacar. No entanto, ter Lina abaixo do barranco era a sua garantia. Ela sobrevoou o ar acima de Malva, nervosa.

- Malva, deite! Costas ao chão.

A moça obedeceu, conforme Martius a preparara. Estava trêmula, sua confiança anterior se esvaiu ao se ver cercada pelas mesmas criaturas que foram responsáveis pelo maior terror que já enfrentara.

Ele não parou de tocar, de maneira a usar a música para mostrar cordialidade e a postura de Malva para indicar submissão. Por dentro, praguejava pela ação imediata do alpha, mas aparentava aos presentes equilíbrio e domínio. A todos os presentes.

O Guardador das Matas observava à distância, impassível como um velho juiz calejado.

Os lobos mais jovens formaram um segundo círculo mais amplo, a fim de observar os experientes capturarem e estraçalharem a presa.

- Deixem-na.

- É a presa. Temos fome.

Martius alterou a batida para se impor. Malva procurava o alpha de que o rastreador falara. Lina sobrevoava a dupla humana.

- Foi uma longa viagem, mas não os chamei. Não preciso alimentá-los.

- O filhote é crescido.

- Continua sendo meu bando.

- Somos alcateia. Não é sua fêmea.

Martius sabia que o alpha percebia a ausência do cheiro impregnado entre aqueles que se acasalam, ele não teria como disfarçar. Argumentou como pôde:

- Ela será. E vocês continuam a ser alcateia.

- Não a aceitamos.

Ele aumentou o tom:

- Não quero feri-los!

O alpha rosnou exigindo que Martius se afastasse de Malva. Ele se colocou mais à frente dela, a impedir que ele a visasse.

A música se tornou mais desafiadora, outros lobos rosnaram em resposta.

O vento tornou-se pesado, levantou as folhas úmidas que grudavam na terra, parcialmente carcomidas. Malva se virou, mãos espalmadas no chão, alerta aos sinais à sua volta. Não ousou se levantar, mas respondeu de maneira tão lupina que tanto os animais quanto Martius se voltaram momentânea e exclusivamente a ela.

Em um gesto inesperado, Martius aproveitou a distração e deixou a água desabar sobre a alcateia, sobre ele, a moça, a fada e o Guardador de fogo.

Eles entenderam a pressão por trás das notas de Martius e atacaram, primeiramente pela direita. Ele já esperava o salto, conjurou o raio que eletrocutou o lobo. Seu coração teria doído mais fundo se a raiva pelo desafio do alpha não o tivesse parcialmente cegado. Entre Malva e os seus carrascos estava apenas ele e a música. Usou-a como a arma que melhor teria, e deixou que uma chuva de eletricidade rasgasse o ar para macular a terra e aqueles que nela estivessem. Bastava que eles se jogassem ao ar e um riff arrancava a descarga que inflamava a vítima sem piedade.

Aquela ofensa ao alpha não foi desconsiderada. Ele mostrou os dentes ameaçadoramente a fim de submeter Martius que se recusou claramente a se render à vontade do líder.

- Você é alcateia. Aceite o seu alpha.

A visão dos bardos invadiu sua mente.

- Sou de outra. Uma que não exige que eu me submeta.

Furioso, o alpha voltou a se impor. No entanto, a tempestade tornou-se ainda mais potente, galhos foram arrancados afastando os lobos mais fracos dos dois círculos que formaram. Do círculo interno, um saltou do alto do barranco, Lina o cegou com sua luz. O animal caiu próximo a Malva mas, assustado, sentiu uma mandíbula amiga puxá-lo para longe antes que Martius o atingisse. Outros hesitavam em avançar e serem alvo da próxima descarga. Corriam e reposicionavam-se a fim de confundir Martius.

Malva não conseguia reagir. Ela pensou que os anos a prepararam para um eventual reencontro com as criaturas, mas os traumas da infância retornaram com vigor. A visão, os cheiros e os ruídos das criaturas estavam materializados a seu alcance, ou melhor, ela estava ao alcance dos animais. Para piorar, viu uma criatura incandescente ao longe.

O Guardador das Matas de Carior se aproximou, desafiador. O alpha baixou a cabeça em reconhecimento à sua autoridade. Uma chuva de relâmpagos ensurdecedores estourou próxima no ar, a marcar o território que o humano dominava. Os lobos remanescentes no círculo mais próximo recuaram atemorizados, deixando ao Guardador que os convocou a hostilidade que submeteria aquele provocador.

As chamas dos cabelos não se apagavam, e o brilho de seus pelos de fogo não se dissipava sob a torrente de água. Sua figura incandescente, incólume à tempestade, emanava ódio pelos humanos. Os lobos se afastaram, cabeça baixa e cauda recolhida, a deixar a luta para um mais forte. Enquanto saía, o alpha virou-se para avistar Martius altivo, tocando, a enfrentar o Guardador com a coragem que faltou aos lobos.

Embora a alcateia tivesse sido derrotada, a posição firme de Martius para manter a humana a salvo incomodou mais a criatura. E mais que a escolha em morrer por ela, mas em matar por ela, desafiou o Guardador. E ainda, a outra escolha o intrigou. A revolta era visível nas palavras que atravessaram a chuva:

- O que fez? Por que a música? Sua flecha chegou a me ferir! Derramou meu sangue! Meu! Não testou o efeito do aço sobre mim, nem cogitou se me atingiria. Por que escolheu a música?

- Porque não era o que você esperava! Eu faço o que eu decido, não o que você quer que eu faça!

A água escorria sobre o rosto de Martius, misturando-se à saliva cuspidada no ar junto com o ódio lançado a metros de distância a fim de alcançar o inimigo. Sua expressão dominava a natureza representada pelo Guardador das Matas que, estático, não reagiu à afronta. Em silêncio, mantinha-se à distância, corpo incendiado sob o aguaceiro. Martius permaneceu a postos, pronto para a resposta que viria de alguma maneira, certamente inesperada.

Ele sustentou a tormenta por mais de uma hora, sem parar de tocar, e a criatura manteve-se imóvel a aguardar. Ele viu a indignação no olhar do ser de fogo alimentar a força sobre-humana para manter a chama viva sob a tempestade.

Os minutos passados a observar o seu inimigo, como ele fora observado dias antes, mostraram que a interpretação fora incorreta. Ele não mudava a expressão congelada pelas palavras arremessadas por Martius, mas o tempo permitiu ao rastreador se

aprofundar naqueles olhos antes imperscrutáveis. Martius pensou ter visto dor naquele ser solitário sob a chuva, abandonado e impotente.

Mais tempo se passou. A exposição prolongada lavou a máscara inumana e a luz de suas estáveis labaredas destacou o vazio que imobiliza a vontade exígua após mil anos de luta, tentativas frustradas e espera sem fim.

Um dedilhar ordenou aos céus que soprasse as nuvens pesadas e elétricas para outros montes. Finalmente, no silêncio da calmaria quebrada pelas enxurradas que redesenhavam os veios no solo encharcado, ele ouviu a triste resposta de um ser vazio de esperança:

- Eu não sei o que fazer.

5. A POLÍTICA DO REINO

Aguardar a audiência com Durvaal Talquar, Conde de Ataloana, foi mais cansativo que o evento sem si. Não que o Conde tivesse sido sucinto, mas a espera foi longa e precedida por diversas entradas prioritárias.

O gabinete do Conde de Ataloana era sóbrio e organizado como era o ex-militar que se orgulhava em manter a frugalidade como uma de suas diretrizes no serviço público. Não obstante, denotava o status necessário à sua autoridade ligada ao gabinete real, assim como os dividendos gastos com o espaço. Era prático, sem ostentação, porém composto com materiais duráveis naturais como a madeira dura e a pedra. A falta de ornamentos e superfícies irregulares destacava o ressoar tanto do passo seguro quanto da hesitação de quem preferiria não estar em sua presença. Era um ambiente em conformidade ao seu dono, que poupou rodeios de praxe entre a nobreza. Após breve apresentação, foi direto:

- Sua situação é preocupante, Comperteiro. Você pode ser acusado de conluio com este agente de Moros, ou seja de onde ele for. Embora o atentado tenha ocorrido em Katos, o que está comprovado, não temos responsabilidade e não queremos uma nova guerra. Tampouco queremos ser apontados como a causa para o conflito. Alguém será jogado à fogueira.
- Sugiro o próprio Labaki, senhor. O fato de eu tê-lo conhecido não pode ser suficiente para que eu seja injustamente acusado.
- O senhor está aqui por ter enriquecido assustadoramente após sua amizade com este homem.
- Desculpe, mas não houve amizade. Alguns negócios corriqueiros, nada mais.
- Basta provar. Estamos ansiosos para colocar as mãos em quem realmente tramou para levantar a crise entre Katos e Racina.
- Ajudarei no que for preciso para desmascarar este vilão, até localizá-lo, se estiver ao meu alcance.

O conde recostou-se à sua cadeira, cruzando as mãos no abdômen.

- Sua ajuda será reconhecida, se útil. Ele parece um fantasma em uma casa assombrada. Muitos já o viram, poucos sabem quem é.

Esta era a esperança de Comperteiro. Ele não teria condições de comprovar a legalidade de negócios comerciais que nunca existiram. Sua alegação de que estava reunindo a papelada comprobatória era um estratagema para ganhar tempo e ajudar a implicar Sávio Labaki a fim de melhorar sua imagem ao demonstrar comprometimento com a investigação.

Em paralelo, Círio sugeriu levantar documentos frios que indicassem compras e vendas de bens. Seriam movimentações no mercado negro com gente perigosa, porém Comperteiro ainda tinha contatos a explorar vindos dos tempos de guerra. A colaboração de Ridell foi crucial para dar a impressão de uma certa autoridade no submundo da Capital

junto a esses contatos, enquanto Olmar esteve limitado a acompanhar os seus passos em locais menos comprometedores.

Toda a atividade captada por Ridell era informada a Labaki, que tinha plano nada diferente de Comperteiro:

- Forneça a ele os meios de comprovar a sua fortuna sem que passe por mim.
- Posso pagar um adicional pelos documentos?
- Não, ele pode descobrir e querer saber a fonte. Comperteiro não é audaz, se apresentar uma solução, ele achará válido investir. Não tema em pedir que ele financie seus movimentos.

Ridell correu os olhos para um objeto plano embrulhado em cima do aparador. Labaki havia alugado uma pequena casa de campo fora da Capital, bem diferente do luxo que ostentou na Ilha das Flores. Embora simples, aquele pano esgarçado que embrulhava algo se destacava na modesta decoração. Ele baixou a cabeça quando Labaki percebeu.

- Não faz parte de suas obrigações.
- Nem ia perguntar.

Labaki guardou o embrulho em uma gaveta. Reforçou:

- Lembro que esta nova chance, Ridell, pode ser a última.
- Não irei decepcioná-lo.

Labaki sentou, sem se incomodar por deixar Ridell de pé.

- Como está a sua companhia?
- Aida? Não há com o que se preocupar, ela nada desconfia. Foi uma conveniência.
- Ela sabe que você trabalha para alguém – afirmou.
- E nunca fez uma pergunta.
- Está disposto a matá-la se preciso?
- Sim – disse sem hesitar, como diria sobre qualquer pessoa. Entretanto, duvidava da segurança que transmitiu.

Labaki entrelaçou os dedos das mãos, a refletir.

- Você é o elo mais fraco entre Fúlvio e mim. Depois de mim, estão os bardos. Bouças não deve chegar aos bardos! Jamais!
- Não sou o único, a Condessa de Aflatin...

Foi interrompido:

- É outra frente, concentre-se na sua.

Com Malva afastada, era hora de ganhar pontos com Labaki:

- Não exatamente. Ela tem braços em Valdoa. – Viu que seu empregador se interessou. – Aposto que também aqui na capital.

Ruídos de cascos anunciaram um visitante. Labaki foi breve:

- Fique nos fundos, irá me contar com detalhes. Vou receber o senhor Mantala e já falo contigo novamente.

*

Ridell chegou com novos documentos para Comperteiro, porém encontrou apenas a senhora Isabel na mansão. Eram notas frias de ervas provenientes de Atavanel, porém com data a preencher conforme a conveniência de seu senhor.

Isabel Eduína Petrosa Comperteiro o reteve:

- Não se vá, meu esposo irá demorar, pelo que ando vendo. E sua esposa está no mercado para mim, também irá demorar. Melhor que façamos companhia um para o outro.

Ridell era familiar com intensões escusas, aquela era clara como água. Permaneceu de pé.

- Talvez eu possa ser útil com um chá, em substituição à dedicação de minha Aida.

Isabel dispensou:

- Não necessito de substituição, mas de companhia. – Não o convidou para sentar, o que o sossegou. Manter a distância era recomendável. – Diga-me, meu marido e Círio andam circulando muito contigo?

- Senhora, reservo tais informações ao meu patrão somente.

- Não perguntei onde, Ridell, mas a frequência. Não vou esconder, as cartas de meu pai me deixaram bastante impressionada, e Fúlvio é evasivo! Retornei agora há pouco da companhia de Guida, e o cenário que ela desenhou é preocupante. No entanto, tudo o que vejo é um conjunto de passeios entre Fúlvio e Círio que agem como se estivessem a frequentar a temporada de verão. Pergunto se ele está alheio ao problema ou se ele age como se eu não tivesse capacidade de entender a situação?

Perguntas capciosas exigem uma terceira via como resposta:

- O senhor Comperteiro é um homem ciente de suas obrigações, a senhora não tem com o que se preocupar.

- Então ele pensa que sou uma tola. – Ridell não respondeu à constatação, ela desabafou. – Ele não aceita a experiência que tenho de toda a minha vida neste circuito. Por ter sido um herói na guerra, pensa que sabe de tudo e não precisa de meus conselhos.

- Estou certo de que ele almeja preservá-la de problemas corriqueiros.

Ela se levantou, parcialmente indignada:

- Não são corriqueiros Ridell, e eu estou certa de que sabe disso. A família pode ser acusada de incitar uma guerra. Isso leva a traição a Bouças. E nem meu pai ele ouve! Ele e Círio pensam que podem resolver tudo.

Silêncio. Ela se aproximou:

- Olhe nos meus olhos, Ridell.

Ele obedeceu e viu uma mulher nada indiferente à realidade. Estava ofendida, preocupada e inquieta.

- Você é tão leal a seu senhor que não pode ter seu preço coberto?

O terreno era perigoso por ser promissor. No entanto, ele entrou com cuidado:

- Um servo não pode ter dois senhores.

- Não são dois, o interesse é o mesmo. Eu acredito que tenho mais condições de ajudar.

- Se me garantir que não compromete o seu marido.

- Eu só quero que me avise se localizarem Sávio Labaki. E que eu fale com ele antes de meu marido.

Ridell travou o sorriso como pôde:

- Ah, isso eu posso fazer.

Ele iria informar a Labaki, cujo interesse acreditou ser inexistente, até que Aida o alertou.

- Não se meta nisso.

- É o meu trabalho, Aida. Se Isabel Eduína tem algo que pode ajudar o esposo, por que não intervir?

- Sabe como encontrar este Labaki?

Estava preparado para tal tipo de pergunta:

- Dois reinos procuram essa criatura!

- E acha que será bem pago caso ela se exponha a um bandido internacional? O que este homem poderia fazer com ela?

- Está mesmo protegendo-a? Realmente se importa?

Aida jogou a trouxa de roupa suja no chão.

- Com você, seu estúpido cego! Você não sabe o que ela quer com ele! Pode ser vingança, poder apenas despeito!

Acostumado aos arroubos da anã, sentou-se para ouvi-la com mais atenção:

- Despeito a quem?

- Ao marido com Círio, óbvio! Ou acha que a massagem corriqueira nos ombros é fraternal?

Ridell torceu a boca pela decepção na falta de novidade:

- O que importa? Eles vão e vêm, tanto Comperteiro com Círio quanto com Isabel. Agora sou eu que pergunto se não percebeu os primeiros dias aqui na Capital? A intensidade da

paixão ultrapassava as paredes! Depois veio a briga, estão frios. Em breve discutem e as estruturas vão se abalar novamente. E aí Círio é quem terá ciúmes, é o ciclo deste triângulo.

Aida foi irônica:

- E quer colaborar com o quatrilha?

Ridell apoiou rapidamente as mãos nos braços da poltrona, surpreso, mas meneou a cabeça vagarosamente, a fim de atrair explicações. A anã apenas levantou uma sobrancelha para exprimir:

- Labaki não foi sócio de Comperteiro?

Ele foi cuidadoso:

- Mas você se refere a Labaki e...

A trouxe foi ao chão novamente:

- Isabel, obviamente! Nosso patrão não é esse deus da beleza para pegar todos os homens em quem põe os olhos! Já é fato que este homem em especial é perigoso! Para quê expô-la novamente? E por que você iria se arriscar a acender essa nova faísca em uma lareira que pode incendiar uma casa inteira? Aliás, um país inteiro!

Ridell já não sabia quantificar o interesse de Labaki em encontrar Isabel.

*

Quantificar o interesse de Labaki sobre Ridell foi mais fácil para Amanda. Ao receber a informação de que um elfo chamado Ridell trabalhava para Comperteiro, ela percebeu seu descuido em aceitar com facilidade sua morte na Ilha das Flores. Ligou incorretamente a abordagem do elfo no hotel Palácio dos Jardins da Baía, na Ilha das Flores, como estratégia de Labaki, e se preocupou com sua própria exposição.

- O maldito testemunhou o mesmo feitiço em Martius e Ridell!

Seu subordinado foi discreto, pois pouco sabia dos assuntos pessoais da Condessa, mas tinha inteligência para dedução:

- Nosso homem na Capital de Katos pode neutralizar o elfo.

- Seria uma estupidez, nosso alvo é Labaki! Está bem claro agora que Comperteiro está ligado ao agente de Moros, só não estou certa qual dos dois dá as ordens. Pior, o quanto o reinado de Du Bouças está por trás deste artil! Como Ridell deve fazer a ligação entre os elfos de Femon, já que Leafir retornou, temos Ridell de Femon, Labaki de Moros e Comperteiro de Katos. Eles irão esmagar Racina!

- Moros não é um inimigo histórico, Condessa. Nem fazemos divisa com este país.

- Esquece do interesse de Moros em acabar com a escravidão em Racina? Agora faz sentido! Moros mediu a paz entre Racina e Katos sob esta condição. Havia algo mais que uma intenção humanitária, nos deixaram em uma crise nos primeiros anos e estamos desvelando este plano somente agora, talvez muito tarde. Precisamos saber mais sobre

Labaki para descobrir os inimigos em Moros. Não posso chegar ao Duque de Fraga com a acusação à realeza de Moros sem provas, são aparentados. – Hesitou. Balançou a cabeça para reorganizar o raciocínio. – Por enquanto, consideremos que o próprio general elfo, que criou essa seita armada é a liderança em Femon, e foi se encontrar com Labaki e com algum agente de Katos na Ilha das Flores. Eles não esperavam que eu estaria lá, como armaram bem! Como fui ingênua! Decerto pensaram que eu havia descoberto o plano e tentaram me vigiar, depois decidiram me eliminar!

Ela caminhava pela sua confortável sala, cabeça abaixada a fitar mentalmente os fatos que descrevia. Os motivos geométricos dos tapetes eram entrelaçados, como os laços que ela finalmente atava. Decidiu:

- Avise a Mathias para ser mais agressivo. Comente da ligação de Ridell com Comperteiro, mas diga para usar este último para chegar a Labaki. Ele tem relações familiares e sociais e, portanto, é um alvo mais fácil. Ridell é um contato de Leafir, e nossos agentes estão bem infiltrados na seita. – Jogou-se no divã. – Eu não faço ideia como Labaki anulou o feitiço sobre o elfo.

Ao receber as instruções enviadas a Katos, Mathias Felin cuidou de cumprir as ordens, iniciando com a distribuição das obrigações: ele próprio cuidaria de Círio Mantina enquanto Belina abordaria Olmar de Atavanel.

- Por que não o elfo?

Mathias não gostava de passar todas as informações a subordinados.

- Ele é casado. E o outro é mulherengo.

- É casado com uma anã, não deve estar satisfeito.

- Já teve uma anã na cama?

Ela fez cara feia.

- Nem eu. Se não sabemos como é, fique com o que é certo: Olmar, vindo da cidade de Atavanel.

Ela ainda o alertou:

- Sabe que nossos meios serão bem parecidos, eu com Atavanel e você com Mantina, não sabe?

Mathias não se abalou, sem parar de organizar a papelada:

- Faço o meu trabalho, Belina. Somente o meu trabalho.

Ela aceitou a explicação, mas não deixou de se insinuar no ouvido de Mathias.

- E que história cativante José irá contar a Círio?

Ele largou os papéis.

- Tem razão, preciso de novo nome. Conrado. E você é Dora. Lembre-se, o nosso João colhe indícios em Valdoa e estamos aqui para cercar o mais antigo contato de Sávio Labaki em duas frentes. Antes de Comperteiro, ele não existia. No entanto, qualquer

informação que se relacione a Racina deve ser registrada. Lembra-se dos nomes de interesse?

- Leafir, um elfo, Martius, Tonio, Ella, músicos, Lucha, não sei o que ela é – Mathias fez um gesto vago – e Basra, um veterano recentemente ressurgido em Valdoa.

- Exatamente, Belina – corrigiu-se – Dora! Está pronta para usar os seus talentos, mesmo que não seja capaz de contar uma boa história a Olmar de Atavanel?

- Darei a ele uma história para contar.

Mathias não sorriu:

- Lembre-se que um bom agente entra e sai na vida do ingênuo sem que este jamais desconfie do que participou.

O ingênuo Círio esperava apreciar uma taça do vinho de Fraga, enquanto os dois reinos não rompessem as transações comerciais, em um estabelecimento refinado e de pequeno público. A reserva era pelo tipo de frequentador, geralmente abastado pela prática de negócios arrojados pouco explorados por investidores conservadores. Rinaldo Terranova passou por ele apressadamente, até onde pediria um aperitivo servido nos cristais de Batistéia, vendidos com desconto no mercado pela isenção dada por si mesmo aos impostos de importação. Justina Catamansa, mais conhecida como Justa Catacobra, estaria no centro do salão a exibir suas joias em uma mesa ampla de dois lugares ocupada por outras mulheres ligeiramente mais novas e com propositadamente joias de menor valor. Caso Círio tivesse entrado, perceberia claramente que era uma reunião de negócios, pois embora cada uma daquelas mulheres conseguira preservar alguma beleza após longos anos de labuta, abandonaram a profissão original para administrar um dos bordéis de madame Justa. Eventualmente, uma ou outra lançaria olhares para o insistente Pomelo Carimbeiro. Ele era conhecido por insistir em traficar escravos onde a prática havia sido abolida, fosse recentemente ou há centenas de anos. No entanto, Círio nada testemunhou naquela noite.

Seu olhar foi captado pelo gigante mastim erituveano que seguia fielmente seu dono sem coleira ou palavra de ordem. Cheio de si, com razão, o estranho e seu amigo de quatro patas se encaminharam para a porta que Círio acabara de passar. No entanto, ao vislumbrar os elegantes bem ou malnascidos que costumam circular no salão a exibir seus atributos por meio das finas roupas, joias ou companhia que podiam comprar, ele ouviu uma voz se exaltar.

- Absurdo! Me explique por que cães bem tratados e adestrados não podem entrar!

Foi pelo curto tempo que a jovem Malva ficou a seu serviço que Mathias Felin soube de outra paixão de Círio: os cães. Fossem pequenos, grandes, de companhia ou de caça, Círio amava os bichinhos. Soube também que a medicina deveria ser a terceira ou quarta paixão em intensidade, mas naquela noite, uma raça de grande raridade vinda de tão longe seria mais útil.

Como esperado, Círio recuou em solidariedade a este dono impedido do direito de diversão por ignorantes preconceituosos. Entrou na discussão com cuidado para evitar ofensas e, embora também indignado, foi mais condescendente com as mentes inferiores

e afastou a vítima do estabelecimento antes que um escândalo se formasse. Não foi por política aos proprietários do estabelecimento, mas por afinidade que convidou o dono para um outro local menos excludente.

A empatia ajudou Conrado a controlar sua revolta e aceitar a oferta do único estranho favorável à sua causa.

No balcão cercado de bougainvilleas ao ar de uma noite fresca, Círio lamentou que seu país não fosse evoluído neste quesito como era Andreada, o que levou Conrado a levantar a hipótese de que alguns males são necessários para manter o equilíbrio do mundo, pois quando justos são prejudicados, a própria natureza os abençoa com bons agouros a fim de compensar os danos. Como evidência dessa hipótese, ele apontou aquela própria noite que se iniciou com o prelúdio de uma grande frustração para se tornar a promessa de uma nova amizade. Como argumento, ele contou uma história sobre a perda de um ente querido que levou um comendador fictício à beira da desgraça, a ponto de perder a compreensão dos familiares, sua imagem, suas relações sociais e, por consequência, seus negócios e seus bens. No entanto, a vida o compensou com a liberdade. Seu novo mundo abriu uma gama de perspectivas que ele não aceitava anteriormente, onde as amizades se tornaram mais verdadeiras entre pessoas profundas, mais profundas que seus próprios problemas.

Mathias construiu os detalhes da narrativa com leves referências ao mundo de Círio, às escolhas das personagens e às correntes que as prendiam, manipuladas pelas mãos dos semelhantes que diziam amá-las. As palavras inspiraram Círio, porém penetraram em seu íntimo pela porta da empatia. Quando se tem tanto em comum, como o amor que Conrado tinha por bichos de companhia, não é possível haver engano no julgamento de caráter.

No mesmo bairro, um feiticeiro viu a corrente no ar que engendrava mais uma vítima. Chegou à janela e a viu correr para um local frequentado pelo público, sem relação com seu mundo ou conhecidos. Perdeu o interesse e voltou aos seus afazeres.

No elegante bairro a sul, a corrente foi sentida como uma energia manipuladora que comprometia o livre discernimento de uma alma. Ao localizar Ridell, Comperteiro e outros de suas relações, Aida praguejou por saber ser prudente ignorar a mais recente vítima de uma magia que em poucas vezes tivera oportunidade de intervir.

*

Fúlvio foi ríspido ao saber que Círio havia perdido a oportunidade de abordar o contrabandista Rinaldo Terranova por simples afeição a cães.

- Simples? Era magnífico, o maior e mais belo mastim erituveano que já deitei os olhos! Se você visse como o pelo dele deslizava sob o vento, como ondas brilhantes negras marcadas por uma marcha caramelo...

- Círio! Fui trocado por um cachorro!

Círio se calou, olhando para os pés. Evitou falar de Conrado, o dono mais encantador que o animal. Tampouco descreveu a noite literalmente mágica que teve, encerrada com a promessa de novos encontros naquele mesmo balcão. Por um minuto pensou em contar e incluir Fúlvio naquela amizade desprovida de intenções políticas, mas algo se mexeu

dentro dele que considerou ser prudente não os colocar no mesmo ambiente. Desta sensação, começou a perceber outras.

Sem evitar de repreender Fúlvio, levantou a cabeça:

- Você fala como se eu tivesse que escolher entre os animais e você! Vai impor condições agora? Depois que me mostrou o seu lado sensível em relação a eles?

Fúlvio suspirou antes de se retratar:

- Não, nunca. Isso é parte de você, não queria impor, mas ontem precisávamos deste contato, você me prometeu.

- E cumprirei! – Tocou os ombros de Fúlvio. – Só preciso de tempo. Ontem não tinha mais clima!

Fúlvio deu dois tapinhas na mão de Círio antes de se desvencilhar, sem condições de fazer o mesmo com os seus problemas.

A cobrança de Durvaal Talquar já se tornava interrogatório, que era mais ágil que as provas que Comperteiro conseguia reunir. Ele pedia tempo para remexer papéis armazenados, assim como culpava seu contador pela morosidade. Quando o Conde de Ataloana pressionava, ele pingava mais uma das histórias que ouvira de Labaki.

- Embora não se tenha levantado um passado para Sávio Labaki, ele tinha bagagem. Sua linguagem era requintada, assim como seus gestos e trajes. Seu conhecimento remontava a séculos, gostava de citar a história antiga com mais fervor e segurança que a recente. Ele chegava a trocar os nomes de alguns lugares, ou a alçar uma referência em localidades de civilizações antigas. Diria que tem erudição.

- Está dizendo para investigarmos mosteiros e academias?

Comperteiro acenou afirmativamente. Talquar apoiou os cotovelos na escrivaninha para descansar os indicadores sobre a boca, o resto dos dedos entrelaçados. O interrogado aguardou sem vontade de induzir a próxima pergunta.

- Como se conheceram mesmo?

- Ele me abordou em local público, alegando ter uma proposta que poderia me interessar. E, realmente, as ervas de Atavanel foram um bom negócio. Deste, vieram outros.

- Qual o seu papel no negócio?

- Nome, influência. Labaki chegara a Valdoa há pouco, com tino para comerciar e nenhum contato, e eu sempre fui bem relacionado.

- E ofereceu 60% por algo que o usual é 10%?

Fúlvio disfarçou uma leve mudança na respiração.

- Claro que não! Eu exigi! Levantei-me por duas vezes para abandonar a discussão, ele foi recuando. Difícil, mas consegui.

A ironia do Conde foi óbvia:

- Meu caro, você é um gênio! Ao reverter 10% em 60% com um homem que tem excelente tino para negócios e uma rede de espionagem internacional por trás de suas ações! É admirável como enredou todos a seu favor!

Fúlvio não se abalou, esquivou com um argumento e contra-atacou com outro:

- Também me achei um gênio na época. Na verdade, fui um tolo orgulhoso de sua própria falta de inteligência. O interesse dele era em se infiltrar, cedeu facilmente no jogo que eu pensei dominar com maestria. Hoje vejo! – Suspirou.

Não levantou os olhos para conferir as adagas do julgamento final que o conde lançava com o rosto, fossem por desprezo ou desconfiança. Pela primeira vez, torcia para que alguém o fitasse com desprezo.

A pressão de Ataloana não era a única aflição. Em intensidade menor, porém ainda um incômodo, eram as palavras de duplo sentido no ar que Isabel Eduína voltara a lançar, o que indicava que demandava mais atenção de Fúlvio. Às vezes ele se perguntava o quanto era necessário manter a boa convivência com ela, então se lembrava da época em que era solenemente ignorado e como a sensação de sua aprovação superou a desaprovação de todos os nobres de Valdoa. Um simples olhar ou sorriso que indicasse que ele estava à altura o enchia de uma satisfação que expiava seu martírio junto ao barão, seu sogro. Assim, ele precisava balizar seu tempo com Círio para valorizar a convivência com a esposa. E por este motivo Círio fora enviado para o contato com o contrabandista, cujo desfecho fora decepcionante, agravado pela pressão do Conde sobre suas relações com o detestável Sávio Labaki.

Por sua vez, Círio Mantina estava renovado para enfrentar novos desafios. Seu espírito estava leve ao vislumbrar a imensidão de perspectivas que se abriam à sua frente. Seus encontros no balcão com Conrado e seu magnífico mastim, Tufão, tornaram-se frequentes a ponto de serem transferidos para um quarto na beira do rio, também de vista aprazível, porém sem a presença do cão.

O soturno Fúlvio Comperteiro era tão contrastante com o faceiro Círio Mantina que não passou despercebido por ninguém. Se Guida Mantina aprovou os ares saudáveis da Capital, Isabel Eduína Petrosa Comperteiro elogiou a postura positiva de Círio para com a política na frente de seu esposo, o que levantou a desconfiança necessária para que Ridell fosse acionado.

- Descubra! Quero todos os passos, todas as companhias, todos os lugares!

Ridell desabafou com Aida ter que abandonar as tarefas superiores de lidar com traficantes e contrabandistas a fim de evitar uma acusação de traição à pátria para investigar uma enfadonha traição amorosa.

- Então resolva logo para voltar a seus afazeres tão sujos quanto a bunda de um porco.

Ridell esperava comentário neste estilo e já tinha a resposta:

- Afazeres de grande responsabilidade. Meu talento é desperdiçado ao investigar alcovas, pois me desdubro em cuidados exagerados com esses que você diz sujos. Lembre-se que me infiltro nesses meios e nada respinga nessa casa, muito menos em você. Investigar amantes é tão baixo que não vale metade do financiamento mensal de meu empregador.

O empregador era referência a Labaki, e Ridell viu o quanto se enganou ao ver o tal José, que abordara Malva, sair da hospedaria deixada por Círio minutos antes. Ao relatar ao seu empregador, ele tremia ligeiramente:

- Amanda de Aflatin novamente.

- Eu disse que ela lançou suas garras nessa empreitada.

Labaki tomava um chá tranquilamente, mas seus olhos azuis pareciam chispar com raios lançados sob um céu claro. O vazio que fitava estava cheio de imagens criadas em sua mente, cuja lógica era inalcançável ao elfo, que aguardava receoso o julgamento de Sávio ao incluir a condessa na trama. Seu incômodo foi percebido.

Da poltrona de madeira simples, ele avaliou o elfo. Tinha as pernas cruzadas e o pires e a xícara na mão, corpo ligeiramente inclinado para o lado a tomar distância para julgar melhor. Ridell reparou que a posição deveria arremeter para uma certa feminidade, porém ela inexistia naquele novo ar sereno com que Labaki o analisava que anulava qualquer concepção relacionada a gênero na sua postura. Mais uma vez, ele controlara suas reações e esfriava seu temperamento como um réptil que adapta a sua temperatura corporal àquela do ambiente.

O pensamento do elfo aterrissou pela pergunta lançada no ar:

- O quão tranquilo você está quando se fala em Amanda de Aflatin?

Ele considerou que a sinceridade era menos arriscada:

- É parcial. Estou consciente de que irei falhar se estivermos próximos. Essa ideia pode me desestabilizar mais que o próprio encontro.

Labaki chicoteou:

- Errado. A influência dela será maior do que seu medo. – Ele descruzou as pernas, em conclusão. – Contudo, louvo sua prudência em temê-la. Evitar a condessa será fácil, pois ela não poderá pisar em Katos sem ser notada. E para satisfazer seus anseios à distância, vamos alimentar a imaginação da bela a fim de que não se lembre que os bardos existem. A política do reino é uma excelente distração. Vamos reverter nossa estratégia. Deixe que o espião de Aflatin permaneça em ação. Em paralelo, vamos mostrar a Racina e a Katos o quanto Comperteiro está mal-intencionado. É hora de sabotar o seu patrão.

Ridell hesitou:

- Mas... não quer bloquear qualquer conexão desse atentado com os bardos?

- Antes Bouças, que nada sabe deles, do que Rêmulos. Além disso, o acesso aos bardos exige chegar a Moros, a Femon e ao Pontal, ou simplesmente a mim. Eles podem até enviar agentes a esses países, mas estou tão mais próximo e disponível...

Não terminou. Ridell fingiu acreditar que Labaki fosse tão intocável quanto se esforçava em demonstrar, a ponto de se perder nas palavras não pronunciadas. Labaki não percebeu, visto que foi a lembrança do paradeiro de Lucha, ali bem perto na costa de Katos, que o interrompeu.

*

O mercado da Capital era o mais intenso do reino em volume de negócios, em número de pessoas, em intensidade dos odores e em saturação das cores. Essas qualidades criavam cenários tão carregados que, combinados à variedade de corredores estreitos e cobertos pela cacofonia dos vendedores ansiosos em destacar suas vozes na multidão, confundiam os novatos desorientados que davam voltas e voltas até chegar ao choro quando desistiam de escapar daquele labirinto de percepções. O drama gerou uma profissão inusitada em qualquer outro local, mas vista com naturalidade na Capital, o guia de mercado.

Aida não precisava de guia. Seu tempo em Valdoa exigia visitas frequentes à Capital e ela aprendeu a se orientar, a identificar totens estrategicamente registrados em sua mente, como torres que se esgueiravam acima das tendas coloridas sobrepostas e espaçadas para permitir a ventilação, ou bancas de produtos específicos cujo olhar treinado da anã identificava como únicos. Ridell apenas a acompanhava na sua vã tentativa de convencer Aida a largar o que ele chamava de missão kraken.

Mesmo que o ruído proporcionasse uma certa privacidade para uma conversa reservada, eles falavam em código. Ou melhor, desentendiam-se em código:

- Perdeu o juízo quando caiu do berço élfico de carvalho que seu pai cortou com...
- Você é que perdeu o juízo! Está cada vez mais perigoso! Não vale a missão k.
- Não vou abandonar anos de dedicação nesta terra sem saber o motivo que me trouxe aqui – insistiu a anã.
- Você já me ajudou, ajudou o senhor, ajudou a jovem. Sua missão já acabou.
- Não é nenhuma delas, seu imbecil!
- Como pode saber, sua anã burra!

As imprecações não precisavam de código.

- Porque nenhuma me deu certeza de que fazia a coisa certa?
- Certa? – Ele segurou os braços de Aida, fitando-a de frente. – Não foi certo ajudar M?
- M?
- A jovem.
- Não sei. O que vi era perigoso, está bem, ela quis ir, mas era muito perigoso sim. Os comerciantes honestos com que você anda lidando nem chegam aos pés do que descrevi.
- Os que estão por trás do senhor C, do namorado, da esposa e até de mim são tão perigosos quanto!

Aida não aguentou a piada:

- Rá! Não vai me convencer nem que suba num galinheiro com as mãos amarradas...
- Cabelos de fogo!
- ... e grite... Eu te contei isso! ...e grite...
- Pés tortos!

Aida o fitou com estranheza:

- Eu não te contei isso!

- Eu já o vi! Ou um igual, do mesmo povo, não sei! Em Carior também. Só que não era um sonho, eu estava lá. E as fadas, e algumas outras coisas.

Um arrepio passou por sua espinha. Quebrara sua promessa de nunca comentar o fato. Aida percebeu algo. Murmurou:

- O que houve, Ridell?

Ela se referia à palidez, ele pensou que ela queria mais informações.

- Eu não posso contar mais. O que disse é suficiente para que ele tire minha vida.

Aida pegou em sua mão e tomou o rumo de casa. Ia insistir quando estivessem a sós no quarto, mas ele cambaleou no caminho, correu trêmulo até um canto e disponibilizou a última refeição para análise dos transeuntes. Aida segurou sua cabeça, ajudou-o a sentar na calçada e murmurou algumas palavras. Quando ele recuperou parte das forças, ela ajudou-o a sustentar seu peso até chegarem a uma taverna. Pediu água fria e pão seco.

- Descanse um pouco. Quando chegarmos em casa conversamos sobre isso.

- Estou morto.

Aida o avaliou com profundidade.

- Não está.

- Eu tinha um segredo, o quebrei.

- É possível reverter alguns compromissos.

- Sou amaldiçoado, Aida.

- Se fosse, eu saberia, Ridell.

Ele a fitou, em dúvida. Via a mesma tranquilidade de Labaki.

- Você não sabe a metade! Eu nunca lhe contei, como pode ter essa certeza?

- Certas coisas não precisam de palavras, meu provável kraken. Você está seguro.

Ridell sentiu a água fria lavar o amargo de sua boca. A garganta ainda queimava pela agressão da bile. Aida derramou parte do conteúdo da bilha em seu xale e passou na testa do elfo. Estava concentrada em seu paciente e não reparou no homem que se aproximou, dizendo abruptamente:

- Elfo! Atenda ao chamado de Faemon Handra. Os elfos são convocados para a batalha. É a libertação de Belerod que está em suas mãos!

Entregou um panfleto e se afastou. Aida xingou o homem com palavras rápidas e arrancou o panfleto das mãos trêmulas do elfo. Empalideceu ao ver que Ridell compreendiera como iria morrer.

*

Em sua cabeça, ela ainda ouvia a voz do elfo:

- Sabe o que fiz de mais honrado nestes últimos anos? O que você fez a Malva. Nem fui eu! Não ouse me tirar a chance de uma morte por uma causa. Só espero poder lutar antes que Labaki me alcance.

A última conversa de Ridell com Aida trazia a menção de seu empregador pela primeira vez. Embora não tivesse conseguido tirar mais nada dele, o nome foi o suficiente para direcionar sua busca. Ela não tinha mais os olhos vermelhos quando encontrou a indicação do paradeiro de Labaki nos pertences que o elfo deixou.

Repreendeu-o, como se ele ouvisse:

- Seu cretino desleixado!

Tampouco o impediu de ir, mesmo tendo acesso a meios lícitos e ilícitos para mantê-lo na Capital. Ela não poderia justificar o seu propósito se inibisse a vontade do elfo de abraçar uma causa para continuar a servir a uma criatura ardilosa e cheia de más intenções como este Labaki. Assim, entregou-se à vontade de Ridell e se incumbiu de remendar o estrago que ele provocara em si mesmo.

Ela bateu na porta da casa de campo que parecia ocupada, mas ninguém atendeu. Pensou em dar a volta para investigar quando viu uma figura sentada em cima do muro de pedra a fitá-la com curiosidade. Ele estava relaxado, uma perna sobre o muro a sustentar o braço, a outra solta no ar, estava longe de ser o assassino mortal a que Ridell se referia. No entanto, Aida não se deixava enganar com aparências.

- Procuro o senhor Sávio Labaki, venho em nome do elfo Ridell.

Ele sorriu, receptivo:

- A anã! Aida? – Saltou do muro para se aproximar em um passo displicente. – Estava curioso em conhecê-la! – Abriu a porta, dando espaço à visita com um tom caloroso na voz. – Por favor, entre.

Aida estava intimidada. Embora avistasse o ar lupino por trás do sorriso amistoso ao passar pelo batente da porta, não recuaria. Evitaria rodeios também, a fim de abreviar sua expectativa, e não esperou que ele dominasse a conversa:

- Ridell se foi.

Labaki ia oferecer um chá, mas a pergunta o pegou de surpresa. O seu tom amável foi substituído por um mais seco.

- Morto?

- Ele se foi.

Aida se voltou a Labaki, encarando-o:

- Vim assumir sua dívida, tomo o lugar do elfo.

Labaki duvidou a princípio, mas viu a segurança da anã que se oferecia em postura de desafio. Ele a avaliou de alto a baixo, e murmurou para si:

- Como se fosse possível. – Viu que ela o fitava com ar severo, então ele ampliou sua voz para proferir sua decisão. – Não tem condições.

- Não duvide de mim. Eu sou...

- Não tem condições de salvá-lo. Não desejo seus serviços.

- Serei mais útil do que a morte de Ridell.

- Você sabe onde ele está?

- Não, mas não tiraria essa informação de mim.

Ele se moveu devagar para dar a volta por Aida, medindo-a de cima a baixo. Ela mal respirou, mas levantou a cabeça a mostrar não temer a tortura que acreditou que ele considerava para arrancar o paradeiro do elfo. Seu pulmão soltou o ar de uma só vez quando ele esclareceu:

- Ridell tinha funções que você não pode cumprir.

Ela se recuperou rapidamente:

- A principal era manipular Fúlvio Comperteiro. Estou à altura.

- Já matou alguém?

- Faço melhor, eu salvo vidas.

Aida ouviu um riso baixo às suas costas. Ela não soube se por complacência ou desprezo, mas manteve seu plano em apresentar suas qualificações:

- Tenho experiência de somente doze anos em nível dois, pois meus talentos eram suficientes para saltar o nível um. Hoje sou Tri-maga Terapêutica em nível seis...

Ela percebeu, na mudança do tom de voz e na interrupção à altura, como ela finalmente o surpreendera:

- Corpo, mente e alma!

Agiu com naturalidade para segurar o terreno recuperado:

- Vejo que conhece a origem de minha formação.

Labaki percebeu que ela não entendia com quem estava. Ele mal acreditava. Completou o elogio:

- Além de uma somnificilus!

- Ridell contou? Sou, mas isso é só uma brincadeira.

- Certamente é, considerando ser uma maga de terapêutica completa em nível mais alto fora dos muros da Cidade Elevada de Elthor.

Era hora de mostrar mais, mesmo com o perigo implícito no informe:

- O limite permitido é nível cinco.

Labaki apertou os olhos:

- Então está irregular!
- O que não é problema para o curriculum de seus contratados.

De fato, não era. E ter a seu serviço uma Alta Sacerdotisa de Elthor era mais do que esperava obter de Ridell. Desejava mais respostas, mas ele não queria se expor à anã até ter a certeza de que seu título era real. Precisaria testá-la e deixar que suas habilidades fossem reveladas naturalmente. Sabia que certas coisas tinham o seu tempo, como tinha a própria vida de Ridell.

- Aceito sua oferta. Que Ridell descanse sem minha interferência.

Aida não entendeu se ele tinha sido irônico, ou se realmente conhecia o destino do elfo.

*

Duas missões foram inicialmente exigidas de Aida.

A primeira foi vigiar Círio e seu novo amante, de nome Conrado ou José. Como uma anã a frequentar a travessa do Repouso da Garça poderia ser mais explícito que um elfo, ela se valeu de algumas contratações. Em paralelo, fez amizade com o dono da hospedaria, a quem fornecia velas diferenciadas para hóspedes diferenciados. Como viúva recente, ela frequentava a cozinha da hospedaria onde se confraternizava com trabalhadores em algumas noites de folga. Ainda não tinha deitado os olhos no tal Conrado, mas sua descrição foi suficiente para que pudesse acompanhar seus passos.

Ao invés de contratar alguém para segui-lo, criou o que chamou de sistema de observação estática, baseado na construção da rotina do observado. Por onde ele passava, ela colocava ou deslocava um observador para o dia seguinte, de maneira a ampliar o percurso coberto até chegar aos contatos do homem. Seus corujas, como ela chamava, reportavam hora e companhia, trajas e humor de Conrado José. Descobriu que ele se encontrava com uma mulher além de Círio, que depois teve sua rotina descortinada pelos corujas para coincidir com a descrição de Dora, a cativante namorada de Olmar.

Aparentemente mais simples do que a rede de observadores que criou, porém mais delicada, era a promoção do encontro de Sávio Labaki com a senhora Isabel. Que Labaki tivesse talento para entrar na mansão dos Comperteiro sem ser notado era fato, mas evitar que a senhora divulgasse a informação nos dias subsequentes era a sua preocupação.

- Fique tranquila Aida, se ela falar, reduzirá seu trabalho. Caso contrário, você terá que comentar com Círio.

A anã se lembrou do suposto caso de Isabel com Labaki, mas confiou em seu chefe para preparar os detalhes que preferia ignorar. Ela já teria trabalho em roubar os falsos comprovantes que Fúlvio Comperteiro conseguira com a ajuda de Ridell para fundamentar sua inocência. Este era um desdobramento da segunda missão, pois teria apoio direto de seu empregador.

Fúlvio gastava tempo e dinheiro em carteados e outros jogos aristocratas para se infiltrar em grupos seletos que poderiam se pronunciar em seu favor no futuro próximo. Esta parte de sua estratégia dispensava os serviços de seu único segurança, Olmar, e requeria a participação corriqueira de Círio Mantina.

Ao se retirar para mais uma reunião no início da noite, abandonara a discussão inacabada com Isabel Eduína.

Aida abriu a porta dos fundos, onde Labaki aguardava encostado displicentemente à parede, mãos nos bolsos e um pé a chutar pedriscos da calçada do jardim. Era preciso ser um bom observador para perceber o ar predador por trás daquela postura despreocupada.

- Tiveram uma discussão pelo senhor Comperteiro sair, mais uma vez, ao encontro do senhor Mantina. Ela não está de bom humor.

- Promissor.

Não era o comentário que Aida esperava. Levaria tempo para entender a lógica deste trabalho herdado do cretino do Ridell. Algo doeu dentro de si, pois não conseguia mais praguejar contra o elfo como antes.

Ridell nada pediu e ela não ofereceu. Caso ele soubesse do compromisso que ela assumira para lhe dar tempo, ele devolveria todas as imprecações que um dia ouviu dela. Não obstante, Aida sentia mais do que nunca que encontrara o caminho iniciado do chamado em Valdoa. E se pagar sua dívida para Sávio Labaki era a parte mais difícil do socorro ao elfo, ela o faria da maneira mais justa possível para finalmente fechar o ciclo deste estranho evento que desviou seu caminho e sua dedicação ao sacerdócio da cura. O que o espírito de Elthor reservara a ela quando retornasse, bem, não era possível saber. Do exílio à reclusão completa, ela apenas sabia que a punição seria severa. E mais severa seria conforme o que Labaki a obrigasse a executar.

Aida o acompanhou até a saleta íntima, onde Isabel recebia os amigos próximos e parentes distantes, lia suas obras prediletas, escrevia e respondia cartas e planejava o próximo evento de caridade. A sala retangular de janelas altas quebrava a simetria arquitetônica pela quinta janela cuja função exclusiva era iluminar uma mesa de gabinete ao estilo masculino, herança do Barão de Baixo Campo que Isabel não aceitou ceder ao esposo. A escuridão recente nada beneficiava o canto mais usado, mas a lareira da parede oposta era a segunda âncora que atraía Isabel para o sofá canapé com banquetas almofadadas que ela usava com mais frequência para apoiar pequenas bandejas do que para sustentar os pés que não se cansavam.

A anã parou na frente da porta fechada, atenta às laterais para evitar ser surpreendida por algum outro criado. Ele parecia agir como um convidado corriqueiro da casa, que nem se importou em colocar sua melhor roupa. O que Ridell descreveu da criatura de aparência impecável e roupas finas dos melhores alfaiates não correspondeu com o que Aida conheceu. Longe de estar malvestido, sua neutralidade o faria se passar por um nobre despojado com as aparências, um comerciante em ascensão ou um funcionário público do médio escalão. “Ele não quer se destacar!”, concluiu. Ela se censurou ao pensar em roupas. Reteve-se à porta como a adivinhar a cena por trás da madeira de carvalho pesado. Labaki aguardava ao seu lado. “Esse desgraçado seria capaz de ordenar que eu matasse quem quer que aparecesse aqui”. Virou a cabeça para ver que ele a observava com paciência. Ele pareceu adivinhar seus pensamentos.

- O que fará se aparecer alguém? – questionou-a.

- Eu cuidarei disso. A testemunha ficará confusa.

- Não acha arriscado?

- Ela não saberá se é real até se convencer de que não é. Peço que confie em minhas habilidades.

Ao terminar de dizer isso, ela percebeu que ele confiava, mas tinha prazer em vê-la lutar para se posicionar. Como já se expusera, deixou as precauções de lado:

- Não vai machucá-la, vai?

- Se eu a ferir, você conserta.

Aida o odiou, pois sabia que era fácil assim. Para ele.

- Estou aguardando, Aida.

A anã abriu a porta, Isabel estava de pé junto ao candelabro a ler uma carta.

- Senhora, vou me recolher, deseja algo mais?

- Não Aida, está dispensada.

Labaki deu três passos silenciosos para dentro. Aida agiu como se ele fosse invisível, mesmo quando Isabel levantou os olhos famintos e mostrou os dentes, ela se voltou até porta e se retirou a caminho do gabinete de Fúlvio Comperteiro.

Labaki não se mexeu nos primeiros segundos, mas recitou:

- Isabel Eduína Petrosa Comperteiro!

- Sávio Labaki!

Ele se aproximou devagar, um ligeiro sorriso gentil nos lábios. Em contraste com aquela mansidão, Isabel se aproximou de súbito e o beijou. Ele não se desvencilhou, embora não tivesse retribuído. Restringiu-se a dizer:

- Ah, Isabel.

- Não ouse me recusar, Sávio!

Então ele se desvencilhou.

- Que promessas a fiz?

- Além de retornar?

- Não estou aqui?

- Não desvirtue as palavras! Desapareceu depois da viagem a Andreada. E regressa para destruir Fúlvio.

- Não, não. Nada fiz além de beneficiar o seu esposo. Ele foi descuidado, não tomou providências básicas para comprovar o surgimento mágico de uma grande fortuna.

- Ah Sávio, me poupe! Não precisaríamos nos defender se não fossem seus feitos na Ilha das Flores. Realmente tentou matar uma condessa?

- Não soube que ela me inocentou?

- Dormiu com ela?

Ele riu e baixou a guarda de cinismo que começava a erigir. A simulação nunca fora necessária com Isabel, pois se assumiram desprovidos de escrúpulos desde o início da relação corrompida que partilharam.

- Essa pergunta não combina contigo.

- Quero saber se você realmente pretende prejudicar Fúlvio.

- Nada do que eu faço é por causa dele, ou para ele, Isabel.

- Então revele-se! Se Racina nada tem contra você, esclareça tudo aqui e livre Fúlvio.

A preposição foi vagarosamente pronunciada:

- Nada é para ele, Isabel.

Ela adocicou a voz:

- E por mim?

Ele gargalhou:

- Suponho que vai tentar me convencer.

- Não com palavras. – Encostou seu corpo ao dele sem ser rechaçada. – Diga o que quer de mim.

- Foi você quem me chamou.

- E você não viria a fim de satisfazer meu desejo. O que quer de mim?

Ele enlaçou sua cintura.

- Na verdade, vim por saber que, desta vez, irá contar a Fúlvio.

Ela exigiu:

- Para que eu faça o que você quer, trate de me agradar.

Quando Aida se colocou à porta com os documentos na mão, não esperava aquele som como o de uma negociação em uma conspiração internacional. Quando ela entregou os papéis, não esperava que a ordem fosse tão clara.

- Círio Mantina deve saber que você viu alguém cuja descrição é idêntica à minha.

- Vai chegar a Conrado José.

- Com certeza.

*

O encontro fortuito de Isabel Eduína Petrosa Comperteiro e Sávio Labaki percorreu todos os ouvidos. Em primeiro lugar, o de Comperteiro:

- Você ultrapassou os limites, Isabel! Você pode ser acusada de cumplicidade.

- Como você? Querido, eu fui uma vítima. Ele entrou nessa casa e você não foi capaz de me proteger.

- Tenho certeza de que foi tão horrível quanto das outras vezes!

Ela parou. Não esperava que ele tivesse conhecimento do caso passado. Não importava.

- Se eu o atrair outras vezes, poderemos pegá-lo.

- Esse é seu plano?

- Inicialmente não. No entanto, é o que acredito que possamos alcançar.

Ele perdeu a paciência:

- Você queria alimentar sua vaidade!

Isabel aceitou a provocação:

- Porque meu esposo a espezinha!

- Você acha que ele virá a seu chamado? Nunca mais! Ele levou todas as minhas provas!

Ela emudeceu. Não esperava por aquilo, pois era desnecessário:

- Ele não precisava me procurar para tirar o que é seu, Fúlvio.

- Ele queria entrar nessa casa!

- Não o subestime. Ele entraria quantas vezes quisesse. Há algo mais que não estamos entendendo.

De fato, não assimilaram o verdadeiro alvo do boato. Apesar de frustrado com a imprudência da esposa, Comperteiro evitou os ouvidos de Círio. Coube a Aida corrigir a discricção de seu patrão ao comentar frivolamente com os criados dos Mantina.

De sua parte, o indignado Círio acusou Isabel com todos os adjetivos de leviana à promíscua ao desabafar com Mathias:

- Você não tem ideia do que significa o descuido dessa inconsequente!

- Não consigo conceber.

Ele realmente não se deu ao trabalho de conceber, mas de informar a Amanda. Ela, por sua vez, concebeu o que entendia como certo.

- Esse caso com a esposa pode ser uma manobra proposital, ou o casamento pode ser uma mentira. – Ela percebeu protestos entre os seus colaboradores. – Não é? Senhores, Comperteiro não tem um amante? Eu não disse ilegal, eu disse mentira. O que sabemos é que Katos realmente participou do atentado. Resta saber até qual nível hierárquico essa trama se estende. Nosso próximo passo é comprovar o interesse de Ataloana nesse Labaki. Vamos ver o quanto ele caça um inimigo ou protege o seu próprio agente.

Essa decisão levou Dora a se indignar com o escândalo arrancado de Olmar, afinal, a vida de uma nobre senhora não pode ser exposta de maneira tão vil. Destacava como ela errou em se envolver com bandidos da pior espécie. Os dias falando para Olmar sobre decência,

fidelidade e até traição à pátria induziram o próprio segurança da casa Comperteiro a emitir comentários intolerantes sobre o caso enquanto bebia em uma noite de folga. Nesta mesma noite, o encontro fortuito chegou aos ouvidos de quem interessava à Condessa de Aflatin.

Primeiramente, Durvaal Talquar, o Conde de Ataloana, avistando a oportunidade de solucionar o atentado na Ilha das Flores e livrar Katos daquele perigoso imbróglio, emitiu um alerta para que o espião Sávio Labaki fosse localizado na capital a todo custo. Dedicou-se a acompanhar a investigação e deixou a convocação de Isabel Eduína Petrosa Comperteiro em segundo plano. Quando sua prioridade fracassou, decidiu interrogar a filha do Barão de Baixo Campo que negou veementemente qualquer encontro em nome de sua honra. Ataloana nada tinha além de maldizeres, pois não havia testemunhas do suposto encontro.

O retorno de Isabel Eduína para a mansão Comperteiro foi carregado de genuína indignação e leve tremor pela emoção:

- Eles acharam que me dobrariam!

Aida concordou:

- Enquanto forem com palavras, não conseguirão, senhora.

- Exatamente, Aida. – A perturbação do dia impediu Isabel de perceber além das palavras ditas. – Talquar quis me colocar no mais baixo nível de tratamento, eu me impus! Ainda tenho o sangue de Baixo Campo nas veias, o que ele está pensando?

- Ele pensa em usar outras estratégias?

- Ele não tem nada, não há provas.

Lembrando-se daquela noite, Isabel recobrou a calma e fitou a sua criada.

- Aida, o que se lembra daquela noite?

- Eu fui dormir cedo, senhora.

Isabel ponderou se ela tinha sido hipnotizada ou encantada.

- Nada mesmo?

- Bom, não pude evitar de notar poucas vozes elevadas entre o casal, mas isso não se comenta com estranhos.

- Decerto. E depois que Fúlvio saiu, viu alguém entrando na casa?

- Não senhora.

- Antes de seu esposo falecer, ele comentou sobre uma provável visita para mim?

- Não senhora.

O silêncio das mulheres evocou o bater dos cascos coroado pelo roçar das rodas nas pedras do calçamento. Aida podia ter disfarçado bem sua inocência, mas sua natureza não a deixaria se calar:

- Senhora, não acha que é hora de parar?
- Parar o quê?
- Ir embora. Para Valdoa ou outro lugar. Todos sabem de Círio Mantina, use isto para se afastar.

Isabel não acreditou na ousadia:

- Aida, esqueceu-se com quem fala?
- As coisas vão piorar. Um cerco está se fechando sobre este Labaki – evitou citar Comperteiro –, deve considerar usar a distância a seu favor.
- Não vou abandonar o meu esposo.

A anã insistia com sinceridade:

- A senhora não tem motivo para ficar ao lado dele.

Isabel sabia ser verdade, exceto pelo compromisso do casamento, pelo nome da família, pela aprovação de seu pai, pelos benefícios que poderia cavar e pela emoção que há muito não vivia.

- Eu sou a melhor chance de Fúlvio para atrair Labaki. Se o entregarmos, limpamos nosso nome.
- Se tentar, estará oficialmente envolvida.

- Creio que já estou. Talquar disse que ele parece um fantasma. Não foi uma menção por cortesia. Ele explicou que localizaram uma casa de campo que alguém com a descrição de Sávio teria alugado, porém nem havia sinal de ocupação recente. Ataloana está nos dando a oportunidade de localizarmos Labaki por nós mesmos.

Aida se mexeu no banco da carruagem. Desejava secretamente que ele fosse preso, mas sua palavra a mantinha atada ao seu empregador. A notícia que a casa de campo havia sido desativada era nova, ela não saberia onde procurá-lo:

- Tem alguma pista?
- Uma bem fraca, mas é a única e estamos sem opções.

Ao chegarem na mansão, Isabel Eduína Petrosa Comperteiro pediu um chá em sua saleta íntima. Quando Aida chegou com a bandeja, encontrou reunidos a senhora, Fúlvio e Círio de pé, a aguardá-la. Ao entender quem era a isca, a partida de Ridell, a coação de Labaki, a frivolidade de Isabel, a incompetência de Fúlvio e a falsidade de Círio levaram a anã ao limite, que atirou a bandeja no chão e praguejou com o último fio de paciência que ainda tinha:

- Seus quadrúpedes rastejantes na lama podre por completa inaptidão em andar! Ele se importa comigo tanto quanto um marinheiro se importa com o piolho de seu pentelho!
- Ele só precisa querer vir calar sua boca suja, anã.

Por confessar tão facilmente, Aida desejou cortar sua própria língua.

Enquanto não encontrava solução para uma fuga, Aida reconheceu que manter sua língua era útil para soltar as expressões tão baixas que se arrastavam como quadrúpedes sem competência para andar e tão sujas quanto os pentelhos do marinheiro com piolhos.

Ela esperava fugir na noite, ao ser deixada só ou sob um vigia. Mesmo quando a colocaram em correntes, não reagiu, pois achou prudente manter o segredo de seu poder. Poderia ter operado sobre um, mas os outros dois testemunhariam seu encanto de confusão mental, geralmente usados em cirurgias para reduzir a dor, e teriam tempo para imobilizá-la. Acreditava que acharia outra saída.

A saída veio com a entrada do próprio Labaki na pequena cela do porão. Ficou genuinamente chocada:

- Como sabe? Nem deu tempo!
- Acha que é minha única espiã?
- É uma armadilha! – Alertou.
- Sim, sim – ele respondeu indiferente.

Abaixou-se a examinar as correntes de Aida. Ela gemeu, vencida:

- Eu falhei!

Ele ignorou a confissão, a testar o metal. A tensão a impedia de se calar:

- Vai matar Ridell?

Ele pegou a primeira corrente com as mãos:

- Por que mataria, se o substituiu? - Puxou-a, com uma leve careta de esforço. Analisou o resultado com um comentário casual depois de se romperem. – Já fui melhor nisso.

Aida tinha outro foco:

- Vai me matar?

Sem dar atenção a ela, mas à outra corrente, respondeu:

- Acha que sou um monstro, não é?
- Se eu fosse Ridell, me mataria.

- Ele sim! – Puxou com o mesmo resultado. – Com ele sou um monstro. – Levantou-se, oferecendo a mão a Aida. – Mas Elthor não classificou a habilidade terapêutica em sete níveis para facilitar eliminar os elevados do mundo. Sabe que inicialmente ele pensou em doze, mas decidiu reduzir o número para prover autenticidade à autoridade? Assim, deixou os dois últimos níveis com requisitos quase impossíveis de serem atingidos. Menos degraus, porém a ascensão é dificultada. Não posso ofender a memória do grande Elthor ao matar uma nível seis!

Aida já se encaminhava para a porta, atrás de seu empregador:

- Está inventando? Nunca li ou ouvi sobre doze níveis!

Ele apontou para a saída do porão, onde estava uma estreita escada de madeira:

- Eles nos esperam para jantar. É minha convidada, Aida.

- Agora vai matá-los?

- Agora não vai se importar?

Nenhum respondeu de fato à pergunta alheia.

Subiram até a sala de jantar onde Olmar decorava a parede com uma espada cravada em seu peito a sustentá-lo sem que os pés tocassem o chão. Isabel, Fúlvio e Círio estavam obedientemente rígidos em seus assentos, esperando.

Aida fez menção de conferir Olmar, Labaki sinalizou ser inútil. Ela torceu a boca e encaminhou-se a uma cadeira indicada por ele, que tomou outra entre Isabel e Fúlvio.

Os anfitriões não ousavam iniciar uma conversa. Círio tomou a palavra:

- Isso é ridículo! Somos civilizados.

Serviu-se de vinho, passou a jarra a Aida. Ela recusou. Ele ofereceu a Sávio, que acenou afirmativamente. Círio se levantou e o serviu. Ao retornar ao seu lugar, aguardou.

Sávio tomou a palavra, cruzando os dedos sobre a mesa:

- Então, o que precisam de mim?

Isabel carregava a crença de que seu caso com Sávio a preservaria da morte:

- Que nos dê provas de que não tem vínculo conosco. Pode iniciar com as que roubou de Fúlvio.

Ele recusou:

- Não é do meu interesse.

Comperteiro inquiriu:

- Por que não?

- Porque os quero envolvidos comigo.

Silêncio. Ninguém ousava proferir outro porquê. Labaki decidiu oferecer:

- Podem usar esta prova – apontou para Olmar – de que não estamos alinhados em nossas opiniões. Entretanto, quero todos nessa trama.

- O que ganha com isso?

- Ganho atenção. Você Fúlvio, foi bem recompensado e não soube como administrar esse benefício em seu favor. Posso lamentar sua falta de visão, mas não pretendo assumir o ônus de suas limitações. Já Círio e Isabel, foram voluntários em me prejudicar, denunciar, seduzir... – Olhou para Isabel, que baixou a cabeça. – Não tenho pesar por vocês.

- Você fala como se carregasse o estandarte da integridade – retrucou ofendida.

- Ao contrário, assumo a falha em meu caráter ao dar as costas aos meus antigos aliados, péssimos jogadores da armadilha que propuseram com ânimo.

- Nenhuma intenção tínhamos, senão nos defender. Só queremos nossa paz! – defendeu Círio.

Labaki não pôde esconder a revolta travestida no escárnio:

- Ah, tudo o que nunca quiseram foi paz! Aproveitem o que construíram. Não sei qual o desfecho, mas não me usarão para se safar.

Levantou-se e bebericou o vinho que Círio tinha servido, cumprimentando-o.

- Vamos Aida.

À porta, uma carruagem discreta os esperava. Ele se cobriu com uma capa surrada, levantou o capuz e tomou o lugar vazio de cocheiro. Antes dela entrar, ele se justificou:

- Em minha defesa, a espada dentro de Olmar costumava ficar em sua cintura. Ele desembainhou.

A carruagem percorreu um longo caminho com Aida a se perguntar o quanto se importava com o destino dos Comperteiro ou de Mantina. Ridell esperaria por uma chacina, mas os bem-nascidos foram poupados com mais nobreza do que eles mereciam depois de prendê-la. Somente o pobre Olmar foi usado como exemplo do que Labaki era capaz, ou talvez ele tivesse mesmo atacado para matar. Provavelmente, ela nunca saberia.

Perguntava-se qual o seu próximo papel naquela trama quando a resposta chegou.

Sentiu a carruagem parar e, antes que pudesse sair, Labaki saltou para dentro. Ela olhou pela janela antes de protestar:

- Estamos no meio de uma floresta! Precisamos ficar aqui?

A noite a impedia de ver o quanto ele transpirava, mas ouviu sua respiração ofegante:

- Não estou me sentindo bem, Aida.

Ela se inclinou sobre o chefe, que teve um espasmo:

- O que foi isso? – perguntou, surpreso.

Os instintos de Aida foram certos:

- Está com algum mal!

- O vinho de Círio Mantina? – Ele se apavorou. – Faça algo, rápido. Não deixe que tenha efeito!

Ela tentou ver suas pupilas a procurar sinal de envenenamento. Na escuridão, preferiu tocar em seu ombro.

- Rápido!

- Fique calmo! Estou analisando. Ainda é só um mal-estar, os sintomas são iniciais. Tem tempo.

Ele gritou:

- Sacerdotisa Terapêutica! Tri-maga do Sexto Nível em memória de Elthor de Nervendal! Eu conclamo sua essência a esse exato momento para que seu poder suplante a natureza desvelada pelo seu guia-mor!

As citações ritualísticas exclusivas da Cidade Elevada de Elthor, embora ligeiramente desviadas do padrão conhecido por Aida, indicaram que Labaki conhecia mais de sua arte do que imaginou. Cogitou se a história dos doze níveis era verdade. E ele? Era mago, bi-mago ou tri-mago? De que nível? Praticava ações tão conflitantes com os valores de Elthor, teria sido ele expulso do Sacramento?

Suas dúvidas a mantiveram imóvel por poucos segundos, porém suficientes para que Labaki demonstrasse um desespero incompatível com o seu estado:

- Faça! Estou aqui pelas mãos de Elthor e vejo sua própria herdeira hesitar quando conclamada! Faça! Acesse meu corpo! Acesse tudo! Derrame suas mãos, Aida. Sinta o que desconhece, desvele e socorra!

- Fique calmo!

- Derrame as mãos!

Ela obedeceu. Levantou as mãos e tocou Labaki, recebendo parte do que ele era a fim de analisar o mal que o afligia. Gritou alto:

- Ahhh!

Quebrou o vínculo e se jogou no assento às suas costas. Ele tinha tanto medo quanto ela. Implorou:

- Por favor. Não temos tempo!

Ela tomou coragem e deixou que o poder fluísse de suas mãos para seu paciente envenenado, recebendo de volta os segredos de seu corpo, de sua mente e de sua alma. Sentiu o outro lado: a dor, o medo e a reação. Condenou-a. Recebeu energia tão intensa que pensou que explodiria. Labaki a manteve focada, orientava-a com palavras familiares depois de reconhecer o que ela enfrentava, ajudando-a a estabilizar a fonte, a mantê-la ativa e a explorar o potencial que lhe era favorecido pelo destino. Aida gritou de dor, controlou-se, focou e sugou o excesso enviando-o para fora de si, enquanto usava o necessário para eliminar a toxina, a dor e a ameaça corroíam as veias e contorciam os músculos em espasmos descontrolados que torturavam a vítima. Destruiu o mal vindo de Labaki e passou para o segundo passo, aquele que diferenciava uma terapeuta de uma curandeira. Recobrou a empatia que perdera no dia anterior ao resgatar a lembrança de Ridell, de seu aprendizado e dos que socorreu na vida para ampliá-la e, como fizera minutos antes com as habilidades de cura, enviá-la através do corpo de Labaki sobre rios e vales, montanhas e lagos, como nunca soubera que um dia seria capaz.

Ao terminar, rompeu o contato e se jogou novamente no banco às suas costas, exausta, mas em estado de graça pelo sucesso no processo terapêutico que jamais pensou que um dia teria oportunidade de empregar.

Labaki estava molhado de suor, mas com um sorriso de agradecimento que ela não imaginou que ele tinha. Ela se ajoelhou e beijou sua mão:

- Mestre!

Ele a puxou para perto e a abraçou forte:

- Obrigado, Aida. Obrigado.

Sobre o ombro dele, Aida viu que se encontravam em uma floresta em chamas.

*

Não demorou para Fúlvio Comperteiro ser convocado para prestar mais explicações. O Conde de Ataloana foi direto, sem esperar que seu entrevistado sequer se sentasse.

- Como o seu segurança Olmar de Atavanel morreu?

- Sávio Labaki o assassinou, em conluio com uma anã que nos espionava. O esposo da anã desapareceu, morto por ela, quando ele descobriu que o casamento foi uma farsa para ela se infiltrar em minha casa. Ele era leal. Esta é a prova de que sou vítima de Labaki, ele tentou me matar naquela noite e o nobre Olmar deu sua vida para me proteger.

Os interrogatórios de Ataloana eram duros, mas aquele estava pior que o normal:

- Foi queima de arquivo?

- Como? Decerto que não! Estou ofendido, conde!

- Não fique. Nem começamos. A anã tinha uma banca de velas e era bem-sucedida no mercado de Valdoa. O elfo nunca havia pisado em Valdoa até empregar-se contigo. Quem você acha que usou quem?

- Ela pode ter sido cooptada assim que ele conseguiu o emprego comigo.

- Eles conseguiram juntos, quando já casados, conforme o seu depoimento anterior. Onde está o corpo deste elfo?

- Desaparecido. Veja bem, Conde Talquar, eu informei imediatamente o atentado contra mim, cujo desfecho foi o infeliz óbito de Olmar. Por que o faria, se tivesse envolvimento com Sávio Labaki? Olmar conseguiu feri-lo antes de morrer, não encontraram nenhum corpo?

O conde ignorou a pergunta.

- Por que nada fez para impedir a fuga se ele já estava ferido? Como um herói da Batalha de Valdoa se esquece de como se empunha uma espada?

- Eu não tive acesso a tempo, fui pego de surpresa. E fiquei para proteger Isabel. Ela estava assustadoramente abalada!

- E Círio?

- Não podia pedir isso a ele, ele é um médico, mal sabe lutar.

- O médico não podia cuidar de sua esposa enquanto você ia atrás do invasor de sua casa?

- Veja bem, o vilão levou as armas.
- Exceto a que estava cravada em Olmar.

Comperteiro suava:

- Seria uma ofensa muito grande. Sou um cavalheiro. Não mexeria no corpo sem uma autoridade por perto.
- Como Labaki fugiu?
- Uma carruagem o esperava. Ele tinha uma boa estrutura, muitos homens o aguardavam. Certamente a anã abriu todas as portas para entrarem.
- Então você não saiu porque não conseguiria impedi-lo?
- Exatamente.
- Por que não disse isso a princípio?
- Porque o senhor está me pressionando e me confundindo!

Ataloana estancou. Encostou-se na sua imponente cadeira de madeira pesada, sem adornos ou frivolidades.

- Qual a sua relação com Sávio Labaki?

Fúlvio inspirou fundo para retomar o controle.

- Fomos sócios em alguns breves negócios há cerca de dois anos, negócios há muito encerrados. E antes que diga qual o interesse dele por mim nos dias de hoje, eu só posso supor que o interesse tenha nascido desta investigação.
- Explique-se.
- Ao levantarem a possibilidade de sermos cúmplices, ele pensou que eu teria como identificá-lo, o que sou capaz, e que eu poderia revelar o seu paradeiro, o que estou me esforçando para ser capaz. São bons motivos para desejar me eliminar.

Ataloana foi cruel:

- Ele não eliminou a senhora Isabel.

Comperteiro fingiu indignação:

- Difamações! Calúnias para ferir minha honra, talvez criadas pelo próprio Labaki para me punir!
- Punir de quê?
- De... de... por revelá-lo!
- Então revele o paradeiro do espião.

Fúlvio inspirou novamente. Era preciso manter a calma. Ataloana não estava com a paciência requerida para que a história forjada fosse reconstruída, pois o desastroso incêndio nos arredores da Capital afetou a nobreza local ao destruir as propriedades

campestres dos abastados e, conseqüentemente, a disposição do conde em relevar justificativas escusas. Ele passou os últimos dias de mãos atadas a ouvir reclamações e lamúrias, mesmo ciente de que a sua investigação poderia incendiar os ânimos de toda Katos e queimar Sua Majestade Du Bouças muito mais que um monte de mato.

- Como pretende colaborar, Comperteiro?

- Sim, sim, eu sei como. É preciso explicar com calma.

Ataloana se encostou novamente e cruzou as mãos sobre o ventre.

- Convença-me, Comperteiro.

- Na ocasião em que nossos poucos negócios em comum, meus e do senhor Labaki, frutificavam, houve um incidente que não demos muita atenção. Um filho de Valdoa, ninguém mais comum, me propôs um desafio: uma caçada em disputa. Parecia divertido, mas não dei muita atenção devido aos meus inúmeros compromissos, até comentar ocasionalmente com o senhor Labaki sobre este mestre de armas que me abordou. O meu ex-sócio ficou interessado e me incentivou a promover o evento. Na ocasião, tal interesse me pareceu estranho, mas não percebi como o termo “mestre de armas” se tornou uma faísca naquela pederneira chamada Labaki. Ele elogiou tais eventos e o seu papel como instrumento indutor de destaque na sociedade, e considerei que seria uma gentileza a este sócio que havia recentemente chegado a Valdoa e estava ansioso para se integrar à nobreza. Decidi, um grande erro do qual muito me arrependo, apoiar a inserção deste desconhecido, que fingia bem ser de boa índole, na nata dos valdoenses. Ah, o meu arrependimento! Bom, apresentei os dois durante o evento, o que vi despertou um grande interesse de Labaki. A disputa era entre os meus cães de caça e um rastreador, que este valdoense Tonio, obviamente de minha terra Valdoa, afirmava ser melhor que qualquer cão para localizar uma caça. Na ocasião, eles levaram suas amantes, e dividimos os grupos. No entanto, meu instinto já dizia que havia algo estranho, e afastei Labaki de Tonio, que acredito ser um bandido da pior espécie, alocando-os em grupos contrários. Acabei por me desentender com o próprio, o que resultou em uma escaramuça da qual eu e Giacomo Guido Mantina naturalmente fomos vencedores. Eu exigi que aquela ralé saísse imediatamente da propriedade para nunca mais retornar! Não obstante o insucesso do evento, pensei que nenhuma outra consequência resultaria do infortúnio. Tempos depois, já com os laços comerciais enfraquecidos com o senhor Labaki, pois meu instinto continuava a me incomodar, recobrei o infeliz incidente e ele mencionou distraidamente que este Tonio estava em Racina, mais especificamente em Fraga. Neste momento meu instinto gritou, vi que coisa boa não era, pois já me incomodava com o comportamento impróprio do senhor Labaki fazia tempo. Impróprio, me refiro a vulgar, sabe como é?

- Não sei.

- Ah, ele não era um cavalheiro! Suas palavras pareciam ser bem escolhidas e seus modos, medidos. Eu acreditava inicialmente que eram resultado de seu desejo de se inserir na sociedade valdoense. Com o tempo, percebi a malícia naquela dissimulação. Já desejava me afastar em definitivo dos negócios com o senhor Labaki, pois só me apraz lidar com genuínos cavalheiros.

- Entendi. Retome.

- Pois bem, ao citar que o suposto mestre de armas estava em Racina, percebi que o senhor Labaki tinha conhecimento do paradeiro deste homem vil. Ou seja, após conhecê-lo, ele contactou Tonio de Valdoa. E logo em Racina! Como eu disse, não poderia ser boa coisa. Em pouco tempo encerrei minhas derradeiras transações com o senhor Labaki e me afastei de seu convívio. Mal sabia eu das intenções por trás daquela inocente participação minha.

- Que intenções eram?

- Bom, alerta que eu só posso supor. Creio que Sávio Labaki, conclusão que só pude tirar após o atentado à Condessa na Ilha das Flores, tenha enviado Tonio de Valdoa para ser treinado como agente de Fraga.

- Sávio Labaki foi acusado de tentar matar a Condessa de Aflatin!

- E depois inocentado! Pareceu-me um estratagema para que não desconfiassem dele.

Foi a vez de Durvaal Talquar inspirar fundo para refrescar a memória ou para evocar paciência. Seu tom foi mais analítico:

- Veja bem, caro Comperteiro. É uma história interessante e mais consistente do que tudo que me contou até hoje. Por que não a revelou antes?

- Nobre Conde, ela é fruto de minha dedução. Estou analisando as possibilidades durante todo este tempo.

O Conde meneou afirmativamente.

- Tonio de Valdoa! Este nome...

Apoiou as mãos nos braços da cadeira para se levantar. Falou enquanto caminhava até uma estante repleta de papéis, a mostrar dificuldade em encontrar o que queria.

- Então pode me ajudar a esclarecer outras dúvidas. Acredito que esteja certo sobre a vilania deste Tonio de Valdoa. Sabe que a amante deste Tonio ou do rastreador foi a única sobrevivente da tragédia da trupe de Altero de Medina, a oeste de Atavanel?

- Que os heróis do passado nos protejam, eu não sabia!

- Pois então. E pode precisar a época em que o senhor Labaki comentou sobre o paradeiro deste Tonio em Racina?

- Ah sim, eu creio, que pouco depois das festas do toucador!

- Informação importante, senhor Comperteiro. Muito importante, pois esta época coincide com a Chacina da Borda de Fraga!

- Pela sagrada dinastia de Bouças, eu não sabia!

O Conde encontrou o que procurava.

- Neste caso, acredita que a presença de Tonio de Valdoa em Fraga foi para evitar ou para provocar a chacina?

Retornou a Comperteiro, colocando-se ao seu lado com uma pilha de papéis nas mãos.

- Não consigo imaginar como ele evitaria! É mais provável que, a mando de Sávio Labaki, tenha participado da chacina! Deduzo agora que a intenção era responsabilizar Katos por este crime, como feito no atentado à Condessa de Aflatin? Sávio Labaki é muito mais perigoso que eu pensava!

- Deveras, é perigoso! – Jogou agressivamente os papéis no colo de Comperteiro. - E como explica que, logo após a chacina, o mesmo Sávio Labaki com quem o senhor afirma ter tido transações comerciais sem provas, que comprovadamente frequentou a sua casa e que conheceu este Tonio por sua intervenção, foi buscar o mesmo, ou melhor, resgatar Tonio de Valdoa em Fraga e trazê-lo até a sua presença em sua própria sala?

Silêncio! Comperteiro ainda processava a pergunta quando o Conde continuou:

- E como explica que, após reunião com o senhor, este Tonio desapareceu por muito tempo para reaparecer em Atavina Sul com uma horda de famintos fanáticos que atravessou o país até Moros e se instalou junto aos Lanceiros Perpétuos? Não é Sávio Labaki de Moros, o mesmo que agiu a seu comando em Racina?

- Não!

- Sabe que Tonio de Valdoa é um Lanceiro Perpétuo? E que a violinista, suposta amante dele, atravessou o país com outra horda, juntou-se ao General Leafir Amdir, Arqueiro Comandante dos Elfos na Guerra dos Metoikos e envolvido no atentado à condessa, e juntos lideraram outra peregrinação, mas para Femon?

- ...

- E que este General fez recentemente uma convocação a todos os elfos do continente para se juntarem a ele na libertação de Belerod? – Durvaal Talquar gritava. – Que o elfo está conclamando uma guerra? Em associação com Sávio Labaki e Tonio de Valdoa, dois subordinados de Fúlvio Comperteiro?

Fúlvio permaneceu um tempo em silêncio a fitar o Conde de Ataloana antes de começar a chorar.

*

Durvaal Talquar estava relaxado no debate com Guido Mantina. Imaginava o que ele pediria e estava suscetível a conceder algumas vantagens à importante família de Valdoa. Também abriu concessões à família de Baixo Campo, ao aceitar o pedido de anulação do casamento entre Isabel Eduína Petrosa e Fúlvio Comperteiro como comprovação de que ela não participou da conspiração liderada pelo esposo. Obviamente, havia condições a serem atendidas, apesar dos protestos do Barão. Isabel Eduína deveria se afastar de qualquer evento social ou familiar que envolvesse política, e seu futuro novo casamento deveria ser aprovado por autoridades. Por ele, especificamente, em nome da casa real dos Bouças, a quem respondia nas investigações delicadas, em alguns poucos incidentes sigilosos e em raras trivialidades aristocráticas.

O caso de Círio era mais delicado, pois havia provas contra ele. A intervenção de Giacomo Guido era de fato a melhor oportunidade de reduzir os danos:

- Estamos dispostos a esclarecer toda a participação de Círio nesta trama. Verá que ele foi uma vítima.

- Meu caro Giacomo Guido, eu entendo a sua crença em seu irmão, não podia ser diferente, mas observe que ele tentou encobrir o envolvimento de Comperteiro com Labaki ao forjar provas do enriquecimento do amigo.

- Sim, não nego, ele errou. Entretanto, o fez por amizade, ele pensou que Comperteiro era mal administrador, ou foi mal aconselhado sobre seus investimentos. Pensou que atuava em um caso de sonegação, não de traição, acreditando totalmente na palavra de Comperteiro. Ora, não se enforca ninguém por sonegação, multa-se! E eu apoio uma correção exemplar a essa falha de caráter, a família irá cobrir a multa. Não se engane, não peço perdão, apenas justiça.

O Conde de Ataloana não pensava diferente, mas outros nobres aconselharam mais que prejuízos financeiros. Era necessário que fossem morais.

- Não, ele não corre risco de enforcamento, tranquilize-se. Estamos ainda a discutir o destino do próprio Comperteiro. Queiramos ou não, ele foi um herói e sabe lutar. Se for para morrer, alguns defendem que seja na linha de frente.

Guido Mantina ficou mais aliviado com aquela fala. Do mal, o menor, mesmo que não soubesse qual tipo de mal menor conseguiria extrair naquela audiência:

- O caso de Comperteiro é grave. Eu lamento muito, nunca imaginaria. O próprio Círio disse que, até o atentado na ilha, ele nunca desconfiou de Fúlvio. E esta suposta participação no atentado levanta uma pergunta: não seria recomendável entregar Fúlvio Comperteiro para julgamento em Racina?

O Conde se mexeu desconfortavelmente na poltrona. Ao contrário de Círio, Guido era bastante respeitado nos meios governamentais.

- Avaliamos o caso. No entanto, não estão claras as intenções por trás deste atentado, e agora enfrentamos alguns desejosos de responder às ofensas de Fraga com a espada. Os ânimos estão exaltados e não se fala em manter uma paz conquistada, mas em recuar de um estado de guerra. Visam lucros, oportunidades de investimentos, e assim os interessados estão pesando a balança. De minha parte, quero deixar que os diplomatas negociem ao máximo para ganharmos tempo. Há muitas lacunas que não entendemos.

- Em especial, a primeira lacuna. Por que Femon e Moros querem promover uma guerra?

- Ah, Moros não está comprovado. Lanceiros Perpétuos não são Moros, apenas uma ordem guerreira que há muito não sai de sua toca. A dúvida é ainda o que Sávio Labaki é para Moros. Já Femon, não identificamos a participação do governo atual, mas de elfos. Desconfio que desejam envolver Femon para que uma guerra defina novas fronteiras na região.

Guido se inquietou:

- Um país élfico?

- Como um dia já foi. E pode ser a causa geral dos envolvidos, você sabe, há muita gente que ama os elfos.

Guido fitou os pés. Era uma região pouco povoada, fácil de ser ocupada para que um novo país fosse instalado próximo a Racina. Embora os elfos preferissem o Norte. Seria outra guerra. Voltou à possibilidade da própria luta de seu próprio país ao ouvir o conde.

- Veja bem, não estou me abrindo contigo, Giacomo Mantina. Faço uma avaliação de nossas condições, pois quero um retorno para entender melhor esta situação, pois você conheceu Tonio de Valdoa.

- Sim, e Martius de Cerros, o rastreador. Passamos juntos umas duas horas somente, talvez tenha completado três, é pouco tempo para saber de algo útil. Admito que gostaria ter tido uma impressão mais substancial, no entanto, nada posso dizer além de que foram agressivos quando Comperteiro se recusou a algo, não sei, eu estava distante com Martius, não os ouvimos.

- Li seu depoimento. Eles se enfrentaram e Martius o impediu de intervir.

Tirou um charuto e o acendeu, apontando para a caixa, Giacomo recusou com um gesto.

- Confesso que foi vergonhosa a maneira como ele me dominou. Gostaria de ter algo mais a oferecer à investigação.

- Em algum momento, comentaram sobre direitos dos elfos, sobre a Guerra dos Metoikos, ou fizeram elogios a elfos?

- Hum, não. Definitivamente não. Não creio que fossem agentes dos continentais naquela época.

- Exato, acreditamos que Comperteiro os cooptou naquele evento. Aquele atrito pode ter sido a primeira recusa de Tonio, antes do chefe aumentar o preço. E as mulheres?

- Nada sei, mas posso ver com Círio.

Jogou o fósforo na mesa, resignando-se a encerrar a entrevista.

- Não, ele já disse tudo. São a violinista Ella, que chegou a viajar na trupe de Altero de Medina antes da tragédia que os dizimou, na verdade, ela sobreviveu, e Lucha de Cerros. Do Vale da Rã, se não me engano. Era dona de uma taverna. Meros bandoleiros. Nada significativo. – Mudou de tom para retomar o ar de autoridade. – De Círio, veremos. Já adianto que, caso haja a guerra, ele estará plenamente inserido e dedicado a ela. A multa chegará logo, mas a dívida moral por ter colaborado com um traidor será paga aos poucos. Ele tem muito o que provar. Deixe-o de prontidão. Preferencialmente, em preparação para um conflito. No momento, nossos olhos não estão voltados a ele, mas a um pequeno trecho de terra na fronteira de Andreada e Femon.

Giacomo Guido aquiesceu, chegou a se apoiar no braço da cadeira para se levantar, mas retornou a se encostar:

- Uma última sugestão, conde, embora acredito que já tenham pesado esta possibilidade, então aproxima-se de uma pergunta, da qual eu farei em tom de questionamento. Se a lógica preponderante é que os elfos estão por trás de tudo, então por que Katos e Racina não se unem contra o país que está incitando o conflito?

- Por dois motivos, meu caro. O primeiro, é que os elfos não são Femon, não fazem parte do governo local e, portanto, não respondem pelo território – levantou um dedo – embora o almejem. E o segundo e mais importante: não vemos vantagens em guerrear contra Femon.

Guido levantou uma sobrancelha, interrogativamente.

- Ora, Guido, se pegarmos em armas, é preciso vislumbrar algum lucro ao final do conflito. Duvido que, como bom burguês que é, não esteja fazendo as contas.

6. A BATALHA DAS ESTIRPES

Tonio analisava a situação.

Ao levantar a possibilidade de viajar até Ella para que uma conversa presencial amansasse os ânimos a fim de evitar o uso do Coração de Celiah para propósitos alheios ao retorno dos dragões, teve como resposta indireta a chamada de Leafir para os elfos pegarem em armas em nome da libertação de Belerod. Nada teve de resposta direta.

A mágoa decorrente do silêncio de Ella, diante da imposição de Leafir, desarmou Tonio. Ele chegou a cogitar se ela estava em apuros, mas duvidou por conhecer não apenas os sentimentos de Leafir para com ela, mas principalmente, a determinação da violinista quando decidida a uma causa. Sabia, portanto, que Ella concordava com a abertura de Belerod e, mesmo que não concordasse com um confronto armado, aceitava tal subterfúgio como instrumento de pressão.

Caso Tonio fosse impedir a ação, encontraria um exército composto pela Estirpe de Ruan e por elfos continentais para bloquear seu acesso a Ella. Assim, não via outra saída senão lançar a Estirpe de Tenet contra a de Ruan.

- Elas mal nasceram e a Ordem Draconiana já está em guerra civil!

Tessa concordou:

- Os dragões devem estar se remexendo dentro das gemas.

Tessa não era o tipo que ajudava nos momentos em que a compreensão era exigida. Arrependeu-se ao ver a dor no rosto de Tonio:

- Você acha mesmo que eles estão aprisionados nas gemas?

Ela corrigiu:

- Era só uma força de expressão. Você sabe que são os corações mágicos, não uma prisão.

Tonio assentiu.

- Eu queria pelo menos uma boa notícia, como Martius e Lucha chegarem com o Coração de Baai nas mãos, mais que apenas a indicação de onde ele está. Pelo menos por uma vez poderia ser algo simples, conseguirem a gema com facilidade, sem custos ou danos, e aí juntos poderíamos convencer Ella a não ferir Celiah.

- Acha que é isso que vai acontecer?

- Temo que Adália tenha sido o resultado da defesa de Celiah. Temo por Ella.

Ao entender os riscos que Ella corria, viu por que Tonio estava disposto a derramar sangue para salvá-la. O que o poder de Ella seria, caso ela se transformasse em algo maléfico? A solidão de Adália foi tão intensa que fez com que ela se esquecesse da dor alheia, como geralmente ocorre com aqueles que não conseguem lidar com o sofrimento. No entanto, a serpente se isolou em um espaço paralelo ao natural, cercada por muros de magia cujas portas filtravam as vítimas. No caso de Ella, o apoio de elfos, cujos desejos

seriam restaurar Faemon Handra após Belerod aberta, daria poder e propósito a uma criatura transformada pela dor do dragão aprisionado a intuítos distantes de seu objetivo inicial. Tal objetivo justificava todo o estrago que os bardos fizeram em seu trajeto, mas Ella estava a ponto de destruir tanto esse pretexto, quanto talvez o próprio dragão.

Em contraste, usar Melgrod contra Celiah seria um desastre tão grande para Femon quanto deixar Ella seguir sua busca, abrir a terra dos elfos e incitar uma guerra pela conquista deste território abandonado. Esta alternativa ainda anunciaria o poder das gemas dos dragões ao mundo, cujas consequências eram perigosamente inimagináveis.

Os lanceiros também entendiam estes futuros possíveis. Reunidos com os mestres Gan Hu e Eal Sanul, Tonio discutia a estratégia de um conflito que se tornaria inevitável, Tessa aprendia, Lucha ouvia ainda cansada da viagem recente e intensa, efetuada após tomar conhecimento do chamado de Leafir.

- Temos lanceiros experientes e iniciantes a nosso comando, em oposição a exímios arqueiros élficos e os amadores de Ruan.

- Nossa tática de combate nos preserva de sermos alvos fáceis aos arqueiros, o espaçamento natural exigido pela lança está a nosso favor, mas temos que nos lembrar que são elfos.

- Sim, arqueiros experientes. Temos a vantagem em relação aos arqueiros de Ruan. Um lanceiro com pouco treinamento faz mais do que um arqueiro iniciante.

- Eles podem compensar com o tipo de arco.

- Somente se facilitarmos para eles. Pensemos no que podemos fazer, primeiramente. Os Lanceiros Perpétuos serão divididos em três grupos: com armadura pesada, o que irá reduzir a agilidade, porém eles estão habituados ao peso da proteção; com armadura leve sem escudos e os infiltrados aos tenetianos, a fim de elevar o moral e garantir a disciplina. Os da primeira linha deverão localizar e neutralizar os elfos. Se assim conseguirmos, a batalha se reverterá para nós.

- Não creio. Os elfos terão espadas além dos arcos, a espada pode ser problema para a lança se eles se agruparem. Largarão os arcos e poderão formar paredes onde a penetração impedirá o uso da lança, mesmo que eles não tenham escudos, o que não podemos garantir. Poderemos apenas arremessar as lanças, depois o combate será corpo a corpo com a vantagem de termos uma parede de escudos de fato.

- Neste caso a infantaria leve deve seguir a pesada e tomar a batalha em suas mãos. Nossa infantaria pesada fará a proteção, a leve tentará penetrar na parede élfica. Duvido que venham a se armar com arcos, espadas e escudos.

- Tudo dependerá do número. Não há muitos elfos continentais, mas as informações que temos é que o chamado de Leafir despertou todos os disponíveis. Há um movimento significativo em direção ao que estão chamando de campo de Ruan. E nem todos eram arqueiros.

Lucha se levantou e caminhou pela sala, irritada com a revelação do nome da Estirpe para o mundo. Estavam no edifício administrativo da Fortaleza Perpétua, um conjunto fortificado quadrilátero de ameias em degraus em menção a um trapézio.

Lucha chegara no dia anterior, espantada com as notícias que recolhera no caminho, mesmo tendo encontrado poucos indícios de atendimento à convocação de Leafir, visto que os elfos se concentravam em Femon.

Ela estava comprando a passagem no porto para a balsa que atravessaria a Baía do Pontal até o Pequeno Reino e, em seguida, a Carior, quando ouviu o estranho chamado aos elfos continentais para se alistarem em Femon, pois Belerod seria libertada com o sangue dos Lanceiros Perpétuos. Era uma convocação do Arqueiro Comandante do antigo exército élfico. Ao invés de seguir via mar, Lucha se voltou a Moros sem saber o que encontraria.

Ao pisar ao norte da Cadeia Holiah, ela percebeu que o seu melhor papel seria apoiar Tonio, cujas olheiras em um rosto marcado mostravam o quanto sofria. Seu abraço forte foi sua melhor participação na crise em que se sentia impotente e desinformada. Sentiu os ombros tensos do mestre de armas descarregarem parte do dissabor naquele aperto que estalou os ossos dos dois bardos para anunciar que se reuniam novamente. Lucha reconheceu a ironia da intervenção de Labaki, que a impediu de seguir com Martius e retornar até Tonio. Estaria o rastreador retornando ou iria até Ella? Mal sabia Lucha que Martius desconhecia a crise, inserido como estava em um ocase de insanidade entre fadas e criaturas desconhecidas.

A aflição de Lucha ao se deslocar como um animal enjaulado levou Tonio a fazer sinal para que ela se aquietasse. Ela transpirava. A noite já se aprofundava sob lua alta, o frescor daquelas montanhas se antagonizava ao calor que ela aparentava, mesmo pelo nervosismo após entender a crise. Como ainda não repousara o suficiente e se recusara a perder aquela reunião, Tonio associou o abatimento e a inquietude que ele via à viagem em ritmo acelerado que ela empreendeu.

- Dê uma volta.

Ela aceitou a proposta com facilidade. Precisava de ar. Eles continuaram.

- Temos recursos para descobrir quantos são? E suas habilidades?

- A convocação está em curso e logo teremos que marchar. Desaconselho qualquer tentativa individual de se aproximar deles.

Tonio não tinha intenção em abordar Ella individualmente e se tornar um refém. Acreditava que seria impedido pelos elfos antes de alcançá-la, e tinha consciência da importância das ações coordenadas. Não podia deixar de admitir, entretanto, que mestre Eal tocou na ferida, pois ele estava disposto a se ferir para resgatar Ella.

- O que não entendo é que o poder de combate dos Lanceiros Perpétuos, se não conhecido totalmente, é reconhecido e respeitado. É preciso muitos elfos bem treinados para fazer frente aos lanceiros, ou será que eles não esperam que vocês se engajem em combate? A estratégia de Leafir não faz sentido.

- Não creio que eles confiem na possibilidade de errarmos. Acredito mais que, como os elfos continentais nunca foram contabilizados, eles detenham a informação de seu número real, e pode ser que eles sejam mais numerosos do que presumimos. Ou então, que estejam blefando.

- Neste último caso, então se nos engajarmos em combate, venceremos – Tonio concluiu.

Mestre Gan confirmou com pesar:

- Certamente, teremos a vitória às custas do pouco sangue élfico que percorre estas terras.

*

Tonio ainda pesava as consequências da marcha que em breve iniciariam. Passariam pelo norte do Lago Perene, que banhava as proximidades do território dos Lanceiros, e desceriam pela divisa com Andreada até alcançar as praias, através das quais seguiriam até Femon. Assim, priorizariam os campos de Moros ao invés do Charco de Andreada, antiga morada de Adália do Charco e, sabe-se mais o quê. Os recursos viriam dos próprios lanceiros interessados em, como certa vez confirmou mestre Eal, reduzir os danos. Tonio desconhecia o financiamento extra proveniente de Sávio Labaki, pois tivera pouco tempo de discutir todos os assuntos pendentes com Lucha.

Ela nada disse sobre o diagnóstico do feiticeiro e seus desdobramentos, tendo se limitado a apresentar a escama de Baai após justificar sua origem:

- Não sei como, mas talvez isto possa nos ajudar. Creio que Labaki quer todas as quatro gemas antes de tomar posse delas.

Tonio estava maravilhado, mas não deixou de abrir espaço em sua mente para pesar novas possibilidades. Observava a escama em suas mãos quando levantou:

- Talvez ele saiba como integrar os corações. Ele pode estar aguardando todas estarem disponíveis para revelar como ter o controle do conjunto.

Ela concordou:

- É possível. Eu verifiquei, e isto não tem feitiço, praga ou nada. Está limpo, não tem relação com esta intenção. Ao menos por enquanto, pois ele pode ter escamas de todos. Em mil anos, o que ele não poderá ter aprendido sobre feitiços? Estamos lidando contra alguém que está mil anos à nossa frente, e tudo que temos ao nosso favor é o fato de que ele não pode permanecer próximo das gemas por muito tempo.

- Sem contar que pode ser tudo uma farsa.

Lucha suspirou, desanimada.

- Precisamos recuperar Ella, Tonio.

Ele olhou para os pés ao fundo da imagem da escama azul em suas mãos.

- Eu sei, Lucha, e como sei.

Deitado em seu quarto, ele olhava o teto enquanto ouvia mentalmente o suspiro lastimoso de Lucha. Ele fantasiava o que diria a Ella quando a encontrasse, como seria sua argumentação, o que a faria retroceder em sua decisão e outros meios de reconciliação, quando ouviu um rumor no corredor. Abriu a porta para fitar Jainor de punho fechado elevado, pronto para bater.

- É Lucha! Está mal.

Tonio se moveu imediatamente, porém irritado por mais aquele contratempo:

- Deve ser da viagem, um mal-estar passageiro.
- Não foi o que Tessa disse ao pedir para chamá-lo.

Tonio franziu a testa. Ele encontrou Tessa debruçada sobre Lucha, Mormor na cabeceira terminando de amarrá-la, para que não se ferisse.

Lucha tinha os lábios roxos, seu corpo se contorcia em espasmos contínuos e gemia, incapaz de expressar palavras compreensíveis. Não precisou mais para reconhecer os sintomas que já vira na mesma taberneira, quando ainda viviam no Vale da Rã.

- Como?
- Esqueça o como. Já foi. O que vocês fizeram daquela vez...
- Você a curou, Tessa. Só a mantivemos confortável, compensamos parte da dor e demos forças para atravessar aquela noite.

Tessa foi franca:

- Não sei o que é, não sei se posso tratar. A única possibilidade é você tocar. Dê forças a ela para que vença a causa desse mal.

Ele se aproximou de Lucha, examinando-a. Não se voltou a Jainor para perguntar:

- Ela comeu algo diferente de outras pessoas?
- Não aqui.

Tessa interveio:

- Pela intensidade é recente, foi esta noite. Ninguém mais apresentou sintomas.
- Jainor, Lucha disse algo sobre alguém avisá-la de que ficaria mal?
- Não.
- Tem certeza?
- Quem avisaria?
- Deixe para lá. Tessa, só posso dar forças para que ela lute.
- E eu, uma poção genérica e de pouca eficácia, se nem sei o meio pelo qual ela foi envenenada.

Mormor saiu de seu torpor:

- Ninguém sabia que Lucha estava a caminho. Ela não deve ter sido o alvo.

Todos olharam para Tonio. Ele engoliu em seco, pois acreditava que, pela segunda vez, Lucha era envenenada por sua causa.

- Mormor, vá pegar os instrumentos. Darei tudo o que tenho a ela.

Tessa o fitou, compadecida:

- Tonio, se você não conseguir...

Ele a interrompeu:

- Não desista por favor, Tessa. Pergunte, investigue e descubra o que a afetou. Eu não posso perder as duas de uma vez só. – Referia-se a Ella.

Ele montou o conjunto e iniciou uma batida lenta e ritmada como em marcha, a fim de crescer para envolver devagar o corpo débil de Lucha. A marcha a abraçou e foi aumentando de intensidade a fim de penetrar pelo corpo da amiga e restaurar os estragos nas veias, nos músculos e nos demais tecidos. Lucha gritou e arrancou as amarras, tendo esfolado os pulsos no esforço originado da energia que Tonio doava. Sua doação também ampliou a dor, e daí ela ter reagido à força enviada para regenerar os órgãos afetados. Quando Tonio entendeu o que acontecera, ele sentiu como a luta seria isolada sem a regeneração da música de Ella ou o conforto da de Martius, como foi no Vale da Rã.

Levantou-se e caminhou pelo quarto, procurando outro caminho. Estaria ele ampliando os sintomas também? O benefício valia o risco?

Lucha se contorcia, caiu ao chão. Ele não via saída. Tocou novamente, como se atacasse o corpo de Lucha e o veneno que arruinava seu sangue. Ela gritou. Ele parou. O que fazer?

Pensou em Melgrod, o dragão do passional e intenso Vincent. Ele mataria pelos amigos, disse morrer por Celiah.

- O que faria pelos meus amigos, dragão?

Tonio enxugou o suor da testa. Tremia. Correu ao quarto e pegou a gema, repetindo a pergunta:

- O que fará pelos meus amigos, dragão? Nada em retorno do que faço por você e pelos seus irmãos? Minha família deve se sacrificar pela sua? É isso?

Levou até Lucha. Colocou a gema perto dela, voltou a tocar. Jogou sua dor nas baquetas, esperando que elas anulassem a dor de Lucha. Ela gritou mais, mas Tonio não conseguiu parar. Melgrod aquecia o quarto com o seu brilho vermelho direcionado à escama azul ao chão. Ela refletiu a energia do dragão e preencheu o espaço com a luz roxa que envolveu os presentes. O corpo de Lucha continuava a se contorcer, seu tronco se levantou e bateu no chão novamente, Tonio não conseguia parar, arrebatado pela sua própria batida que alimentava Melgrod e se refletia na escama de Baai.

Vincent correu escadas abaixo com o livro na mão, disposto a atirá-lo na cabeça do proponente. Acabou por atirá-lo contra a parede quando viu que sua presa havia escapado. O engaste de latão em forma de ferradura ogival soltou-se da capa, tinindo sobre o piso de pedra a ecoar pelo salão da Fortaleza de Ruan. O pedaço de círculo dourado que se escondia atrás da ogiva se desprende a quicar pelo salão. Os ramos simétricos da base bordada em fios de ouro permaneceram solitários no couro do livro desmembrado.

Celiah o deteve:

- Deixe Klaos em paz! Ele quer ajudar!

Tonio acordou, sem ousar interromper a música. Melgrod brilhava purpúreo, o calor aumentava, ele temeu que o quarto se incendiasse. No entanto, algo o impedia de parar,

sentiu que o calor era sugado para Lucha, dela para o mal que a matava, e do mal, para um sumidouro inexplicável. Ele concentrou a música neste vazio, e o viu cheio de intenções, gritou e deixou que ele fluísse livremente com a força da música, Lucha também gritou, levantou o tronco brutalmente e fitou o vazio à sua frente, ela reagiu com se visse algo, caiu e rolou, aproximando-se da gema. Tonio não conseguia parar, não se levantava, tocava e testemunhava, gritou para Lucha se afastar. Ao contrário, ela estendeu a mão até o Coração de Melgrod, tocou e arranhou as unhas sobre a superfície da gema, de maneira a deixar as frestas riscadas na joia iluminarem o quarto com rajadas carmim dentro do espaço púrpura. Tonio gritou, parou de tocar, Lucha se encheu da energia de Melgrod, seu corpo estava rubro e pareceu que ia explodir, mas Tonio sentiu a energia ir para o mesmo sumidouro que devolvia a graça no lugar da maldição. O corpo de Lucha foi se aquietando, o calor de Melgrod foi se dissipando, e logo nada havia além de uma tênue luz púrpura que se dissipava no ar.

Tonio tocou Lucha, ela estava serena e respirava normalmente.

*

- Estou dizendo que a escama trouxe Klaos!

Lucha estava confusa:

- Vá com calma. Eu acredito, mas não me lembro de nada além de um enjoo que parece que me apagou.

Ele estava impaciente:

- O que é um absurdo para quem quase morreu!

Ela o enfrentou:

- A meu ver, perda de memória é bem típico de quem está à beira da morte. Eu só não sei como eu estava tão mal ontem mesmo!

Ele se calou. A razão esmurrava a porta de sua percepção.

- Desculpe. Estou só querendo dizer que a escama fez algo. Melgrod a reconheceu, evocou Baai.

Lucha tentava extrair alguma lógica daquela descrição.

- E quando você diz que havia algo mais lá, refere-se à escama?

- Não. Ao quarto. Na verdade, além do quarto, através de você. Como se outra pessoa se manifestasse através de você.

Lucha estava preocupada. Que as sereias agissem sobre ela era aceitável, mas Tonio falava em possessão. Ele completou:

- Eu acho que era Baai.

Ela se levantou, indignada:

- Não seja ridículo! Podem ter sido as sereias, pode ter sido até Ella. Não precisamos do Coração de Baai? Uma casca é nada! Como o dragão se manifestaria?

- É suficiente para refletir o poder de Melgrod até você, de maneira que não a ferisse. Não sei como você não se incendiou! Só pode ter sido ele!

Desconcertada, ela confessou:

- Se for Baai, é fruto de uma ilusão que Ricard criou sobre a escama. Pode ter enganado até Melgrod.

Ele prendeu a respiração. Aguardou Lucha explicar:

- Ele pode ter me enfeitiçado, o outro motivo para o meu atraso foi uma tentativa de investigar o plano de Ricard. Nesse caso, foi ele quem me envenenou, talvez só para mostrar o seu poder sobre mim. Não acho que tenha sido o verdadeiro dragão.

Tonio não soube o que dizer. Ela completou:

- E se isso se confirmar, será melhor eu me afastar para não prejudicar o seu plano de recuperar Baai e Ostrebor.

Tonio se via novamente a ponto de ser abandonado.

- Não! Se for verdade, ele vai esperar que tenhamos todas as gemas. Vai, portanto, aguardar que recuperemos Celiah, então vamos juntos até Ella em Femon. Depois resgatamos Martius seja lá onde ele estiver. Separar nos enfraqueceu, chega disso!

*

Sentada sob a sombra de um freixo solitário no campo coberto pelo verde esmeralda gratificado pelo orvalho, Ella levantou o Coração de Celiah até a rajada de sol que rompia a proteção permeável. Perguntava-se como alcançar o poder do dragão para além das visões que dominara.

Estudara conforme orientação de Coriolano. Embora não fosse um mago, ele era estudioso da magia élfica e disposto a ajudar com a literatura, com debates e até com as distrações que aliviam a mente para que ela funcione bem no momento de concentração. Ele era comedido, porém objetivo. Dizia que a magia estava nos elementos à volta do mago, e que Ella precisava reconhecer na natureza as fontes a explorar. Daí ela estar só tentando conectar Celiah ao campo. Por perto, passava um riacho cujo chiar a confortava mais que a sombra da árvore, assim como o sussurro do vento a preenchia mais que a calmaria silenciosa.

Embora ela se sentisse bem a permanecer só naquela paisagem bucólica, não via inspiração que a levasse ao dragão. As runas élficas que Coriolano instruiu para Ella pintar na pele pouco ajudaram, ela nada viu além de símbolos decorativos que Leafir poderia usar em seus móveis. Ele se ofendeu:

- Isso é sagrado para nós!

- Nem todo sagrado atinge os corações.

Depois de um tempo, ela desistiu de retocar as runas e deixou que se apagassem, assim como sua convicção de que desvendaria o mistério de romper a barreira da gema.

Sentada, perguntava-se onde errava, visto que Coriolano nada dizia que ela não houvesse certa vez aprendido e usado com Altero de Medina. E com Vegécio, que abriu os caminhos para que Ella tivesse consciência do efeito de sua magia nos seres que a circundavam. Mais especificamente, ele abriu o caminho para Ella ouvir as flores, uma delicadeza que semanas depois salvou sua vida, quando Demétrio a conduziu para a perdição dos necromantes.

Ella balançou a cabeça para apagar as memórias ruins dos necromantes, do seu duelo contra Demétrio e, principalmente, da tragédia que exterminou a trupe de Altero. Não seria com más lembranças que Ella abriria o poder de Celiah.

Pensou quando este poder passou das visões para ter impacto no mundo real. Foi somente na presença de Melgrod. Caso precisasse de Melgrod, a resistência de Tonio não era o maior problema, mas como controlar o poder destruidor do encontro das gemas. Suspirou. Tonio também resistiria, não haveria como convencê-lo. Ele tinha clareza da ameaça de guerra após a abertura de Belerod, embora parecesse não se importar em derramar o sangue das estirpes. Ella estava magoada, ele recusara todos os seus argumentos e pedidos, e a deixara só para revelar o mistério de controlar o poder dos corações dos dragões. Pois Ella sabia que, depois que conseguisse, Tonio iria pedir o mesmo para que ele o fizesse com Melgrod.

Repreendeu-se. Ela não pensava assim, aquele era o argumento de Leafir.

Ella olhou a gema sob a réstia de luz pela copa do freixo.

- Por que não me diz o que eu preciso, Celiah?

Esticou o braço para alcançar o violino quando percebeu que não o trouxera. Que distração! Estava tão focada na magia de Celiah que esquecia a sua própria. Usou as mãos desejosas das cordas para acariciar a grama. Vegécio veio novamente à sua mente. “Abro novos caminhos para que se conectem.” Aquela era sua função na trupe de Altero. Riu.

Sim, ela precisava abrir o caminho. Não precisava de Coriolano, nem de Tonio, mas de um Vegécio. Ou precisava entender como ele operava.

*

Ella aprovou a sombra do freixo o suficiente para retornar. O Coração de Celiah repousava em seu colo. De pernas cruzadas, apurou o tronco a fim de ajustar a postura adequada ao violino, mesmo sentada em posição incomum. Reconheceu o chiar do riacho e sussurro do vento. Percebeu as folhas se movendo conforme as palavras ditadas pelo ar, lembrou-se como Martius lia tais movimentos como se lê um folheto ligeiro atirado por um garoto.

Ella pegou o arco e o deslizou ligeiro sobre as cordas. Parou para ouvir o som ser absorvido pelo infinito. Ficou à sombra, mas esticou-se até deixar Celiah ao sol. Tocou novamente. Ouviu o som se perder.

O riacho chiava em cooperação com as pedras inertes em seu leito. A energia dos seres inertes que Vegécio comentou. Poucas notas fluíram, aguardou o retorno. O chiado mudou ligeiramente. Era fácil, era fluido, tinha movimento e era reconhecível. Ella continuou suas experimentações, a esperar que o líquido sem forma se adequasse à

vibração das cordas como se adequava ao leito irregular composto de seixos. Dominou as pequenas mudanças no curso das águas justificadas pelas obstruções que aumentavam a turbulência fraca da pequena corrente de água.

Satisfeita, passou a assimilar as obstruções. Precisava de acordes que pudessem se sustentar no ar e atingir as mesmas pedras que dominavam o fluido. Ella explorou as escalas exaustivamente para entender como os seres inertes respondiam às variações que lhe eram impostas. Assim como sua superfície rígida refletia, o conjunto irregular dispersava e criava o efeito de absorção sob múltiplas reflexões, bem diferente da absorção pelo infinito. Ella entendia a teoria, mas agora lia as respostas nas pedras do riacho. Passou dias neste exercício, sem nunca olhar para o leito. Já o conhecia por completo, desde que não mudasse a temperatura.

Este fator foi observado com a onda de calor que assolou os dias consecutivos, onde a densidade do ar se alterou e o vento respondeu de outra maneira aos acordes do violino. Inicialmente, pensou que seu trabalho estava desfeito, pois embora conhecesse as reações do vento, teria que mapear todos os efeitos da água e depois, reconhecer as alterações nas pedras. Entretanto, o ar se amenizou e ela teve uma terceira amostra das condições, das ações e das reações, da mesma maneira que a temperatura e a umidade alteram a produção do som na caixa acústica de madeira. Ella incluiu mais uma variável em seu estudo e observou o efeito das combinações. Se tinha os ouvidos voltados ao riacho, seus olhos se fixavam no Coração de Celiah.

Sentiu quando as pedras mudaram sob o efeito da música, e entendeu como elas finalmente respondiam. Treinou com os seixos do leito, com as pedras da borda e direcionou a música para rochas maiores. Entendeu como Tonio abalara as estruturas de uma edificação, certa vez.

Embora progredisse, Ella não sabia onde chegaria. Desvendava o poder de Martius e Tonio, mas não o de Celiah, pois a abertura dos caminhos desconhecidos para a música não era suficiente para que a gema respondesse a contento. Ella sentia sua mudança, mas não a atingia como certa vez atingiu quando Tonio tocou para Melgrod no mesmo momento.

Faltava um elemento ainda. Ella tocava e sentia Celiah. Aprendera a se controlar para não cair sob efeito das visões dominadas pela gema, pois desejava dominar. Assim, ao fechar uma porta que a afetava, tinha dificuldades para abrir outra que a beneficiasse. Teve a certeza de que Celiah não era um ser consciente, mas o poder concentrado de um ser que existiu, pois não sentia resistência à sua abordagem, mas apenas uma passividade que Ella precisava romper. Um muro alto que não deveria ser escalado, mas quebrado.

E se escalasse? Como o faria?

Ella esticou a mão, puxando a gema para seu colo à sombra. Ela brilhou mais, visto que o sol ofuscava parte de sua reação. Ella observou “Embora esteja lá, não é visível.”

Retornou à noite, testou abrir a gema, mas havia lua. Ella retornou em noite de lua nova, onde somente Celiah brilhou, aberta para o mundo de trevas que destacava seu poder. Ampliava-o. Ao tocar, o ar úmido da noite teve outro efeito, dispersando o som, mesmo aquele próximo à gema.

Pela manhã, o acampamento acordava devagar quando Ella o atravessou empolgada até Leafir. Ele ainda estava sonolento:

- Eu sei como chegar ao poder de Celiah. Não cheguei, mas encontrei o caminho!

Ele esfregou os olhos para focar a imagem da violinista.

- Então?

- Noite de lua nova em clima seco, ar puro e silêncio. Então eu e a gema seremos um!

Leafir não soube definir a sensação que teve perante aquela afirmação. Qualificou como expectativa.

*

A marcha dos Lanceiros Perpétuos e da Estirpe de Tenet foi bastante planejada, dadas as fragilidades destes últimos. Após quase um ano de recuperação da marcha desregrada de Riff-Pei até a Cadeia de Holiah, eles empreenderiam nova peregrinação, porém bem ordenada. Passaram por exercícios de velocidade a curtas distâncias, de destreza no combate ao programar o corpo para reações por reflexo, de carregamento de pesos para suportarem e manejarem as lanças, mas também de disciplina para uma marcha organizada no trajeto e um posicionamento e deslocamento eficientes na batalha.

Fazia dois meses que enviavam um batedor por semana pelo trajeto que fariam, a fim de localizar a Estirpe de Ruan e os elfos, mas também os obstáculos até a praia de Moros, por onde desceriam até Femon.

Os víveres seriam concentrados em carroças, mas todos os soldados e aptos a lutar deveriam levar um pouco consigo a pé. Qualquer um inapto para as artes da guerra ficaria em Holiah. Iam comandantes, guerreiros, ferreiros, marceneiros, cozinheiros, carroceiros, médicos, e muitos acumulavam mais de uma função. Eram 225 tenetianos e 452 lanceiros experientes, divididos da seguinte maneira: 22 tenetianos e 35 lanceiros davam suporte ao acampamento e marcha; 10 tenetianos tinham habilidades profissionais, assim como 23 lanceiros; 150 tenetianos e 370 lanceiros desceriam ao campo, 5 porta-estandarte tenetianos e 6 lanceiros e 38 tenetianos e 18 lanceiros dedicavam-se a atividades médicas e de saúde. Eram muitos tenetianos para esta última atividade, mas decidiram aproveitar o potencial daqueles que se voluntariaram. Somente porta-estandarte e os serviços médicos tenetianos participavam também de companhias exclusivas de lanceiros.

Os tenetianos eram, em sua maioria, os antigos plenos e adeptos, porém houve uma renovação quando saíram do deserto, com poucas mortes, alguns abandonos e diversos voluntários a seguir a fonte Melgrod.

Todos os guerreiros empunhavam uma espada embainhada no caso de agrupamento do inimigo. Tal situação não era a mais provável, visto serem primordialmente arqueiros que lutavam à distância. No entanto, os elfos eram experientes nas artes da guerra e nada era uma certeza.

Quatro companhias de guerreiros foram organizadas. Na infantaria leve, todos os 100 tenetianos lutariam com a lança curta de 2,4 m ao lado de 50 lanceiros. Os piqueiros eram formados por 50 tenetianos e 20 lanceiros armados com lança longa, de 3,2 m, e seria

acionada caso houvesse alguma cavalaria de surpresa. Outros 200 lanceiros compunham a infantaria pesada, por portarem escudos e lança curta, enquanto a infantaria leve tinha 100 lanceiros sem escudo para ter mais agilidade no campo. Eles seriam a retaguarda da infantaria pesada, mas poderiam se posicionar nos flancos se necessário. Os piqueiros se posicionariam inicialmente na linha de frente e, se comprovada a inexistência de cavalaria, iriam alternar a posição com a infantaria leve. Esta manobra foi exaustivamente treinada visto os guerreiros serem novos na função e o treinamento proporcionar tanto eficiência ao deslocamento, quanto uma sensação de segurança aos guerreiros ao conhecer suas funções e o sistema de substituição na frente.

Tonio observou com Mestre Gan os recursos dispendidos com Tenet.

- Podemos absorver os custos. O financiamento de sua amiga Lucha foi inesperado e aliviou o nosso caixa, portanto o mérito não é exclusivamente nosso. Não esperava que ela tivesse bons recursos. – Mestre Gan fitou Tonio, mais por curiosidade do que por julgamento – Pirataria?

Tonio suspirou:

- Antes fosse, mestre. Antes fosse.

Tonio ainda se preocupava com os números de Ruan. A Plêiade foi mais atraída pelo magnetismo de Ella e Tonio acreditava que a Profetisa da Luz tivesse cooptado outros ruaneiros no trajeto. No entanto, sua maior preocupação, os elfos, eram uma incógnita. Sua infantaria de 677 membros poderia resistir a um número maior caso os ruaneiros estivessem em maioria, mas caso fossem elfos, e ainda, se não fossem todos arqueiros, seriam o maior problema. Tonio tinha segurança dos piques longos contra os cavaleiros, mas ainda não passara essa segurança aos inexperientes em batalha.

Ele fitou o batalhão iniciar a marcha. Nada mais a fazer, tomaram as precauções possíveis.

*

Sávio Labaki, Aida Barovah e Elder Val Nehr cavalgaram rapidamente até o porto do rio Desterro. Permaneceram no Grande Rio depois que ele suplantou o Sobetiba e subiram o Holiah contra a corrente e contra as quedas que exigiam uma volta por terra até a próxima embarcação. Quando estavam próximos da sede dos Lanceiros Perpétuos, desviaram-se para cruzar o Lago Sereno e pegarem uma jangada que se propunha a atravessar o Charco Seco. Quase à Foz do Charco, ao sul das praias de Andreada, passaram para montarias que os levaram a atravessar a fronteira até Femon. Entraram no país com estrutura própria providenciada pelos espiões de Labaki. Lá, ouviram sobre a marcha de Ruan em direção à fronteira de Andreada.

Até aquele momento, Aida ouvira mais de uma vez:

- Esses trajetos são longos e cheios de obstáculos.

Nos últimos, ela já respondia:

- São e sempre foram. Contentem-se com águas e patas, pois estamos indo muito bem.

Depois de saberem que a Estirpe de Ruan não se encontrava mais no acampamento do último ano, Labaki parou com os devaneios e decidiu que precisariam apressar as investigações e o passo.

Duas perguntas estavam no ar.

De Labaki:

- Onde está Ella?

De Aida:

- Onde estão os elfos?

*

Ridell trocava instruções com Jukka quando Caemvhir o chamou.

- O que achou do trabalho de Jukka? – perguntou o comandante.

Ele foi sincero:

- Foi bem treinada.

- Conhece Lohrys?

- Não. Estive em outra companhia.

- Sim, as máquinas de guerra. Gostaria que houvesse tempo para que as construísse para nós.

Ridell mentiu:

- Após vencermos esta batalha, estarei disponível. Não devemos nos arriscar antes.

Ele não mentiu sobre sua disposição, pois gostaria de voltar a trabalhar com suas criações. Eram dezenas de anos afastado desde a última decepção. Sua genialidade poderia ser finalmente reconhecida naquele campo, mesmo entre tantos humanos. Os poucos elfos referendariam suas criações e, em um outro momento, ele poderia retomar sua arte em atividades mais nobres, preferencialmente entre elfos libertados de Belerod, mas não reclamaria se tivesse o talento reconhecido entre humanos.

Contudo, mentiu ao informar que estaria disponível. A palavra quebrada à criatura de fogo que protegia as matas de Carior era sua ruína. Ele não sabia quando, nem como, mas sabia que mencionar conhecer tal criatura era suficiente para que um contínuo fosse acionado cujo desfecho dependeria de uma lápide cravada ao chão com o seu nome elegantemente gravado em baixo relevo.

Ele tentava não pensar nisso, e concentrava-se em fazer de seus últimos dias algo mais digno do que as últimas décadas. Era difícil. Qualquer estrondo, estampido ou até grito o alarmavam. Acordava molhado de suor pelos sonhos que propunham diferentes maneiras de seu fim se concretizar. Desejava que a batalha se acelerasse, pois a espera pelo fim era torturante. Evitava transparecer suas fraquezas em público, mas sentia que se expunha em momentos inesperados.

A companhia da humana Jukka, que se habituara ao introspectivo Lohrys, era sua melhor opção. Passavam horas em silêncio no trabalho manual ou a transmitir instruções breves entre si ou para os aprendizes. Como Lohrys não tinha disposição de se misturar, Ridell adotou o mesmo padrão sem estranhamentos, resumindo a se comunicar com sua nova assistente Jukka.

Ele considerou que sua inserção entre os elfos que atenderam ao chamado de Leafir passaria despercebido pelo general. Quando foi informado que eles migrariam para outra tarefa, Ridell foi um dos voluntários para permanecer com os humanos e liderá-los em batalha. A vaidade do elfo o instigou a se juntar à sua gente, mas preferiria morrer em batalha do que executado por ordem do Comandante Arqueiro. Ridell conhecia a honra de Leafir e, se desprezou sua passividade em relação aos humanos quando o conheceu, admitiu que passou a admirá-lo depois que se levantou e conclamou a guerra em nome do povo de Belerod. No entanto, não eram características suficientes para aceitar uma condenação do general. Melhor encontrar seu fim com uma espada na mão.

Caso sobrevivesse à batalha, sabia que teria se destacado tanto por ser um dos poucos voluntários, quanto como um artífice que prometia máquinas de guerra. Este destaque o levaria ao general e, por consequência, à condenação. Melhor encontrar seu fim com uma espada na mão.

Tendo planejado o seu destino, Ridell não considerou que teria que lutar com a passagem dos dias. Era irônico que um elfo, cujos anos mal eram sentidos, se incomodava com a lentidão do tempo. Paradoxalmente, a rapidez da passagem do tempo o levava à destruição. Assim, seu autocontrole era desafiado.

Sentimentos há muito congelados emergiam como um bloco a derreter no mar tropical após esquecido nas altas latitudes por eras. Do medo à compaixão, do cuidado ao desafio, ele coletava o que abandonara há tempos em um caminho que facilitara encarar suas derrotas.

Aquela batalha traria finalmente a última derrota, ou a primeira vitória. Era interessante a irrelevância do desfecho, já que estaria morto. Cogitou se a morte era a derrota final de uma longa vida. Não seria. Perdeu por tempo demais, naquela batalha morreria bem, agarrado a uma réstia de honra ao lutar pelo povo que desprezou por tantas fraquezas. Pensava que era a ideia da honra que o confortava, pois não era familiar ao perdão que agia em seu íntimo.

Ao ouvir que tenetianos se aproximavam, não se inchou de orgulho, o ódio não aflorou, nem pensou nos adversários e em como levaria o mal até eles. Pensou em sua partida como a condição para os elfos voltarem a brilhar.

*

Os batedores anunciaram a proximidade do acampamento da Estirpe de Ruan naquela noite, embora não soubessem atestar sua localização exata.

A expectativa aflorou os sentimentos tenetianos que assimilavam a realidade de confrontar seus vizinhos e familiares. Ainda não tinham se recuperado emocionalmente das perdas do último ano e já se viam novamente em mais uma crise provocada pelos mesmos profetas que macularam seu templo santo, batizaram-no com destruição e

selecionaram os dignos para testemunhar a nova fé. Foram cooptados, divididos, classificados e treinados para matar os seus em nome da promessa de uma crença que se diluía sob a ameaçada da separação das fontes.

Assim era a percepção de Tonio quando contemplava seu povo. No entanto, ele tinha a certeza de que sacrificar Celiah para abrir Belerod traria consequências desastrosas, embora não tivesse certeza de que o dragão viria a perecer de fato. Ele ainda se agarrava à justificativa do futuro conflito entre elfos e humanos.

Tonio chacoalhou a cabeça enquanto caminhava por entre tendas provisoriamente levantadas para seu pequeno exército adormecer. Fracas estrelas mal iluminavam a noite escura. O chiado das cigarras cercava o campo aberto, uma leve brisa marítima rompia a costa para escorrer continente adentro e resfriar sua expectativa. A caminhada visava trazer a concentração necessária para enfrentar as surpresas que viriam com o erguer do sol no horizonte, mas falhava em manter seu pensamento na estratégia. As consequências de suas ações estapeavam sua mente a todo momento.

Decidiu meditar. Foi até o limite do acampamento para encontrar um espaço confortável e propício. Sentou-se ao chão, pernas cruzadas, tentava ouvir a brisa e o chiar da natureza. As trevas ao seu redor dispensavam fechar os olhos. Evocou uma respiração calma e profunda que condicionava seu corpo ao estado de relaxamento que requeria para o exercício. Ouvia seu corpo sutilmente, como um sopro entre o chiado das cigarras e o baque dos cascos abafados na terra. Contudo, ouviu.

A princípio, pensou que poderia ser um dos cavalos que se soltara. Apurou os ouvidos, eram apenas duas patas. Virou a cabeça, nada viu, mas sabia que algo estava lá.

Em geral, cascos não representam perigo, exceto por algum touro hostil que já teria bufado para anunciar sua presença. Tonio pensou que o débil deslocamento era um cuidado proposital. Embora não se sentisse ameaçado, seu instinto estava aberto para uma casualidade ou um perigo.

Então ouviu a voz:

- Tonio de Valdoa, Mestre de Armas cortantes, perfurantes e contundentes com o corpo. Mentor da Estirpe de Tenet, Profeta da Chama, Bardo Peregrino da Espada.

Alguns dos títulos ele nunca ouvira, mas, antes de se concentrar em palavras, ele queria saber sobre a voz. Virou-se na direção em que ela foi proferida:

- Quem está aí?

- Um amigo. Um mensageiro.

- Revele-se.

Ele viu a silhueta de um rapaz de braços finos e peito desnudo por trás de um arbusto. Ele tinha um véu a proteger a cabeça, mas que revelava um rosto imberbe, de maçãs proeminentes e lábios generosos.

- Não irei me aproximar, tampouco peço que venha até mim. Nós, frágeis vítimas do mundo, tememos até o vento. E não represento perigo, venho para conferenciar.

- A essa hora?
- Sua hora não é diurna.

Tonio sentiu a ameaça:

- Sabe muito sobre mim, e nem me permite vê-lo direito. Como se chama?
- Dê-me um nome, senhor. Eu apenas sirvo àqueles que aceitam minha oferta.
- Oferta?
- Do diálogo virá uma oferta. A ganha são informações. A paga é cara, mas sempre válida.
- Seja claro. E comece dizendo como sabe sobre a Estirpe de Tenet, e sobre eu ser um bardo.
- Do primeiro nome, assim é chamado neste lugar, Mentor da Estirpe ou o Profeta. O bardo é conhecido em muitas cidades do continente sul, de Moros para os confins gelados de Dust. É o mesmo que esteve ao lado da violinista barda de Altero de Medina.

Tonio engoliu em seco. O jovem sabia muito.

- O que deseja?
- Conferenciar.
- Já o estamos fazendo. O que pretende com esta conversa? O que quis dizer com uma oferta?
- Pretendo acalmar seu coração, senhor. Levá-lo à sua violinista, impedir que ela se torne sua inimiga.

Uma faísca passou pelo coração de Tonio. De pé, ele apertava os olhos para tentar ver melhor seu conferencista.

- Sabe dela?
- Sei como seu enfrentamento o fere, e como pode feri-la. Por que temos que passar por essas provações? Em nome de palavras, em nome de criaturas que nem conhecemos?

Cada nova palavra do jovem fazia Tonio pesar sobre o que mais ele sabia. Evitou mencionar os dragões, e escolhia termos genéricos para evitar fornecer novos elementos a quem desconhecia. Aquele jovem podia, e até parecia, ser um elfo, tanto quanto a noite sombria permitia supor.

- Estou passando por qual provação?
- A que o senhor se colocou ao negar a sua Dama Barda do Violino. Aquela que partiu seu coração quando se manteve fiel aos seus princípios. Permita-me oferecer o meu auxílio. Com ele, não irá confrontá-la nos próximos dias, o embate entre os dois será evitado. Ofereço um pacto que cumprirei com alegria para que não venha a lutar contra Ella.
- Um pacto? Um acordo de cavalheiros?

Ele riu baixo.

- Não senhor. Algo imutável.

A irritação de Tonio era crescente, ele tentava disfarçar.

- Magia?

O jovem não confirmou, nem negou:

- Um compromisso enlaçado que se manterá por pouco tempo, porém o suficiente para que os nossos desejos sejam realizados. Cada qual faz sua parte.

Tonio hesitou, ainda bravo:

- Como posso saber que você tem mesmo condições de evitar o meu confronto com Ella?

- Não devo revelar a abrangência de meus recursos, senhor. Compreenda que é para o meu bem-estar, dada a minha frágil constituição. Sinto-me ameaçado a todo momento por poderosos, sejam senhores da espada, como o senhor, ou da magia, como também o é. O que sou eu, senão uma mosca diante dos grandes mestres que regem esta terra?

- Diga o que você é, então, e deixe que eu conclua se é mesmo tão frágil.

- Não me atrevo a revelar minha vulnerabilidade. Sou um mensageiro humilde e temeroso do julgamento de meus mestres.

- Então nada tem a oferecer.

- Não confunda minha constituição fraca com minhas possibilidades de construir relações. É assim que eu sobrevivo. Eu negocio. E tenho a oferecer ao senhor a sua bela violinista longe deste terrível e inevitável conflito.

Tonio estava tentado. No entanto, era claro que, se não fosse uma armadilha, poderia ser algo pior.

- Posso considerar sua oferta se me disser quem você é, estranho. Ou de onde vem. Ou a quem serve. Caso contrário, nada tenho para acreditar em você.

O jovem suspirou. Tonio reforçou:

- Um pacto requer confiança! Confiança requer reciprocidade. Sabe muito sobre mim, estranho. O que pode me dizer sobre você?

O estranho saiu de trás do arbusto para revelar as patas de cascos bifurcados abaixo dos pelos de cabra que iam até a cintura, conferindo-lhe um andar peculiar arrematado por uma cauda. Seu véu, que disfarçava as orelhas pontiagudas mas, principalmente, duas pequenas protuberâncias acima de sua testa, deslizou sobre o ombro até ser agarrado no ar pela criatura.

- Um sátiro! – o sorriso de Lina estapeou sua mente.

- E como pode ver, senhor, suscetível ao mau julgamento dos poderosos.

- Mau julgamento?

Tonio se recuperava do susto, soube pouco o que dizer.

O sátiro esclareceu:

- Vejo que sabe pouco sobre nós, senhor, e sua dúvida já é uma gentileza. Mesmo com o meu receio diante dos homens, sirvo àqueles que me oferecem santuário e pedem meus serviços em troca? Nada diferente do que hoje ofereço: um serviço em troca do que almejo.

Tonio desejava acreditar na criatura, mas a impressão que Lina deixara o imunizava das palavras atraentes da criatura.

- E o seu nome, sátiro?

- Chame como quiser.

- Sílvio?

Ele se curvou, aceitando educadamente a alcunha, embora tenha achado pouco criativa.

Tonio também foi educado em aceitar a justificativa de fraca constituição para o excesso de cuidado de Sílvio, embora os sátiros das histórias de Lina fossem rápidos e fortes.

- E seus mestres?

- Senhor, me pediu uma prova dentre três opções, assim cumpri.

Era justo. Ele corrigiu:

- Apenas quero saber se têm realmente poder para trazer Ella a mim.

- Senhor, nada disso prometo. Nosso pacto se baseia em evitar a luta entre vocês dois.

- Somente nós dois?

- Não posso prometer que não haverá batalha. Apenas que não haverá confronto entre os bardos.

Tonio queria negociar:

- Qual seria o preço para evitar a batalha?

O sátiro pareceu ser pego de surpresa, soltou a respiração após uma breve reflexão:

- As duas armas.

- Armas?

- As fontes dos crentes.

Estava claro. Ele sabia sobre as fontes, embora nada mencionasse das gemas dos dragões. Tonio não se exaltou:

- Sem elas, a batalha não teria propósito.

- De fato.

- E qual o preço para evitar me confrontar com Ella?

Ele sabia a resposta.

- A sua fonte.
- Sem ela, a batalha não teria propósito.
- Teria.

Tonio admitiu que o sátiro sabia o que dizia.

Era sedutor jogar tudo para o alto, entregar a fonte dos problemas, reunir os amigos para desaparecer e seguir em paz. No entanto, seguir para onde? Voltar para casa era um termo que admitiram que não existia mais. Ainda tinham laços com tantos que eles seriam cobrados mesmo que jogassem as gemas para o alto para que o mais ganancioso a agarrasse.

“As consequências... O que estou pensando?”

- No início de nossa conversa, pensei que desejava favores dos lanceiros. Que pediria para que intercedesse por sua causa.
- Causa? – Tonio captou um breve sorriso de sarcasmo na escuridão. – Uma maneira interessante de colocar. Um negociador tem missões, enquanto os mestres têm causas.
- Bem colocado. Conhece a causa de seu mestre para a Fonte de Calor?
- Aquecer.

Embora alerta e em luta interior para controlar a ira, o mestre de armas se divertiu com a ironia. “Não posso perguntar sobre Riff-Pei”.

- É uma intenção de paz. – Apontou Tonio em elogio.
- Decerto é uma intenção de ajudar.
- A quem?

O sátiro entendeu a armadilha.

- Sim, talvez ao meu próprio mestre. Ele não é um. Isso posso afirmar.

Tonio decidiu aceitar o jogo de palavras, que por demais se estendia:

- Se beneficia mais de um, já me parece mais justo.
- Toda causa é justa, só depende dos olhos de quem a vê – acrescentou o sátiro.

O mestre de armas meneou, em concordância. Pensou novamente em Ella enquanto suspirava tristemente a fitar a escuridão sem fim, mostrando os sinais de que poderia ceder à tentação.

- Não importa o que fazemos, sempre há um preço, não?

Sílvio inclinou a cabeça em solidariedade à fraqueza que Tonio aparentava. Preparava-se para responder ao mestre abatido, mas suas primeiras palavras foram interrompidas pelo zunido da espada que cortou o ar até alcançar a coxa do sátiro. Tonio a jogara, a fim de evitar que a criatura saltasse. Foi tão rápido que a dor de Sílvio se aproximou junto do

próprio atacante e assim, o sátiro foi impedido de se mover a contento, recuando apoiado na perna sã desajeitadamente. O repuxo da perna ferida comprometeu sua evasão ao desequilibrá-lo. Ele viu a silhueta de Tonio se aproximar em um voo, e nada mais viu após cobrir seu rosto para se proteger dos socos que recebeu. Tonio recuperava a espada quando a criatura tentou um chute com a perna boa, mas sentiu o punho do mestre disseminar uma onda de choque cujo centro partiu do nariz.

A noite ainda era escura quando Sílvio, o sátiro, acordou. No entanto, ele enxergou bem à luz das velas, sem problemas para identificar Tonio sentado à sua frente com Lucha e Tessa ao fundo. Nenhum disposto à diplomacia, tampouco a uma simples negociação de taverna.

No entanto, Tessa aparentava prazer com a situação. Ela pegou uma taça, Tonio tirou a espada e encostou no pescoço do sátiro amarrado pelas mãos e cascos.

- Se mordê-la, terá problemas para respirar.

Tessa realmente estava animada:

- Isso é fascinante. Um sátiro!

Sem escolha, ele bebeu, esperançoso de mostrar boa vontade para conseguir alguma vantagem.

Lucha aproveitou para perguntar enquanto ele bebia:

- Como se chama?

Terminou de engolir e respondeu:

- Sílvio.

Ela estranhou:

- Sílvio? Nenhum sátiro se chama Sílvio.

Tonio a interrompeu para questões mais importantes. Afastou a espada depois de Tessa terminar.

- O que você pretende com a fonte?

- Entregá-la a meus mestres.

Tessa interveio:

- Precisa dar mais tempo.

O sátiro entendeu o que bebera. Praguejou.

Tonio aquiesceu e se sentou, espada ainda nas mãos.

O sátiro tentou estudar os inimigos:

- Você foi rápido.

Tonio respondeu:

- Mais do que você.

O prisioneiro o fitou profundamente:

- Como sabe o quão somos rápidos?

- Não vai interrogar o interrogador.

Tessa sorriu pela lacônica resposta impassível do amigo.

Lucha analisava o sátiro Sílvio ao fundo. Resolveu provocar:

- Para ter credibilidade, escolha nomes melhores.

- Lucha, esqueça o nome – Tonio reclamou.

- Não é um nome de sátiro, Tonio, ele começou mentindo.

O sátiro deixou escapar o riso sarcástico. Foi Tonio quem defendeu:

- Ele não daria o nome verdadeiro. Que diferença faz qual ele escolheu? Lembra seu hábitat.

- Ele deve nos achar burros. Nos acha burros, Sílvio?

Ele também os analisava. Já os havia observado por dias, via que não simulavam. No entanto, logo começaria a falar, tentava criar uma lógica que não o fizesse sentir que estava mentindo, ou o seu corpo responderia.

- Não. Acho que são inexperientes.

Funcionou. Palavras próximas e vagas porém, não as verdadeiras. Conseguiria burlar a poção, mesmo que não fosse capaz de manipular o interrogatório. Ao menos, era o que pensava.

Tonio olhou para Tessa, e tomou a palavra após ela acenar afirmativamente que a poção já estava ativa no sangue da criatura:

- Quem são seus mestres?

- Portenho, Regina Ascer e Mothian.

Tonio pigarreou, olhou para as duas e deu de ombros.

- O que eles são?

- Meus mestres.

Ele bufou. O sátiro sorriu com a irritação do bardo.

Tessa se aproximou, agachou-se perto do sátiro:

- Sílvio, qual o propósito que seus mestres têm para com a fonte?

Sílvio parou de sorrir. Grunhiu para se segurar, mas nada conseguiu.

- Pagar a aliança negociada.

- Aliança com quem, Sílvio?

Ele se contorceu. Procurava palavras válidas para a verdade.

- Com os mestres do sul.

Tonio entrevistou:

- Diga o nome deles!

- Não sei.

Ele virou as costas para se acalmar. Tessa havia sido clara: a verdade viria, mas perguntas duplicadas enfraqueceriam o efeito da poção. Como ela prevera, o sátiro conhecia a poção e manipulava as palavras como podia.

Lucha perguntou ao fundo, braços cruzados.

- Se conheceu os mestres do sul, descreva-os.

Novamente, Sílvio, o sátiro, fez uma cara e desgosto:

- Ele era velho e torto, próximo da morte que não vinha. O outro era mais jovem, olhos de assassino. Traduzia as vontades do velho que estava longe. Tinha o ar sábio do conhecimento, no entanto, era um executor.

- Descreva mais!

O sátiro grunhiu novamente. Tonio ia chutá-lo, foi contido por Tessa.

- Deixe que ele lute, faz parte.

- O velho estava ao seu trono, em sua terra, o executor, ao meu lado. Tinha olhos brilhantes, usava cavanhaque, gesticulava pouco, sentia-se o próprio senhor da empreitada.

Tessa percebeu que ele fornecia descrições mutáveis.

- Sílvio, o executor era mais alto ou mais baixo que você?

Sílvio a fitou com ódio:

- Mais alto.

- Sílvio, o executor tinha olhos e cabelos de que cor?

- Ambos escuros.

- Sílvio, o executor tinha cabelos curtos, compridos, ou era calvo?

- Curtos e calvos.

- E você não sabe o nome porque acredita que ele deu um nome falso, Sílvio?

- Sim.

O sátiro atirou a cabeça para trás, punindo-se.

- Sílvio, como os seus mestres irão se beneficiar com a entrega das fontes?

Essa ele respondeu sem pestanejar:

- Nos darão alimento.

A resposta desconcertou Tonio, que olhou para as duas. Tessa tombou a cabeça para o lado, em dúvida das intenções do sátiro. Ele completou:

- Seu povo passa fome?

- Muita.

- Por que não procuram outros meios que não este acordo com os mestres do sul?

- Porque é o melhor acordo.

Lucha não se moveu para interromper a linha de raciocínio:

- Não, não, não. Sílvia, descreva o tipo de alimento que receberão dos mestres do sul.

O sátiro inspirou o ar, começou a tremer e logo sacolejava a ponto de cair do colchão sobre o qual fora colocado. Babava e se contorcia com o ódio no canto dos olhos a captar a imagem de seus algozes. Por fim, entregou-se num choro de libertação:

- Os desejos, as alegrias e as dores humanas.

- O quê? – Tonio não acreditou.

Tessa também não entendeu, mas indicou que o efeito estava se extinguindo.

- Ele é forte. Não vai durar muito.

Lucha se aproximou:

- Agora que você está sob o efeito da poção, me diga o seu nome verdadeiro, aquele dado a você em nascimento para usar quando fosse adulto.

Sílvia, o sátiro, estremeceu.

- Lamisuios.

Lucha fitou os demais:

- Lamisuios, o necromante.

*

Eles se acharam há poucos metros da tenda onde estava o sátiro. Sussurravam, tendo Virgur a uma distância segura para vigiar a entrada. Lucha elogiou Tonio:

- Foi genial você dar um nome ridículo para um sátiro. Tessa conseguiu irritá-lo no interrogatório, isso o desestabilizou.

Tessa agradeceu o elogio embutido no de Tonio, que não gostou tanto assim.

- O nome não importa!

Tessa apoiou o elogio a Tonio:

- Como não? Ele ficou visivelmente irritado a cada vez que eu o chamava de Sílvia.

- Ei! Temos um sátiro lá dentro, e vocês propõem que ele fuja!

Tessa explicou:

- Ele é especializado em pactos sombrios. Vai conseguir fugir mais cedo ou mais tarde. Melhor preservarmos os nossos, alguém acabará por aceitar o pacto.
- E se fugir logo, eu posso segui-lo. – Lucha completou.
- ãh? Seguir? Você não conseguiria seguir um sátiro!
- Não, mas consigo seguir o rastro de necromantes.

Silêncio. Entreolharam-se.

Tonio pediu mais explicações sobre aquela suposição, que obrigou Lucha a refrescar a sua memória:

- Lembram-se que reconheci Demétrio no momento em que entrou em minha taverna? Esse sátiro me lembrou o maldito, gastei um pouco mais de tempo para constatar porque na taverna vocês tocavam, a magia apura a minha percepção. Só que enfrentamos necromantes dias depois, então acho que soube como reconhecer algo mais por detrás daqueles cascos sujos, mesmo sem magia no ar.

Tonio foi seco:

- O mesmo grupo de Demétrio?
- ãh? Não, digo, sim, mas o líder chamava de irmandade. Deve ser um conclave, ou covil, chame como quiser. Uma confraria da morte. Como era o nome do líder?

Tonio fitava o chão. Respondeu de imediato:

- Severo.

Tessa tentou ser objetiva:

- Acha mesmo seguro? Devem estar nos observando faz tempo.
- Sou indicada para lidar com esse tipo de coisa. E só quero observar também.

Tonio protestou:

- E vai se afastar! Pouco antes da batalha!

Lucha hesitou pela veemência de Tonio, mas defendeu sua proposta:

- Ele descreveu Rêmulo de Pisanti, Tonio. O que é melhor para produzir sentimentos que alimentam as necessidades dos mortos perdidos em um limbo de esquecimento do que as histórias dos Betemares?

Tonio cerrou os punhos.

- Então enfrentarei Ella sozinho. – Cedeu, vencido.

Tessa foi em seu auxílio.

- Eu não vou arredar o pé.

Tonio a fitou:

- Vai! Deve levar a gema para longe se tudo der errado. Para Lucha ou, se ela morrer também, para Martius. Fique a postos se eu morrer.

Tessa assentiu sem contestar.

*

Na mesma noite, Jainor bebeu uma poção de Tessa que o eximiu da responsabilidade de seus atos. Aquilo o protegeria do efeito da magia de um necromante, de maneira que ele pudesse cumprir o seu lado do pacto ao libertar Lamisuio, e nada receber em troca, nem de bom, nem de ruim.

- Basta aceitar desamará-lo quando assim ele o propuser. Ele prometerá algo atraente, então não será difícil fingir desejar o que realmente deseja.

Jainor fitou Tessa, confuso:

- Eu... acho que sim. Digo, não será difícil.

Lucha resumiu:

- Apenas entre lá, ouça o que ele tem a dizer, não argumente, olhe com desconfiança, depois dê um suspiro e desamarre.

Tonio completou:

- E saia da frente dele. Ele irá correr como uma raposa. – Corrigiu. – Como um sátiro.

Quando Jainor se retirou, Lucha perguntou:

- Como sabe tanto sobre sátiros?

- Lina.

Ela não pôde conter um sorriso provocador:

- Teve ciúmes?

- Posicione-se, Lucha. – Ordenou Tonio a contragosto, porém em um momento oportuno para evitar confissões sobre a fada.

Ela já saía quando ainda ouviu:

- E volte.

Quando ficou só, Tonio se lembrou de Lina. Sim, teve muitos ciúmes quando a fada mencionou o quanto sátiros eram lascivos, e como simplesmente ignorou sua pergunta sobre a origem de tanto conhecimento. Em contrapartida, Lina descreveu como eles eram essenciais nas comemorações, grandes responsáveis pela alegria da música e dança que agradavam aos convivas como uma oferenda à diversão. Eles coreografavam a agitação conforme suas vontades, em meio à euforia que alimentavam em saltos e trotes que eram acompanhados pela turba mantida com vinho. Lina elogiou os sátiros e deu claros sinais de que apreciava os eventos em que eles lideravam.

No entanto, e talvez para aplinar as rugas na testa de Tonio e seu andar inquieto, ela esclareceu como segredos não eram confiados a sátiros. Eles jogavam com manipulações

e arranjos de vontades por divertimento, tanto antes quanto após os intensos festins dos quais participavam, como deuses caprichosos a arbitrar sobre as vidas alheias. Lina justificou que a manipulação era da natureza dos sátiros e era possível conviver com as criaturas desde que se soubesse resguardar de tais avanços. Eles só faziam estragos nas vidas que assim permitiam e que, no fundo, desejavam muitas emoções e algumas tormentas.

Além do mais, quando um juramento de fidelidade estivesse envolvido, era possível, e até recomendável, confiar nos sátiros – se estivessem do lado certo. Seus jogos eram divertimento, suas vidas eram para o prazer. No entanto, se uma ameaça se colocasse à frente de um sátiro, ele tratava o assunto tão seriamente quanto um humano. Sátiros não brincam com sua sobrevivência, não desafiam a vida por prazer e sabem reconhecer a importância de aliados.

- Sátiros são exímios saltadores na trama e na cama.

Tonio grunhiu. Lina justificou:

- É um ditado! Eles saltam bem quando é diversão: dança, vinho, euforia, sedução. Cercam, pegam, carregam, soltam. E saltam na vida: manipulam, negociam, ofertam, sobrevivem com malícia. Atenção: a trama é também luta, saltar é a arma do sátiro. Mal chega e salta para longe, some rápido se preciso. É melhor em avançar ou girar, recuar é a escolha derradeira. Na luta, ele vira, cerca, fere e solta. Não pega, não tem gosto pelo corpo a corpo. Gosto na luta! Ou voltamos a falar da diversão.

Ao ver o dia amanhecer, Tonio ainda pensava como protestou sobre a conversa do corpo a corpo com os sátiros, principalmente na diversão. Não imaginou que o incômodo daquela ocasião fosse algum dia beneficiá-lo com instruções para nocautear Lamisuious.

*

Lucha não viu o sátiro fugir, mas ouviu e sentiu o rastro de morte que ele deixou. Pelo auxílio de Tonio, que tocou brevemente antes de Jainor intervir no cativo de Lamisuious, ela sentia a magia na criatura e torcia para que ela fosse para perto do mar a fim de facilitar sua percepção. Seria perfeito se um córrego descarregasse almas perdidas por afogamento em uma foz, ou algo similar. No entanto, a alternativa apenas exigia um pouco mais de esforço para segui-lo durante o amanhecer.

Atravessou o campo rumo ao interior, afastando-se assim do cheiro leve do mar. Praguejou. Para piorar, a criatura era de fato rápida. Lucha torceu para que ele se cansasse como qualquer ser vivo e, em algum momento, reduzisse o passo. Seu desejo se realizou quando ele se sentiu em segurança, o que permitiu que Lucha mantivesse seu ritmo inalterado. Sua segunda aposta era que em breve ele pararia, fosse para repousar ou ao chegar ao seu destino.

Em uma baixada coberta pelo gado, uma estrada cruzava a mancha de reses onde uma estalagem cercada de edifícios de apoio se destacava. Lucha identificou do alto do morro onde Lamisuious se escondia de cócoras a observar o movimento matutino de hóspedes a

seguir viagem, funcionários a entrar no estábulo, outro a puxar uma vaca de tetas gordas de leite. Um menino seguia para o rebanho, outro tirava um cavalo descansado para um homem que aguardava à porta. Águas sujas foram jogadas em um buraco, depois o poço proveu conteúdo limpo nos baldes carregados para dentro.

Um homem alto, de cabelos escuros a cobrir as têmporas e calvo da testa ao topo da cabeça saiu da estalagem Corcel Cileste. Lamisuios se inquietou. O homem esticou os braços sob o frio e jovem sol da manhã, torceu o tronco e pescoço. Cumprimentou o outro homem que subia em seu cavalo, e seguiu na direção onde o sátiro se escondia. Subiu o morro e se sentou sob a relva a admirar a paisagem bucólica com a criatura às suas costas. Lucha viu que ele se irritara, depois soltou o que pareceu uma exclamação sem surpresa, balançou a cabeça negativamente algumas vezes, esmurrou a própria perna uma vez. Manteve-se calmo no restante da conversa, e depois desceu até a estalagem.

Ela torceu a boca. Esperar até a noite, ou arriscar abordá-lo antes que ele pegasse a estrada?

Pesou as chances de ele conhecê-la de Fraga. Considerou que teria a sua descrição, mesmo que nunca a tivesse visto. Melhor não arriscar, pois não previu precisar de um disfarce. Arriscou ser necessário abordá-lo na estrada, sentou e aguardou a noite. Felizmente, previu uma vigília e levava comida.

Ficou tentada a seguir o sátiro quando ele se afastou, mesmo sabendo que o chefe estava ao alcance. Não se incomodava tanto com os espíritos, mas odiava aqueles que os manipulavam. No entanto, surpreender um Betemar com uma faca na garganta e contar uma história de uma aliança rompida era mais atraente.

O homem não viajou naquele dia. Ele esperava notícias da batalha que estava próxima, e Lucha considerou que dois homens que entraram na estalagem a cavalo em momentos distintos e saíram minutos depois em disparada era mensageiros dos Betemares. Foi muito rápido, ela não tinha como prever. Estaria pronta para bloquear o próximo, mas não houve um terceiro.

Ao anoitecer, ela entrou com o capuz sobre a cabeça. Pediu jantar e um quarto. Caminhou até uma mesa na sombra após correr os olhos e não ver o homem calvo. Torceu para que não atraísse a atenção dos presentes, e virou o amuleto para dificultar captarem seus ruídos e atrair qualquer percepção para si. Algo mudou. Retornou a face com a gravação para os presentes. Observou. Repetiu o movimento. Escutou. Inverteu novamente. Entendeu.

Lucha desejou que Ella estivesse presente para que não precisasse se esforçar em ser simpática com o estalajadeiro e com a moça que a fitou sorrindo quando trouxe jantar e cerveja. Também desejou que o olhar duro e orgulhoso de Martius atraísse as atenções e rechaçasse quaisquer intenções, e até a irreverência alerta de Tonio que noite adentro transformava-se em embriaguez, porém sempre com a mão displicentemente descansada sobre o punho da espada. Apesar de tais aspirações, estava certa de que era ela quem deveria entrar naquela estalagem para sentir o ar pesado que não vinha do óleo das tochas, tampouco da cera evaporada das velas. Percebia no ar a mesma magia que a acompanhara durante o trajeto em Domênica, quando ainda não conhecia o poder dos Betemares. As pessoas à sua volta estavam enfeitiçadas, como ela já estivera.

Havia mais. Lembrou-se do velho pirata de Dust e a menção à sombra da morte. Ela se manifestava de uma maneira diferente, como ao reconhecer Demétrio. Concluiu que Necromantes estavam à sua volta, carregando a morte venerada em um altar em seus corações.

Não era uma armadilha. Não a reconheceram. Nem a conheciam. Ela seria ignorada, ou seria uma vítima caso uma história de um Betemar chegasse a seus ouvidos. Mexeu na comida como pôde, conteve a ansiedade e levantou-se assim que o estalajadeiro avisou que o quarto estava pronto. Para disfarçar, deixou a comida parcialmente consumida, mas levou a caneca.

A moça que a serviu barrou sua passagem:

- Fique mais um pouco. Estão a contar histórias encantadoras nestes dias, em breve alguém iniciará um conto como os dos sonhos mais belos.

Ela foi seca:

- Os meus sonhos já me incomodam o suficiente.

Seria a segunda noite sem dormir, mas estava fácil manter-se acordada, dado que o seu coração palpitava forte, seus músculos doíam de tensão e sua nuca se arrepiava a cada vez que passava à frente uma porta: Betemar, Betemar, necromante, neutro, Betemar, ninguém, necromante. Estava tão claro!

Assim como em Fraga, o Último dos Benames os seguia, previa seus movimentos e tramava, mas, ao contrário dos dias em Fraga, Lucha conseguia sentir a magia Betemar. Por ter sido vítima dos contadores de histórias, havia aprendido a reconhecê-la após constatar os bardos enfeitados a bordo do Lâmina Amolada e ainda testemunhar Martius quebrar o encanto. Este conhecimento foi somado à experiência adquirida nas lutas contra os necromantes, de maneira que lentamente identificara Lamisuios por meio da observação, embora tivesse reconhecido Demétrio instantaneamente antes dos confrontos pelo ambiente de magia proporcionado pela música dos bardos.

Não havia magia barda na Corcel Cileste, mas quando Lucha invertia o amuleto, ela sentia na pele a diferença da densidade do ar, os sons reverberavam e os contrastes entre os mundos ficavam mais nítidos. Lembrou-se da névoa que Ella descrevera no salão anterior à entrada do covil dos necromantes, onde a música não se transmitia pelo ar, mas parecia ter se materializado nele. Parecia um mundo em transição. Lucha não se encontrava naquele espaço descrito por Ella, mas percebeu a tentativa de seres incompreensíveis invadir o mundo que não lhes pertencia com a mesma facilidade caso estivesse à porta do covil.

Ela se agachou no quarto pensando no que fazer. Escapar, enfrentar, provocar, interrogar. Tonio a esperava para a batalha. Não. Ele não esperava, era necessário seguir. Ele apenas almejava que ela chegasse a tempo.

Ouviu uma voz ao longe, uma história era contada. Cobriu os ouvidos, inverteu o amuleto. Esperou que terminasse e, sem perceber, dormiu.

Acordou de súbito com passos do lado de fora, anunciados pela vibração da madeira quando um hóspede passou. Adormecera encostada à porta, um sono pesado que a

desconectou do tempo. Reposicionou o amuleto e tentou ouvir. As vozes eram muitas, havia risos abafados, tudo normal. A vela indicava que poucas horas se passaram – conclusão incerta, dependeria da qualidade da vela, poderiam ter sido minutos. Lucha se pegou em devaneio, o que importava a qualidade da vela? Avaliou seu estado e, embora o breve sono tivesse aliviado parte do cansaço, condenou-se por dormir perto de manipuladores de almas e homens.

Esfregou o rosto, alongou-se rapidamente. Ao sair do quarto, identificou três hóspedes restantes inclinados em uma mesa no salão do térreo, os responsáveis pelos risos. No andar superior, deslocou-se até a única porta ocupada pela pessoa que não emanava magia. Bateu.

A porta se abriu, Lucha baixou o capuz e pediu para entrar com o sorriso mais doce que conseguiu produzir. O homem a olhou de cima a baixo e abriu passagem, fosse por curiosidade ou qualquer outra intenção. Ao fechar a porta, enquanto se virava para Lucha, ganhou uma pancada com o cabo da faca no nariz que o fez cambalear. Colocou as mãos no rosto, e um joelho de Lucha se encaixou no meio de suas pernas. Ela se jogou sobre ele, e socou sua garganta, dificultando sua respiração. Foi suficiente para dominá-lo.

Ofegante e suada, Lucha passou para o corredor a tentar sentir a maior fonte de poder Betemar. Cobriu-se com o capuz e bateu novamente, mais intempestivamente.

O seu alvo surgiu alerta à sua frente apesar da hora. Claramente aguardava algo ou alguém, estava vestido para sair e se surpreendeu quando viu a silhueta de um estranho. A voz aguda de uma moça indefesa baixou sua guarda, embora soasse assustada:

- Ajude, por favor. Um homem foi atacado! – Mostrou as mãos com o sangue do nariz de sua primeira vítima. – Não sei o que fazer.

O homem esticou o pescoço para fora do quarto, dando as costas a Lucha. Segurava uma faca, que permaneceu imóvel quando sentiu a mão de Lucha sobre a sua após sentir uma lâmina, que não a sua, em seu pescoço.

- Em silêncio, volte para o quarto. Já viu que sangrar não é problema para mim.

O homem obedeceu.

- Há um engano aqui.

- Quietos!

- Deixe-me explicar quem eu sou.

- Deixo que murmure quem você é! Sentirá se eu duvidar de sua palavra.

- Sou apenas um viajante cansado...

Foi interrompido com a pele aberta à frente da traqueia.

- Sem histórias, Betemar!

Ela percebeu que ele perdeu a fala. Lucha direcionou a conversa:

- Responderá minhas perguntas, nada mais. – Não esperou por resposta. – Além do sátiro, quais outros contatos com os necromantes?

- Apenas ele.

Lucha convenceu-o a se corrigir ao cortar mais fundo. Estava próxima de interromper sua respiração, ou puxar a lâmina para o lado para fazer o mesmo com o fluxo sanguíneo que alimenta o cérebro.

- Além de Tebum Kataro e Severo Mincia.

Tonio a alertara sobre Severo. Arriscou falar como se conhecesse ambos:

- Não são os necromantes que estão aqui.

- Os grandes não se misturam.

- E qual o acordo?

- Nenhum... – lembrou-se da faca - ...além da coexistência.

- Fornecer os sentimentos que atraem os mortos pelas gemas?

- Sim, pelas fontes.

Lucha mordeu os lábios. Ele não sabia das gemas ligadas aos dragões, quase se entregara. Em seguida, pensou que valeria o risco.

- As gemas dos dragões.

O homem se surpreendeu. Apenas mexeu os olhos na tentativa de ver o rosto de quem o ameaçava.

- Dragões?

- Diga-me, Betemar, o que espera delas?

Ele percebeu que teria que dar algo para obter mais informações.

- O poder de criar vulcões onde antes havia cidades.

- Então os grandes Betemares acreditaram nas histórias de peregrinos coitados e loucos por uma atenção em troca de comida? – Ela testou.

Ele embarcou de propósito:

- Os Betemares reconhecem histórias verdadeiras. Ainda mais quando enviam testemunhas ao sul para comprovar.

Lucha cogitou o que o Duque de Fraga ganharia com aquela arma. Não perdeu tempo em praguejar:

- Vocês querem Katos!

- Queremos apenas nos defender de Katos. Não faria o mesmo, Tessa? Lucha? Ou Velma?

Lucha já esperava por aquilo. Contudo, estranhou que ele omitisse o nome de Ella. Aproximou os lábios da orelha do homem para sussurrar provocativamente:

- Sílvia.
- Pois bem, Sílvia. O que posso dar a mais para garantir minha vida?
- Desde quando Rêmulos segue os passos dos bardos?
- Desde que os conheceu em Fraga, com algumas interrupções. O Último dos Benames considera que as “gemas dos dragões” – pronunciou devagar o presente que Lucha oferecera generosamente – são uma boa indenização pelos estragos que deixaram.
- São mais do que ele imagina, mas elas não estão prontas para o Duque. Não vai adiantar se eu disser que, caso ele tenha paciência, poderá se beneficiar mais do que ter uma arma contra Katos?
- Não vai adiantar, Sílvia. É impossível imaginar algo mais grandioso do que dominar a própria Katos, Moros e os reinos adjacentes.

Lucha apertou mais forte, mas sem cortar. Entendeu que a Borda de Fraga nada significava diante da conquista do continente.

- E eu pensei que poderia deixá-lo viver para contar ao Duque sobre as boas novas a Fraga.
- Atenderei às suas expectativas, Sílvia.

O homem deu uma cotovelada em Lucha enquanto empurrava a mão com o punhal da ex-maruja. Ela ainda conseguiu cortá-lo, mas não a ponto de romper a traqueia. Ele a jogou contra a parede para fincar a sua faca, desviada para acima da cabeça, quando ela travou sua mão a tempo de proferir algumas palavras.

Ao contrário das histórias dos Betemares, que envolvia a vítima vagarosamente com a embalar o sono, o canto de Lucha era instantâneo. O homem arregalou os olhos e perdeu a vontade de atacar. Foi empurrado por ela para o chão, que não interrompeu sua canção de morte.

Suas palavras impronunciáveis carregavam um desejo de destruição. Ela aumentou o volume ao constatar que o homem começava a arranhar seu próprio corpo. Sem piedade, não ficou para apreciar a autoflagelação. Abriu a porta e cantou para os hóspedes Betemares e necromantes, de maneira que encontrassem em suas palavras o fim de suas vidas. Embora não os visse, sabia que arrancavam seus olhos, suas bochechas, puxavam seus próprios maxilares, arranhavam os braços até os ossos e se rasgavam até atingir os órgãos vitais. Lucha pensava em Celiah junto a Melgrod à frente de Valdoa, do Vale da Rã, da Capital de Katos ou de Atavanel a explodir a paisagem e toda a vida que se abrigava naquelas cidades. Não teve piedade. Cantou até que o último gemido de dor se dissipasse das paredes da estalagem.

O único sobrevivente foi encontrado amarrado, com os ouvidos entulhados de trapos, maldizendo a vilã que o atacou. Quando soube da tragédia, abençoou a ladra que evitou que ele abrisse a porta para as feras que dizimaram toda Corcel Cileste.

*

Posicionaram-se ao amanhecer da fuga do sátiro. Tonio caminhou para a batalha a puxar sua montaria vagarosamente em um ritual de concentração para uma das tarefas mais difíceis que já enfrentara. Cabeça baixa, pensava nas decisões e nas externalidades que o levaram até aquele momento.

Ao se juntar aos seus, ele montou para ampliar sua visão a partir de uma posição mais elevada. Viu duas encostas, ele em uma, a Estirpe de Ruan na encosta oposta. Elas eram separadas por uma baixada que abrigava um estreito campo. O lado inimigo – ainda doía pensar neles como inimigos – estava alocado em duas alturas devido a um ressalto que amortecia a inclinação da encosta no meio da elevação. Na lateral mais ampla do campo, à esquerda de Tonio, um rio modesto, porém profundo, rasgava a planície. A lateral esquerda era acidentada e fechada pela vegetação densa. Lá, batedores percorreram as matas a pé, pois os cavalos não se sustentavam no terreno inclinado.

Reconheceu Zirgur ao longe, Velma estava próxima no ressalto do terreno, ele procurou Ella por perto. Tentou localizar Leafir, nada encontrou. Mal via elfos, um ou outro no meio dos humanos. Perguntou-se onde se escondiam, tentou avaliar a tática por trás daquela formação. Os batedores não avistaram os elfos arqueiros, o que era aceitável pois iriam se expor de acordo com a formação escolhida, mas estranhou a ausência de Leafir para transmitir a confiança devida aos ruaneiros, e ainda Ella!

Seus tenetianos e lanceiros estavam a postos. Tonio avaliou o terreno. Se os arqueiros permanecessem imóveis, seus homens lutariam morro acima. Ainda preocupado com a ausência de Lucha, tentou ao menos sentir o Coração de Celiah a fim de localizar Ella. Tessa não estava longe, ele sentia Melgrod, mas a gema não captava a irmã. Nada. Pensou em Martius, cogitou onde ele estava. No fim das contas, somente ele e Ella se enfrentariam, sem apoio alheio em nenhuma das partes. Cada qual com sua tribo guerreira, elfos ou lanceiros.

Ele pensou na nova tribo que surgiu no último instante, os necromantes. Eles aproximaram Ella e Tonio anos antes. Que destino funesto os colocou para intervir no rompimento final da dupla. Vender Melgrod por Ella parecia tentador, mas não resolveria o problema, e o enfraqueceria. Entregar uma gema, deixar sacrificar a outra, seria tudo para o qual não lutavam. E como um sátiro necromante evitaria o embate? Ele não evitaria, ele confessou que Melgrod era o preço para evitar confrontar Ella. As duas gemas seriam para evitar a batalha. Manipulação. Lina deixou claro, eles manipulam, jogam, têm prazer no poder de desviar as vidas conforme seus gostos. Como ele manipularia Ella para que se afastasse da batalha? Tonio refletiu. Manipulação. Procurou os elfos no campo. Continuavam ausentes. Assim como o General Leafir. Os ruaneiros estavam à vista. Ella não estava lá. E não estaria!

Virgur perguntou a Tonio se ele falaria aos tenetianos.

- Disseram que precisa fazer um discurso antes de enviá-los à batalha.

Tonio saiu de seu transe:

- Não.

Virgur não entendeu:

- Dizem que ajuda na autoconfiança, eles esperam que fale, Profeta.

Tonio ignorou a pergunta:

- Nada a dizer. Recue. – Puxou o cavalo em direção ao mestre Gan. – Recuem todos! Não haverá batalha!

Mestre Gan o olhou interrogativamente.

- Não haverá batalha, mestre. Ella não está lá! Os elfos não estão lá! Será um massacre! Entregaram os ruaneiros para morrer nas pontas de nossas lanças. Não faremos o jogo deles! Não seremos manipulados para assassinar!

Tonio não esperou resposta, atravessou o campo para acenar a Jainor. A ordem era recuar.

Um burburinho estranho começou a se manifestar entre os guerreiros do lado de Melgrod. Aos poucos, o comando foi assimilado e lanceiros começaram a abrir espaço, distanciando-se dos ruaneiros na encosta oposta. Estes, sem entender o que acontecia, perguntavam-se se deviam avançar. Jukka, ao fundo, lançou sua dúvida a Ridell que também se perguntou dos motivos daquela movimentação, e foi até Caemvhir. Encontrou-o insano sobre o cavalo, a gritar contra os tenetianos com toda a força de seus pulmões.

- Não! Voltem! Zirgur, ordene que voltem! Onde vão?

Estava claro para Ridell agora:

- Estão se retirando.

- Vamos avançar então! Pegá-los na retaguarda! Avançar arqueiros!

- Eles podem correr e atirar, mas não os alcançarão. É uma armadilha?

- É, e está dando errado! Temos que avançar!

Ridell não se referia a uma armadilha de seu lado, mas entendeu a estratégia. Pigarreou nervosamente a fim de encontrar uma resposta. Sem sucesso.

Caemvhir mantinha-se agitado.

- Avancem! Provoquem-nos! Não os deixem ir.

Zirgur retrucou:

- São muitos! Mais que nós! Deixe que vão! Eles não querem lutar!

- Não há essa escolha, humano! Avance com seus arqueiros!

Ridell contemplou um Caemvhir irreconhecível. O desapontamento ferroava o controle que exibiu até aquele momento, ele esporeava o cavalo e o retia continuamente, como se a provocação fosse atingir as lideranças tenetianas. De sua parte, Ridell também estava frustrado, embora estivesse mais tolerante que Caemvhir.

- Tonio de Valdoa! Covarde!

Na encosta à frente, a palavra lavou a alma de Tonio por confirmar que eles desejavam o embate. Como não? Seria o rompimento irremediável de Tonio e Ella, um plano inteligente que levaria Celiah diretamente a Belerod após a renascida Ordem Draconiana perecer sob o sangue da Estirpe de Ruan. Tonio irradiava de satisfação! Ella não tramou a batalha, talvez nem soubesse que sua estirpe fora condenada ao sacrifício para o bem-estar dos elfos. Ella estava longe, e foi essa a informação que Lamisuios manipulava para obter vantagens.

Negar a batalha era o caminho. Procuraria Ella em seguida, mas não mataria nem um ruaneiro para ter a violinista de volta.

Estava com este pensamento, costas para o campo, quando Virgur apontou para o centro.

Um único elfo cavalgou à frente em desafio a gritar o nome de Tonio. O mesmo que tentou provocá-lo. Mestre Gan se aproximou:

- O elfo Caemvhir. Comandante que lutou ao lado de Leafir Amdir.
- Ele está mesmo me desafiando?
- Não há outros elfos à vista, pode ser uma armadilha.
- Não há, mestre. Eles estão longe, com Ella. Essa foi nossa armadilha.
- Ele quer outra, como pode ver.

Tonio viu o elfo instigar o cavalo enquanto gritava imprecações em meio a seu nome.

- Mantenha a calma e resistirá.

Ele estava calmo e até feliz. Revisou mentalmente as ações e intenções de Leafir. Elas trouxeram à tona a visão de um futuro próximo, onde os elfos continuariam a fazer uso da Estirpe de Ruan até sua destruição. Sua calma se transformou em frieza, a felicidade em precaução.

- Não pretendo resistir, mestre.

Antes que mestre Gan respondesse, Tonio avançou até ser ouvido por Caemvhir e pelos arqueiros que povoavam a encosta:

- Caemvhir, você me chama de covarde, mas não vejo os elfos prontos para esta luta. São os elfos os covardes? Onde estão? E quem afinal você lidera? Preciso perguntar pois, sem Ella nesta batalha, você parece não saber de quem é a liderança da Estirpe de Ruan. É minha! Do Profeta da Chama! Eu, o líder da Estirpe de Tenet herdo a Estirpe de Ruan até que a Profetisa da Luz retorne!

Caemvhir não esperava aquela manifestação. Ficou momentaneamente sem resposta, de maneira que foi suplantado pela reação da própria Estirpe de Ruan, ferida pela perspectiva de enfrentar familiares e vizinhos e confortada com a possibilidade de redenção. Os gritos vindos dos ruaneiros apoiaram o profeta de sua antiga fonte, pela qual ainda mantinham fé em serem salvos, como acabara de acontecer.

Tonio levantou o braço a pedir silêncio para reforçar a mensagem:

- Não haverá batalha! Não lutaremos contra nossos irmãos, se os elfos são nossos verdadeiros inimigos. As estirpes recusam-se a derramar sangue em vão!

Caemvhir sentiu o perigo da união aparentemente inevitável. Precisava reverter o desfecho daquela negociação, ou falharia para com o seu general:

- Quer a Estirpe? Então abandone esta covardia e lute! Enfrente-me neste campo e ganhe o direito de liderá-los.

O grito de Tonio liberou sua raiva no ar. Seu sangue ferveu com o desafio que soou como o chamado para resgatar o que pertencia a Ella e a Celiah. Ele sentiu a fúria de Melgrod sob a guarda de Tessa a apoiar a reconquista de Ruan estirpe e a salvação da Ordem Draconiana.

Esporeou o cavalo e desceu em direção a Caemvhir, que brandia a espada a incitar o lanceiro. As estirpes vibraram dos dois lados.

Ridell sentiu-se mais desamparado que Caemvhir. Ao lado de Jukka, cujos olhos fixos no campo denotavam indecisão, ele pesou as chances de dois guerreiros experientes e feridos pelo destino, cada qual a seu modo. Entendeu o quanto o derrotado perderia: o seu povo.

Estava certo que não haveria maior embate que aquele, e decidiu que perder a vida executado por Leafir não importaria tanto quanto perder a perspectiva de Belerod livre. Poderiam ainda citar o seu nome nos livros das bibliotecas de Faemon Handra, nas tavernas de Galianthiel ou nos salões dos castelos de torres ogivais adornadas de motivos florais. Por algum motivo, aquela redenção lhe pareceu atraente.

O trote potente da montaria de Tonio ecoou no campo. Ele sabia que o elfo calculava bloquear a lança no último momento de aproximação. Sem escudo, Caemvhir ainda tentaria se esquivar ou, caso confiasse em sua espada, romper o cabo da lança com um golpe. Teria que ser certeiro para golpear assim que alcançasse a base da ponta metálica. Habilidade ele deveria ter, então Tonio teria que desviar a ponta ao menor movimento de Caemvhir. Ambos se aproximavam a estudar as intenções resguardadas nos movimentos sutis, na postura em preparação e no olhar fixo do oponente. Encaravam-se.

Caemvhir fez um gesto amplo a fim de neutralizar a mudança de posição da ponta da lança de Tonio na tentativa vã de cortar o fuste da arma. Entretanto, desestabilizou-a e se aproximaram por demais, o que fez com que Tonio batesse o cabo da lança contra Caemvhir que, por sua vez, bloqueou-a com a espada. O mestre de armas afastou o cavalo para ter novamente controle da arma, mas Caemvhir previu a intenção e não deixou que se afastasse. Tonio maldisse o cavalo e saltou, consciente da desvantagem de estar abaixo de Caemvhir. No entanto, confiou na vantagem de sua liberdade de se movimentar, fosse com a lança ou a espada. Ainda com a primeira, estocou uma, duas e três vezes, o que obrigou o elfo a bloquear com rapidez as investidas. Consciente da vantagem natural do elfo, o mestre de armas valia-se das vantagens da lança para contrabalançar: o alcance ao oponente e a alavanca que ampliava os esforços.

Caemvhir bloqueou a lança com a espada e a sustentou sobre a cabeça enquanto instigava a montaria sobre Tonio, desequilibrando-o. Ao chão, ele rolou por debaixo do cavalo, saindo quase ileso no lado oposto, porém sentiu um raspão do casco em sua perna esquerda e se viu obrigado a largar a lança. O elfo já o esperava do lado oposto, mas não

esperava que Tonio ousasse a agarrar o estribo e usar o próprio abdômen do cavalo para se proteger enquanto puxava a sela do inimigo. Ambos ao chão, Tonio se levantou a tempo de sacar a espada enquanto Caemvhir rolou para resgatar a sua, perdida na queda. Com um joelho apoiado, ele bloqueou um fendente, esquivou-se de uma estocada baixa mas não foi capaz de prever o próximo movimento após Tonio fintar e cortar o ombro do oponente. Caemvhir praguejou e trocou a espada de mão, o que deu maior vantagem a Tonio.

No entanto, este mancava levemente pelo choque com o casco do animal.

Estudaram os danos, a disposição e o poder de resposta do inimigo.

O entorno deixou de existir, silenciosamente respeitoso ao único combate em curso.

As espadas voltaram a se chocar incessantemente em cortes e bloqueios e contra-ataques a fim de encontrar uma abertura para um golpe fatal. Não tendo encontrado, mas para aproveitar o braço esquerdo de Caemvhir, Tonio deixou que sua espada deslizesse sobre o forte da lâmina do elfo, recuou seu tronco quando a guarda estava próxima do inimigo para dar espaço para inverter a arma e deixar o punho atingir o rosto de Caemvhir. Este tinha a atenção na lâmina, que afastou, e deu pouca atenção às mãos de Tonio, erro que pagou com uma trinca no osso malar. Tonio esperava duas reações possíveis, ou envergar-se à frente, o que seria fatal e não ocorreu, ou afastar-se ao perder o equilíbrio. A segunda possibilidade forneceu o distanciamento necessário para chutar o elfo e deitá-lo, finalmente a compreender o que o atingira. Caemvhir sentiu a lâmina romper o seu peito pelo lado da armadura e entendeu o seu fim.

Tonio nunca pensou que um dia mataria uma criatura de possibilidade de existência milenar. O suor de seu rosto escorreu até Caemvhir, concedendo-lhe uma última sensação antes da vida se esvair. Jamais chegaria a Tonio o que o elfo sentiu com aquela última experiência.

Tonio urrou, ainda apoiando-se em sua espada cravada no elfo.

Aos olhos da audiência, um Profeta vitorioso gritou a anunciar a reconciliação das Estirpes de Tenet e Ruan. Responderam em uníssono clamor de triunfo. Tonio levantou o braço a aceitar tal interpretação, desencorajado para explicar a verdade: que protestava por sua escolha em reduzir os danos, cujo preço ele pagava sozinho. Seria conhecido como o executor de Caemvhir. O que mais podia fazer, senão lastimar-se em um brado que tomou o campo de batalha?

Jukka vibrava com os demais quando percebeu que Ridell havia desaparecido. Constrangida por tê-lo ignorado, avaliou que ele fora mobilizar os elfos para remover o corpo de Caemvhir. Optou pela solidariedade e abandonou as comemorações iniciais para procurar Ridell.

Havia outros cinco elfos remanescentes, que haviam sido distribuídos entre os grupos de arqueiros de Ruan conforme as ordens de Caemvhir. Jukka não teve dificuldade de avistá-los em uma discussão acalorada. Acreditou que divergiam sobre o destino do corpo. A multidão vibrante camuflava sua aproximação. Ouviu Ridell antes de ser avistada:

- Deveríamos atrasá-los, desestruturá-los. Acabamos deixando-os mais fortes, e agora deixaremos que esta morte seja em vão? Ainda podemos causar danos suficientes, estarão em uma noite inteira de celebrações.

Um elfo apontou para Jukka. Ridell se virou e um sorriso amargo típico de outras épocas retornou facilmente ao seu rosto. Jukka arriscou acreditar na dor que sentia pela perda de seu comandante.

Ele abriu um braço convidativo para enlaçá-la carinhosamente. Ela aceitou. Foi direcionada para o centro do grupo. Estava cercada pelos elfos em meio ao ruído da comemoração, e ninguém ouviu o seu gemido quando o punhal de Ridell se enterrou em seu ventre. Os elfos fecharam o cerco para apoiar o corpo e carregar discretamente para longe de conhecidos.

Último do grupo, Ridell sentiu-se envergonhado como se Aida o estivesse encarando. Baixou a cabeça para disfarçar a face ruborizada e se livrar do julgamento da anã. Tentou resgatar os tempos anteriores a Valdoa, mas seu papel na libertação de Belerod firmou suas convicções e pareceu mais justificável do que aceitar o que outrora fora.

De fato, arqueiros e lanceiros celebraram noite adentro. Tonio encontrou Tessa, perguntou em vão por Lucha. Ela preservou Melgrod, nada soube de algum retorno. Ele já protestava comicadamente por Lucha estragar a alegria do momento:

- Acredita que até a Velma me abraçou? Recato nada, estão todos bem soltinhos! Só a irresponsável da Lucha é que me atrapalha a beber. Aposto que está derramando um caneco em outro lugar, e eu aqui preocupado com ela.

Tessa foi irônica:

- Sim, é a cara da Lucha beber sem você, ainda mais sabendo que você estaria em uma batalha sem os outros.

Tonio deu de ombros, procurando não se perturbar. O álcool aliviou sua dor por ter tirado a vida do elfo, a ausência de Ella terminou por ser algo positivo no confronto, não era possível que Lucha estragaria tudo! Ele acreditava que em breve ela o abordaria a protestar por ter sido excluída da pacificação das estirpes, como fazia quando era dispensada da ação.

Ele se certificou de guardar o Coração de Melgrod e liberar Tessa da responsabilidade, para que ela aproveitasse a festa. Já estava relaxando também sobre o sumiço de Lucha quando viu apontarem para o fogo.

O fogo se espalhava em direção ao centro do campo a partir da encosta onde estavam originalmente os ruaneiros. Surpresos, aqueles próximos deslocaram-se para os flancos, tanto para o rio quanto para a mata, orientados por quem gritou que o fogo subiria a encosta dos lanceiros.

Havia tempo, nada a temer, afinal, todos os presentes estavam em condições físicas perfeitas após uma batalha sem feridos. Virgur gritava para que subissem a encosta antes do fogo atingi-la, pois a encosta da Estirpe de Ruan já estava em chamas. Foi obedecido por alguns, enquanto outros correram paralelamente aos flancos para auxiliar os

conhecidos. Todos gritavam e gesticulavam a apontar os caminhos preferenciais para se afastarem do fogo.

Tonio não se movia, apesar dos protestos de Virgur. Ele levantou a mão ao seu assistente, que acatou o silêncio. Os mestres dos lanceiros cuidavam dos seus, que se envolveram com mais timidez na celebração, e estavam afastados. Tonio observou o fogo, avaliando como começou e para onde se alastrava. Enfiou a mão no casaco até tocar Melgrod, o que ampliou sua compreensão. Mais que compreender, Tonio sentiu o foco do calor vindo de baixo e à frente, e ainda da lateral direita.

Alarmado, olhou para o lado, ninguém via os pequenos pontos de fogo, mesmo na noite escura. Cinco focos controlados que, assim que alimentados na mata, iriam avançar sobre aqueles que se abrigaram próximo à vegetação alta. Havia tempo, poderiam sair, o fogo fechara a encosta de Ruan, mas não a de Tenet. Eles precisavam se deslocar, ou ficariam cercados entre as chamas de vários lados e uma encosta íngreme às costas que só começara a incendiar, mas cuja escalada era impossível para a maioria.

Gritou para Virgur, a apontar para a área:

- Tire-os de lá! Ordene que subam por aqui!

Virgur hesitou a princípio, mas obedeceu diante da urgência do Profeta da Chama. Correu e gesticulou, transmitiu o comando a outros para fazer o mesmo. No entanto, muitos gritavam, orientavam, torciam, direcionavam para o lado mais escuro do campo. Parecia seguro, e nem Virgur entendia por que deveria arriscar subir a encosta cujo fogo já se alastrava, dividindo-a em duas partes ao invés de permanecer abaixo da mata.

Somente Tonio percebeu que a encosta se incendiaria antes que o povo localizado embaixo enxergasse a mata a se queimar.

Agarrado a Melgrod, Tonio se lembrou do envenenamento de Lucha. Corria como os outros, porém a procurar objetos muito diferentes. Sacou sua espada, arrancou outra de um guerreiro, e continuava a correr à procura de onde bater. Encontrou um monte de pedras por perto, testou o som metálico. Iria servir.

Tonio tinha Melgrod, um senhor das chamas. Nem ele nem a gema sabiam como apagar o fogo, as tempestades eram dádivas de Martius. A eles, cabia incendiar. Então Tonio tocou, inflamado pela emergência em fazer as chamas serem vistas a tempo. Cinco focos estalaram na mata, tornando-se visíveis da encosta de Tenet. Tonio tinha o amuleto voltado à encosta íngreme e verde da mata, de maneira a intensificar a queimada sem alimentar as labaredas às suas costas. Aquelas precisavam subir lentamente, enquanto as novas deveriam queimar incessantemente até serem vistas pelas iminentes vítimas.

Enfim ciente da situação, Virgur passou a gritar e acenar como um lunático em sincronia com os remanescentes na encosta para que ruaneiros e tenetianos subissem logo. Como estavam em um ponto mais baixo, eles ainda não viam o incêndio na mata e temiam atravessar o corredor ladeado de chamas que tinham à frente. Tonio intensificou suas pancadas, em clamor ritmado para que as brasas se multiplicassem e tomassem a mata até o ponto em que as vítimas perceberam o perigo.

Ao entenderem a ameaça urgente, iniciaram a subida de mãos dadas ou abraçados a enfrentar o fogo da encosta encolhidos pela radiação intensa que os queimou levemente, a alguns até moderadamente, mas que não tomou vidas como tributo ao espetáculo.

Foi Jainor quem ousou descer e tocar o ombro de Tonio para apontar para o povo em retirada. Não era necessário se sacrificar e, embora palavras não podiam ser ouvidas com o estalar à sua volta, Tonio aceitou que era hora de parar.

A Batalha das Estirpes entrou para os anais da história como a batalha em que muito se lutou, embora nunca tivesse acontecido. Também chamada de Batalha Ideal, onde os mestres da guerra se enfrentaram para preservar as vidas simples, ou Batalha em Blefe, quando os lados se mediram antes de desistir, ela foi aos poucos descreditada nas conversas de fim de noite como um confronto bélico e passou a ser tratada como uma tragédia por pouco evitada. Entretanto, era ainda mencionada quando se falava de uma batalha cujos dois lados saíram vitoriosos. Somente a derrota de Caemvhir foi registrada como dano; e nada se soube do preço que Tonio e Ridell pagaram naquele dia.

Os elfos, que controlavam os focos, pereceram queimados quando Tonio arrancou deles o controle do fogo. Ridell, responsável pelo incêndio na encosta de Ruan, retirou-se derrotado a contestar o destino que o preservou. Foi para o Norte, em busca de Ella e Leafir.

*

A ordem que os Lanceiros Perpétuos implementaram no campo era mal percebida em meio a tanta agitação. Enquanto tendas eram montadas, crianças eram direcionadas, arqueiros circulavam com víveres nas mãos, lanceiros apontavam onde levar, onde montar, onde cuidar. Pessoas se abraçavam em reconciliação, outras carregavam feridos até o pátio onde eles eram atendidos a céu aberto, líderes da Estirpe de Ruan davam ordens a tenetianos à frente de lanceiros que passavam apressados com medicamentos.

À primeira vista, Lucha considerou que a batalha fora infernal, e testemunhava os ruaneiros receberem socorro após terem se rendido à Estirpe de Tenet. No entanto, ela não viu os sinais da carnificina esperada, como aquela que ela provocara horas atrás. Havia alguns queimados, o que não era um bom agouro, porém era inesperado.

Ao longe, vira luz que alterou o amanhecer, e depois sentiu a fumaça que anunciou às suas narinas um viés nos planos de batalha. Sabia que a tinha perdido, lamentou por Tonio, e esperava encontrar ou a derrota, ou um acampamento vazio com o seu lado a dominar as provisões inimigas.

Aquela cena era mais que de auxílio, era uma aliança.

- Que milagre aconteceu aqui?

- Aquele beneficiado pela sua ausência.

Ela se virou e suspirou.

- Virgur!

Ela ia se retirar, não havia pessoa mais certa para julgá-la naquele momento. Ele a reteve.

- A Profetisa está desaparecida. Assim como os elfos.

Lucha entendeu e atravessou o acampamento tentando evitar as saudações. Havia alegria, apesar da tragédia dos queimados.

Tonio mostrou alívio quando a viu. Já supunha o que enfrentaria nos próximos dias, e o apoio de Lucha junto a Tessa era o que ele precisava. Não contava, no entanto, com a dimensão das notícias, que reduziram a zero sua necessidade de desabafar por ter matado um elfo.

Lucha não havia se desvencilhado do abraço dele quando disparou:

- O Duque de Fraga sabe do poder de destruição das gemas.

Tonio suspirou e a soltou. Ela não perdeu tempo:

- E pretende dominar os países vizinhos.

Ele gritou:

- Como é? Enlouqueceu?

- Sim, e acabei cantando.

Tonio havia se referido ao Duque, mas a série de revelações o chocou gradativamente até perder a fala. Ele levantou as mãos, em um gesto que Lucha confirmou.

Ele inspirou fundo, deu alguns passos a procurar concatenar o pensamento. Virou-se:

- Como você está?

- Com raiva! Ainda não cheguei na fase de arrependimentos. Nem quero pensar no que deixei para trás. Só vejo a frente, e o futuro é preocupante. Será nossa responsabilidade se acontecer.

Tonio engoliu em seco.

- Isso não vai acontecer. Vamos procurar Ella. E depois, Martius. É hora de acabar com esse Duque.

Lucha acatou o que entendeu como uma ordem. Saiu da tenda para contribuir na organização das Estirpes e seguiram logo para o Norte.

No entanto, como qualquer plano que já elaboraram, o destino os levava a outra direção.

*

Aida procurou sinais de cansaço quando Labaki saiu do quarto. A pequena cabana em que se abrigaram fornecia apenas um espaço privativo e, embora tanto ela quanto Val Nehr conhecessem as preferências do seu chefe em aparentar invencibilidade, apenas ela tinha consciência do esforço que ele acabara de executar. Ela captou o pequeno fio de suor escorrido da têmpora direita e uma quase imperceptível tensão nos lábios.

Ele se sentou na mesa, pensativo ou fatigado. Os outros dois fingiam concentrarem-se na sopa enquanto aguardavam a ordem. Ele captou o olhar ansioso da anã, reteve-o e sorriu calorosamente.

- Ainda parece um sorriso cínico. O que significa que conseguiu, não é? – Aida finalmente arriscou.

Ele nada disse a princípio, embora tivesse respondido com o aceno da cabeça, satisfeito pelo sucesso. Depois esclareceu:

- Mais do que isso. As duas estirpes estão unidas. Passaram por um batismo de fogo, literalmente, o seu segundo fogo.

Aida se aprumou na cadeira, e voltou a encolher os ombros quando Labaki se dirigiu a Val Nehr:

- Preciso que retorne. Há muitos feridos, quero as estirpes de pé o quanto antes. – Voltou-se a Aida. – Você continua comigo rumo ao norte, não estamos longe.

O médico pegou a tigela e bebeu rapidamente o resto do caldo. Como todos, mantinha a bagagem pronta para a necessidade de evadir rapidamente. Estavam sempre apressados.

- Você pode terminar com calma.

- Obrigado, mas se vou cavalgar só, quero aproveitar o dia ao máximo.

Aida tirou algo de seu alforje e entregou para Val Nehr.

- Isso é para queimaduras.

O médico olhou para o chefe interrogativamente, que acenou em autorização. Depois de sair, a anã comentou:

- Acho que ele ficou aliviado.

- Não o culpo. Temos mesmo uma relação de confiança que não permito a mais ninguém. Ele se sente claramente excluído.

- Ele me pegou chamando-o de mestre ontem.

- Por isso a proibi. Não se exponha sem motivo. E não há motivo para este tratamento.

Ela deixou claro o seu motivo:

- Vai me ensinar como fez?

Ele suspirou.

- O que viu, então?

Labaki gostava da insistência da anã. Fazia muito tempo que não era admirado por uma pessoa que de fato merecia o seu respeito.

- Eu vi a porta de Belerod. Sei para onde eles se dirigiram. Não vejo o passado, Aida, tampouco o presente. Elthor me ensinou a aprender, e com o tempo, fui estudando, embora tivesse outros focos que sempre me impediram de me considerar um mago. Sei truques.

- Truques? Você soube da batalha que acabou de acontecer. Eu levaria dias para conseguir sonhar com Belerod ou com a batalha!

- Porque eu sei conclamar minha vontade no ar. Mentes sensíveis captam essas vontades e, geralmente sem perceber, pensam no que externei. Se elas tiverem a informação, trarão à tona as respostas que preciso. O mais difícil é recuperar estes pensamentos, tenham eles se manifestado com palavras ou imagens. Não tenho a facilidade de atravessar o portão. Capturar os pensamentos é o grande esforço.

- É uma espécie de telepatia. Deve ser mais fácil para um oneir querathyra responder.

- De fato, é mais fácil! No entanto, alerta que não apenas um querathyra, mas outro tipo de mago pode captar e, dependendo de seu poder, captar conscientemente o que faço. Outra parcela de esforço crucial é permanecer invisível a fim de evitar uma intrusão.

Passaram mais um tempo a discutir a teoria das novas habilidades que não seriam permitidas a Aida na Cidade Elevada de Elthor por ela ser Tri-maga Terapêutica em nível seis. Ela desconfiava que nem os de nível sete tinham acesso àqueles ensinamentos originados dos tempos em que o próprio Elthor caminhava pelo mundo. Além de não serem terapêuticos e, portanto, fora do escopo do Sacramento, eles se misturavam às pesquisas próprias de Labaki, um dos primeiros discípulos do Elevado.

Estavam na estrada quando Aida pensava a fundo no que havia aprendido. Ao contrário do médico, Labaki preferia viajar abrigado pela noite, tanto pela discrição quanto pela ausência de viajantes que poderiam atrasar seu progresso.

- Um dia vai me dizer como o conheceu?

Não era necessário especificar a quem se referia:

- Teria serventia?

- Posso registrar novos anais com a história de Elthor pré Sacramento.

- Acredito que um dia alguém irá registrar como nós dois nos conhecemos.

Não era preciso de luz para saber que ela exibia um sorriso.

Havia um terceiro motivo para viajar à luz das estrelas que a anã não tinha coragem de perguntar: a pele fina e branca de seu mestre devia ser castigada sob o sol e, ao contrário do que pensara quando esteve com Ridell, Aida sabia como ele zelava por aqueles com quem realmente se importava. Evitar a dor era vital para reduzir as preocupações de Sávio.

- Labaki.

- Sim?

Ele já aceitara que seria uma noite de perguntas. A sua necessidade de se sentir próximo de alguém o levou a permitir algumas revelações.

- Quando tudo isso terminar, não quer fundar uma nova escola de Elthor na Ordem Draconiana? Um novo Sacramento, que vai além dos fundamentos da cura.

Um silêncio prolongado mostrou a Aida que ele refletia por demais. Pensou que ele imaginava a possibilidade, até ouvir a resposta:

- O que a faz pensar que me aceitarão na Ordem? Depois do que fiz.

Ela sentiu o pesar de sua voz na própria pele. O elo entre eles crescia em uma aura da magia disponível aos dois de maneira mais intensa do que a de outros pacientes ou mestres que já tivera.

- E o que faz agora? Está lutando arduamente para compensar seu erro.

- Não é altruísta. Também serei beneficiado com o retorno dos dragões. Este mundo não acredita em intenções, ainda mais quando o que me move é a culpa.

- O amor também!

Ele rechaçou o comentário:

- Não seja piegas.

- De tudo o que já me falou, ficou bem claro o quanto ama Celiah.

Aida aceitou que deixaria para depois uma nova tentativa de romper aquela rede quando ouviu a resposta.

- Então apressemos estes cavalos. Ela está em perigo, e nós divagando sobre sentimentos imperfeitos quando precisamos agir rapidamente e com lucidez.

Ao final de mais um trecho da longa viagem, Aida adormeceu torcendo que a conversa inspirasse o deus dos sonhos a revelar mais sobre Labaki. No entanto, as grandes portas de chifres jamais obedeceram à sua vontade.

*

Era um istmo e, portanto, uma passagem de fato. O limo dificultava a caminhada sobre uma única peça mineral que se estendia como um braço até a minúscula península ao longe. Embora aparentemente natural, e até irregular, em tempos remotos poderia ter sido uma passarela perfeita por onde até carroças pudessem passar enfileiradas e com a garantia de manter suas cargas secas. Por poucas vezes Ella se inclinou para compensar o equilíbrio por concavidades no piso, ao contrário do aspecto escorregadio que exigiu que Leafir, sempre atento, a sustentasse com frequência.

O montante de terra que quase se descolava do continente era pequeno, mas suficiente para ser ocupado por poucas edificações seguras da maré alta, ao contrário do istmo, que desaparecia quando era desejo do mar se elevar em uma vã tentativa de chegar aos céus.

O local era ocupado por pórticos desordenadamente dispostos, o que Ella duvidou ser verdade.

- Há uma lógica naquela colocação, não há?

- Existem há muito tempo, Ella, não sei responder.

Eram pórticos em pedra natural, esculpidos de maneira grotesca com o intuito de se manterem de pé na forma desejada, sem o esmero ou os elegantes adornos característicos do povo de Leafir.

Embora o mar estivesse calmo, a umidade e os ventos, mesmo que amenos, eram inevitáveis. Ella se perguntava se praticara o suficiente em ambiente propício antes de se aventurar na incerteza.

Quando Leafir a entregara um campo limpo em um vale seco sem ventos, Celiah iluminou a escuridão em resposta à música elegante que a saudou, em um despertar para que explorassem mais que memórias embutidas em uma fonte de magia que muito mais podia. As ondas deslizaram em volta da gema a acariciar o mineral, como se fosse o veludo, e a cada novo arranjo se tornava mais e mais insistente. , , de maneira que Ella captasse as escalas para as quais a gema melhor respondia ou, como a violinista interpretou, o que mais agradava Celiah.

Noites se passaram para que um conjunto de sons fosse criado que ampliasse o poder que a gema emanava. Ao dispersar o poder pelo ar, uma única música composta com as preferências do dragão se misturou à sua magia exposta e se tornou familiar a ele. Quando retraída, a memória das notas acompanhava a energia regressada e penetrava na gema. Executado repetidamente, o exercício destravou as trancas para que a vontade de Ella se tornasse a vontade do dragão.

Ella sentiu a mudança refletida em seu corpo, sensação drasticamente diferente do que experimentara mesmo quando Celiah brilhou em Riff-Pei. Um toque reconfortante a envolveu antes de passar pelos seus poros, preenchendo-a com uma sensação de perfeição e poder que ela só pôde comparar quando se tornou o dragão em voo, junto a Tonio como Melgrod. No entanto, se antes ela sentiu a plenitude de um dragão por um momento, ela sentia infinitas possibilidades expostas em um acervo de opções a seu alcance com uma permissão perpétua para manejar as peças que compõem a vida. Um medo diante da imensidão que via à frente a invadiu, mas não a desanimou. Saberria como controlar seus ímpetos a fim de degustar as conquistas prometidas pela gema.

Ao tocá-la, sentia o Coração de Celiah mais próximo do seu. Aproximou-o fisicamente. Fechou os olhos e inspirou. Desejou ver os bardos, e eles surgiram à sua frente. Lucha caminhava de cabeça baixa, compenetrada a ouvir Jainor e acenar afirmativamente sem nada dizer. Tonio, a cavalo, seguia em uma aglomeração de membros da antiga Plêiade, Ella reconheceu membros de sua Estirpe dentre eles. Não fixou a atenção, pois mal conseguia ver Martius pela escuridão da caverna em que se encontrava, ora caminhando, ora parando para observar o piso. Pegava em algum objeto e analisava momentaneamente, com um provável olhar de desgosto que Ella não pôde comprovar devido à pouca luz disponível, fosse onde ele estivesse. “À procura de Baai”. Sentiu-se culpada por testemunhar os bardos em movimento a executar o plano proposto por ela mesma, que o sabotaria em breve.

- Não! – ordenou a si em voz alta, para que o som penetrasse mais fundo e fechasse o seu coração para as distrações. Não se permitiria recuar após a decisão tomada.

Testou outros poderes.

Sentiu os elfos próximos. Zelosos com sua segurança, eles circulavam pelos arredores a garantir sua privacidade. A experiência em batalha, ou mesmo da longa vida, não os eximia da apreensão pela empreitada. Coriolano guardava o território em seu posto, próximo a uma entrada onde Ella poderia ser avistada. Estava atento, como se houvesse

um perigo real que a ameaçasse. Asinuich circulava inquieta. Indisposta a contornar obstáculos, saltava pelo campo a ganhar velocidade até alcançar algum topo com boa visão, sem se importar com a escuridão da noite. Lohrys mantinha-se sereno, porém era nítido que seus vários pensamentos saltavam em sua mente na velocidade com que Asinuich transpunha os torrões de cupim. Ele parecia aguardar algo com diligência, consciente de que não demoraria a surgir. Ella entendeu que se tratava dela mesma. Em Leafir, Ella percebeu tanto a determinação para conquista, quanto a satisfação por estar a alcançar os frutos de anos de investigações. Ele claramente planejava os dias a seguir, avaliava os passados e pesava as duas decisões.

Ella tentou mover objetos sem tocá-los, mas percebeu que o poder de Celiah não era daquela natureza. Em contraste, ver os elfos distantes, assim como viu os bardos, era um poder relativamente fácil de aceitar, embora compreender seus anseios com tanta clareza fosse mais do que esperava.

Lembrou-se de Adália. O poder do monstro ficava mais claro para si, pois antes de sequer falar com os bardos, já os conhecia o suficiente para se adiantar ao ataque planejado. Ella tentou então criar a fortaleza que Adália erigiu com a lama do charco, e sentiu a terra tremer à sua volta.

Não demorou para quatro elfos estarem a seu lado a conferir sua segurança.

A interrupção a irritou mais que o esperado. Em outros tempos, estaria agradecida e até envaidecida com tamanho cuidado. Ali, pareceu tolo e inconveniente.

Houve outros momentos em que Ella perdeu a paciência com o excesso de zelo dos elfos. Chegou a se sentir aprisionada, mas quando os repreendeu, todos recuaram. Os carinhos de Leafir, assim como o silencioso respeito de Lohrys, uma mistura indisfarçável de afeição e deferência, aplacavam sua exasperação e pacificavam sua cólera.

Embora Ella tivesse explorado o poder até se habituar a seus padrões e desvios, teve pouco tempo para praticar. Afinal, um elfo por dia tombava em Belerod.

*

Diante da longa passarela cortada em uma única rocha como acesso aos imperscrutáveis pórticos rústicos, Ella se perguntava o quanto estava pronta. Junto dela, quatro elfos caminhavam com a sensação de estarem a caminho de casa, mesmo conscientes da natureza da missão se aproximar de um resgate.

Bom, talvez, pois Belerod era incerta. Poderiam estar todos mortos. Ou prosperando. A indefinição do destino de uma nação inteira era motivo para a apreensão que durava uma vida, até se transformar em resignação e dar as mãos à tristeza. Leafir se recusara àquela entrega e transpôs o derrotismo inicial, pesquisou, lutou, teve sorte, e conclamou outros elfos quando chegara a hora. Assim como os demais, ele desejava profundamente que os elfos de Belerod estivessem sãos e que a passagem fosse aberta para aqueles que quisessem retornar, sem que houvesse um povo que precisasse escapar.

Atravessar o istmo parecia um ritual arrastado e sofrido, silencioso e solene. O medo do que encontrariam do outro lado se digladiava com a expectativa, o que paradoxalmente os empurrava e retardava.

Ella compartilhava aquela sensação em solidariedade ao drama que aprendeu ao conviver com os elfos. Essa ligação foi a fonte do seu temor em falhar, assim como o domínio do poder cuja posse agora ansiava.

Subiu por degraus irregulares para adentrar a minúscula península. Os pórticos dispersos ainda não acusavam qualquer tipo de ordenação. Ella tinha a sensação de que precisava entendê-los.

- Onde o portal costumava ser aberto?

Os elfos se entreolharam, confusos. Irritada, perguntou:

- Nunca observaram?

- Não acho que havia um lugar específico, Ella. – Leafir justificou.

- E não é como se costumássemos passear por Belerod a cada verão.

A irreverência de Asinuich irritou a maga, que respondeu secamente:

- Vocês esperam que eu faça tudo?

Aquele tom doeu em Leafir, que o relevou devido à pressão com que ela vinha convivendo. Observou-a afastar-se para estudar o terreno, os pórticos, o vento e o mar. O céu era claro, sem nuvens ou lua, as estrelas reinavam infinitas.

Leafir desejou avistar uma estrela cadente. Pediria que o número de elfos resgatados fosse igual ao daqueles tantos pontos que brilhavam na noite.

Ella foi para o centro. Ao fazer menção de se sentar na grama rala sobre a terra úmida, Lohrys pediu para esperar. Tirou sua capa e forrou o chão. Sorrindo em agradecimento, e sem fitar Leafir, ela sentou. Este virou o rosto na direção oposta para negar seu incômodo em não ter pensado no gesto tão natural ao introspectivo Lohrys.

Adália conectava dois espaços que ocupavam o mesmo local em planos distintos, acessados por um portal tão perfeito que os bardos não perceberam o momento em que passaram para o plano onde o monstro habitava. Lucha escapou para procurar uma corrente de almas e retornou, e não identificou o limite. Ella sabia que o Coração de Celiah dominava tal poder e esperava que um portal existente, e apenas fechado, não viesse a ser um problema. Exceto por sua parca experiência.

Apontou a gema em muitas direções, primeiramente em direção aos pórticos, depois aos vazios do mar. Nada sentiu ou percebeu. Inspirou, atenuou sua insegurança, concentrou-se. Tirou o violino do estojo. Levantou-se e tocou com Celiah a seus pés. Em diversas direções, tanto a gema quanto o violino. Inverteu o amuleto. Nada sensibilizava. A raiva cresceu, observou novamente os pórticos, porém sem paciência ou sequer método. Circulou entre eles, tentou encontrar algum alinhamento. Ofegava, frustrada com a ausência de qualquer sinal ou pista que a direcionasse ao portal.

Sua garganta doía para segurar as lágrimas que desabariam a qualquer momento. A vergonha perante aqueles que tantas esperanças depositaram em seu poder a impedia de encará-los. Mesmo a Leafir. Implorava mentalmente a Celiah que cedesse. Subserviente,

a gema não resistiu. Eram os pórticos, ou a umidade, ou sua falta de conhecimento! Caiu de joelhos.

Lohrys teve a coragem que faltou aos demais:

- Chega por hoje!

Ella fez um aceno débil em discordância com a cabeça.

Coriolano se adiantou e segurou os seus ombros, levantando-a acolhedoramente.

- Já avançamos muito hoje, minha amiga. Aprendemos, eliminamos possibilidades. – Repetiu as palavras incisivas de Lohrys com um tom mais paternal. – Chega por hoje. Estamos cansados e amanhã iniciaremos do ponto em que estamos.

Ela se desvencilhou:

- Estamos em ponto algum! Eu nada consegui!

Ele não se abalou com a repentina agressividade estampada em olhos cheios de fúria e manteve-se caloroso:

- Eu garanto que conseguiu mais esta noite do que nós quatro juntos conseguimos durante décadas.

Ella inspirou, aceitando o incentivo. Procurou Leafir. Ele fitava a escuridão do mar, com a amargura dos derrotados.

Asinuich atravessou rapidamente entre eles para quebrar o provável impasse e deu o braço a Ella, encaminhando-a para a saída da península. Ella olhou para trás e viu Leafir na mesma posição, e Lohrys encostado a um dos pórticos com a cabeça baixa. Odiou-os pela rejeição.

*

Outras noites se passaram e nada conseguiu.

A cólera era visível no olhar de Ella, indisposta a qualquer coisa além de dominar o poder de Celiah. Desenhou a posição dos pórticos, tentou encontrar algum alinhamento, imaginou estrelas, círculos, diagramas quaisquer, passou o dia a conectar mentalmente as estruturas para encontrar um padrão. Nada conseguiu. A frustração piorava o seu humor, Leafir tentava animá-la, mas ele mesmo estava decepcionado.

Asinuich argumentou que o fracasso era natural nos primeiros dias. Fez a previsão de um mês de tentativas, Ella perdeu a paciência e quase a agrediu. Desgostosa, a elfa se afastou por um dia, justificando que precisavam de caça. Coriolano procurava evitar, e até anular, cobranças entre as partes. Lohrys parecia um cão arreado atrás de Ella, sempre próximo, mas nunca ao seu lado. Aquilo irritava mais ainda a violinista, e ele se afastava mais, porém sem nunca a perder de vista. Leafir tentava analisar o que estava errado, tentava ajudar na ordenação dos pórticos, mas as buscas terminavam em discussão. Ao sair, encontrava Lohrys à espreita, o que começava a exaurir sua paciência.

- Esperava mais de você. Não acha que está se humilhando demais?

- Você não está enxergando, Leafir.
- Estou enxergando que você espera a minha vaga!

Lohrys não se ofendeu. Conjecturou se mais alguém percebia as evidências como ele.

Ao questionar Asinuich e Coriolano, eles interpretaram que embora as expectativas fossem maiores, não cairiam na armadilha do imediatismo humano. Mesmo que Ella não entendesse que precisava de tempo para desvendar a ordenação dos pórticos, eles dariam o que ela necessitava sem pressões. Quanto a Leafir, entendiam que ele se envolvera demais com a humana e estava suscetível aos arroubos da violinista.

Lohrys se perguntou se não exagerava. Mesmo que não, foi incapaz de externar suas impressões em palavras sem que comprometesse Ella e sua busca. Embora não pudesse explicar, e não acreditava que a causa da agressividade de Ella fosse a pressão, Lohrys via como ela mudara. Seu brilho, sua alegria, que transpareciam o prazer pela vida e pelas pessoas e que encantava qualquer alma sensível à sua volta, desvanecera. Para os elfos não fazia diferença, mas Lohrys se perguntava se a ausência da Ella anterior não fazia falta a Leafir como a ele próprio.

Suas dúvidas foram respondidas de maneira drástica na noite em que Labaki e Aida surgiram a galope a percorrer o istmo. Os cascos duros dos cavalos acostumados com a urgência bateram ruidosos na rocha única que vibrou como uma corda estimulada em seu comprimento a emitir diferentes notas gradativas concatenadas com o ritmo do toque no chão.

As cabeças viraram coordenadamente, em um prenúncio de destruição ao sonho de Belerod. Os elfos alinharam-se entre Ella e a entrada da península quando Leafir disse o nome que tanto ouviram em outras ocasiões:

- Sávio Labaki!

O cavalo não parou, mas saltou os degraus feitos de lascas de pedra e teve dificuldades para pousar sobre o talude natural há poucos metros dos elfos. Mais ágil que o cavalo, Labaki se soltou da cela e pousou de pé à frente do animal que recobrava o equilíbrio. Mais sensata, a anã que o acompanhava apeou na entrada e subiu a pé com um ar apreensivo diante da luta iminente. De Labaki, só se via olhos que chispavam a fúria através de um azul gelado que somente os polos abrigam.

Surpreendentemente, ouviram de Ella o mais relevante para aquele momento:

- Ele é incapaz de se aproximar de Celiah!

Labaki parou, confirmando a revelação, embora não tivesse demonstrado ouvi-la.

Leafir alertou:

- Você luta bem Labaki, mas não vence quatro elfos guerreiros! Recue!

Ele não se deu ao trabalho de argumentar com Leafir:

- Ella, pare de ferir Celiah! Imploro que não a sacrifique, mesmo por uma nação de elfos.

Silêncio. Leafir esperava ameaças contra ele, contra os elfos e contra Ella. Não esperava, contudo, uma súplica em nome da gema. Pensava no que dizer quando Ella tomou a palavra:

- Ela não está ferida. Estamos apenas compartilhando a magia.
- Não há partilha, a colocou a seu serviço. Isso causa dor, enfraquece-a. Está disposta a matá-la para abrir Belerod?

Ella hesitou. Nunca pensara em morte. Respondeu insegura:

- Ela não vai morrer!
- Ela foi drenada por Adália, enterrada no corpo do monstro amargo e solitário, lutava todos os dias para combater a dor. Por que acha que drená-la para abrir o portal será diferente?
- Por que acha que será igual?
- Porque a conheço melhor que você.

Ella perdeu o controle e gritou:

- Você? O vilão covarde que procura controlar os bardos para compensar seus erros com o dragão, tem ainda a audácia de dizer conhecer Celiah? Eu a conheço! Eu compartilhei as experiências na Ordem, sei o que fez com ela! Estive lá e senti!

Leafir esperava que a qualquer momento Labaki atacasse para romper a barreira de elfos e alcançar Ella. Surpreendeu-se ao ver como ele diminuiu diante daquela acusação. Aida tocou o braço de seu mestre, solidária à dor que sabia que o atingia.

Ella se moveu agressivamente por trás da barreira de seus protetores, enjaulada entre eles e os pórticos às costas. Atrás deles, o mar movia suas ondas com a mesma energia ameaçadora com que Ella rugia. O vento esvoaçou seus cabelos como a despertar serpentes pálidas na penumbra.

Esticou o braço em direção ao invasor, o Coração do Dragão exposto em sua mão:

- Ou você se afasta ou envio Celiah contra você!

Ele prendeu a respiração, hesitante. Moveu apenas o queixo para cima, a refletir sobre os riscos daquela ameaça na interpretação de Leafir, a desafiar Ella diretamente na interpretação de Asinuich, a reavaliar sua tática na de Coriolano, e a sondar os temores alheios no entendimento de Lohrys. Labaki se voltou a este último, mas Ella retomou sua atenção ao dar um passo à frente com a fonte de luz pulsante.

- Eu juro, Labaki, estou avançando!

Ele tremia ligeiramente, mas não se via medo em sua postura, embora a dor era revelada na tensão de seu rosto. Aida postou as mãos em seus braços, era sustentada por uma respiração lenta e profunda.

Leafir reforçou:

- Não pode contra nós quatro, contra Ella e contra a gema, Labaki. A meu comando, avançamos.

O ódio pela intervenção foi visto nos dentes à mostra por trás da saliva que se acumulava nos cantos da boca e por ora era cuspidada junto com as juras de destruição:

- Saia do meu caminho, elfo! Vingança não se concede, sou eu quem beberá o sangue deste monstro! – vociferou Ella.

Incrédulo, Leafir deu um passo ao lado em obediência passiva diante da fúria da barda, concomitantemente ao olhar que Lohrys lançou à agressora e que depois se desviou para Aida que, por sua vez, captou a intenção do elfo. Labaki gemeu e a anã recobrou a concentração, abandonando Lohrys em sua solitária súplica. Ao sentir Aida novamente em sintonia com suas intenções, ele a comunicou silenciosamente que sua causa, naquele momento, era a vida de Celiah. Depois, arriscou:

- Venha, faça o que deseja, Ella. Tentar me matar já é destruir Celiah, nada restará dela para Belerod! – Desafiou Labaki de braços abertos para receber o ataque.

- Que seja! – gritou, pronta para avançar e deixar que Labaki perecesse em dor.

Labaki recuou de imediato, saindo do círculo de influência de Celiah sobre seu corpo. Os olhos de Ella brilharam de ódio ao perceber que ele blefara, e de satisfação ao entender a arma que tinha em mãos:

- Covarde! Celiah pode matar você, não? O Coração do Dragão pode tirar sua vida caso se aproxime demais!

Liberada de sua tarefa, Aida correu em direção a Ella, para segurar suas mãos. Leafir avançou sobre a anã, mas foi surpreendido por Lohrys, que o impediu com um golpe para desarmá-lo. Labaki se jogou sobre Asinuich e Coriolano, empurrando-os contra um dos pórticos. O choque desacordou Coriolano e atordoou a elfa. Afastado, ele permaneceu a prender os elfos até que Aida agisse sobre Ella enquanto verificava como Leafir reagia ao bloqueio de seu suposto aliado.

A ação inesperada de Lohrys facilitou desarmar Leafir, mas a perplexidade diante da sua atitude foi mais efetiva. Ele apenas justificou:

- Ella precisa da anã!

Aida estava de joelhos a prender as mãos de Ella que, por sua vez, agarrava a gema. A violinista ofegante parecia estar em sofrimento, a prender o choro que explodiria a qualquer momento. Leafir ainda tentou intervir, mas somente a Lohrys restava uma espada e, com o coração torturado, encostou a lâmina no pescoço de seu general.

- Não!

Labaki aproveitou o impasse:

- Basta, Ella! Celiah não será sacrificada depois de tudo que passou! Depois do que fiz, depois do que Adália fez, agora vai destruí-la antes mesmo de libertar Belerod!

Tudo que Leafir pôde fazer foi argumentar:

- Fala de um objeto como se fosse uma pessoa!

Ella reagiu:

- Ela é!

Labaki reforçou, ao ver os primeiros sinais de avanço no trabalho de Aida:

- Voltará a ser. Se você permitir, Ella.

Lágrimas começaram a escorrer:

- Não é certeza que ela morra! – protestou Ella.

- Nem que viva – contra-argumentou Sávio. – A certeza é a dor que ela sente. Você a sente também, e, por ora, é uma dor reversível. Não a transforme em um mal permanente!

Ella se calou. Labaki não soube se ela cedia, e ainda tinha muito a dizer:

- Não basta ter sido aprisionada, usada e controlada? Você imagina a culpa que sentirá mesmo que ela não morra, apenas pela dor que causará? E se morrer, Ella, não terá a mesma chance de redenção que eu. Ela luta, como ela lutou contra Adália. Não vê o que você está se tornando?

O grito de Ella se materializou nas gotículas das ondas que se chocavam contra a península, em horror ao constatar a veracidade de sua transformação.

Leafir também gritou em lamento ao constatar a destruição de seu intento, tão próximo minutos atrás. A gema se apagou e Ella desfaleceu momentaneamente nos braços de Aida. Labaki se aproximou o quanto pôde, ainda a desconfiar de Lohrys, mas com outras prioridades:

- Como ela está?

- Recobrando-se. – Aida implorou. – Vamos embora! – Levantou Ella, na intenção de guiá-la até o istmo.

Leafir também implorou:

- Não! Lohrys, impeça-os!

Ella já testemunhava a cena, mas não reagia. Agarrava-se ao Coração de Celiah como uma criança à boneca que mais ama.

- Assumo a minha traição, general, mas Ella irá com eles. – Voltou-se a Labaki. – Pegue-a e saia, se ele se mexer, eu o matarei. Terão tempo até os outros se recuperarem.

A solução não agradou Aida:

- E eles o matarão. – Enviou a Labaki um olhar que continha muitas outras palavras omitidas. – Ele precisa vir.

Labaki consentiu ao pedido e foi até Leafir. Ella entendeu sua intenção e reagiu com o restante de suas forças:

- Não o mate! Pelos céus, pede para que eu não mate e acha que tem esse direito?

Estancou embaraçado. Ella tinha razão. Acenou com a cabeça, aproximou-se de Leafir e com um gesto natural, pisou na sua perna com um pequeno e abrupto impulso. O grito do elfo não foi suficiente para abafar o ruído seco da fratura.

Incapaz de encarar Ella, Labaki justificou a fitar o chão:

- É o melhor que posso fazer. Levaremos todos os cavalos.

*

Na primeira oportunidade, Labaki levantou uma conversa ao dirigir-se a Lohrys, que segurava Ella adormecida em seus braços. Sabia que não precisava de muito para que falassem:

- Ela está bem?

- Vai se recuperar. Chegou à exaustão.

Aida explicou:

- Seu corpo lutava silenciosamente. Ela não tinha como perceber os danos que estava sofrendo pela reação da gema.

Lohrys contemplou Aida em silêncio. A anã ainda tinha o que dizer:

- Você também precisa de mim.

- O Sacramento de Elthor me prestou socorro após a guerra. Já estou curado.

Aida olhou para Labaki a apontar a mentira com que Lohrys se convencera. Labaki não estava interessado nos tormentos do elfo:

- E por Ella você traiu os seus?

- Eles estavam levando-a à destruição. Pelo que ouvi, você também traiu uma causa por alguém.

Labaki pensou em sua culpa e se lembrou de ter mencionado na península que aquela era sua chance de redenção. Sua memória retornou a tempos distantes, a evocar a causa que abraçou. Aos ouvidos de Lohrys, sua resposta foi contraditória:

- Hoje me pergunto se teria sido mais fácil se tivesse traído a causa.

*

A princípio, Ella se recusou a falar. À medida que os dias se passavam, seu discernimento vencera a batalha contra a indecisão e, quando teve clareza de seu papel naquela recente crise, sentiu-se segura para falar. Com Lohrys.

Apontou para Labaki, que caminhava devagar ao longe, espada na mão a remexer desinteressadamente a vegetação rasteira, atenção voltada a seus próprios fantasmas.

- Ele o deixou vir?

- Ele reconheceu minha utilidade.

- Tentará manipulá-lo.

Lohrys concordou em parte:

- Sei como as estratégias da manipulação se desenrolam. Não vai conseguir.

Ella o fitou ao entender as palavras não ditas.

- Não foi manipulação, Lohrys. Eu realmente desejava libertar Belerod. Ainda desejo.

- Todos queremos, mas pesamos os custos. Leafir aceitou pagar o que me é inconcebível.

- Minha vida por uma nação inteira?

- Não seria sua vida, mas o seu mal. A sacerdotisa deixou claro no que você se transformaria.

- Sacerdotisa?

- A anã. E não afirme que os elfos de Belerod estão condenados, é uma suposição.

Ella não deu importância ao título de Aida, mas à argumentação de Lohrys:

- É uma possibilidade bastante plausível.

O elfo suspirou antes de defender:

- A plausibilidade não é argumento forte o suficiente para valer o seu mal e, agora, sabendo do dragão, torna-se menos importante ainda.

Ella diminuiu. Sim, embora inconsciente, estivera a ponto de sacrificar Celiah. Seu conflito se constituía na escolha pelos elfos ou pelos dragões, e de certa maneira aceitara aliviada que tivessem decidido por ela, simplesmente por ser mais fácil delegar a responsabilidade. Não era certo, mas ela reconheceu o conforto em transferir o poder da escolha, independente da vergonha que aguardava surgir. O remorso ainda não a atacara, talvez pela decepção contra a qual Ella lutava, mas acreditava que sua dignidade seria atingida ao encarar Tonio. Ou Leafir.

- Acha que Leafir irá entender o que fiz?

Lohrys se desconcertou, pois conhecia bem o seu general.

- Entender e aceitar são mais distantes do que parecem ser. Não duvide dos sentimentos dele para contigo, mas ele os entende de outra maneira. Ele, assim como todos nós, aguardava há anos a oportunidade para nos levantar. Foi frustrante, e até revoltante, ter chegado tão perto.

Condoída, concluiu:

- Ou seja, ele não vai me perdoar!

Lohrys baixou a cabeça para evitar seus olhos:

- O general, bem, nós elfos não temos a capacidade de nos recriar que vocês humanos têm. Vocês se reinventam, evoluem, continuam a aprender até o fim de suas vidas. Temos o aprendizado como nossos princípios, mas de conhecimento, enquanto vocês estão em contínuo processo de aprender a viver. Leafir sempre será o general.

- Ele se tornou um artista!

- Ele aguardou um breve tempo com uma distração. O que você vê como uma mudança de vida foi um breve intervalo na espera pelo momento certo de contra-atacar.

Os olhos de Ella se encheram de lágrimas:

- Está dizendo que fui uma arma, Lohrys?

Ele amenizou o peso daquela conclusão:

- Você foi a esperança de Leafir. E ele a amou por isso.

*

Foi um reencontro dos mais estranhos. Se Tonio se alegrou em deixar Melgrod com Lucha para abraçar Ella centenas de metros à frente, o restante foi cheio de reservas e ressentimentos. Tonio encarou o outro elfo a cercar Ella de cuidados. Embora temeroso pela influência que Leafir exercera, foi obrigado a aceitar o estranho, a pedido da própria violinista. Mais difícil foi aceitar silenciosamente Labaki, pois o inimigo fora, mais uma vez, em socorro daqueles que ele amava. Primeiro, Lina, agora, Ella. Sua presença era marcante, mesmo que ao longe, já que Sávio sentia com mais intensidade a hostilidade do Coração de Melgrod do que de Celiah. Assim, detentora temporária da gema vermelha, Lucha o viu a uma considerável distância, consciente de que não se fariam.

Os convites de Aida para se juntar a ela e Labaki não foram suficientes para evitar que Lohrys jurasse lealdade à Estirpe de Ruan. Dirigido a Ella, o juramento significou mais que a compensação pelo mal que colaborou em causar.

A anã não viu saída, senão se justificar a seu mestre:

- Não devo demorar, mas tenho também os meus juramentos e preciso saber por que meus colegas não terminaram o trabalho com ele. Não acompanharei Lohrys até o fim, mas não posso abandoná-lo. – A imagem de Ridell borrou sua mente.

Labaki concordou:

- Chamarei se precisar. – Voltou-se a Lucha, distante, a observá-lo. Em seguida, completou. – Além disso, estará ao alcance do que mais preciso que cuide.

Aida fez uma longa reverência em agradecimento, o que desafiou a compreensão de Lucha. Para completar, após a despedida, a anã desceu a colina.

- Como está se sentindo, Lucha?

Ela foi fria, e ligeiramente agressiva:

- Eu a conheço?

- Passou por um impasse que não quer enfrentar?

Surpresa, ela se defendeu:

- Eu estou bem! – Desviou o assunto para o que a interessava. – Para onde ele vai?

Tonio retornava naquele momento:

- É uma boa pergunta. O que Labaki pretende?

- Agora que estão reunidos, meu mestre buscará Leopoldo de Carior. Desejemos sorte a ele, e a Martius em sua empreitada.

E assim eles souberam que o destino de Martius era Ostrebor.

7. A FÚRIA DE OSTREBOR

Martius tateava na escuridão. Sentia apenas as ondulações da pedra gelada, por vezes lascada. Seguia de cócoras com a espada na mão direita, deixava com pesar que a ponta do arco raspasse no topo do túnel para indicar o momento em que tivesse espaço para se levantar. Caso chegasse a ter.

“Antes o arco que o violão”.

Esse ficava protegido também às suas costas, apropriadamente enrolado em uma capa com amortecimento para impactos. As cordas tensionadas eram a garantia contra imprevistos desde que o Guardador das Matas de Carior o convenceu com poucas palavras a se enfiar no subsolo.

- Esse buraco? Depois de me atacar com várias artimanhas, você quer que eu entre em um buraco?

O Guardador não era adepto de sarcasmo, sua colocação fora sincera:

- Que diferença faz onde irá morrer?

O desconforto do túnel respondia àquela pergunta, e a ausência de luz deixava claro o desejo de morrer sob o sol ou as estrelas. Chacoalhou a cabeça. “Não vou morrer. Não vou entrar no jogo dessa labareda agourenta.”

Ao sentir um débil movimento do ar em sua pele, percebeu que o espaço se ampliara. O arco estava livre e ele pôde estender o braço sem nada tocar. Pensou que seus olhos se acostumavam a um segundo nível de escuridão, pois identificava sombras e imagens disformes, quando percebeu que uma luz distante dava transparência ao negrume que antes dominava. A luz foi se aproximando até fazer Martius suspirar sem deixar claro se estava decepcionado ou aliviado.

O corpo do Guardador era o centro da esfera de luz que se movia a revelar a câmara onde se encontravam.

- Há outra passagem?

- Não para você.

Martius entendeu. Ainda tinha o que protestar:

- Eu poderia ter trazido uma tocha.

A criatura pareceu confusa:

- Ah, sim. Eu me esqueci o quanto é limitado. Tochas também são, ficaremos dias aqui.

- Dias? Temos comida e água para dias?

- Comida. Não precisaremos carregar água.

A menção de que haveria água potável nos arredores levou Martius a examinar o entorno. Era uma câmara ampla, com piso estável para a caminhada e paredes verticais regulares. Não era possível ver o teto.

- Isso é escavado!

A criatura ignorou o comentário que para ele, era óbvio.

- Por aqui.

- E quanto à água?

- Avisarei sempre que passarmos por uma fonte.

- Há muitas? Quando tempo espera que fiquemos?

- Informarei quando necessário. Irei guiá-lo, deixo a minha luz a serviço de seus olhos. Minhas palavras não são para entretê-lo.

A contragosto, Martius concordou:

- Melhor, também não gosto de conversa fiada.

O desagrado não foi pela interrupção do início de um diálogo, mas pela repreensão. Ele era tido como calado, misterioso e observador. Até mesmo mal-humorado perante estranhos, mantinha um ar ameaçador quando considerava útil, que era a maioria do tempo quando se socializava sem usar a música. Deixava para Tonio a cordialidade para fazer amigos e para Ella o arrebatamento ao encantar.

Naquela caverna, tornara repentinamente o frívolo, o tagarela que precisou ser interrompido. Admitia que criatura desagradável era tudo o que ele era com mais intensidade, e isso o tornava o oposto. Antes de descer, chegou a pensar que conseguira sua vitória diante da criatura e, por simples prazer, viraria as costas e a abandonaria. Entretanto, estava ciente das consequências de um capricho e do preço que pagaria para reconquistar o caminho até o Coração de Ostrebor. Para compensar, convenceu-se de que pegaria aquela gema, mesmo que tivesse que torcer os pés daquela chama ambulante para o lado certo. Também pensou em fazer uma tina de lama se incendiar ao mergulhar aqueles cabelos de fogo de ponta cabeça.

- Só quero deixar uma coisa bem clara. Eu o venci lá em cima. Você pediu minha ajuda.

A criatura pensou por um momento:

- Você apenas provou querer Ostrebor tanto quanto eu.

Martius pensou um pouco antes de contestar:

- Não. Eu mostrei que sou capaz de fazer escolhas. Não provei minha vontade de trazer o dragão de volta.

O Guardador das Matas parou de caminhar e encarou Martius:

- Não está disposto a morrer para trazê-lo?

- Estou disposto a morrer para trazer de volta os dragões por um motivo que em nada se aproxima dos seus. Não é por ele, nem por você.

A criatura pareceu satisfeita.

Martius era orgulhoso demais para perguntar se havia outro meio de encontrar a gema do dragão sem que incluísse sua morte. Afinal, se havia uma entrada que a criatura não revelou, outras saídas poderiam existir.

*

Entraram em uma galeria alta com teto arqueado. Ela era ascendente com curva para a direita, onde uma rampa estava com a lateral interrompida pelo que parecia ser um afundamento no piso. Pedras irregulares soterravam o vão do desabamento. A parede naquele canto também era irregular.

Martius aproximou-se da criatura para ver melhor o piso que os sustentava. Era composto por largos blocos regulares. Martius fitou o seu companheiro compulsório de viagem sem nada dizer, e continuaram.

Passaram por diversas entradas disformes onde se via partes de vãos antes retos transformadas em amontoados de pedras no chão. Martius tentava ver através dos vãos com a pouca luz quando a criatura passava. O Guardador poupou o seu esforço.

- Tudo vazio como aqui.

- Isso dá acesso a vários ambientes. Eles são interligados?

- Alguns, sim.

- É posterior a Ostrebor?

- Não importa.

Embora a poeira fosse algo natural naquele ambiente, Martius não deixava de reparar que ela não era constante, nem uniforme. À medida que caminhavam, mais ou menos montes de pós se acumulavam nos cantos, às vezes no meio do caminho, obrigando-os a saltar.

- Isso é uma passagem completa! Pessoas se esconderam aqui?

O Guardador o ignorou. Martius não se importava mais, estava intrigado a avaliar a forma daquela galeria e a provável função das câmaras laterais.

Pararam por duas vezes para reabastecer a água dos cantis em veios que escorriam pelas paredes. Martius percebeu que um já fora uma fonte, onde o piso se elevava ligeiramente a criar um tanque prático para coletar com um balde. No entanto, a elevação pouco existia, tendo sido desgastada com novos caminhos que o curso d'água criou.

A partir dali, as paredes pareciam estar borradas. Martius já caminhava próximo do Guardador a se beneficiar de sua luz para analisar os borrões pálidos que pareciam, um dia, ter comunicado algo.

Não demorou a surgirem no chão pequenos amontoados disformes do tamanho máximo de um punho. Ao chutar um deles acidentalmente, ele se abaixou e deslizou os dedos sobre o emaranhado mais frio que as paredes.

- Isso é metal! Ferro puro!

O Guardador manteve sua palavra de pouco diálogo.

A poeira estranha continuava pelo caminho, mas parecia vir acompanhada de pequenas pedras em formas estranhas. Formas não minerais, embora os materiais o fossem.

Andaram mais, passando por outras galerias abobadadas, vãos geométricos que davam passagem a câmaras maiores ou menores. Martius se desviou por algumas vezes a ignorar a falta de luz em prol da curiosidade. O Guardador o repreendeu inutilmente, vendo-se obrigado a acompanhar Martius.

Nas câmaras, outros pequenos amontoados metálicos estavam presentes, assim como corcovas minerais, muitos fundidos ao chão. As paredes tinham os mesmos borrões e, por vezes, relevos irregulares que nada comunicavam.

A voz de Martius finalmente expressou emoção gerada da observação cuidadosa das evidências:

- Pensei que viríamos para uma caverna natural, depois acreditei ser uma galeria subterrânea, uma fortaleza, mas é uma cidade! Não é?! São ruas, casas e edifícios! Com fontes, e deve haver entrada também! Entradas com portadas e praças?

- As entradas não existem mais.

Martius duvidou:

- Como? Desabaram? Foram fechadas? Que cidade é essa?

- Uma cidade que não existe mais. Foi antes de seu tempo. Vamos continuar.

Martius insistiu, mas nada mais tirou do Guardador.

*

O rastreador precisou dormir. Ele não soube se a criatura também o fizera. Viajaram em silêncio por tempo incontável, dada a ausência da luz do dia que permite a sensação do tempo.

Quanto mais penetravam na montanha, mais elementos familiares surgiram. Objetos cerâmicos começaram a ter forma, assim como o metal das dobradiças das portas inexistentes. Os borrões e relevos irregulares foram substituídos por imagens pálidas, porém distinguíveis. Martius sentia estar mergulhando no passado de um povo desconhecido, e em um mistério que o Guardador se recusava a revelar.

- É apenas o passado, não se atenha ao que não mais existe.

Desceram rampas, escadas, passaram por bifurcações, fontes, elevados, descidas. Câmaras amplas de múltiplas saídas como nós em uma teia de ruas. Pátios de teto muito alto onde vizinhos matavam o tempo sentados em bancos esculpidos com formas

geométricas a sustentá-los. Fontes com poços de fundo planificado e cercados por guarda-corpos de arestas visíveis, cujo escoamento já estivera a jorrar por ressaltos desgastados pela própria água.

- Isso tem muito tempo!

- Novamente, isto é apenas uma estrada. Não deixe que sua atenção se desvie.

A advertência do Guardador pouco serviu quando Martius encontrou elmos a um canto, empoeirados e até petrificados no piso. Junto a eles, espadas carcomidas impediam que se identificasse seus donos. No entanto, mais à frente, ossadas estavam presentes. O estômago de Martius embrulhou.

- Anões! Eram anões!

O seu companheiro de viagem o fitou inexpressivo, porém o rastreador captou um ar apreensivo na tensão das laterais da boca. Martius insistiu:

- Você sabe!

- Terei que repetir que não me importo?

- O que o houve com eles?

- O que acontece com invasores. – Virou-se e deu por encerrado aquele breve diálogo.

Eram dezenas de ossadas acumuladas nas ruas e câmaras que um dia foram lares. Aquele setor estava mais preservado do que os primeiros, e Martius chegou a encontrar posições onde famílias morreram. Também viu guerreiros tombados, porém não os inimigos.

Martius tentou sentir a vida além dos sinais que via. Nada. Era silêncio e mineral iluminado por uma chama mágica do único ser que por ali passara nas últimas centenas de anos. O vazio era tão intenso que o reverberar de sua voz era um sacrilégio, como se as almas que ali habitaram fossem surdas, tragadas por algum abismo no centro daquela cidade.

Lembrou-se de Riff-Pei e da destruição causada por eles. Ele não chegou a conhecer aquela cidade subterrânea que se voltava para o fosso aquecido pelo Coração de Melgrod cuja energia se dissipava até penetrar nas entradas nas paredes do fosso. O que conheceu, no entanto, era bem diferente e mais contemporâneo do que testemunhava.

Aquelas cavernas artificiais escavadas há centenas de anos pareciam ser o abismo onde as almas foram consumidas. Como um abismo de fogo, onde nada permanece.

Martius se lembrou:

- O fogo! Ostrebor! Essa era a civilização que Ostrebor dizimou!

A criatura tremeu, de raiva ou insegurança, mas o horror de Martius o impediu de notar:

- Ostrebor eliminou uma civilização inteira de anões que prosperava, que construiu essa cidade admirável, e agora eu devo trazer esse executor assassino de volta? Ele bloqueou as saídas, não? Incendiou até onde pôde e deixou estes aqui aprisionados até a morte! Este

foi o motivo da guerra dos dragões contra o que hoje é Fraga! Os humanos temeram aquele dragão! E eu devo resgatar a gema? Acha que irei colaborar com este monstro?

O fogo aumentou com a ira:

- Monstro? Quem eram os monstros? Ostrebor manteve sua gente! Foram centenas de avisos! Anões não escutam, continuam os mesmos turrões mesmo depois de mais de mil anos! O dragão avisou! E já pagou! Você está aqui para trazê-lo, não pense que sairá vivo desta montanha, guardador de humanos! Você já assinou sua sentença!

Martius fez menção de desembainhar a espada. O fogo da criatura aumentou de intensidade até o máximo que sua cólera permitia, o rastreador percebeu.

- Você não vai além disso! E me quer vivo!

- Você não viveu aqueles dias! Não negociou com os anões, não avisou, não ameaçou. Era uma escolha!

Martius não sabia do que ele falava. O Guardador continuou:

- E depois, não passou mil anos a aguardar o dia de acordá-lo! Tentando e falhando! Sem saber se algum dia conseguiria trazer o dragão de volta a Carior! – uma expressão de medo surgiu – Ainda precisamos dele! Eles avançam, agora humanos, não podemos deixar destruírem tudo. Eu ajo, eu confundo, mas são muitos, e não entram na floresta, eles a arrancam pelas bordas! Violam nosso mundo! Precisamos de Ostrebor, o dragão impiedoso de Carior, ou não teremos mais do que uma centena de anos de vida. Eu irei embora, mas, e os outros?

Martius se calou. Um dia tivera uma vida tranquila, quando a única injustiça fora contra ele mesmo. Escolher um lado era muito mais difícil!

*

Era a vida de uma cidade qualquer, exceto por não ter céu azul do dia claro, ou cinza de nuvens pesadas, tampouco negro e cheio de pontos de luz das estrelas. O céu era um teto, negro, marrom, ou de um verde escuro uniforme ou com grandes manchas quando a tonalidade variava. Era arqueado, às vezes com pinturas, outras vezes a exhibir a rocha nua.

A vida era normal. Trabalhos variados, famílias restritas ou numerosas, o mercado concentrava os negócios populares, as guildas detinham as movimentações vultuosas. Guerreiros formavam a elite militar, as crianças brincavam nos pátios ou em torno dos poços onde as mães iram abastecer os baldes para hidratá-las. Namorados criavam pretextos para se encontrar, filhos velavam os pais de longo tempo vivido. Uma vida normal de uma cidade comum, até que uma sombra passou por uma das portadas esculpidas com geometrias ricas e efígies de renome.

A sombra era da cor da ardósia da Fortaleza de Humapaew'en kuele, a casa do dragão que habitava Carior. Ele dera muitos avisos. Ele proibiu. Ele ameaçou. Ele não os surpreendeu.

O primeiro sopro foi através da grande avenida do Portal do Inverno, a sul, a tragédia flamejante. Foi seguido de outros tantos que extirparam qualquer vida que tenha se

escondido ou forma tenha permanecido no trajeto do fogo. Carbonizou as portas e ossos das câmaras, penetrou sem piedade até que o calor ainda queimasse a pele daqueles que pensaram estar fora do alcance do fogo direto.

O segundo ataque foi pelo Portal do Amanhecer, a leste, o retorno da fornalha ocorreu no mesmo dia. Já se sabia o que os atacava, mas não era possível mobilizar os sobreviventes para lutar, os quarteis ficavam a sul e não mais existiam. Estavam enclausurados. Até o entardecer, metade da cidade estava em chamas.

O terceiro e último ataque foi pelo Portal do Ocaso, a oeste, de onde veio o último louvor ao inferno. O povo restante que tentou escapar por esta saída foi cercado a tempo para que suas esperanças fossem queimadas antes de que a última porta estivesse selada.

Quem sobreviveu pereceu lentamente a buscar o ar inflamável que queimava os pulmões. Martius circulava pelas ruas em chamas sem se queimar, como um espectro vindo do futuro para alertar inutilmente para que tentassem escapar.

Acordou sobressaltado, a usar alguns segundos para atestar estar de volta à sua época, onde os gritos dos fantasmas não mais atingiam aquelas paredes. Justificou brevemente sua reação a confessar o sonho:

- Ostrebor soprou o fogo por todas as portadas da cidade. As chamas penetraram, incendiaram, derreteram o que encontraram e o calor foi além. Ele passou por todas, primeiro soprando fundo, depois derretendo as saídas. Os que estavam no fundo – apontou ao seu redor – sobreviveram ao fogo, mas não à falta de oxigênio.

A criatura de fogo viu ser preciso justificar:

- Eles chegaram ao Pontal para colonizar. Os únicos anões a se desenvolverem no continente. Pecaram ao avançar sem limites, pensaram que conquistariam o que quisessem.

- É por isso que quase não há anões neste continente.

O Guardador admitiu:

- Dizem que os humanos destruíram os outros povos. Não. Eles afugentaram os dragões, eles expulsaram os elfos, mas foi o dragão impiedoso de Carior que exterminou os anões. Depois disso, eles não retornaram como um povo completo. – Seus olhos faiscaram novamente. – Isso foi antes dos dragões da Ordem sequer saberem da existência dos irmãos. Essa tragédia não o exime de seu compromisso. Os anões provocaram sua própria destruição!

- O que acabo de sonhar, foi você quem provocou?

A criatura o fitou desafiadora, mas o alvo de seu desafio eram outros:

- Fantasmas sabem pedir socorro, outros podem clamar por vingança.

Martius lembrou-se de Lucha:

- Essa não é a minha especialidade. – Mudou de assunto. – Contra quem devo lutar?

- Não entendi.

- Você diz que devo dar a vida para recuperar o Coração de Ostrebor. Acredito que você esteja aqui para resgatar a gema depois de minha morte a fim de que ela seja unida às outras três! Então, contra quem devo lutar e vir a morrer?

O Guardador desviou os olhos para dizer:

- Contra o próprio dragão.

*

Carior compartilhava a formação metamórfica a sul da calcárea, a norte. Era uma barreira de lados heterogêneos que marcava a mudança de configuração da serra da qual fazia parte. Melhor dizer, sobre a qual reinava, a permitir que a serra se estendesse à sua volta, porém sem que a ultrapasse. Do alto de Carior era possível ver o mar, onde a rocha era dura e resistia aos ventos marítimos. As montanhas da serra a sul de Carior obedeciam à sua ordem de sustentar a barreira que protegia o continente. Ao se voltar a ele, a grande montanha abria a paisagem para a serra calcárea, onde trilhas, sulcos e passagens permitiam o acesso facilitado, embora ainda sujeito aos mandos da serra. A formação calcárea era porosa, cheia de falhas escavadas pelos cursos d'água que escorriam sobre a superfície da terra e nela entrava pelos poços e grotas interligados no seu subsolo. Nesta face, diferentes vidas se instalaram em seus salões.

Assim, a montanha se elevava a exhibir suas duas faces para estrangeiros, mas a revelar a sua essência somente aos seus íntimos.

Ostrebor era jovem quando pousou em Carior. Esqueirou-se nas fendas da montanha para encontrar abrigo nas grotas úmidas do lado sedimentar que recebia as poucas réstias de luz necessárias para delatar os quartzos incrustados na sua superfície.

Cauteloso, o dragão mudava de toca à procura de mais sombra a partir de onde sua forma não fosse reconhecida pela caça, os animais que habitavam a serra. Os cristais o agradavam, assim como o calor do sol nos dias claros de vento estável. No entanto, sua precaução o impedia de se revelar, incerto de uma existência que não fosse guiada pelo instinto. Sua breve vida em outras florestas mostrou como aquela terra era segura por ser afastada de males que, embora ele pudesse destruir, requereriam um esforço que não interessava sequer compreender. A paz que encontrou na montanha o permitia apreciar das sombras a beleza proporcionada pela luz.

Com o tempo, encontrou alcovas nos fundos das cascatas, cujos segredos eram ricos na diversidade abrigada pela escuridão. Passou a conhecer as grotas de luz, onde o sol ostentava feixes tênues, porém chamativos, que atravessavam o ar úmido confinado pela vegetação permeável que transmutava a fraca claridade conforme a vontade do vento. Aquelas grotas maiores eram entradas de cavernas amplas que abrigavam o dragão com conforto e segurança na penumbra sob a rocha, enquanto o salão principal se abria exuberantemente verde para o interior da floresta com toda a pujança que ele conhecia vinda do mundo exterior.

Aqueles se tornaram os seus aposentos prediletos, pois a montanha era o castelo do dragão e a floresta que cobria a montanha, o jardim reservado para o entretenimento e

refeição. Não precisava caçar fora de Carior, e raramente alçava voo nos primeiros anos.

E esta teria sido a vida do dragão, caso a montanha não fosse habitada.

Ostrebor não passava dos salões, fossem escuros ou iluminados, fossem vegetados ou minerais, úmidos ou áridos. Muitos tinham reentrâncias ao fundo que se perdiam na escuridão e que nunca clamavam por atenção. Daqueles fundos nada acontecia, nada vinha além do ruído suave do vento que soprava nos dias de inversão e que o ninava quando saciado pela caça, ou que o despertava com sussurros antes que a fome gritasse.

Assim, a surpresa de uma respiração ofegante e um murmúrio acionou o sinal imediato de alerta em direção ao lado da fonte do som. Foi completado com o sobressalto de duas figuras humanas seminuas que fugiram abrigadas pela escuridão do pequeno vão que se estendia ao fundo. Era um espaço impossível para um dragão entrar, como se a natureza o tivesse aberto exclusivamente para pequenas criaturas bípedes.

Seu instinto de caça o enganou. Transformou-se e correu trôpego a estranhar o corpo humano que pouco usara nos últimos anos, mas adequado para perseguir os invasores. Demorou a perceber que ele era o invasor daqueles corredores. O alvoroço inicial que sua presença causara fora notado apenas quando os ruídos suavizaram, e assim entendeu que outras criaturas deslizavam com agilidade e até graça, comunicando-se por meio de sons incompreensíveis, mas claramente em alerta à sua presença.

Elas estavam próximas, embora inalcançáveis. Os ruídos leves dos passos daqueles seres, combinados às suas falas roucas, acusavam a proximidade, porém o desconhecimento do território impedia que ele sequer as visse. Escolheu uma voz como presa, porém seus ouvidos humanos não foram suficientes para compensar o breu que o obrigava a tocar as superfícies irregulares a fim de se orientar.

Seu insucesso o levou de uma presa a outra, até aceitar quem realmente era a caça naquelas cavernas. Era guiado dentro do labirinto conforme o plano que os estranhos coordenavam.

Tocou ao redor, emitiu um grunhido, não havia altura para o dragão.

Então tentou ouvir. Procurou outros sinais que não viessem da vontade imposta pelas vozes. Respirou fundo e bloqueou seus próprios sons, em busca dos ruídos de fundo àqueles que desejavam serem percebidos. Havia outros passos abafados, rápidos e quase silenciosos, de onde palavras não eram proferidas para evitar serem notados. Eles indicavam novas passagens e direções que reuniam os sons.

Considerou ter tomada a decisão correta quando as vozes elevaram o tom em alerta à direção que tomara bruscamente, a seguir os passos abafados. Tentaram atrain-lo novamente, mas ele parou apenas uma vez, prendendo a respiração para que apenas os ruídos dos inimigos fossem captados e adequadamente distinguidos segundo suas fontes. Voltou a correr.

O alvoroço aumentou. Seus olhos começaram a distinguir as formas inertes que o cercavam. Correu em direção à luz.

Quando as imagens se formaram, seu próprio gemido pareceu jogá-lo ao chão. Não foi a luz tênue que o derrubou, nem a amplitude do salão onde se encontrou, mas as imagens das tantas criaturas humanas que o fitaram com tamanha apreensão em meio ao mais belo esconderijo que o homem, ou mesmo se estivesse dragão, jamais vira.

Rajadas laterais do sol direto entravam por rasgos na rocha à esquerda e atingiam diretamente um pequeno trecho da água, que transmitia a todo o salão um brilho azulado a batizar o branco e ocre natural das estalactites suspensas. Pequenas ondas azuladas e tremeluzentes eram refletidas pelo espelho d'água perturbado pela agitação. O espelho separava o estreito trecho de chão onde o homem estava do pátio exuberante do lado oposto. Vindas da direção do sol, trepadeiras se debruçavam sobre a rocha na intenção de dominar os bordados do teto feitos pelo transporte dos minerais dissolvidos quando a água decidia pingar. A vegetação se agarrava a estas reentrâncias por cerca de um terço do espaço visível, alimentava-se dos seus nutrientes até se confundir com o azul dos reflexos agitados que se estendia longitudinalmente para se desvanecer na penumbra crescente no lado direito do salão. No fundo do pátio, à frente do homem, uma sequência uniforme de estalactites delgadas e retas quase tocavam o solo como uma cortina de fios dourados. Eram estalactites perfeitamente lisas e retas como os cabelos negros do povo que o fitava tão assustado quanto ele próprio.

Eles tinham a pele dourada incompatível com o habitat que ocupavam. Pareciam ter sido criados para a luz, mas se esconderam inutilmente na água cristalina quando avistaram o invasor. Mergulharam parcialmente os rostos abaixo da superfície com o propósito de deixar a vista livre, como se fossem capazes de dispensar o ar para respirar. A única camuflagem que proveram foi o espalhamento dos cabelos longos e negros de fios finos sobre a superfície da água como um tapete circular que cobriu seus corpos.

Aqueles que estavam longe da fraca proteção do espelho, permaneceram imóveis diante da ameaça. Assim faz a presa que tenta enganar o predador, embora o medo estivesse acobertado pela surpresa.

Assim também estava o invasor, assombrado pela vista inesperada, e imóvel pela cena incomum. Sua nudez em nada causou estranheza, mas seus cabelos crespos se destacavam pelo grande volume assim como os músculos pardos e jovens. Seus pés e mãos eram tão ásperos como os daquele povo. Lábios grossos contrastavam com os lábios finos dos anfitriões. Os olhos negros eram os mesmos. Tinha mais pelos que a gente que o fitava. Eles eram mais esguios. Todos tinham a pele exposta, mesmo que ele a tivesse totalmente à vista.

Alguns se moveram devagar, para mergulhar vagarosamente ou deslizar para as sombras. Ele as espelhou aproximando-se da água, mas em direção às luzes tremeluzentes. Eles afundaram, espalhando os cabelos para esconder seus corpos, deixaram apenas os olhos emersos. Ele se aproximou da margem, expondo-se ao escrutínio daquela gente, submergiu apenas os pés.

Incapaz de contar o tempo do impasse, sentiu um toque às suas costas. Não se moveu, não era uma mão hostil. Ela deslizou pelas costas até o braço, e o puxou delicadamente a pedir sua atenção. Ao se virar, encontrou olhos negros sorridentes, rebatidos com a mesma amabilidade que o dragão nem sabia possuir.

Que Leopoldo desconhecia, pois até então, ele era somente Ostrebor.

- Isso foi você quem enviou aos meus sonhos?
- Os fantasmas enviaram uma versão, por que eu não poderia invadir para mostrar a minha? Fui fiel ao que Leopoldo contou.
- Então não é a sua versão!
- É a do próprio Leopoldo.
- Ele viveu com esta gente?
- Esta é a sua gente.
- É? Quer dizer que ainda existem?

Quanto mais profundamente mergulhavam em Carior, mais o Guardador mostrava uma sensibilidade peculiar. Ele pareceu querer desabafar:

- Valeu cada vida ceifada! Ao menos até hoje! Não viverão por muito tempo sem você. Eles não têm defesas, só conhecem a fuga. Sem os abrigos, será mais um povo a perecer.
- Sem Leopoldo?
- Na verdade, sem Ostrebor.
- Para que agora acabe com os humanos?

O Guardador o fitou em silêncio, a pensar como remendar seu erro.

Martius o encarava agressivo, ainda a querer mais para justificar o seu sacrifício em prol do dragão. Ambos sabiam que ele se disporia a morrer pelo contrário, a fim de garantir que Ostrebor nunca retornasse. Assim, seriam os humanos os protegidos pelo bardo.

- Vamos retornar. Você precisa conhecê-los.

*

Seria um povo comum, mas era apaixonante aos olhos de Martius.

Poderia se dizer que levavam uma vida pacata, sem disposição ao trabalho. Eles caçavam, pescavam e colhiam o que a montanha fornecia. No entanto, o trabalho não era ortodoxo. Dominavam todas as tinturas necessárias para sair de seus abrigos, de maneira a pintar seus corpos com os tons da floresta para nela se misturar. De acordo com o local aonde iam, colocavam as cores certas evitando-se destacar. Até o barro natural usavam, cobriam-se de folhas e cascas de árvores, as cores chamativas eram usadas conforme a estação das flores. Vestiam-se com tecidos naturais e peles, e tinham lares confortavelmente abrigados nos salões divididos por estalagmites, onde não havia cursos ou entradas de lençóis. Estes eram reservados aos ambientes coletivos de convivência e não eram forrados com as peles que compunham as camas entre as colunas que limitavam os espaços privados. Jarros e vasos de variados tamanhos armazenavam todo tipo de posse, algumas coletivas, outras privadas. Paredes naturais eram artificialmente

compostas por trepadeiras plantadas aos pés de cipós trançados nos vãos. Os espaços eram limpos e inodoros. Quando muito, ervas atiçavam as narinas dos visitantes.

No entanto, o que conquistou Martius foi a vida que levavam. A caça o renovava, a pesca relaxava, o ócio era bem aproveitado da vida lenta quando a passagem do tempo só é percebida duas vezes ao dia, no amanhecer e no entardecer. Ele fez amizades momentâneas, por meio de conversas despreocupadas, e laços fugazes, metaforicamente e literalmente. Ensinava a confecção e a utilidade de alguns nós quando percebeu que falava a língua daquela gente fazia dias.

Olhou para o Guardador inquisidoramente, que deu de ombros sem sentir obrigação de se justificar por lançar uma magia sobre o rastreador. Ele aceitou, reconhecendo os benefícios.

Apenas uma coisa não o agradou:

- O que faz aqui? Não foi embora?

Malva apontou para o Guardador:

- Ele disse que eu podia ficar.

Martius lançou novamente aquele olhar pouco amigável ao seu estranho parceiro desafiador que, naquela vez, aceitou se explicar:

- Ela não quis ir. Não é prisioneira. Basta que ela saiba que, se falar sobre aqui, morrerá em seguida.

O rastreador suspirou. Começava a entender certas regras.

- Malva não é delatora.

Ele deu de ombros:

- Então não será problema.

Sem contar o tempo, ele gastou o necessário para experimentar os laços que Leopoldo construiu e reconhecer que tinham direito a continuar a existir. As escavações dos anões estavam a ponto de romper as paredes daquelas câmaras naturais, formatar os salões conforme a conveniência do povo invasor, destruir os lares e obrigá-los a se adaptar. Martius entendeu como a adaptação seria traumática a uma vida sem grandes preocupações e como os condenaria à extinção.

O Guardador foi sábio em aguardar o dia em que Martius se aproximou e cedeu:

- É hora de resgatar o Coração de Ostrebor.

Martius e o Guardador desapareceram novamente na escuridão cercada de minerais incapazes de abrigar vida.

Foram sem avisar, o que despertou o talento de Malva que a qualificaria a ser aprendiz de Aida, caso tivesse sido compreendida. Felizmente, a magia do Guardador não incluía aquele tipo de linguagem.

*

Martius aguardava nas câmaras escavadas nas rochas metamórficas no lado sul. Estavam, no entanto, à frente de um lago submerso que, se próximo à superfície, teria se tornado um dos encantadores salões banhados pelo sol em uma de suas bordas. A luz emitida pelo Guardador proporcionava figuras bruxuleantes nas paredes do salão. Ela também revelava a água cristalina e estéril até a uma certa profundidade, deveras gelada, onde o piso descendente se perdia da vista. Ao fundo, uma parede demarcava o fim do espaço.

O Guardador apontou:

- Você deve atravessar. Aqui nos separamos.

Martius o fitou com desprezo provocativo:

- O limite para ficar aceso é a tempestade?

Recusando o despeito, ele revelou sua melancolia:

- Minhas limitações vão além do fogo. A magia não é apropriada.

- Que tipo de magia é apropriada?

- A sua. Agora vá, ou irá mergulhar na escuridão.

- Não terei luz de qualquer maneira. E terei que deixar o violão e o arco. Irei nadar muito até emergir?

Ele baixou a cabeça:

- Eu não sei se irá emergir. Alguns poderes são incapazes de se aproximar. Outros, são esperados há séculos!

Martius se lembrou de Labaki. Pensou nos bardos, fez sentido.

Ao mergulhar na água, urrou ao sentir o corpo congelar. Praticamente rosnou para o Guardador, que não se importou. Tomou fôlego e mergulhou na escuridão.

Não sentiu superfícies ou obstáculos que o direcionassem, nem que o impedissem de afundar cada vez mais. Depois foi em frente, no meio de um nada tão denso que sentiu seus pulmões pressionados. Quando o ar já faltava, decidiu subir, e assim foi até acreditar que não haveria superfície.

Antes de cogitar a profundidade que desceu para pesar a distância que subia, ou a pensar se sua percepção tinha se confundido, ele se lembrou das palavras da criatura em chamas: ela nunca estivera lá. Então, como sabia que a gema estaria lá? E como sabia que havia um caminho?

O primeiro sinal de desespero pela falta de ar combinada com a dúvida foi sanado pela mudança da viscosidade do fluido que o cercava. O ar encheu os seus pulmões enquanto o gemido invadia aquele espaço que não conhecia a luz. Quando ele apenas ouvia sua respiração ofegante, apalpou à sua volta. Nada além da água.

Soltou outro rosnado pelo corpo gelado e cheio de raiva pelo desconforto. Ouviu como seus ruídos enchiam o ar. Gritou. Avaliou o som e gritou novamente. Nadou até chegar em uma parede de pedra. Seguiu Tateando-a, encontrou um ressalto, subiu. Era um platô

que mal cabia um humano. Frustrado, desceu. Continuou a tatear. Gritou novamente. A maneira como seus próprios sons preenchiam o local era a única guia para se locomover.

Se considerava um tolo grunhindo na escuridão, e tinha certeza de ser um imbecil ao gritar. Decidiu cantarolar.

Desafinou. Era o frio.

Pigarreou, arrependeu-se. Fez um rápido exercício para voz. “O que estou fazendo? Nem tem ninguém para ouvir!”

Voltou a cantarolar, controlou a voz e sentiu o ambiente. Preencheu-o com o timbre certo para facilitar identificar os obstáculos, as suas distâncias e as formas aproximadas. Não estava longe de elementos que poderiam ser considerados componentes de um piso irregular. Poderia ao menos se apoiar melhor, cansado como estava de se sustentar nadando, mesmo que o exercício controlasse a sua temperatura. Para evitar que o agitar da água interferisse em sua canção que já ameaçava sair rouca, ele se apoiou com as pontas dos dedos nas reentrâncias da rocha enquanto seguia na direção do piso sólido. A música servia também para mantê-lo acordado, pois o calor roubado pela água já cobrava um preço.

Aumentou o volume, a fim de lutar contra um desfalecimento. Sua arma para se manter consciente era também a ferramenta para se guiar e, sem saber, foi também o instrumento de sua magia barda.

Ao longe, uma luz esverdeada definiu as primeiras imagens da gruta que parecia nunca ter recebido a luz. Ao perceber que as formas não eram ilusão, fixou o olhar e se esqueceu de cantar. A luz se foi. Martius entendeu o que era.

E cantou tão forte quanto o frio e a dor dos músculos permitiam. Viu a luz retornar mais forte, as rochas nuas à sua volta, o paredão onde se apoiava e o teto ascendente de onde se encontrava. Não precisava tatear, já conseguiria nadar em linha reta e atravessar a nado a distância até a margem. O fez ainda a cantar, e assim continuou com os olhos fixos na direção da luz, alimentando-a com suas ondas. Ainda não via a gema, mas viu sua luz pulsar como Celiah em Riff-Pei. Seu próprio coração se encheu de calor, como Melgrod no fosso.

Se tremia de expectativa ou frio nunca saberia, mas suas pernas foram determinadas em encontrar forças para avançar. Desafinou quando deitou os olhos sobre o Coração de Ostrebor, embora a gema não tivesse manifestado incômodo com o deslize. Segurou-a solenemente com as duas mãos, arrancando-a com dificuldade após mil anos incrustando-se naquele sítio. Esfregou a gema com as mãos trêmulas, como se ela estivesse tão gelada quando ele. Encostou ao seu próprio peito, vitorioso e angustiado, ansioso e temeroso. Sabia o que precisava ser feito, e deixou que seu grito fosse ouvido pelas rochas inertes antes de correr em mergulhar, a sentir a vida do dragão em suas mãos.

Com luz verde disponível para guiar seus olhos, Martius afundou à procura do retorno. O Coração de Ostrebor pulsava a ponto de doer em seu corpo. Ou era o frio. Não importava. Ele nadava desesperadamente para resgatar a gema de sua prisão, consciente de que algo acontecia.

A gema emergiu na mão de Martius que uivou como ao emergir em seguida com dificuldade, ferido sem saber como ou por onde. A dor que dominava seu corpo não foi atenuada nem com a luz verde na câmara vazia a colorir as paredes claras e nuas. O Guardador havia desaparecido.

Um espasmo o dominou, puxando para fundo. Lutou e conseguiu se agarrar à margem, outro espasmo o levou a soltar o Coração. Ele afundou. Martius se arrastou para fora da água a sentir seu corpo ora esmagado, ora se expandindo, a carne pulsar como a própria gema. Voltou-se em lamento na direção onde o coração afundou, e viu que sua luz ainda mantinha a claridade.

Na verdade, estava mais intensa, mas ele não tinha mais condições de notar.

A dor que ele manifestava em urros, a rolar no chão como se ela pudesse ser esmagada, o impediu de ter consciência de qualquer estímulo à sua volta. Voltou-se apenas quando percebeu um vulto com a fonte da luz em movimento. Uma forma humana brilhante se arrastou também para fora da água, também em um urro de dor a rolar e se debater em desespero enquanto sua luz desvanecia gradativamente. Antes de sua visão se apagar, Martius conseguiu balbuciar:

- Leopoldo!

As trevas dominaram a câmara, de onde se ouvia gritos de dor pela transformação que se prosseguiu até serem substituídos por gemidos vencidos pelo cansaço. Não demorou para que o silêncio fosse o único vencedor.

8. VESTÍGIOS, RUÍNAS E MEMÓRIA: SALVAGUARDA

O Conde de Ataloana estava nervoso, ou melhor, levemente irritado. Assim ficava quando era obrigado a conceder audiências indesejadas e, encontrar Isabel Eduína, semanas depois da execução de seu esposo, não era sinônimo de um evento prazeroso. Tanto por ter sido o responsável pela morte do homem, quanto pelos interrogatórios com a mulher que ele pessoalmente conduziu por deferência ao Barão de Baixo Campo.

Ele se convenceu de que ela desconhecias as atividades ocultas de Fúlvio, e qualquer relação com Sávio Labaki foi atribuída à frustração de seu casamento pela constante presença de Círio Mantina. Afinal, caso ela estivesse também a serviço dos elfos, não seria tola em atribular o casamento em meio ao jogo de espionagem.

“Os elfos. Qual o próximo passo?” A falsa batalha em Femon desviou sua atenção e a do mundo, enquanto eles se dispersaram arditamente para que nenhum líder fosse localizado. Se aparentou que poucos elfos permaneceram na batalha, somente um foi sacrificado. Engenhoso. Ataloana se perguntava se ele foi condenado ou se voluntariou ao sacrifício.

Enquanto isso, os elfos conclamados pelo General se espalharam por Femon em pequenos grupos de maneira impossível de se rastrear, o que foi percebido somente após a malograda batalha.

Ataloana se perguntou por um tempo como aquela manobra abriria Belerod. Concluiu que era o primeiro teste para avaliar a reação de Femon que, sabiamente, não se moveu. Assim como outros países, Ataloana convenceu Du Bouças a aguardar os próximos passos para se posicionar. O que pareceu ser uma pequena trama, crescia em proporções surpreendentes com personagens a brotar por todo o continente e a própria posição de Racina era incerta em meio a esta crise.

Bateram à porta. Durvaal Talquar suspirou. Interromper seu raciocínio por futilidades era irritante e pouco produtivo. No entanto, era preciso ouvir os lamentos daquela mulher.

Quando a filha do Barão entrou, o conde já tinha vestido o sorriso aristocrático similar ao que ela exibia:

- Nobre senhora Comperteiro, é um prazer revê-la.

Isabel estendeu a mão, cumprimentando-o com uma imperceptível reverência.

- Espero que um prazer maior do que da última vez, Conde.

Ele fez uma mesura evasiva:

- Ora, senhora, decerto o é, mas por favor, compreenda que um homem tem suas obrigações para com o seu país. O importante foi constatar a sua inocência, e se me permite dizer, lamentar o seu fatídico destino ao ser ligada a tamanho vilão.

Ele puxou uma cadeira com delicadeza para a senhora, que aceitou com ar desolado.

- Decerto, conde, decerto. E este é o motivo de minha visita.

Durvaal sorriu com sinceridade, aliviado pela visita indesejada ir diretamente ao assunto. Era raro nobres, que não familiarizados com a administração ou serviço militar, dispensarem o longo protocolo de assuntos superficiais que costurava a oportunidade para introduzir o assunto alvo das visitas. Consideravam-se em uma existência superior que os dispensava de tratar de coisas mundanas e davam milhares de voltas para chegar onde realmente queriam. Admitiu que a filha do Barão tinha suas qualidades quando percebeu que ela economizou meia hora de seu dia que há pouco acreditava estar fadado a frivolidades.

Ela não deu tempo para que ele sequer agradecesse a iniciativa, o que ele não teria feito de qualquer modo:

- Eu não quero ser a viúva de um traidor!

As impressões positivas que Durvaal teve de Isabel segundos antes o fizeram se engasgar. Incapaz de pronunciar uma palavra inteligível, apenas mostrou as mãos vazias.

Isabel aguardou, ao ignorar elegantemente o embaraço do conde.

- Senhora, a senhora é a viúva de um traidor!

Serena e com um delicado domínio de si, defendeu-se:

- Por favor, Durvaal. – Seu tom permitiu uma intimidade, que não existia, tão natural que nem o conde percebeu. – Essa é a verdade. O público pode saber de outra, eu era antes a esposa de um herói, não quero viver com esta sombra no meu passado. Quero que outros voltem a me invejar.

Entendendo melhor, o conde deu uns passos e se sentou, retomando nesta manobra a sua autoridade. Cruzou as mãos sobre o ventre enquanto ajuizou:

- Então a senhora quer que o país admita um engano ao executar um inocente para que volte a ter o *status* anterior. Um erro que não existiu, mas que irá beneficiá-la.

Ela foi jocosa:

- Exatamente, Conde de Ataloana. O senhor entendeu. – E voltando ao tom sereno. – É claro que sei que tal deferência a mim não será gratuita. Venho hoje perguntar o que é preciso para que fiquem tão gratos a ponto de me conceder essa gentileza.

Durvaal Talquar abriu o sorriso mais largo do dia, incapaz de diferenciar se era por pura diversão diante do absurdo que ouvia, ou se por admiração pela mulher que não se abateu após a tragédia com o nome da família. Com esta expressão no rosto, tentou explicar a realidade do mundo a uma cotovia que nunca saíra da gaiola:

- Senhora, ah... hum... primeiramente, parabéns pela iniciativa. É uma boa surpresa ver que se mantém firme diante do drama que enfrentou nos últimos meses. Sinceramente, estou feliz em testemunhar sua resiliência. Entretanto, – pigarreou para alterar propositadamente sua expressão – não há nada que o Estado deseja que pode mudar sua ingrata posição. Quisera eu que houvesse, eu ficaria realmente feliz em dar uma oportunidade a alguém com tanta determinação. No entanto, o que pode fazer?

Isabel já esperava uma recusa:

- O senhor pensa que estou falando em casamento, não? Ou que estou me oferecendo ao senhor?

Talvar se jogou contra as costas de sua cadeira. Não esperava a segunda observação, nem dita, sequer cogitada. Por ela e por ele. Ela não se interrompeu:

- Convivi com mais de um espião em minha casa por anos. Fosse meu marido, fosse minha criada, ou o efêmero sócio de meu marido. Acredito que eu já tenha sido iniciada, portanto é chegado o momento de aprimorar meus conhecimentos e adquirir novas habilidades. Tenho certeza de que alguém como eu, com a minha posição e meu traquejo, possa ser útil para o meu país.

Era um dia cheio de surpresas. Ele se pegou de queixo caído a pensar se levaria a sério ou cairia na gargalhada. Sua experiência o recomendou a manter a compostura. Isabel continuava imperturbável a aguardar uma resposta.

- Entendo. E... respeito a sua decisão. Admiro, sim, admiro iniciativas, principalmente aquelas vindas de quem menos esperamos, pois o que se espera de alguém em sua posição é exatamente o contrário.

Ela agradeceu o elogio com uma mesura da cabeça, sem que o corpo deslocasse um centímetro com o gesto. Ele continuou:

- No entanto, não temos demanda para este tipo de serviço.

- Ah, conde, não tente me lograr com palavras. O país está em polvorosa! Racina também. Conheci o homem que tramou o atentado contra a Condessa de Aflatin. Não diga que nada está acontecendo!

- É claro que está, mas nada que demande o seu perfil!

- Qual o meu perfil? Como pode saber o que passei nas mãos daquelas pessoas? O que vi? Sabe que testemunhei Sávio Labaki destruir um homem bom em segundos, cravando-o na parede. E eu sobrevivi a ele! Ajudei a envenená-lo. Não sabemos no que isso resultou, mas ele desapareceu depois. Sabe que ele pode estar morto por minha intervenção? Acha que sou tão incapaz?

Aquela sequência dita com tanta frieza mostrou ao conde saber realmente muito pouco sobre a determinação daquela mulher. Ela não tinha acabado:

- Fúlvio mentiu para o senhor. Era uma armadilha para pegá-lo. EU percebi o que era a anã, e nós a prendemos para que ele viesse. Eu, Fúlvio e Círio. Tentamos fazer nossa parte, e talvez tenhamos tido sucesso com a morte de Labaki. Isso não conta?

Ele engoliu em seco. Fazia sentido. E ela passou por seu interrogatório sem revelar aquilo. Ainda, não via como usá-la.

- Parabenizo-a novamente, vejo que podíamos ter tido conversas mais sinceras no passado. Vejo também que tem traquejo, soube reservar informações para que fossem úteis à senhora. Um pouco, o seu esposo havia me contado. Contudo, agora conheço a sua participação, mais ativa do que ele protetoramente omitiu. Está elevada em meu conceito, senhora, não esquecerei do que me disse. No entanto, não tenho onde inseri-la nas nossas atuais necessidades.

Isabel não estava disposta a desistir. Continuava fitando-o. Ele devolveu o mesmo olhar firme.

- Quais são as necessidades de meu país, senhor?

- Acha que as revelaria?

- Apenas liste as habilidades que necessitam.

- Senhora! Ah! Capacidade de ter uma visão de intensões implícitas em fatos explícitos, de improvisar diante da ameaça, de fazer e romper alianças, de tirar uma vida...

Ele se interrompeu quando ela levantou uma sobrancelha. Corrigiu-se:

- Eu não disse que a senhora não tem qualidades que podem ser aproveitadas em uma missão, mas o cenário do momento não a cabe! E precisa ser leal, estar disposta ao perigo! E a senhora pode não retornar!

- Refere-se a retornar a essa vida condenada ao ostracismo que meu marido me impôs?

Ataloana apertou os olhos e baixou a voz:

- Sabe o que pode ser exigido de uma mulher como a senhora para extrair uma informação? Não importa de que tipo de homem seja?

Ela o desafiou:

- Teste-me agora nessa escrivania se acha que não sou capaz!

Ele ficaria sem palavras se a política não o tivesse calejado para constrangimentos mais intensos que aquele. Embora tivesse ficado tentado, não era de sua prática.

- Não abuso de meu poder dessa maneira, senhora.

- É a minha vez de parabenizá-lo, então.

Ele se levantou e foi até a janela para tomar ar. O tempo também servia para que ele organizasse o raciocínio.

- Tem certeza? Não temos vagas em salões refinados cobertos de tapetes felpudos. Temos necessidade de infiltrar alguém em um ambiente duro, passando-se por uma comum.

- Aguardo suas ordens, conde.

Ele suspirou, vencido. Ela não tinha mais posição social de valor, não sentiriam sua falta e os protestos, mesmo do barão, seriam fracos caso não voltasse. Tornara-se dispensável e, portanto, adequada.

- A enviarei para longe, para uma peregrinação que se iniciou em Femon e cruza Andreada. Provavelmente, com destino a Moros. Vai caminhar por quilômetros, será mais uma devota de algo ou alguém que não entendemos bem o que seja, mas poderá estar em meio a fanáticos. Será mais uma na multidão. E me enviará informações. A princípio, para onde vão, como são os líderes, quem entra e sai do grupo, o que realmente querem. Tudo o que parecer importante, e o que não for também. Traçaremos um perfil que caiba

com sua personalidade, não muito diferente do original: a viúva de um mercador falido, ou qualquer coisa que não levante suspeitas a seus modos e gestos. Está mesmo disposta?

- Parece simples, e duvido que seja. Qual a parte está evitando me contar?

Ele aprovou sua perspicácia.

- Mudaremos sua aparência para que não seja reconhecida. E criaremos uma história caso seja necessário, mas pode não ser suficiente para salvá-la – alertou. – A verdade é que não sabemos do real perigo dessa gente.

Isabel ficou surpresa:

- Quem raios está em Andreada que pode me reconhecer?

- Os líderes locais, bardos que flertaram com o seu marido e estavam comprovadamente a serviço de Sávio Labaki.

Isabel se levantou e declarou, com desprezo:

- Eles não serão empecilho para quem já sentiu a mão do próprio Labaki!

O conde foi elegante em não comentar a violência mencionada, sofrida provavelmente na noite da morte de Olmar. Depois que estava só, ao pensar mais a fundo a dimensão do que ela podia ter passado, ele não se recobrou dela exibir nenhuma marca visível de agressão no corpo, mas se lembrou dos rumores da época de sociedade entre Fúlvio e Labaki.

Fitou sua própria escrivaninha e se ajeitou na cadeira, já sem saber o tipo de mão que ela sentiu.

*

Mathias Felin estava vibrando com a oportunidade. A manobra que executara o permitiria mais do que apenas acompanhar Isabel, mas se colocar claramente como espião duplo. Sua entrevista com o Conde de Ataloana iria definir o sucesso da reviravolta de sua missão junto a Racina.

A verdade era que Mathias não suportava mais ser babá de Círio. Nada mais tiraria daquela relação, Círio havia sido multado e Fúlvio executado, Labaki havia desaparecido e a ação se deslocara para outros horizontes. Todas as mudanças não foram suficientes para que tivesse permissão para abandonar seu posto. A avaliação da Condessa de Aflatin era que os focos da missão são variáveis e sua posição como amante de Círio ainda poderia ser útil no futuro, mesmo ele não tendo mais relação com o poder de Katos.

Ele reconhecia que ela estava certa. O Conde considerou que a dívida moral de Círio poderia ser paga com a prestação de um importante serviço: tornar-se o contato de Isabel Eduína Petrosa Comperteiro junto aos fanáticos de Femon. Quando Círio retornou abalado com a notícia e confessou seus temores ao seu amor, Mathias não precisou de muito para convencê-lo a conseguir aquela entrevista.

Durvaal Talquar recebeu-os formalmente, sem se levantar, fez sinal para que sentassem. Mathias apontou a cadeira, e ficou de pé ao lado de Círio.

- Pode se sentar também.

Ele foi cortês e humilde:

- Estou confortável de pé, senhor.

Ele não insistiu, voltando-se a Círio com rispidez:

- Então, Mantina, já começou falhando miseravelmente ao informar sua missão a estranhos.

Círio tensionou os lábios, relaxando ao sentir o toque de Conrado em seu ombro.

- Na verdade, viemos oferecer mais ajuda à missão. – Argumentou Círio.

- Eu pedi mais ajuda? Ou comentei que procurava outras pessoas?

- Achamos que é uma oportunidade para o senhor.

Talquar apertou os olhos ameaçadoramente:

- Por quem me toma, Mantina? Não viu o que aconteceu o seu amiguinho, e agora traz outro para ser executado também.

Mathias não se abalava por palavras e Conrado era sensato em saber quando intervir:

- Peço desculpas pela invasão, Conde, mas Círio não poderia se afastar de mim sem levantar suspeitas, eu certamente chamaria a atenção de muitas personalidades ao ser avistado repentinamente só, sem qualquer explicação. E sabemos como uma tarefa como esta requer discrição. Claro que ele poderia inventar algo, mas não há história factível que possa me afastar deste homem.

Círio viu o perigo daquelas palavras e interveio:

- O que ele quis dizer...

Foi interrompido com um gesto do Conde:

- Gosto de palavras sinceras em minha sala, Mantina. Deixe-o falar.

Conrado tocou novamente o ombro de Círio, onde lá permaneceu.

- Círio, tenho certeza de que o teor de nossa amizade não é surpresa para o Conde.

O Conde respondeu com um gesto evasivo para evitar interromper o interlocutor.

- Eu ficaria revoltado, o seguiria, atrairia atenções indesejadas. A meu ver, ele fez certo, e observe que não estou misturando os meus sentimentos, mas avaliando uma situação hipotética com argumentos ponderados. Enfim, eu iria atrás de qualquer jeito. Eu vou. Estou me oferecendo para participar dessa missão, acompanhar Círio e zelar pela sua segurança, é claro, mas com a prioridade de zelar pelo sucesso da missão ordenada pelo Estado de Du Bouças.

A frieza do Conde foi claramente revelada em suas palavras, enquanto a voz continuava a mesma:

- E onde você vê que é de interesse do Estado de Du Bouças enviar um casal de homens em lua de mel em uma missão de espionagem?

Círio tremeu. Desde que Fúlvio fora condenado à morte, seu espírito se desvaneceu. Somente não desabou pelo apoio de Conrado que, novamente, tomava a palavra:

- Não há como isso não chamar a atenção, não é, Conde? Ao contrário, um casal de peregrinos se juntar à horda que atravessa Andreada não será notado. É provável que seja menos visível que uma bela mulher desacompanhada.

Ataloana não queria dar o braço a torcer, mas pelos céus, aquele homem, se ele pudesse dizer assim, era mais adequado ao trabalho do que o desnorteado Círio.

- Está disposto a fingir ser marido de Isabel?

Mathias viu outra oportunidade naquela missão: livrar-se de uma vez do trabalho que, embora ele executasse com profissionalismo, estava longe de ser de sua preferência. A possibilidade de se aproximar de uma mulher novamente era bem mais aprazível às suas necessidades.

- Eu a apoiaria no que precisasse, e seria eu a levar as mensagens a Círio. – Ainda não se livraria dele totalmente, mas teria paz na maioria do tempo. – Ele seria apenas um viajante que, por coincidência, estará com um trajeto semelhante ao nosso. Há tantos médicos itinerantes passando pelas pequenas vilas para ganhar a vida, ir até ele seria mais uma de muitas consultas. – Que tentaria resumir o quanto possível.

Ainda desconfiado, ele se voltou ao médico:

- Como é a sua relação com a senhora Isabel Eduína?

Finalmente, uma pergunta que Círio conseguiria responder sem problemas:

- É como sempre foi. Convivemos, somos amigos, às vezes discutimos. Claro, houve acusações durante o julgamento de Fúlvio, mas já superamos. Nos acertamos a tempo, mas nos vimos pouco após o dia da execução, acho que é difícil para ambos.

O Conde foi surpreendentemente solidário:

- A sua nova amizade – apontou para Conrado – deve ter sanado alguma ferida que senhora Isabel ainda podia ter. Eu soube que se apoiaram mutuamente no momento fatídico.

Círio baixou a cabeça, lembrando-se do dia em que passaram juntos. As mágoas das brigas passadas não foram tão dolorosas quanto a perda do homem com quem compartilharam tantos momentos. Eles foram lembrados com sorrisos tristes, risos saudosos e lágrimas inoportunas.

Ele acenou afirmativamente.

- Sim, mas Conrado não remendou nada. Isabel e eu, erámos amigos apesar de tudo. – Levantou a cabeça. – Somos! Ela lutará pelo nome de Fúlvio, eu quero lutar também. E o farei com mais gana se Conrado estiver por perto. Somos novamente uma equipe de três contra o mundo!

Antes que Ataloana reagisse, e ele ia reagir, Mathias corrigiu:

- O mundo fora de Katos! Uma equipe a serviço de Katos contra o mundo que ameaça os Bouças.

O conde fitou Mathias:

- Agora, sou eu quem faz questão que você vá.

Mathias Felin não recebeu uma mensagem direta com qualquer manifestação da Condessa de Aflatin sobre sua manobra impecável, mas soube de sua aprovação ao verificar o saldo sua conta no Banco Independente de Crédito Internacional. Ao sair do banco, ele levantou os braços para comemorar sua vitória. Estava de volta!

*

Isabel Eduína Petrosa recebeu a notícia com um pouco de desconfiança e grande alívio. Enfrentar o desconhecido ao lado de um amigo, mesmo que este fosse Círio e seu namorado, apresentava melhores perspectivas. No entanto, tinha suspeitas sobre ser um casal com Conrado, pois pouco sabia dele. Na ocasião, argumentou com o conde:

- Não é melhor inverter as posições? Se alguém nos reconhecer, eu e Círio apaixonados e em fuga de nossas famílias é uma explicação melhor... ah... bom, ao menos não é algo impossível.

O conde a fitou com cuidado antes de responder:

- E se tiverem que provar o casamento, ele não é indicado. Se tiverem que dissimular, ele não é tão indicado. Se tiverem que pensar rápido, ou fugir, ou até matar, meu instinto diz que ele não é a melhor companhia.

- Seu instinto pode estar certo em quase tudo, mas nenhum dos dois fará diferença se tivermos que provar intimidade.

Isabel se lembrava daquela conversa enquanto observava Conrado conversar com Virgur. Se tinha alguém que convenceria aquela gente a aceitar mais peregrinos seria o seu falso novo esposo.

Ele cuidara de todas as questões práticas da viagem, e das emocionais também. Definira o trajeto, indagava sobre o grupo que procuravam, determinava quando e onde iriam descansar. Ele apoiou Círio quando ele demonstrou dúvidas, enfrentou com dureza qualquer olhar de liberdade sobre Isabel como um marido real, evitou que fossem enganados por malandros na estrada e chegou a mostrar sua espada duas ou três vezes quando avaliou ser necessário. Mais, ela ficou especialmente grata quando se recusou a ter intimidades com Círio somente para evitar deixá-la exposta a um eventual perigo, embora estivesse claro o quanto ele desejava os tratos exclusivos do médico. Enfim, cercou a ambos de cuidados e tomou a liderança da missão naturalmente a ponto de Isabel reconhecer tanto o talento de Conrado quanto o instinto de Ataloana para prover aquela missão.

Portanto, se alguém pudesse fazer com que fossem aceitos naquela horda estranha acampada na lateral da estrada do fim do mundo, seria Conrado. Ou melhor, Hélio.

- Por que Hélio?

- Porque olhei para cima ao pensar e vi o sol.

Prático. Ao contrário de Isabel, que passou por várias possibilidades sem conseguir determinar um nome. Temia não se lembrar de responder se chamada. Conrado também resolveu o problema.

- Como te chamavam quando criança?

- Eda. Por Eduína.

- Resolvido, será chamada de Eda, mas que será apelido de Leda.

E assim, Eda e Hélio tentavam se infiltrar nas Estirpes quando Ella passou por eles com passos duros. Estava irritada à procura de Lucha.

Entrou na tenda sem pedir licença:

- Como você vai procurar os necromantes? O que pensa que vai conseguir?

Lucha descalçava as botas. Todos tinham medo de Ella brava. Calçou-as novamente enquanto justificava:

- Não é para tomar chá, Ella. Temos que nos adiantar a eles.

Ella fez um gesto amplo com os braços para encenar sua ironia:

- E você acha uma excelente ideia você se desgarrar para seguir adoradores de mortos.

Lucha encolheu os ombros:

- Eles querem as gemas. Não será você ou Tonio que irão.

- E agora é o momento? Logo quando estamos a caminho? Não é melhor estarmos os três juntos quando chegarmos lá? Deveríamos ser quatro!

- O melhor é que o problema necromante já tenha sido resolvido até lá!

- Aida disse que na sede estaremos mais protegidos. É onde devemos estar, de onde poderemos nos preparar contra as ameaças!

Lucha se jogou na cama de peles dispostas ao chão e cruzou os braços sob a cabeça, olhos fixos o alto. Ella se irritou:

- Não me ignore, Lucha!

- Não estou ignorando, estou pensando. Confia em Aida?

Ella se sentou ao seu lado, acalmando-se:

- No início, não. Então comecei a ouvir Lohrys, que me questionou por que Labaki nos indicaria a sede da ordem?

- Pode ser uma armadilha para pegar as gemas.

- Ele não pode pegar, Lucha. Mesmo se quiser usá-las, precisa de nós. E estou me convencendo, pelo que ele me disse, que sim, ele quer trazer os dragões de volta.

Ella admitir a boa vontade de Sávio mexeu com Lucha, mas ela não demonstrou. Ainda pecava pelo excesso.

- Ricard teve mil anos para aprender a dissimular.

- Dissimular arrependimento é bem diferente de percebê-lo na pele. Eu estava enfeitiçada pela própria Celiah, havia uma ligação real entre eles! Acho que senti a conexão da maldição que ela lançou, acho que ela o perdoou, Lucha. Ou está perdendo. – Sua voz desvaneceu ao confessar. – Eu acho que acredito nele.

- Você acha.

- Sim, eu acho. Com mais propriedade que a certeza que você sente.

Lucha levantou-se de súbito. Mudou de assunto:

- Tonio não concordou que eu fosse só. Estou planejando cercar qualquer manifestação necromante daqui, até garantir que estejamos em segurança nas ruínas da Ordem Draconiana. E não pense que Aida é cheia de boas intenções, Labaki a orientou! Ainda permitimos ser fantoches dele.

Ella concordou:

- Sim, Lucha querida, ainda aceitamos ser fantoches da pessoa que quer nos manipular para alcançar o mesmo objetivo que nós.

Quando Lucha passou por Eda e Hélio pisando duro, Virgur tinha autorizado mais um casal se juntar à Estirpe de Tenet.

*

- Ataloana quer saber o que os Lanceiros ganharam com essa intervenção vazia.

- Se dinheiro ou vantagens?

- Ele receia que a promessa de um território no novo país elfo.

Isabel o fitou com intensidade:

- Ele confidenciou isso a você?

Mathias disfarçou:

- Mais ou menos, veio à tona em nossa última conversa.

Isabel estava enciumada. Até que partissem, ela recebera instruções de assistentes do conde de como um espião devia proceder, enquanto ele se reunia pessoalmente para preparar a estratégia.

- E o que mais precisamos providenciar?

- Este é o principal no momento. Os Lanceiros chegam esta semana em seu destino e não seguirão seja lá para onde formos. Temos pouco tempo para descobrir até onde vai a participação deles.

- Acho que foram bem pagos. Walfor comentou que fez guarda em um pequeno tesouro por mais de uma vez, treinado por Lanceiros que faziam o mesmo em sua sede.

Mathias se interessou, mas começou a cavar com leveza:

- Walfor?

- Sim, Walfor que responde à Dan das Chamas Sombrias. O amigo de Jainor, como você é amigo de Círio.

Mathias sabia transformar comentários maliciosos como aquele a seu favor. Encostou-se nela, fingindo cumplicidade:

- Amigo? Por que tem facilidade nesse tipo de amizade?

- Eu? Não, é o seu tipo que gosta de mim.

Embora ela se referisse a outro tipo, Mathias foi obrigado a concordar. Conviveu com a sensual Belina e foi imune à sua lascívia, talvez por ser óbvia. No entanto, Isabel Eduína baixava a guarda por acreditar que ele não era ameaça e aquela dualidade de ingenuidade e languidez estava despertando-o após um período sombrio de puras obrigações.

- O que meu tipo tem que precisa de você?

Ela sorriu da brincadeira:

- Me diga você, o que gosta em mim?

Ele sorriu abertamente ao desviar o olhar. Não era hora de confessar. Ela entendeu como se ele passasse a deixa.

- Vocês são mais sinceros com as mulheres. Por não haver jogos entre nós. Mesmo Fúlvio, que era bissexual, eu sabia melhor o que esperar dele, conhecia os seus limites. Até Círio, veja que pudemos manter algo de bom todo este tempo, eu sei até onde ele é capaz de ir. Já homens que... bom, não vamos transformar essa conversa em uma sessão de lamentação. Ao contrário, vou aproveitar Walfor livre e trocar lamentos com ele sobre homens. Isso aproxima as pessoas, como nos aproximou. – Deu uma piscadela e se afastou.

Mathias suspirou, seduzido até pela carência que ela tentava disfarçar. Sabia que teria Isabel antes mesmo dela ter informações concretas sobre os Lanceiros.

*

A cólera de Leafir teria matado Ridell se não fosse por Asinuich. Conheciam-se de outros tempos, antes que ela tivesse o aspecto exótico das tatuagens pelo corpo e que ele tivesse o espírito ferido pelo mundo.

Ela se colocou entre os elfos quando Leafir sacou a espada, fazendo o mesmo. Surpreendeu-se pela sensatez de seu primo, que optou por não reagir. Ao fitá-lo, ele deu dois passos para trás e baixou a cabeça em aceitação a qualquer destino.

Aquilo desarmou o espírito do General Amdir, mas não impediu de avançar perante o recuo de seu antigo inimigo com a lâmina baixa, em direção a Asinuich que barrou a

passagem lateralmente com a sua. Ela meneou a cabeça a proibir a aproximação. Leafir se permitiu escutar Ridell brevemente.

Mesmo que não tivessem uma experiência anterior conflituosa, ouvir dele a notícia inesperada sobre a batalha foi mais uma punição. Ao invés da derrota da Estirpe de Ruan, informou sobre a união sob comando de Tonio e sobre a morte de Caemvhir e dos outros elfos.

Leafir considerou se a presença de Ridell não era outro ardil de Sávio Labaki. Ridell teve dificuldades em defender seus motivos para atender ao chamado por Belerod, mas ao confessar que ainda devia a Leafir pela vida da Condessa de Aflatin, ele começou a aceitar suas razões como plausíveis.

Além disso, as últimas perdas – Ella, Lohrys, Celiah e Caemvhir – clamavam por uma compensação, e um novo aliado que conhecesse bem Labaki poderia fazer diferença.

- Sabe de uma anã que o acompanha?

Ridell engoliu em seco, dissimulando naturalidade na revelação. Forneceu o mínimo para satisfazê-lo:

- Uma oneir querathyra de boca suja. Não é importante, creio que ele se livra dela em breve.

Leafir praguejou, entendendo finalmente, e incorretamente, como eles foram localizados.

- Então o que é importante, Ridell?

Colocado em avaliação, ele percebeu que precisava se provar naquele momento ou nunca:

- Amanda de Aflatin.

- O quê?

- Ela tem poder para conquistar mais do que imaginamos. Dê a ela Martius e ela te dará Ella.

Leafir se sentiu negociando escravos.

- É assim que você quer voltar a ser um elfo de valor?

Asinuich interveio:

- Ridell, espere lá fora!

Ele obedeceu de imediato. Ela se justificou:

- Leafir, perdemos Ella para alguém que não sabemos o que é! Ele jogou a mim e a Coriolano longe, quem faz aquilo? Ele tem uma relação mágica com a gema, Ella mesma disse e nós testemunhamos. Ridell pode nos orientar a resgatar ambas, sem ele não saberemos nem por onde começar.

- Não sei se temos esse direito, Asinuich. Ella estava se ferindo gravemente e fui incapaz de perceber. Se não fosse por Lohrys, ela poderia ter se transformado em um monstro! Quem será o monstro se eu a obrigar a fazer isso novamente?

Asinuich tocou o seu ombro em solidariedade. Era difícil contestar aquele argumento.

- Não precisa obrigar. Ela pode querer. Ela foi simpática à nossa causa.
- Ela não sabia dos riscos.
- Nem nós. O que precisamos agora é protegê-la destes riscos, não precisamos desistir. E para isso, precisamos conhecer melhor nossos inimigos.
- Labaki é amaldiçoado por Celiah, o dragão da gema que Ella carrega. Pelo que ele mesmo disse, ele quer desfazer os seus erros, que foram graves e covardes.
- Então precisamos conhecer melhor essa maldição.

Leafir a encarou:

- Acha que Ridell saberá?
- Acho que ele saberá o caminho. Não viu que, sob pressão, ele indicou algo? Pode não ser o melhor, mas ele conhece o que vamos enfrentar.
- Refere-se a enfrentar Labaki por ter protegido Ella de nós?

Ela inspirou o ar, tentando elaborar o que não estava claro para si mesma:

- Talvez possamos usar este outro poder de mil anos sobre a terra para abrir Belerod. Se ele já um monstro, preservaremos Ella.
- Você quer caçar Sávio Labaki?
- Não antes de saber o que ele realmente tem para nós.

*

O Profeta da Chama desabafava com Mestre Gan Hu. Sentia-se inútil diante da crise que enfrentavam.

- Você está dando um rumo a um povo perdido e sem casa, evitou uma batalha entre eles ao perceber as mentiras por trás de um conflito com outras intenções, zela por uma arma que em mãos erradas pode ser terrível, e sente-se inútil porque não foi você quem salvou Ella.
- Sim. O que eu estava fazendo enquanto ela quase se tornou vítima dos elfos?
- O que acabei de dizer. Pergunte-se por que esta breve lista de ações heroicas não é suficiente perante Ella.
- Porque essa série de ações nada teriam valor se ela tivesse morrido.
- Então você se arrependeu por não entregar Melgrod ao sátiro?
- Pelos céus, não! Não entregaria.
- Então deixaria que as estirpes se destruíssem para ir atrás de Ella?
- Também não!
- O que você teria feito de diferente?

- Nada! Eu só queria ter estado lá, não Labaki!

Mestre Gan entendeu, e não se sentia capacitado a lidar com ciúmes. Tonio continuou sem se importar:

- Tínhamos um propósito quando nos separamos. Não incluía Ella nos abandonar para atender aos desejos de Leafir. Tínhamos sido claros sobre isso, podíamos cuidar de Belerod depois de salvar os dragões. Eu sei, cada vez nos afundamos mais em promessas! Teríamos resolvido Fraga por Martius, pelo menos. Por que não faríamos por Ella? E ao invés de me ouvir, ela ouve Labaki? Sávio Labaki? Depois de tudo? Ele esfaqueou Lucha! Ele... está bem, ele salvou Lina, mas tinha outras intenções por trás disso. Eu não sei quais, mas tinha. Lembrando que ele... sim, nos tirou de Fraga, mas tinha intenções bem claras para nos tirar de lá. E agora ele salva Ella! É claro que tem uma intenção que não é o bem estar de Ella. Como quando ele enviou um médico a Lucha, só o fez porque... foi responsável por ela ter se ferido, está bem, ele ajudou por culpa. A intenção dele era... desfazer o mal que fez. É o que fez por Ella, não? Quer desfazer o mal que fez a Celiah. É a intenção dele!

Mestre Gan direcionava a caminhada com Tonio para longe de outros ouvidos. Estavam entrando no templo, onde habilmente Tonio teria que baixar a voz. Ele fez um gesto, Tonio obedeceu sem perceber a manobra.

- É a intenção dele, Mestre!

- E qual é mesmo a sua reclamação quanto a isso?

- Eu deveria cuidar de Ella! Dos bardos! O que estou fazendo?

- Como eu disse, está cuidando da ordem.

- Sim, agora eu cuido da Ordem Draconiana e ele dos bardos? – A constatação dos papéis invertidos o pegou com tanta surpresa que se esqueceu onde estava. – Ah droga...

O mestre o advertiu com um gesto. Caminhou até o altar para deixar Tonio refletir sobre sua conclusão.

A reflexão se tornou meditação. Como descansariam por uns dias na sede, Tonio optou por meditar toda noite no templo, antes de encontrar Lucha ou Ella para iniciar seus treinos. Não podia treinar concomitantemente com as duas, pois uma teria que guardar Celiah longe de Melgrod. Tessa havia seguido para sua própria vida ao parar para visitar seu sobrinho Donnal e, dada a imprevisibilidade de suas decisões, não era possível prever quando ela retornaria.

Ele preferia meditar com Melgrod em suas mãos de maneira que ficasse descansado para fechar os olhos, mesmo que estivesse praticando a atenção plena. Podia também meditar de olhos abertos, e procurava alternar seu posicionamento diariamente para evitar que sua concentração dependesse de um cenário específico.

Quando Ella ia ao templo, tinha a intenção de chegar cedo para também meditar, mas se pegava a observar o edifício e os belos altares que captavam sua atenção. Tonio explicara o significado de alguns objetos e símbolos dispostos nos altares e nas colunas. Contudo,

nada havia falado sobre a predominância das cores vermelhas e amarelas nos motivos pintados nas colunas.

- Acho que é por serem chamativas. E não são motivos, são símbolos. – Ele explicou. – Observe este, eu já comentei com vocês.

- Sim, e este também.

- Lembra-se o que significam?

- Perseverança e paciência.

- Muito bom. – Tonio resgatava alguns bons momentos desaparecidos desde que perdera de Ella pelo conflito entre as estirpes. – Há outros conhecidos ali, venha.

Algo captou a atenção de Ella, retendo-a:

- Espere. E este aqui?

Tonio voltou:

- Não sei. Posso perguntar ao mestre.

- É um sol!

- Não me diga que significa calor, nem algo pleno, muito menos recatado.

A brincadeira não atingiu Ella, que se manteve séria:

- Tem uma lança à frente, Tonio.

- O que é normal em um templo dos lanceiros, não?

- Essas asas não são. Asas atrás do sol.

Tonio olhou com atenção antes de concordar:

- Sim, são asas. – Embora concordasse, alertou. – Cuidado Ella, aquilo foi uma brincadeira. Podem até ser asas de dragão, mas existem outros dragões até hoje, mesmo que não neste continente. Não tire conclusões.

- Então por que esse aqui se parece com uma carta com lanças desenhadas nela?

- Porque é um retângulo com lanças desenhadas dentro, e cartas são retangulares.

Ela o fitou desafiadoramente:

- E se não for?

- Ella, não comece.

- Pergunte ao mestre, por favor? Como eu, você teve visões das cenas da sede em Tenetenfrat e em Ruan, e os brasões. Não acha estes símbolos familiares?

Ele não pôde resistir, por insistência de Ella e para sanar sua própria curiosidade. Tinha certeza de que não eram nada, mas a dúvida não podia permanecer.

Para sua decepção, o mestre não soube.

- Alguns símbolos são muito antigos, da era em que os Lanceiros Perpétuos foram criados.

Ella perguntou delicadamente:

- Qual a história, mestre?

- Nossos fundadores primavam a defesa. Desenvolveram técnicas próprias com a lança que foram guardadas para um propósito em especial.

- Que é secreto ou podemos saber?

- Nem eu sei, Ella. Devia ser secreto, porque foi perdido. Seguimos nosso código, mas se havia razões implícitas, elas não existem mais.

Tonio agradeceu e já ia saindo, quando o mestre completou:

- Entretanto, estes livros podem dar outras informações, fiquem à vontade para folhear.

Era uma centena de livros. Tonio fez sinal negativo para Ella, que ignorou:

- Obrigada Mestre. Eu, Tonio e Lucha iremos nos revezar para aprender mais sobre nossos amigos Lanceiros Perpétuos.

Vencido, no dia seguinte Tonio explicava a Lucha:

- Somos Perpétuos porque devemos estar eternamente prontos para a defesa.

- É uma péssima explicação.

- E qual você acha que seria melhor?

- Lutam nesta vida e na outra.

- Somos mais terrenos que suas visões no mar. – Discordou Tonio.

- Hum... Por que precisam viver eternamente?

Ele a corrigiu:

- Existir eternamente. Porque o ataque é momentâneo, mas o estado de alerta deve ser perpétuo. A atenção é essencial para quem está pronto para defender mais do que para atacar.

Ela se voltou ao seu livro, o que não durou muito:

- Procuramos aqueles dois símbolos e nada mais?

Ele não levantou a cabeça daquela vez:

- A princípio sim, por quê?

- Tem uma lista de outros aqui, mas não aqueles.

Não resistindo à curiosidade, Tonio foi bisbilhotar a pesquisa de Lucha. Foi passando o dedo:

- Solidariedade, precaução, atenção, não conheço, não conheço, a perseverança que você já devia saber – espetou a falta de atenção de Lucha durante os treinos –, não conheço, e o último é satisfação.

- E este daqui de baixo?

Ele passou os olhos:

- São outra categoria de representa... – Tomou o livro das mãos de Lucha. – Eu conheço isso.

- Ótimo, mais um.

- Não. Eu já vi. Com Vincent! Ele atirou contra uma parede após uma discussão! Celiah o conteve!

*

Até então Tonio pensava que a insistência de Ella na heráldica dos Lanceiros Perpétuos era uma estratégia para descansar da realidade que enfrentavam. Embora ele reconhecesse que precisavam de repouso, a urgência em chegar a uma sede própria prometida como definitiva o fazia resistir aos pedidos da violinista.

Após ver a ogiva invertida engastada a um círculo menor ao fundo, com ramos abaixo do vértice a forrar o arco, idêntica à da capa do livro de Vincent, ele admitiu que havia pistas naqueles símbolos explorados pelos Lanceiros.

Sem necessidade de fazer segredos, decidiram revelar a pesquisa para explicar que as fontes se valiam de símbolos de importância para a ordem que iria renascer. A resposta não demorou:

- A anã tem uma tatuagem quase igual a isso.

Chamaram Aida, e ela confirmou, revelando o desenho na face interna do braço:

- É o símbolo do Sacramento de Elthor, mas podem ver que o meu tem leves variações. Este livro deve ser antigo.

Tonio franziu o cenho. Ele viu o mesmo símbolo ser atirado há mil anos atrás.

- Há quanto tempo o sacramento existe, Aida?

- Ah, começou tão timidamente, com pouco mais que dez discípulos. Não nasceu grandioso como é hoje.

Ele não se deixou enganar.

- Você não respondeu minha pergunta.

Ela molhou os lábios, antes de elaborar a resposta:

- Elthor viveu há mais de mil anos. Para ter discípulos, deve ter vivido muito.

Aida sabia da origem do símbolo da ordem, embora não tivesse aprendido na Cidade Elevada.

- E já existia esse símbolo desde então.

A afirmação, e não a pergunta, escapou da percepção de Aida, concentrada em omitir outras informações.

- Era o brasão da família de Elthor.

- Ah, isso explica muita coisa.

Aida disfarçou:

- Fico feliz de ter ajudado, Profeta.

- Por favor, não me chame assim. Já chega as centenas de pessoas lá fora. – Protestou encabulado.

Ela foi solícita em ajudar também naquele problema:

- Precisa de outro título se quiser se livrar desse.

Despediu-se para procurar um lugar calmo e se concentrar de maneira que, com sorte, conseguiria sonhar com aquela conversa para receber instruções de Labaki.

Deixado só, Tonio refletia em como o mistério aumentara. Por que Vicent quis agredir seu irmão Klaos com um livro de cura? E a que a versão humana de Baai queria ajudar?

Aquela resposta cercada de mais mistério desviou a atenção de Tonio dos outros símbolos que intrigaram Ella. Por sua vez, a violinista providenciou uma permissão dos mestres para levar emprestados alguns exemplares a fim de estudar. Afinal, seu destino não era tão distante dos Lanceiros que a impedisse de ser cliente de sua biblioteca.

*

De uma distância próxima à do Vale da Rã até a Capital de Katos, a sede da Ordem Draconiana situava-se nas montanhas, na fronteira norte de Moros, a partir da sede dos Lanceiros Perpétuos. No fim da Cadeia Holiah havia uma planície que separava esta cadeia da sequência de montanhas logo após o limite do país. As Cenikas eram montanhas que ocupavam dois pequenos reinos que pouco se interessavam pela parte alta, de maneira que concentravam suas populações nos trechos planos do lado norte de seus países. Tinham um nome simples e prático em relação ao que Aida declarou inicialmente: as Gothrunnias.

- Ah, desculpe, é o nome com que sonhei na época da Ordem, hoje as montanhas são conhecidas como Cenikas. – Corrigiu a tempo.

A sede da Ordem Draconiana, Goth Drin, estava incrustada na fronteira dos reinos de Permenbadal e Momendral, já tendo sido chamados de Permeal e Hodral ainda nesta vida humana. Eram terras instáveis que trocavam de reis com a mesma facilidade com que Lucha ouvia de Tonio após receber a pancada: “Deixou a guarda aberta!”. Apesar da inconstância política, qualquer conflito se restringia à parte populosa, com nenhuma atenção dada ao trecho montanhoso mesmo quando os integrantes de alguma família dinástica e seus subordinados estivessem em fuga, pois outras fronteiras eram facilmente atravessadas. Esta falta de interesse nas Cenikas garantiu a integridade de Goth Drin, que pereceu apenas pelo tempo e ainda mantinha boa parte de sua estrutura de pé.

Assim era esperado, segundo as indicações de Aida.

Até o momento, conheciam a planície, ainda em Moros, ao pé das montanhas, sítio do último acampamento em terreno bom. Atravessariam a fronteira após dois dias de descanso e em mais três estariam no que se esperava ser uma morada definitiva.

A expectativa impediu que os dois dias fossem apropriadamente usados para recuperar as energias.

Era, por exemplo, a última oportunidade de Mathias Conrado José Hélio para renovar suas instruções. O momento chave em que se encontrava foi valorizado pela presença ilustre a aguardar em uma fazenda a poucas horas do acampamento. Ele se ajoelhou quando viu o seu contato:

- Condessa! É uma honra revê-la pessoalmente.

- Sinta-se honrado pela importância de sua missão Mathias. Está indo muito bem, mas estamos chegando a um impasse.

Ele escutou com atenção.

- O duque deseja as fontes que os bardos protegem. São armas poderosas que irão garantir o sucesso na guerra que está por vir. Temos aliados à espreita, mas você está dentro e não pode ser identificado como um Betemar, como eles podem por portar um tipo de magia muito familiar a Lucha, a Dan das Chamas Sombrias. Por ela reconhecer nossos outros agentes, está a seu cargo tomar as devidas providências. Localize nossos aliados, veja o que eles precisam. Ela tem acesso às duas fontes, embora não as manipule como os conhecidos profetas. Explore o que for necessário, o Duque de Fraga deve ser o portador de, pelo menos, uma das fontes de poder. E eu estou aqui pessoalmente para aguardar as fontes vindas por suas mãos.

- Condessa, minha Grã-mestra, não espera que eu use a magia de nossas histórias?

- Não use, poderá se revelar. E sabemos que este não é o seu grande talento, o que é sua vantagem perante Lucha. Continue como sempre fez.

Ele se inclinou, obediente. Amanda entendia quando ele tinha perguntas:

- O que deseja, Mathias?

- A suposição de Ataloana de que somos fantoches dos elfos.

Amanda olhou pela janela. A manhã terminava.

- Um desvio de atenção? Ou enfraquecer Femon? Eles continuam apáticos. Difícil saber. No entanto, se tivermos as fontes, não importam os elfos, Femon ou Katos. Não se desvie pelas suposições de Ataloana.

- Mais uma pergunta: nossos aliados são dispensáveis?

- Todos são dispensáveis, Mathias. Todos!

Mathias retornou aliviado ao acampamento para encontrar problemas inesperados que poderiam sabotar os planos de Racina: Isabel estava sob interrogatório.

Não foi difícil descobrir o motivo. Ouviu de muitos que o Profeta da Chama chegou do nada e puxou a esposa de Hélio pelo braço, arrastando-a para longe dos curiosos. Depois, foi um corre corre para que a Dan das Chamas Sombrias fosse até a Profetisa da Luz, depois a Profetisa retornou e a Dan foi até o Profeta.

Mathias sabia que, se estivesse no acampamento, não teria deixado Isabel se descuidar. Tinha que pensar rápido para contornar o problema ou fugir de vez.

Quando Hélio se aproximou da tenda, viu Lucha à distância, ao contrário do que esperava. Acreditou que seria arrastado para dentro de prontidão, mas ninguém se moveu por não o reconhecer. Lembrando-se de sua missão, foi primeiramente a Lucha, que guardava Celiah enquanto Ella participava do interrogatório.

- Primeira Dan, peço sua atenção.

- Não me chame assim! Por que fez menção de entrar?

- Porque é a minha esposa que interrogam.

Lucha sorriu sarcástica:

- Mudou muito, nobre Comperteiro.

Ele fingiu surpresa com o comentário. Baixou a cabeça para responder:

- Sim, é ela, Isabel Eduína. E meu nome é na verdade Conrado, mas ela é minha esposa agora! E não pretendemos retornar a Katos. Nunca, se tivermos escolha.

Lucha não aceitou a confissão com facilidade:

- Terá que fazer melhor que isso, estranho.

- Sabe que ele está morto? Executado! – A expressão de Lucha mostrou que ela desconhecia o destino de Comperteiro. – Conhecemo-nos pouco antes, quando ele já estava preso. A vida dela se tornou um inferno, eu a tirei de Katos, fugimos, não tínhamos para onde ir. Ela acabaria tendo o mesmo destino, tudo por tramas de seu marido infiel e de sua associação com um Sávio Labaki.

Lucha parecia tatear o homem com os olhos, à procura de sinais.

- O que tem Labaki?

- É um vilão. Fez tão mal a Isabel quanto o próprio marido. Ela foi um peão no xadrez daquele homem desprezível. – Lucha congelou por dentro, mas não transpareceu. – Nós sabemos quem são vocês, e que são inimigos dele. – Ele baixou a voz para confessar. – Pensamos que estaríamos protegidos aqui.

- Como sabem de nós?

- Comperteiro disse a Isabel.

Lucha se lembrou quando invadiram a casa de Isabel Comperteiro para interrogar seu esposo. Foi quando começaram a descobrir as verdadeiras intenções de Sávio.

Mathias continuou:

- Não somos realmente casados. Eu jurei protegê-la, é tudo que posso fazer. Ela seria a próxima a ser executada. Ela estava desesperada, perdida, como não proteger alguém tão abandonada à sua própria sorte? O que faria no lugar dela?

Lucha murmurou:

- Eu nunca estaria no lugar dela.

Ele nada respondeu. Lucha encerrou a conversa:

- Vá lá. Darei sinal a Jainor daqui para te anunciar. Quem decide é Tonio.

Dentro, a situação estava tão pesada quanto imaginado. Isabel chorava, Ella a um canto observava calada, Tonio não parava quieto.

Ao ver Conrado, Isabel desabou em mais uma crise de choro, mesmo ignorada por todos que se encaravam mutuamente. Ele se apresentou, como fez a Lucha.

- Sou Hélio, até pouco tempo, Conrado. Sou responsável por essa mulher. – Contou a versão explicada a Lucha, que foi a mesma que Isabel forneceu conforme tinham combinado.

- Ele realmente foi executado?

Conrado confirmou em silêncio. Pediu permissão para se aproximar de sua esposa e consolá-la quando Aida entrou na tenda. Ao ver Isabel, colocou a mão na cintura, pasma com as voltas que o sol dava na terra.

- Isabel Eduína Petrosa Comperteiro!

Conrado a corrigiu:

- Ela não usa mais o último nome.

Aida se virou, mediu-o de cima a baixo antes de se voltar à antiga patroa. Falou, no entanto, para Tonio:

- Quando me disseram que eu precisava fazer um reconhecimento, nunca adivinharia que seria ela!

Tonio respondeu:

- Eu a reconheci, Aida. E ela confessou. Quero saber sobre Labaki.

Aida prendeu a respiração. Voltou a Tonio antes de aliviar os pulmões:

- Combinamos que eu não responderia perguntas sobre ele.

Ella reforçou:

- E eu dei minha palavra.

Tonio confirmou:

- E não faltarei com a minha. Quero saber de Isabel. Ela pode ser um alvo?

Aida baixou a cabeça, ponderando se traía seu mestre com a resposta:

- Fiquei surpresa de não ter sido na época. Hoje, vejo que ele tem não interesse na senhora Competeiro.

Conrado defendeu-a:

- A ameaça é Katos!

Aida confirmou:

- Sim, Labaki previu que Fúlvio teria problemas e poderia levar todos com ele.

Tonio suspirou, em parte aliviado por não precisar tomar uma decisão drástica:

- Então vocês têm santuário. – Advertiu. – Se eu vir algum sinal contrário ao que nos disseram aqui, terão mais que meros problemas.

Isabel foi até Conrado para abraçá-lo. Ele a conduziu enquanto agradecia a generosidade do líder.

Ao saírem, Tonio perguntou a Aida:

- Se não tem algo mais, Aida, gostaria de ficar só.

- Sim, claro, só estou pasma de encontrar Isabel aqui!

- Espionou-a por Labaki?

- Eu o conheci quando trabalhava para ela.

- Ele a cooptou para espionar Competeiro?

Ela não estava interessada naquela conversa tanto quanto estava em retornar à gema. Foi render Lucha e pegar o violino para acalmar os ânimos externos que deveriam estar em polvorosa. Deu a oportunidade que Aida esperava.

A anã mudou o tom subitamente, e foi rápida:

- O que vou lhe dizer será apenas para seus ouvidos. Saiba que Labaki também será informado. Tome a decisão que achar melhor.

Tonio escutou com atenção antes da música começar. Pensou sob o som que o tranquilizou, e decidiu que nada mudaria.

A música também acalmou Isabel até ela adormecer, aliviada pelo fim da provação que passara. Conrado, sentado na entrada de sua tenda, viu Lucha distante o suficiente para cumprimentá-la, em agradecimento.

Ela não retribuiu, pois sua atenção se voltara naquele momento para a anã que se aproximava, a aliada de Sávio Labaki.

Trocaram poucas palavras antes de Lucha se dirigir com rispidez a Aida, que chegou a mostrar o entorno cheio de música para apaziguar o ânimo da interlocutora. Por duas vezes, Lucha apontou a cabeça na direção de Conrado. Aida negou algo, depois confirmou algo. Fez uma pergunta que irritou Lucha, que foi novamente ríspida e deu as costas à anã.

Mathias começou a idealizar uma linha de ação que, como desejava a Grã-mestra, neutralizaria a maior aliada dos profetas.

*

Desde que Ella fora resgatada pelo inimigo com o apoio de Lohrys e contra Leafir, suas crenças de certo e errado foram invertidas, dobradas e pressionadas para tomar nova forma ainda não identificada. Aceitara o financiamento extensivo de Labaki para se assentarem na antiga sede da Ordem Draconiana, não ousara tocar em Celiah, tinha por companhia um elfo que não Leafir e uma anã desconhecida até há pouco. Foi arrancada daqueles que considerava amigos por aquele que era inimigo, porém com sua concordância. Reconheceu que havia dado as costas aos bardos. Reconheceu também que optou por negar o futuro ao povo élfico.

Com tantas mudanças, procurou outras ocupações, tanto aquelas familiares quanto as novas: o violino, a estruturação da Ordem e o estudo da heráldica dos Lanceiros Perpétuos.

Alguns dos livros que recebeu do Mestre Gan Hu Mentras eram sobre a escrita antiga, mas outros a interessavam mais. Como Tonio não acreditou em suas suspeitas, quando ele se desviou para o Sacramento de Elthor, Ella decidiu que não compartilharia suposições, mas apresentaria provas. Os símbolos que viu no templo dos Lanceiros não eram tão diferentes de brasões de suas visões, embora menos elaborados. Podiam ser apenas uma coincidência ou até mesmo resquícios de outros tempos que se converteram na linguagem registrada nas colunas do templo. Entretanto, a proximidade geográfica entre a sede dos Lanceiros e a da Ordem Draconiana, embora separadas por um milênio, alimentava o mérito de uma investigação mais aprofundada.

Lohrys aceitou a tarefa de bom grado, e Aida participava sempre que podia. Os dois se engajaram com Ella na estruturação da Ordem Draconiana, dividida entre as Estipes de Ruan e Tenet que, por enquanto, consideraram ser melhor não haver diferenciações. Concluíram estarem enfraquecidos para divisões, o que foi aprovado por Tonio que admitiu que erraram ao seguir diferentes rumos na ânsia de reconstruir o passado. Eles viam as lealdades surgirem naturalmente e sabiam que os dragões iriam direcionar as estirpes conforme desejassem. Aos bardos cabia apenas a preparação do retorno da ordem, além da proteção aos corações.

Não era segredo que Aida trabalhava a mando de Labaki. Ella passara a ser uma defensora de suas intenções, ao contrário de Lucha, que não perdia a oportunidade de espetar:

- Ele ainda nos esconde muito.

Era pensando naquilo que Lohrys fitava Aida, com receio de que a confiança de Ella em Labaki fosse nebulosa como no julgamento sobre Leafir.

A anã percebeu:

- Diga o que deseja, Lohrys.

Ele levou uns minutos pensando como:

- Você é leal a Sávio Labaki.

- Percebeu só agora?
- O que houve com os xingamentos?
- Ah, um elfo despertava-os em mim. Faz tempo que ando ocupada demais para me preocupar em produzir novas vítimas.

Ele não mudou o tom:

- É sério.

Aida decidiu respeitar o elfo e cedeu:

- Estamos em um ambiente delicado. Sei quando posso desabafar. Aqui pisamos em ovos de harpia enquanto elas foram buscar o almoço. Sabe que sempre tem uma vigiando? Não é saudável roubar harpias.
- Por que faz este trabalho, então?
- Porque meu mestre ordenou.

Ele não acreditou, mostrou sua indignação como pôde:

- Você é uma Sacerdotisa de Elthor! Por que o chama de mestre? Ele não é do Sacramento, é bem claro para mim.

Aida torceu a boca ao admitir:

- Tem razão, mas reconheço habilidades nele. Posso aprender muito.
- Com um mestre fora do Sacramento? Isso não é contra seu juramento?

A anã o fitou com interesse:

- Está bem falante hoje, Lohrys! Fico muito satisfeita com os resultados!
- Não desvie o assunto, Aida! O que Labaki tem? Por que é leal a ele?
- Por que é leal a Ella?

Ele soltou o livro. Aida insistiu:

- Vamos, sejamos sinceros! Claro que sei o que deseja de Ella, mas seu entusiasmo com a ordem a que estamos dedicando nosso tempo está além da Profetisa. Eu confesso, eu tenho lições com Labaki, estou ansiosa por conhecer a sede da ordem e aprender ainda mais com o que há por vir. Estou construindo algo que me parece ser bom! E você? O que deseja além de Ella?
- Paz?! Você devia saber melhor que ninguém, Aida.

Ela admitiu:

- Eu sei. Eu sinto. Apenas não entendo por que acha que encontrará paz com a reconstrução da ordem.

Ele apertou os lábios. Aida o conhecia o suficiente para saber que ele queria confessar, e lutava contra a precaução excessiva.

- Aqui somos amigos, Lohrys.

- Sim, como pensei com Leafir, a quem eu mesmo traí. – Moveu a cabeça para limpar o pensamento. – Não é isso. São as referências que adquirimos no passado. Foi Sonnel, um velho elfo que foi membro da Ordem Draconiana em sua juventude. Eu também era jovem quando o conheci já com idade avançada.

Aida nunca tinha ouvido falar de Sonnel. Lohrys continuou:

- Ele falava como se tivesse sido a melhor época de sua vida. Falou do velho dragão, dos estudos, do trabalho na ordem, depois de seus novos senhores. Primeiro, a mulher. Depois vieram os irmãos.

- Lohrys!

- Nunca os nomeou, Aida. E nunca pensei que um dia estaria envolvido na sequência das histórias que ouvi. Quanto mais que Ella era a guardiã da mulher, Leafir se referia apenas a uma gema cheia de magia e o povo, a uma fonte de luz e... bem, Sonnel nunca contou o que aconteceu aos dragões. Disse que houve uma guerra contra humanos e que eles se foram. Desaparecidos. Ele nunca deu detalhes. Pensei que voaram para longe como tantos outros. Pergunto hoje se não falou pela vergonha ao falhar com Celiah.

Aida tinha receio de algumas perguntas, como da existência de algum grau de parentesco entre eles. Lohrys continuou onde o interessava:

- Quando eu fui... colocado à prova, eu... eu pensei em um lugar assim, como Sonnel contou. Pensei em dias quieto em um canto a tecer hipóteses sobre o mundo e suas criaturas, a pesquisar o que me pediam, a assessorar e aconselhar quem precisava de orientação. Agora tenho a chance de reconstruir este lugar seguro. E com Ella, que é uma humana, sim, mas... isso é muito mais que sonhei que teria!

Ella interviu da entrada da tenda:

- E você significa muito mais que pensei que seria!

Foi até ele e o abraçou enquanto Aida sabiamente se retirava em silêncio.

- Você o encontrou para nós! Obrigada. – Agradeceu Ella.

Ao contrário de se sentir exposto, como ele mesmo esperaria caso se imaginasse em tal situação, Lohrys sentiu-se aceito.

Retribuiu o abraço acanhadamente, pois ainda processava a sua confissão ouvida às espreitas. Ele nunca entendeu por que as revelações a estranhos eram mais fáceis do que às pessoas caras, até que, naquele momento, percebeu que ganhos ou perdas não cabiam a estranhos. Já com Ella, havia tanto a perder!

No entanto, havia a ganhar. Como sua experiência não o permitia planejar os ganhos, dado o alto custo da decepção, ele cuidava de planejar uma realidade sempre calcada na pior hipótese para que ela não o levasse à dor, pois a própria expectativa traz sua carga de esperança que é gravemente punida quando indeferida. Ele não se permitia perder mais a fim de evitar a punição do destino.

Assim, quando Ella deslizou seu rosto à frente do rosto do elfo, ele educadamente desviou, repousando-o carinhosamente sobre a face. Quando ela o moveu novamente para expor sua boca, ele manteve os lábios estáticos a sentir o seu hálito inebriante para respeitar sua opção de recusar. Milímetros os separavam, mas não se tocaram. Ambos se mantiveram paralisados por tempo demais, evidenciando o desejo de continuar, embora deixassem covardemente o peso da decisão irreparável para o parceiro. Depois de sentirem não estarem sós, ambos avançaram para sentir o gosto da outra boca, finalmente seguros de que não ultrapassavam um limite proibido. Quando sentiram a retribuição, fosse pelo toque dos lábios ou pela maneira como inspiraram o desejo com o ar, deixaram que a boca, o hálito, a língua e a saliva fossem guiados por um rompante a explorar sensações antes minguadas por suas decepções.

Seguidos do primeiro gesto, a pele alimentou os instintos restantes. As primeiras horas sucumbiram aos impulsos inexplicáveis do instinto que ama resistir à prudência.

Passaram o resto do dia juntos, a sós, para sanar outras vontades. Ella perguntou sobre o amigo Sonnel que conheceu através das visões com a gema, ouviu sobre sua vida subsequente e entendeu o seu desalento quando falhou com Celiah. Lohrys encontrou o caminho para escapar de um tormento que imaginara que não teria mais fim.

Foi o primeiro dia em que Ella não pensou em Leafir e que Lohrys cogitou voltar a realmente viver.

*

Ridell contara todas as experiências com Labaki, sem esconder sequer o feitiço de Amanda. Leafir ouvira com atenção e fechara as lacunas do que não havia entendido na época.

- Ia mesmo deixá-lo?

- Se ela tivesse me aceitado. Ou melhor, se Trobal não tivesse intervindo.

Leafir se lembrou daqueles dias.

- Se não estivesse sob o encanto, teria tentado salvar a Condessa?

Ridell foi sincero.

- Eu não sei responder a essa pergunta. Acho que ainda estou sob o encanto.

Havia uma última dúvida:

- Acha que eu teria matado você com tanta facilidade?

- Eu teria lutado, é claro. Contudo, de acordo com Labaki, eu não teria chances. Difícil saber, e não estou disposto a descobrir hoje.

O silêncio de Leafir foi anuente.

Estavam de volta a Galianthus, a capital de Femon, em suas casas e trabalhos como se nada tivesse um dia acontecido. Exceto por nada ser como antes.

- Não sabemos onde eles estão, Ridell. Nem as estirpes, nem Labaki, nem Ella. Perdemos muito tempo lambendo nossas feridas. E ainda somos vigiados pelo governo, eu, Asinuich e Coriolano com certeza, inclusive seus filhos. Receio que todos os elfos estejam sob vigilância de Femon.

Ridell concordou, sem ousar interromper.

- Eu só não entendo por que, se ele queria que achassem as gemas, lembro que ele confiava em mim para guardar Celiah, enfim, por que não queria que eu descobrisse o paradeiro das outras? – confessou Leafir.

- Para controlar os passos dos bardos. Descobririam conforme fosse a sua vontade.

- Então ele conhece o paradeiro de todas as gemas?

- Não sei. Talvez ele quisesse evitar que vocês descobrissem antes dele.

Leafir não se deu por satisfeito. Ridell atirou para outro lado:

- Ele também chegou a pensar, por um breve tempo, se você e a condessa não tinham uma aliança. Imagine se você tivesse acesso a duas gemas?

- Por que uma aliança passou pela cabeça dele?

- Quando os viu juntos no hotel. Eu bloqueei a entrega dos livros que chegariam para sua pesquisa, e ele procuraria verificar se Fraga e Belerod tinham alguma intenção em comum. E convenhamos, você queria Ella tanto quanto Amanda queria Martius.

Leafir ia repreendê-lo pela liberdade, mas havia mais para perguntar:

- O que ela queria com Martius?

- Como eu disse, o mesmo que o meu general com a violinista. – Ele provocou, mas não ousou detalhar.

O problema naquela comparação era que Martius não carregava nenhuma gema.

- Talvez a suposição de nosso inimigo se torne realidade agora. Você acha, Ridell, que Amanda de Aflatin estaria interessada em uma aliança para caçar Sávio Labaki?

Aquilo soou bem nos ouvidos do elfo:

- Não sei, mas sei que posso descobrir.

*

Virgur estava ao lado de Tonio quando avistaram as ruínas de Goth Drin. Lucha acompanhava Ella na retaguarda a uma distância segura de Tonio e Melgrod.

Desde que começaram a subir as Cenikas, o receio com o afastamento das gemas aumentou, pois as estradas tortuosas poderiam ocultar proximidades indesejadas. Para evitar dividir as estirpes novamente, estabeleceram uma distância de segurança duas vezes aquela do campo livre, descoberta nos primeiros dias da peregrinação nas terras de Dust. Afinal, se elas criaram um vulcão em uma planície desértica, o que um simples tremor não faria em uma região montanhosa?

Batedores proveram a informação sobre as condições do trajeto por onde passariam quase nove centenas de pessoas com carroças, cavalos e víveres em um lento progresso onde as estradas precárias raramente eram horizontais.

A subida foi difícil por uma paisagem acidentada onde a vegetação tornou-se gradativamente rala à medida que os paredões de pedra prevaleciam na paisagem com eventuais tufos de mata que confirmavam a boa drenagem na estação das chuvas. Riachos de pequena relevância foram avistados no fundo dos precipícios, de onde sustentavam a vida que escalava as encostas íngremes.

Tonio tocava duas vezes ao dia para renovar as forças, e Ella, para renovar os ânimos. Aquele povo passou por provações mais difíceis, mas a maioria nunca havia enfrentado tal terreno. Carroças quebraram, animais se desgarraram, pessoas chegaram a se ferir levemente. A cada imprevisto, nova parada. Iam em ritmo lento, a cuidar das necessidades alheias e observar as condições do povo. Esta última incumbência foi confiada principalmente a Lucha.

Foi Tonio que determinou que não separaria o grupo pela incerteza do destino de Lamisuios, outros necromantes e Betemares. Se eles estavam à espreita em Femon, deveriam continuar a seguir o bando de quase mil pessoas que estaria exposto caso fosse dividido entre os mais capazes de chegar em Goth Drin, e preparar o local, e os frágeis e lentos, presas fáceis para qualquer tipo de crueldade. A segunda medida de precaução, dada a Lucha, consistia em circular desde a vanguarda até o último homem para que sua percepção de magia pudesse identificar qualquer manifestação sobrenatural. Ela assim procedia desde o episódio na estalagem Corcel Cileste de Femon, mas passou a fazer uma verificação sistemática desde que iniciaram a subida.

Portanto, apenas batedores avistaram a sede antes de Tonio. Ao ouvir a confirmação das suas impressões com as lideranças, Tonio chamou Aida.

- É só isso mesmo.

- São ruínas, não será algo impressionante, mas o sítio, aí sim, é apropriado. Elevado, com boa vista e, principalmente, com espaço livre para dragões alçarem voo. Mais de um por vez. Depois de Hesdrath, a Ordem foi dividida nas Estirpes, mas Goth Drin continuou como uma sede unificadora. Principalmente quando a guerra entre os dragões e humanos estava para iniciar, foi aqui que muitos se reuniram.

Ella, no entanto, completou:

- Aida tem razão, mas Celiah me revelou a sede por dentro. Não se vê muito de baixo, e sim vindo de cima. Tem setores e alas, pátios e cômodos, se a estrutura estiver boa, teremos abrigo.

O que Tonio viu, assim como os outros em seguida, foi uma paisagem ampla cercada pelas montanhas que formavam um corredor de encostas em Y com um ribeirão ao fundo. No final de uma das encostas, à esquerda, uma parede vertical discreta se confundia com a paisagem. Dela brotavam pequenos pontos negros alinhados em quatro níveis. Na base, um vão maior ligava a fortaleza a um pátio aberto de tamanho suficiente para abrigar talvez seis dragões com conforto, embora as visões de Tonio se limitaram a um máximo de quatro..

Eles vinham da base do Y.

Mais tarde descobririam que, ao virar a curva à esquerda, onde a sede estava incrustada, veriam um lago em patamar superior, de onde escorriam filetes de água pela rocha a contribuir com o curso do ribeirão no fundo precipício. Goth Drin ainda era acima do lago Idas Drin, o que permitia apreciar as cores que se desdobravam na superfície imperturbada e brilhante. Lembrando-se de quando foi Melgrod, Tonio imaginou-se surgindo sobre o cume da montanha oposta à sede e apreciar sua silhueta brilhante contra o sol na refletido na superfície espelhada do lago . Depois planaria à altura das paredes Goth Drin para pousar no pátio interno.

Ao se voltar a este pátio, ele viu Ella subir cuidadosamente as escadas de degraus destruídos pelo tempo. Ele tocou o Coração de Melgrod antes de saudá-la com os braços abertos pela empolgação diante da grandiosidade velada do local, com um sorriso de esperança pela estrutura sólida, que prometia a salvaguarda, e com o nome Ella em um grito, simplesmente porque ela estava lá.

*

Havia muita destruição também. A madeira não sobrevivera ao tempo, os restos de metal oxidado eram inúteis, partes demolidas, outras perfuradas por raízes, arestas que se tornaram pó.

Além da remoção de destroços, da vegetação que tomara o local e da sujeira que naturalmente assentou em todos os cantos, enfrentaram a retirada de pequenos animais que se alojaram sob o teto sólido.

E não somente pequenos. Estavam nos primeiros dias na sede, acampados ainda nos pátios e primeiros salões a explorar os compartimentos internos para verificar o estado de conservação geral, principalmente da estrutura. Usavam tochas para iluminar os espaços e bastões para testar as paredes. As batidas que ecoavam pelos cômodos vazios indicavam as distâncias e posições onde as equipes de reconhecimento estavam. Deveriam ajudar a localizar os exploradores, mas os ecos acabaram por confundir quando os gritos múltiplos foram ouvidos e respondidos por outras equipes.

Dentre o alvoroço que se seguiu, até uma manticora fora acusada, mas era apenas um urso. Apenas um urso raivoso por ter seu lar invadido por numerosas criaturas barulhentas e enxeridas que mostrou como seus dois metros de altura em um corpo de músculos selvagens podia estragar os planos da ordem ao arrancar as vidas intrometidas daquele lugar, senão daquele mundo.

Ella estava em uma câmara acessada por um dos pátios, onde tentava verificar o estado de um poço reconhecido nas visões de Celiah. Ela nada ouviu. Tonio se encontrava sobre os muros e quando desceu com Virgur, o estrago já havia deixado o seu rastro de destruição. Lucha, no entanto, estava em um dos grupos de exploração e correu assim que os gritos começaram. Jainor se adiantou a ela quando identificou que os gritos vinham do lado onde Walfor teria ido.

Ele não foi avistado, mas dois aprendizes de Ruan tentavam, atrapalhados, tensionar os arcos quando Jainor se colocou entre eles e o urso, de espada na mão pronto para levar o tranco. No entanto, o animal ignorou-os ao escolher outro trajeto e outras vítimas que

tentavam cercá-lo para bloquear seu acesso às famílias no ambiente externo. Lucha estava entre eles. O urso se levantou ameaçadoramente para mostrar seu poder quando foi atingido nas costas por Mathias Hélio, que o vinha perseguindo desde que seu grupo, o mesmo de Walfor, acordou a fúria do dono daquelas ruínas. A espada cravada na fera arrancou um urro pela dor que retardou a patada vigorosa direcionada para sua retaguarda, obrigando Hélio a se jogar de costas ao chão em uma esquiva seguida de um rolamento que o afastou do perigo imediato, mas não impediu de se tornar a vítima prioritária da fera. A distância de dois tenetianos que avançaram com as lanças não seria vencida a tempo de salvar Hélio, então Lucha atirou a espada até ele, que a levantou por reflexo para aparar o braço que descia em gancho sobre sua cabeça. Apesar de conseguir ferir o braço, não escaparia do trajeto já determinado mesmo tendo novamente tentado se esquivar. Recebeu a pancada amenizada pela flecha que atravessou o crânio do animal. Atordoados, Hélio percebeu o corpo imenso bater contra o chão ao seu lado, embora tivesse tido dificuldades em ver Lohrys baixar o arco após duas flechadas certeiras.

Jainor foi socorrer Hélio, que se levantou com ajuda, porém sem maiores danos. Lucha agradeceu a Lohrys pela sua reação diligente. Tonio chegava naquele momento, quando Hélio lamentava por Walfor.

Jainor correu para os fundos, sob gritos de Virgur para não ir só. Este se apressou como pôde enquanto conclamava outros tenetianos e ruaneiros para segui-lo.

Lucha, sem reação, fitava Hélio interrogativamente.

- Foi muito rápido, ele estava na frente e recebeu a patada antes mesmo de sabermos o que era. Jainor não irá encontrá-lo inteiro.

Lucha não esperou mais, partiu atrás de Jainor .

Tonio ajoelhou-se para examinar as flechas no crânio do animal:

- Não gastou mais que as duas.

O elfo lamentou:

- Sangue desnecessário se tivéssemos sido mais cuidadosos.

Tonio o fitou:

- Ele iria defender o território de qualquer maneira.

Lohrys discordou.

- Há como evitar. Se permitir que eu os lidere, posso sondar os cômodos para identificar qualquer criatura selvagem antes que ela se exalte com tantos exploradores.

Tonio concordou com condições:

- Sim, pode fazer, desde que Ella esteja tocando muito atrás de você, mas a uma distância que o mantenha sob o efeito de sua proteção.

Lohrys concordava quando Aida e Isabel chegaram, a primeira para prestar socorro, a segunda por Conrado. Abraçou-o, mas ele a afastou alegando estar bem e terem muito a corrigir.

- Walfor não conseguiu. – Apontou, porém sem detalhes.

Ambas foram até onde Conrado indicou.

Sob a luz de tochas, o corpo de Walfor era posicionado no chão com Jainor em prantos sobre ele. Isabel conhecia pouco o companheiro de seu recente amigo, mas tocou seu ombro em solidariedade.

Ao ver a viúva de Comperteiro demonstrar a empatia que ela mesma não conseguiu, Lucha se levantou, abandonando a assistência a um ferido para sinalizar a Aida para tomar a frente do socorro. Ela foi até Isabel como o próprio urso, travou o braço da aristocrata hábil e discretamente a arrastou para longe do grupo em prantos:

- Saia! Aqui ficam amigos.

Isabel se defendeu em voz baixa:

- Eu conhecia Walfor!

Lucha tremia de ódio:

- Essa gente caminhou junta sofrendo e sangrando por mais tempo que pensaram que aguentariam. Você não é uma de nós! Saia!

Aida percebeu o rebuliço que elas começavam a provocar e decidiu intervir:

- Lucha, preciso de ajuda!

Foi ignorada. Lucha continuava a barrar a passagem de Isabel Eduína Petrosa sem soltá-la, a aguardar que a nobre fizesse um gesto para retroceder. Por sua vez, o orgulho de uma aristocrata não permitiria qualquer recuo.

Aida evocou a autoridade de Sacerdotisa que há muito não usava.

- Por Elthor de Daminer! O sangue deste homem estará em suas mãos, ou para estancá-lo imediatamente ou pelo resto de sua vida! Decida agora!

Lucha acordou de um transe insensato e recuou, mas não antes de empurrar Isabel pelo peito. Cada qual deu um passo para trás, a Dan das Chamas Sombrias voltou-se até Aida enquanto Isabel, com a garganta dolorida por prender o choro, correu de volta a Conrado.

Aida tentou repreendê-la num sussurro:

- O que pensa que estava...

- Eu tenho um amigo morto a dois metros de distância!

Aida optou pelo silêncio, embora tivesse decidido não esquecer.

*

Lucha era mais habilidosa para lidar com os mortos do que com a morte. Tentava estar presente por Jainor, mas não sabia que palavras usar. Ele, por sua vez, reconheceu o valor da obra de Lohrys para ordenar a exploração e limpeza dos ambientes internos, e se colocou sob sua liderança.

Isso deu liberdade a Lucha para passar mais horas com Tonio e Virgur em trabalhos de restauração externa. A Ella, Velma e Zirgur cabiam cuidar das necessidades práticas imediatas, como as cabanas provisórias erigidas nos pátios, a distribuição da comida e sua cocção, da higiene do acampamento e do bem-estar em geral.

Nas ameias dos pontos mais altos da sede que eram acessíveis, pois algumas haviam ruído, Tonio observava o povo no pátio quando se lembrou de conferir:

- Nada sentiu de necromantes?
- Nada senti de necromantes ou da magia necromante. Também não houve magia Betemar até agora.
- Consegue diferenciar se for um ou outro?
- Consigo. Embora Betemares sejam mais sutis. Minha percepção é mais apurada quando você toca.
- Assim o farei no início da noite. – Ele refletiu antes de alertar. – Eles estão à espreita.

Ela concordou.

- Só espero não me acostumar a ponto de não perceber quando atacarem. – Voltou-se para fitar o lago. – Pensando em nadar, o que acha?

Tonio seguiu seu olhar até a superfície brilhante pelo sol. Era atraente, mas deveria estar gelada. Entendeu que Lucha precisava de um descanso. No entanto, naqueles dias, descansos poderiam ser fatais.

- Não vá só.

Lucha normalmente chamaria Jainor, mas o luto a impediu, tendo preferido deixá-lo em paz.

O acesso ao lago era por um vão, onde já houvera uma porta, próximo ao poço que Ella encontrara, de onde Virgur a avistou. Ela não resistiu em provocar:

- Irei explorar os arredores do lago. Quer me acompanhar?
- Deseja minha companhia, Dan das Chamas Sombrias?
- Talvez você se divirta.

Ele duvidou, ela esclareceu:

- Eu posso me afogar.

Sardônico, mostrou os dentes a aceitar o rumo que Lucha introduziu:

- Torço para que aconteça, porém prefiro me afastar de qualquer tentação.

Ela provocou ainda mais:

- Se tivesse oportunidade, me afogaria, Virgur?
- Ao contrário. Eu teria que salvá-la em nome do Profeta da Chama. Prefiro não correr o risco dessa obrigação.

Lucha mudou o tom para um mais sincero:

- Você me salvaria, Virgur?

Ele também abandonou o sarcasmo:

- Sim.

Ela agradeceu com breve reverência e se afastou, intrigada com aquele ser leal e ininteligível.

Pensava que teria a confortável solidão ao seu redor, aquela que entrega ao vento os pensamentos íntegros, à terra os sentimentos vis e, à água as intenções rebeldes. Não pôde refletir sobre suas ações e seu passado, pois Hélió se aproximava, vindo pela mesma saída por onde ela escapara.

Ela tinha os pés mergulhados na água fria e assim permaneceu a aguardar a perturbação de sua paz.

Ao poder ser ouvido sem necessitar gritar, ele introduziu:

- Virgur me disse que estaria aqui.

Ela nada respondeu.

- Agora todos me conhecem pelo nome.

Àquilo ela respondeu de súbito:

- Talvez você tenha salvado até a minha vida. – Voltou-se a ele. – Você retardou o urso com uma habilidade louvável.

- Eu nunca disse que era um ninguém, mas precisava me provar antes.

- É sábio. – Voltou-se novamente para o lago. – O que deseja, Hélió?

- Conversar exatamente sobre esse evento. Disseram que você e Isabel... – Foi interrompido pela reação de Lucha antes mesmo de suas palavras.

- Ah, me poupe! Defenda-a para os outros! E longe de mim!

Ele ficou embaraçado:

- Não quero defendê-la. Quero saber se você está bem.

Lucha não entendeu a princípio, foi preciso que ele explicasse:

- Sei como Isabel pode ser inconveniente. Me parece ser parte de sua índole. – Abriu um sorriso sem graça, que Lucha não via mais. – E era um momento privado. Ela teve boas intenções, mas não era o lugar dela.

Lucha se arrependeu de seu julgamento prévio:

- Estou bem. Obrigada e, desculpe.

- Desculpas pelo quê?

- Por me exaltar.

Ele sorriu amigavelmente:

- Não se preocupe. Estou acostumado a uma mulher que pensa que o mundo foi feito para ela. Contudo... é bom saber que sou visível para outras pessoas a ponto de merecer um pedido de desculpas.

Lucha estava se interessando, mas fitava a superfície de Idas Drin para evitar os olhos macios de Hélio:

- Não o é para ela?

Ele refletiu em busca das palavras certas:

- Isabel está acostumada a homens poderosos. Comperteiro, Labaki, a própria atenção do pai... O que eu sou perante eles?

- É uma pergunta que merece resposta: o que você é, Hélio?

Ele engoliu:

- Apenas um homem que alugava sua espada para proteger uma dama quando a conheceu.

- Você foi contratado para protegê-la?

- O que continuo a fazer, porém sem contrato.

- E ela não é grata?

- Gratidão e amor são sentimentos que se confundem, assim como zelo e amor também são distintos e, por vezes, acabamos por cair nessa armadilha.

Lucha finalmente se voltou para fitá-lo:

- Eu sou grata pelo que fez com aquele urso.

Ele se inclinou, cumprimentando-a:

- O meu zelo me faria repeti-lo por quantas vezes precisasse.

Ele já se virava com a intenção de se afastar, quando Lucha disse:

- Por favor, me faça companhia. Tonio me aconselhou a não ficar só.

*

Lohrys percorreu e liberou os compartimentos mais acessíveis sem maiores percalços. Como Ella se lembrava de Goth Drin na época em que Celiah lá viveu, o trabalho foi facilitado. Por mais de um momento ela exclamou que estava tudo diferente, como se realmente tivesse vivido naquelas paredes.

Lohrys testemunhara o efeito inconsolável dos estragos do tempo sobre as paisagens cujo conflito com a memória despertava a melancolia. Para evitar que o espírito da violinista caísse naquela armadilha, convertia as lembranças de Celiah que Ella vivenciara em perspectivas ao instigá-la a descrever o que cada cômodo que a retina podia se transformar.

Ella mostrou as câmaras de audiências das autoridades, onde visualizou Zirgur, Virgur, Velma e Jainor a cuidar dos interesses da ordem. Identificou a cozinha e mostrou como ela poderia voltar a ser funcional. Passou para os diferentes salões que abrigavam as refeições, as atividades de lazer no inverno e as diversas pequenas agremiações. Mostrou as alas que separavam os aposentos, já com planos para instalar o povo que lá viveria e os devidos espaços reservados aos visitantes. Gastaram o dobro do tempo naquela tarefa ao transformar a possibilidade de perigo, habilmente evitada, no prazer em planejar o futuro.

Quando chegaram a um grande vão à frente de uma escada descendente, Ella reconheceu a entrada para o salão onde a vida de Celiah foi para sempre alterada:

- Lá embaixo Hesdrath passou seus últimos anos de vida.

A tarefa terminou naquele ponto. Tonio chamou para si a missão de explorar os aposentos do dragão. Ella protestou, mas ele alegou que tinha outras intenções na investigação e ambos não poderiam seguir, visto que ele queria levar Melgrod.

Ella insistiu:

- Ao menos deixe Lohrys acompanhá-lo.

- Não esperava ir sem ele.

Havia uma comitiva no topo da escada quando eles desceram. A ordem de Ella, que Tonio não pôde recusar, era que os melhores na espada e no arco avançariam caso ouvissem ruídos que indicassem problemas.

Levaram tochas que deixaram pelas escadas e ao longo do corredor largo com acesso a outra grande porta de outrora, que exibia apenas um vazio para a escuridão.

Pararam solenemente na entrada da casa do dragão, a sondar com a audição e com o olfato o que a visão não conseguia e o tato não ousava. Tonio jogou uma tocha o mais longe que pôde. Um salão vazio.

Entreolharam-se. Entraram lado a lado, Tonio com outra tocha e a espada na mão, Lohrys com o arco tensionado. Era apenas um salão vazio de grandes dimensões e teto duplo e plano. A tocha no piso revelava uma variação de cores cuja imagem não era identificável com o pequeno afastamento que tinham disponível. A tocha no braço levantado de Tonio revelou mais: num certo ponto, o salão regular tornava-se uma caverna de superfícies naturais e altura triplicada. Era possível perceber até onde iam os súditos e onde ficava o dragão, vindo das entranhas negras da montanha.

Sem baixar a espada, Tonio não resistiu:

- Não se sente um inseto, Lohrys?

O elfo murmurou:

- Nessa imensidão, um daqueles bem pequenos.

Ele avançava devagar com o arco a girar mais veloz para as muitas direções ainda não conferidas.

O progresso regular foi perturbado por obstáculos que tiveram que transpor. Sem tirar a espada da mão, Tonio repousava a tocha ao chão para saltar algumas rochas facilitadas pela superfície rugosa. Iluminou o caminho para Lohrys, que saltou sem relaxar o arco. Tonio tentou elogiar como foi capaz:

- Bom.

- Este piso ajuda.

Tonio olhou para baixo para verificar o padrão daquela rocha:

- Não é um piso, são escamas!

Ele imediatamente correu para o lado, saltando para outras rochas com escamas a fim de que a pouca luz fornecesse as partes que ele montou na mente. Lohrys não se importou com a escuridão em que foi deixado, pois acompanhava o trajeto de Tonio para também montar sua imagem.

O humano exclamou:

- É um dragão!

Tonio continuou a perseguir as formas reveladoras. Seus passos eram ouvidos e, quando parava, apenas o som de quatro pulmões perturbava o silêncio sepulcral.

Lohrys se atreveu a quebrar a espera:

- É uma escultura ou está petrificado?

Sem resposta, Tonio perguntou:

- Que diferença faz quando se sabe que é um túmulo?

- Hesdrath repousa em sua própria casa. – Constatou Lohrys, solene e impressionado em honrar a última morada do fundador da Ordem Draconiana. Ouvia em sua mente a voz de Sonnel a descrever a grandiosidade daquela época anterior a Celiah e seus irmãos.

Era uma revelação que ferveria a curiosidade do povo na superfície, mas que ajudaria a explicar à antiga Plêiade de Danati o que a Ordem Draconiana significava. Tonio deixou as conjecturas para depois, receoso de prejudicar sua concentração.

Sentou-se sobre o enorme sarcófago, apoiando a tocha na rocha esculpida. Finalmente, pudera deitar a mão sobre o Coração de Melgrod escondido sob sua capa. Ele apertou forte para instigar a fúria que compartilhara ao tocar uma música quando só com a gema, minutos antes de descer para encontrar Lohrys.

Não era hora de recuar. O elfo não compartilhou o desejo de descanso, então provocou:

- Não vai soltar o arco?

- Ainda não. Não conseguimos ter uma visão ampla neste breu, quero explorar mais.

O peito de Tonio era pressionado pela sua própria expectativa. Lohrys deu as costas ao gigante de pedra.

- Não vai encontrar o que procura junto ao dragão morto.

- Espero encontrar mesmo o vazio. Até agora, deu certo.

Tonio deixou a revolta aflorar:

- E você acha que dará certo até o fim.

Lohrys não entendeu e já virava o rosto na direção de Tonio quando sua vista captou a sombra do fendente que desceria sobre sua cabeça no salto vindo do alto de uma curva da cauda do dragão. Ele se esquivou a tempo e rolou após um chute que arrancou a espada da mão de Tonio, de maneira a proteger o arco e puxá-lo novamente quando estava afastado o suficiente para ter o humano sob sua mira. Tonio estava sob a mira de uma flecha élfica, deitado ao chão como Lohrys. A luz fraca da tocha por trás da cauda de pedra permitia que as silhuetas assimétricas se encarassem em uma visão medonha. Tonio localizou a espada e avaliou rapidamente como reverter a oportunidade perdida.

Lohrys percebeu:

- Nem pense em se mexer, Tonio!

O humano o encarou com o mesmo ódio:

- Não sairá daqui, Lohrys! Ou eu! O túmulo de Hesdrath será também o túmulo meu ou seu!

O instinto de Lohrys controlava sua decepção ao contrabalançá-la com a revolta:

- Por quê? O que isso significa?

- Que não vamos cair em sua farsa!

Lohrys ficou confuso, Tonio não estava disposto a muitas explicações, mas estava em desvantagem. Precisava jogar como Vincent:

- Realmente espera levar Ella de volta?

- Levar? Acha mesmo que eu a traria para levá-la?

- Quem a trouxe foi Labaki. Você viu que iam perdê-la, não? Já tinham um plano para um contratempo, muito bem construído, desde o chamado de Leafir aos elfos de Femon.

A revelação levou Lohrys a relaxar o arco, dando a oportunidade de Tonio saltar e tentar alcançar a espada. Contudo, havia um elfo arqueiro à sua frente, e nem a energia extra de sua magia permitiria sobrepor sua agilidade à do elfo com o arco e flecha nas mãos quando ele estava deitado. A flecha não foi até Tonio, mas até a espada, empurrando o punho de maneira a se afastar mais ainda.

A tentativa deixou o humano com um joelho apoiado ao chão, posição propícia para o próximo salto. Lohrys estava ciente da facilidade do recente inimigo:

- A próxima flecha está apontada para o seu peito, Tonio!

O humano percebeu que era verdade. Lohrys não baixaria o arco novamente.

A derrota, no entanto, não afrouxou sua determinação:

- Melgrod está comigo. Mate-me e leve-o, abra Belerod ou faça o que quiser com a gema, mas não chegará a Celiah ou Ella, pois com Melgrod, irá destruir a todos, inclusive a você, caso se aproxime da Fonte de Luz.

Lohrys entendeu e estremeceu pela oportunidade infame. Sua voz baixa era instável:

- E, para alcançar o que me sugere, preciso apenas soltar a mão direita.

Tonio prendeu a respiração. Era simples. Era rápido. Era assim que se morria.

Lohrys sentiu a dor da garganta descer para o peito.

- Você não entende que eu traí aos meus? Não a você ou a Ella!

Tonio foi duro:

- Estamos cercados de inimigos a conspirar em cada sombra dessas montanhas. Você é a parte dos elfos que trama contra nós.

Lohrys não afrouxou a corda, mas a voz:

- Se elfos tramam contra a ordem, me diga onde estão que eu os destruirei.

- Não pense que palavras irão me convencer.

- Palavras? – Tonio não conseguia ver que os olhos de Lohrys embaçaram. – Seu gesto pode ter destruído minha vida nos dias em que ela finalmente passou a ser mais que um arrastar pelas décadas!

- Como eu disse, um esquema muito bem planejado, Lohrys.

- Não houve plano! Leafir nunca entendeu. Nenhum elfo ou humano entendeu o que se perde, exceto se viveu... – Ele estremeceu. – Aqui eu entendi que posso retornar! Não me refiro a construir, pois poderia reconstruir Faemon Handra, ou a compartilhar, pois haveria elfos onde humanos nunca estiveram. Por décadas pensei que nunca teria de volta o que um dia fui, e então os dragões da ordem prometem voltar!

- Você não tem laços com esses dragões! Você ouviu histórias!

Ele gritou:

- Você ouviu histórias! Antes de Melgrod, você pouco viu! Desde quando promessas não despertam esperanças?

- Por que você ignoraria a promessa de Belerod?

- Os elfos nunca me darão o que perdi! Por que preciso justificar racionalmente o que nasceu diante de mim? Que seja a ordem, o dom de Aida ou Ella? Ou os três que se fundiram para minha sorte!

Tonio perdera sua convicção, mas Lohrys ainda tinha o que dizer:

- Não vou jogar o meu arco para o lado para dar a oportunidade de me matar. Quero lutar pelo que posso ter à frente! Pelo que almejo e me faz bem simplesmente ao pensar na possibilidade! – Ele também perdia a convicção. – Meu azar é ser julgado pelo líder. – Sua voz trêmula indicava sua decepção com a vida. – Eu pensei que jamais teria uma

chance, e quando o destino me acena em contrário, você a tira de mim. Maldito seja você, Tonio! Como não tenho perspectiva de viver fora da ordem, eu recuso sua oferta. Não quero a gema, quero a Ordem Draconiana reconstruída por todos que lutam por este futuro. Então vou me levantar, sair deste lugar, e você irá aguardar com Melgrod até que eu retorne aos outros. Será diante deles que irá me acusar, expulsar ou matar! De você, não há nada que eu queira! Nem sua morte.

Ao se afastar lentamente com Tonio ainda na mira iluminado pela tocha tímida por trás do dragão de pedra, fez com que o humano se sentisse mais gelado e solitário do que aquele que jazia debaixo da terra.

Para piorar, Tonio se sentiu um inseto perante a grandeza da outra criatura, pois ninguém soube o que ocorrera no túmulo de Hesdrath.

*

Aida abordou Tonio antes que ele começasse o treino noturno. Quando tinha companhia, Lucha ou Ella se juntavam a ele no pátio externo, mas quando só, ele encontrara naqueles muros o vento ideal como rival em um novo nível de dificuldade. Uma de suas técnicas era sair do ambiente que proporcionava conforto para lutar, pois não era possível prever em que condições um embate seria necessário.

O isolamento o afastava também de Lohrys, que tomou suas providências para evitar Tonio. No entanto, poucas vezes um líder tem a oportunidade da solidão reconfortante.

Aida o abordou com um pequeno barril nos braços.

- Vai mesmo treinar? Achei que gostaria de um descanso.

Tonio olhou desconfiado, mas esperançoso:

- Cerveja? – Ele se empolgou. – Sério? Você tem um barril de cerveja?

A anã apoiou o pequeno barril na murada. Tinha duas canecas de madeira penduradas na cintura:

- Então acertei.

Tirou o lacre e serviu. Tonio sabia que não treinaria naquela noite.

- Fico lisonjeado de ter sido escolhido para dividir esse momento.

Ela foi sincera:

- Não fique. É uma maneira de segurá-lo em uma conversa.

Tonio levantou a caneca:

- Alguém me entende!

- Hum... queria mesmo entender Lucha.

Ele tomou um gole que encheu sua boca com o doce sabor amargo que afrouxou os músculos a partir do maxilar até os ombros e abriu o peito para expurgar as dúvidas dos últimos dias. Depois de apreciar a sensação, perguntou:

- O que tem que a Lucha?
- Ela está bem?
- Por que não estaria?
- Ela está extremamente agressiva. Eu não esperava que fosse assim.

Tonio se interessou. Voltou-se para Aida:

- O que esperava, Aida?
- Alguém mais controlada.
- Ela é.
- Não com Isabel.

Tonio suspirou. Não estava disposto a explicar:

- Ela tem suas razões. Não vou entrar em detalhes.

Aida perdeu a sua curta paciência:

- Quem entra em detalhes é ex-virgem para os amigos donzelos! E você não é virgem faz tempo! – Tonio lançou um olhar indignado que Aida rebateu. – E falo isso porque o respeito e não ousa baixar o nível! – A anã foi uma das poucas pessoas na história da vida de Tonio que o fez se encolher sem motivo real. – Ora, não venha com essa história. Eu a conheço pelo outro lado. Sei de tudo e posso afirmar com toda a certeza de que não há motivo para Lucha tratar Isabel assim.

- Não vou discutir isso, Aida. Você conhece o outro lado, eu conheço este. Não vou entrar nesse assunto.

- Não é isso que quero dizer! Eu nunca diria o que Labaki me confidenciou.

- Ele confidenciou?

Ela ignorou, continuando sua exposição:

- Quero dizer que esse não pode ser o motivo pelo qual Lucha está agressiva. Eu a conheci. Ela está canalizando algo mais em Isabel!

- Canalizando?

- Sim, ela está usando Isabel como...

- Eu sei o que é canalizar, raios! Medusas venenosas no Vau do Guirmor são mais gentis! – Foi a vez de Aida se calar diante da explosão de Tonio. – O que quero saber é por que você pensa que Lucha está descontrolada!

A anã baixou o tom:

- Ela não está descontrolada. Ela é como um cão que suporta anos de maus tratos, e um dia ataca o vizinho do dono, que não tem culpa alguma, mas está acessível. Eu vejo que ela está suportando como pode e em breve irá atacar. Ela está mostrando os sinais com

Isabel como pretexto, mas em breve será uma ameaça a si ou àqueles que estiverem perto. Ela não está em seu normal.

Tonio negou:

- Você não conhece Lucha para saber o seu normal.

Aquela parte da conversa seria difícil explicar. Aida pensou antes de revelar:

- Tonio, olhe para mim. Eu dou a minha palavra de Sacerdotisa de Sexto Nível do Sacramento de Elthor, eu juro sobre o corpo que não tiver conseguido salvar, ou sobre o que tiver salvado que também é precioso para mim, que conheci Lucha em um outro momento. Ela não é cruel gratuitamente. Pode ser provocadora, mas não tem prazer na real dor alheia. Ela precisa de ajuda. Algo aconteceu e ela não está sabendo como lidar com o fato.

Tonio olhou para o fundo de sua caneca. Ele sabia do que Aida falava, mas revelar a tragédia do Corcel Cileste para a assistente de Labaki poderia expor sua amiga por demais.

- Ela tem algo pendente, mas não é para você. Não é para Labaki, não é para ninguém. Ela precisa lidar com isso no seu tempo. Deixe que eu cuide do que ela precisar.

Aida respeitou a orientação a seu próprio modo, que incluía o tom de voz compreensivo e a sinceridade indesejada:

- É recente?

- É.

- Então não deixe que expire. Danos têm consequências. E saiba que vou investigar.

Tonio alertou:

- Não se meta com Lucha!

- Não tenho escolha. Acredite, sei como fazer, e não tenho a opção de respeitar a vontade dela ou a sua.

Tonio se odiou por beber e falar demais. Cogitou se Aida guardava mini-barris como aquele para momentos como aquele:

- Onde conseguiu a cerveja, Aida?

- Foi Jainor quem me deu. Esse é outro que preciso manter à vista. Ao menos, essa iniciativa não foi pela dor por perder Walfor. Ele já tinha encomendado a cerveja na última vila antes mesmo de subirmos a montanha.

- Jainor encomendou cerveja de fora?

- Sim. Parecia que adivinhava o que ia acontecer, pobre viúvo. Seria para festejar, mas está se acabando. Nem deixou a espuma baixar, mal chegaram e ele já distribuiu para justificar sua cota.

Tonio saltou:

- Esta cerveja veio de fora?

Aida não entendeu o alerta:

- Sim, mas qual o problema? A partir de agora teremos que receber suprimentos.

- Suprimentos devem ser controlados! – Jogou sua caneca longe. – Estamos cercados por todos os lados! Não! Sem suprimentos que não sejam verificados, não vou autorizar. – Gritou para quem pudesse ouvir. – Virgur! Zirgur! Onde estão os entregadores? Eles devem ser vigiados!

Enquanto Tonio se afastava, Aida se perguntou se ele exagerava com aquele excesso de zelo. As gemas eram agora alvo. Não, ele não exagerava. Qualquer um de fora poderia ser uma ameaça.

Entretanto, Aida percebeu que Lucha não era a única que caía numa armadilha da mente. Era irônico que, enquanto Ella saía de um momento de sofrimento emocional, Lucha estava mergulhada em um e Tonio iniciava sua queda. A anã pensou em Martius.

- Por Elthor, espero que ele esteja melhor que estes. Se depender da sanidade dos bardos daqui, os dragões jamais voltarão.

*

As perguntas de Aida aos membros da ordem não a levaram a lugar algum. Lucha não era uma pessoa aberta para se expor a estranhos. A melhor estratégia foi se aproximar de Jainor para assim, entender a pendência de Lucha que Tonio mencionara.

Embora Lucha fosse a principal intenção de Aida naqueles dias, ela tentava observar como Tonio lidava com o fechamento das fronteiras. Ele passou a controlar pessoalmente o abastecimento, recebia e entrevistava entregadores e recomendava procedimentos de cautela àqueles que faziam contato com o exterior. Estabeleceu rotinas de vigia nos muros, patrulhas nos arredores e treinos das equipes armadas.

Depois de liberado pelo líder, Zirgur tinha o dever de prover a distribuição da comida e bens ao povo, enquanto Virgur assistia a Tonio nas atividades de segurança.

Ella ficou responsável por organizar a ocupação da parte estável de Goth Drin, conforme sua memória da vida de Celiah permitia. Junto com Velma, restabeleceu o básico para que o povo se acomodasse com conforto relativo, de maneira que pudessem prosperar nos meses vindouros.

A Lucha e a Jainor coube a limpeza dos escombros, restauração do possível e demolição da parte condenada.

Lohrys retornara para funções mais discretas. Trabalhava em um planejamento organizacional dividido em sobrevivência, salvaguarda e prosperidade. Apresentou a primeira proposta a Ella, que comentou:

- Falta lazer.

- Está em prosperidade.

- E inteligência?

- É salvaguarda. Defesa da casa e controle externo.
- Todas as estirpes funcionarão nas três linhas?
- Quantas estirpes existirem. – Confirmou Lohrys.

Ella se lembrou de Sonnel:

- E quem guarda os Segredos da Ordem, Lohrys?
- Defendem uma casa guerreiros e eruditos. Os eruditos guardarão a memória. A salvaguarda ainda está sendo composta. Tem batedores, arqueiros e até construtores.
- Construtores não trabalham na prosperidade?
- Depende da especialidade. O que chamou de linhas são os três objetivos que manterão a ordem. A saúde, por exemplo, pode ser uma questão de sobrevivência, uma prevenção de uma doença ou uma melhoria na maneira de viver. A atuação de cada membro será dirigida por um desses objetivos. Uma mesma ação, ao ter objetivos diferentes, gera processos únicos de abordagem.

Ella gostou, embora ainda tivesse dúvidas:

- Tem certeza de que cercou todas as possibilidades em três grupos?

Lohrys se denunciou na hesitação. Foi obrigado a sorrir:

- Bom, faltam os dragões.
- Então é sobrevivência, salvaguarda, prosperidade e dragões. Tonio vai aprovar, não acha Aida?

Não teve resposta. Aida estava ocupada com afazeres manuais, porém com a mente absorta e longe de Goth Drin.

Ella respeitou o silêncio, pois considerou que ela andava distraída nos últimos dias, mas não podia saber o real motivo da sua preocupação. Aida sonhara que Ridell estava vivo e a caminho das Cenikas.

*

Mathias Felin recebeu o sinal por meio dos necromantes. Era uma associação que o incomodava, assim como a outros Betemares, mas estava disposto a isolar seus temores em um local bem profundo de seu peito para servir a Fraga como sempre o fizera. O que mais o perturbava era como a aliança com os necromantes viabilizou uma sinistra comunicação quando os mortos faziam o papel de mensageiros nos sonhos do espião, que perdia o controle sobre suas próprias ilusões adormecidas.

Voluntariou-se para a caça, propôs ao grupo que se separassem para cercar a presa e já tinha a justificativa preparada quando retornasse horas depois. Era um terreno pouco conhecido e fácil de se perder. Sua explicação não levantaria suspeitas por já ter acontecido na primeira semana.

Seu coração batia forte pela subida que vencera correndo, assim como fizera na maior parte do trajeto descrito pelos mortos. Entretanto, a ansiedade era por quem o esperava.

A tenda de tons variados de verde pálido e escuro foi difícil de ser avistada em meio à neblina. Imaginou que seu interior estaria iluminado em tons aquecidos a destacar a dama de branco. Suas roupas contrastariam com as demais cores do ambiente, como suas pérolas contrastavam com as montanhas escuras que os abrigava.

Não pôde confirmar a princípio, a Condessa de Aflatin o aguardava no exterior, protegida da neblina por uma capa escura que se materializava como uma sombra na névoa.

- Mathias, é sempre uma alegria revê-lo bem, certa de que se mantém sagaz e alerta.

Ele se ajoelhou.

- Às suas ordens, Grã-mestra.

- Reporte.

- Construí um acesso a Lucha, e por meio dela quero alcançar uma das fontes.

- Ela não detém nenhuma.

- Sim, mas dá suporte às duas. Terei mais flexibilidade de ação, e ela não tem ligação forte com as fontes como os Profetas.

Amanda pareceu satisfeita. Então se lembrou de suas próprias impressões:

- Mathias, percebeu algum movimento referente ao governo de Moros?

- Não senhora.

- Ainda acredito que Sávio Labaki é um agente de Moros.

- Esse nome só é citado por Isabel Eduína Petrosa, e com despeito.

O ar gelado da montanha entrava pelas narinas da condessa para despertar seus instintos.

- No entanto, uma anã o representa na comitiva.

- Na ordem, senhora. Na Ordem Draconiana.

Ela desmereceu:

- Bobagem! Reverteram a seita a uma proposta contemporânea, mas não temos dragões nesta terra há centenas de anos. O que eles esperam? Construir uma estrutura que atraia um animal de longe?

- Eles dizem que, se as estirpes prosperarem, os dragões voltarão.

Ela tirou as luvas para melhor se conectar com aquele espaço:

- Conhece a história de sua terra, Mathias? Sabe da lenda de que dragões brotaram da terra que hoje é Fraga?

- Ouvi exatamente como uma lenda. Há verdade nela?

- Não, não vejo como. No entanto, agora falam em dragões nas fronteiras de Moros, embora não dentro. Conveniente, não? Isso me convence de que Racina é o alvo, que Moros está por trás desta trama e é aliado de Katos. Vê por que eles não podem ter as

duas fontes? Cada qual com um dos reinos. Pelo menos uma das armas deve ser de Fraga, ou não teremos chances.

- Elas realmente despertaram um vulcão?

- Não, Mathias, elas criaram um vulcão! O que farão com Racina? Com Fraga? Já temos desgraça demais em Aflatin, nós, especialmente, e não suportaremos tamanho ataque se não tivermos uma defesa à altura. Seu país depende de seu talento, bravo Felin. Dedique seu coração a essa causa! Aguardarei neste sítio, ansiosa por receber a fonte de suas mãos.

Ele se curvou ainda mais. Amanda tocou seus ombros, levantando-o para que olhasse em seus olhos.

- Nenhum de nós gosta da aliança com os necromantes. É uma magia proveniente de almas danadas, mas os mortos não vêm a este plano e não nos afetam diretamente. Somente eles se beneficiam ao extrair a energia das mortes recentes. Então, não receie meu bravo Mathias. Aqueles que caírem pelo poder das gemas alimentarão o poder dos necromantes, que prometem atuar na defesa de Racina contra nossos inimigos. Quanto mais matarmos, maior nosso poder de destruição.

Mathias controlou o seu suspiro, interrompendo sua profundidade sabiamente no meio da inspiração. Amanda fingiu não perceber. Apertou mais os ombros do espião.

- Seus ombros dividem com os meus o fardo de proteger nosso país. Tem minha permissão para explorar o poder ainda latente de nossos aliados à volta de Goth Drin. Estão a aguardar suas ordens para se revelarem quando necessário e, ao usarem a magia, tornar-se-ão detectáveis. Confio em seu discernimento para acioná-los no momento certo.

Mathias sentiu o perfume da condessa sobressair-se sobre as demais essências naturais das Cenikas. Baunilha e canela. Imaginou a tenda suavemente infestada com aquele aroma doce pelo ar, sobre os tecidos e na madeira que acalentavam sua estadia no ambiente selvagem.

Ele pressionou os lábios. Curvou-se e saiu.

Sentiu o cansaço dos anos dedicados a uma vida de disciplina entediante alternada com emoções febris. Desejou retornar a Fraga, mas sabia que nada encontraria na terra devastada caso falhasse. O consolo do abrigo da condessa despertou vontades que o incentivaram, mas que teriam que aguardar.

*

Depois que Mathias se retirara, nada mais aconteceu por um tempo.

Amanda estava disposta a enfrentar a ausência de eventos para cumprir sua missão com sucesso, por mais monótono que os dias fossem. Sua guarda pessoal era uma boa companhia, composta de guerreiros leais e outros Betemares, mas não eram capazes de fomentar sua sede por vida ausente naquela espera destituída de prazos.

O desejo da Condessa de Aflatin foi surpreendentemente concedido pelo destino quando um elfo penetrou no acampamento.

Ridell não precisou surgir à sua frente depois que a criada retirou os restos do jantar. Amanda se espreguiçava quando sentiu sua própria magia crescer no ambiente. Saltou das almofadas ao reconhecer o teor do encanto que a ela pertencia. Murmurou:

- Ridell!

O elfo se sentiu agraciado pela atenção da Grã-mestra dos Betemares:

- Condessa de Aflatin, finalmente.

Ao se revelar, tentando disfarçar o defeito na perna, ele tinha um sorriso de vitória no rosto.

Amanda reagiu como esperado:

- Como me encontrou?

E ele, cinicamente, após aprender com seu antigo mestre:

- Ora condessa, quem disse que eu a procurava?

- Ah, Ridell!

Ele riu. Estava satisfeito consigo mesmo.

- Ah, Condessa de Aflatin! Como não sentir a ansiedade crescer quando me aproximo, a vontade de me jogar a seus pés e dizer que minha espada é sua, assim como a minha lealdade, devoção e vida.

Ela tentou controlar os movimentos involuntários de seu rosto. Era raro um encantando reconhecer seu encanto.

- Está dizendo que usou os sentimentos para comigo para me localizar?

- Dentre outras coisas.

Ela admitiu:

- Engenhoso. Até admirável. Devo parabenizá-lo.

- Tenho o dom de reverter em benefício o mal que recai sobre mim.

Ela se poupou da ofensa, pois sabia como o encantamento Betemar fora a ruína de muitas vítimas.

- E também por reconhecer o encanto.

Ele controlava o olhar apaixonado que sabia ser fruto da magia.

- Bom, então devo dispensar este último mérito, pois foi Sávio Labaki quem me revelou sua armadilha.

Amanda de Aflatin não conteve o suspiro pela menção ao desafeto. Ridell piorou:

- E é sobre ele que venho falar.

Ela foi seca:

- E você pensa que vou liberá-lo para seu mestre? Você é meu, Ridell. – Ele sentiu um calor naquela possibilidade. – Não retornará a Labaki.

- O que muito me agrada aqui permanecer, condessa, mesmo que sirva a Leafir Amdir nos dias de hoje.

Amanda elevou o queixo antes de se recostar sobre as almofadas novamente. Deixou um dos tamancos cair displicentemente de seu pé, o que não escapou do olhar do elfo.

- Como se fizesse diferença. Pensa que não sei que você é o elo entre os dois?

O breve ar confuso de Ridell denunciou o quanto ela se enganara. Um início de apreensão guiou-a a elevar o tronco ligeiramente.

- Então fale.

- Leafir não é aliado de Labaki. E agora, é inimigo declarado, desde que ele sabotou os planos do General para libertar Belerod. Ele quer vingança, assim como a Condessa de Aflatin.

Era uma informação interessante, embora parcialmente incorreta.

- Eu não planejo vingança contra Sávio Labaki.

- Ele guia os bardos. Quando se desviam, como Ella com Leafir, Labaki os resgata para o rumo que ele planejava.

Amanda se lembrou que assim ele o fez quando os bardos estavam em Fraga. Fazia sentido, mas não deixaria que logo Ridell a manipulasse.

Não era preciso.

Ela o fitou com interesse, o que o fez se arrepiar. Em seguida, voltou-se para alcançar a sua taça, esticando o tronco sobre as almofadas até a manga cair para o lado a revelar a pele de seu ombro. Seu ar decepcionado de uma taça vazia foi captado. Ele seguiu até a jarra e a serviu. Ela permitiu que trocassem olhares, ela em agradecimento. Em seguida, desviou os olhos para um ponto qualquer, de maneira que ele soubesse o quanto o seu prazer era momentâneo.

- Dizem que foi você o responsável por salvar minha vida na Ilha das Flores.

Ele se controlou:

- Eu fiz o que estava em meu alcance. Quisera eu que pudesse ter feito mais.

- O anão era seu amigo.

Não era uma pergunta, mas ele sabia a quem culpar:

- Um conhecido. Era inimigo do bardo Martius, a vingança foi contra ele. Quando descobri, agi imediatamente.

- Soube que se feriu. Vejo que manca.

Ele odiava aquela parte, todos acabavam por comentar, fosse propositadamente ou por descuido. No entanto, nunca sentira o que viera com as palavras seguintes, calorosas e vulneráveis:

- Obrigada. Ninguém jamais se sacrificou por mim desta maneira.

Mesmo sem acreditar, ele sentiu sua carne se entregar.

- Eu duvido, mas acredito que sou capaz de fazer muito mais do que qualquer outro pela minha senhora.

Incapaz de controlar o sorriso ao ouvi-lo admitir a servidão, Amanda saltou de suas almofadas para dar as costas a Ridell. Andou devagar enquanto brincava com a borda da taça.

- Eu já tive muitos que me serviram de diversas maneiras. Certa vez minha comitiva foi cercada por bandidos, meus homens lutaram bravamente até que apenas dois de trinta sobreviveram. Eu conhecia a todos, suas histórias e suas famílias. Fui obrigada a seguir até a segurança, mas, quando trouxeram seus corpos, chorei sobre cada um e velei a noite até que seus entes queridos chegassem para lhes fazer companhia.

O vestido da condessa parecia ter vida própria a dançar em volta de seus quadris.

- Também já convivi com um grupo de elite que sequer deixava que meu próprio pai se aproximasse de mim, caso eu não os repreendesse. – Riu tristemente. – Eles me amavam! Morreram na chacina dos bardos. Estive em seus velórios, testemunhei uma parte de Fraga perecer naqueles dias. Outros também morreram por mim. – Perdeu a voz com as últimas palavras, para retomá-las com mais firmeza. – No entanto, ninguém foi condenado a um dano físico por toda a vida por levantar a espada por mim. – Voltou-se a ele. – Sei que ao seu lado estou segura e sei o quanto posso confiar em sua dedicação.

Aproximou-se dele para que pudesse ser ouvida ao sussurrar:

- Então me diga, Ridell, Leafir realmente é inimigo de Labaki?

Ele torcia para que o fio de suor que escorria pelas suas têmporas não fosse notado.

- Nunca foram aliados. Labaki já era uma ameaça, mas apoiava Leafir por ele servir aos bardos. Agora, Leafir quer os segredos daquele homem para abrir Belerod.

O fio de suor comprovou a submissão de Ridell à história recém contada. Amanda se sentiu em campo seguro para confiar em sua vítima:

- Pois eu também quero seus segredos, em relação a Moros e Katos.

- Condessa, seus planos se casam com os do General de maneira impressionante.

- O que ele propõe?

- Ele irá mobilizar os elfos para caçar Labaki. Quer aliança com a magia Betemar.

- Caçar?

- Tirar dele tudo o que quiserem, pele, carne e ossos se preciso.

- Deixo essas partes para vocês. A mim, interessam as palavras.

*

As horas gastas na companhia da condessa renovaram o elfo. Ele sentia como ela manipulava-o deliciosamente, e aceitou cada trecho falado por sua voz de âmbar sob o perfume doce que a envolvia. Os gestos leves como uma garça ao pousar no lago foram sorvidos devagar pela memória, o pé exposto cujo magnetismo o prendia quebrava o ritmo de sua respiração e só o liberava para que fosse enlaçado pelos olhos intensos que o lançavam no abismo.

Ele saboreou sua perdição, cuidando apenas para que não perdesse o discernimento atrelado à sua incumbência. Amanda respeitou este limite para que ele servisse aos dois lados ao costurar a aliança, mas deixou sua vaidade se deleitar do poder que exercia sobre o elfo. Tamanho era esse poder que ele se entregava mesmo ciente dos invisíveis grilhões acetinados cujas novas camadas ela tecia.

A maior dor veio quando recebeu a ordem de retornar aos elfos com o compromisso da aliança e um plano em formação.

Ele descia uma encosta desatento por uma trilha imaginária sem se importar com o andar manco que sempre se esforçava em disfarçar. Mal via o caminho à sua frente por estar concentrado nos momentos em que passou ao pé da condessa a elaborar as possibilidades de localizar e prender o misterioso Sávio Labaki.

A sombra atarracada que surgiu ao longe foi percebida conscientemente apenas quando se transformou em um vulto. Ridell foi esbofeteado pela realidade com a mesma força que o fora, certa vez, por Aida. Ele gelou e murmurou para tentar se convencer da miragem:

- Não pode ser. Não! Não pode ser ela!

O vulto transformou-se em uma imagem familiar, enfraquecendo sua capacidade de convencimento. Saiu do acampamento de Amanda cheio de contentamento e determinação e via a figura que se aproximava como a premonição do que estava para perder.

Ela parecia saber o que se passava com ele. Ainda ao longe, ele a viu parar, fitá-lo e, com os punhos fechados sobre as ancas, destruir seu prazer daquela noite.

- Seu elfo cretino, cria da estupidez de uma hiena emboscada, o que pensa que está fazendo?

- Aida! Saia daqui! Você não tem que estar aqui!

- Estou aqui porque você está, seu imbecil! O que pensa que está fazendo?

- Lutando pelo meu povo! Não espero que você entenda!

Ele avançou, convencido que passaria ileso por ela se a ignorasse. Aida simplesmente o empurrou para o lado. Embora tivesse perdido o equilíbrio pela força da anã, sua agilidade cuidou para que pousasse de pé.

- Está louca agora, anã? Quer me jogar morro abaixo?

- Quero que você role igual a uma bosta que é! Acha que sairá vivo ao vir tão perto da Ordem?

- Que se dane a sua Ordem! Eu estou com o meu povo novamente. Pensei que entenderia isso. É a minha chance de recuperar algo!

- Eu é que vou recuperar sua cabeça gorda se interferir nos planos de Labaki. Vi o que os elfos quase fizeram!

O teor da discussão daquela dupla os fazia se desviarem eventualmente dos assuntos que realmente importavam:

- Minha cabeça não é gorda, Aida!

- Vai ficar gorda quando estiver recheada de vermes!

- Duvido que fique tão gorda quanto você!

- Isso são músculos e já mostrei isso a você. Quer que mostre novamente?

Ele sacou a espada:

- Venha então! Tente me impedir.

- Esqueça os vermes de sua cabeça, pois eles não encontrarão o que comer. Acha que vou aceitar sua burrice em forma de aço? Vou grudar em sua sombra e você não dará um passo a mais sem mim! Não irá embora sem mim, entendeu? Deixei da primeira vez, e já vi a merda que você produz fora do banheiro!

Ele embainhou a espada.

- Então venha. Não vou me importar.

Passou por ela afinal, em passos decididos e mancos. Aida o chutou na bunda de maneira que sua agilidade élfica não pôde evitar.

- Aida, que demônios a levem!

Ela caminhou a ele e ofereceu a mão para que se levantasse. Ao aceitá-la, ele se denunciou.

A anã se arrepiou, gemeu baixo e fitou com ódio. Empurrou o braço dado para mantê-lo ao chão, e subir sobre ele, quando o esbofeteou. O elfo estupefato não reagiu.

Ele também nada fez quando ela o livrou, por ver que a raiva da anã tinha se transformado. Ela caminhou à sua volta, lamuriando-se:

- Como eu não vi? Como não? Era tão complexo, não podia ver! Está tão forte agora! – Voltou-se a ele. – O que deixou que fizessem como você?

Ele tentou se levantar, ela o chutou na perna ruim:

- Quietos seu cretinos! Você não pensa? Não, claro que não. Não tem como saber.

Ridell gemeu, mas como nunca vira Aida chorar daquele jeito, ignorou a sua dor em prol dela. Ele se apoiou no chão para elevar o tronco:

- Calma Aida, não exagere, ninguém morreu.

Ela se sentou ao seu lado.

- É pior, pois sua vontade morreu. Você não sabe, mas está enfeitiçado. Está sem vontade própria, Ridell. Você não fará o que quer, e poderá fazer coisas que odeia.

Ele se ajeitou, com ar de quem dominava a situação.

- Ah, é isso? Uma querathyra consegue ver? Não se preocupe, está tudo sob controle.

- Como é?

Ele foi condescendente:

- Eu sei o que me acontece. Não se preocupe, Aida.

Ela mexeu os lábios sem que o som de “Não me preocupar” realmente saísse de sua boca. O que saiu foram outras palavras:

- Seu verme acéfalo. Nem o intestino de um burro onde você vive pensa menos que você! Você sabe que está encantado e não faz nada contra?

Ele riu com desdém:

- Estou condenado, lembra-se? Não sei como nada aconteceu ainda. Por que devo me preocupar com o encanto? E se ele estiver me salvando?

Ela o fitou com desprezo:

- Você não pensa isso.

Ele cedeu:

- Eu sei que não. Na verdade, quero fazer o que puder antes que aconteça. Servirei ao meu povo como prometi ao deixá-la, Aida. Ainda quero construir um mínimo de honra para morrer em paz. Não me tire isso.

Ela engoliu em seco.

- Não entende que este encanto pode estar dominando-o para querer isso?

- Não está. Eu sei o que me domina e por que, só não sei onde vai dar. Seu próprio empregador me alertou. Não é um feitiço novo.

- Não é novo, mas está mais forte. Agora consigo perceber.

- E recente. Sim, eu sei. Você é uma anã talentosa, Aida. Não gaste seu talento comigo. Já tracei o meu caminho e não inclui você.

Aquelas palavras doeram fundo, mas ela aceitou a verdade. No entanto, ainda queria ajudar:

- Eu posso amenizar o que está em você. Posso até quebrar o encanto, se me der tempo.

Sua gratidão foi sincera:

- Eu não tenho tempo. E como você faria?

- Como você disse, tenho meus talentos. Só não é algo instantâneo.
- Eu agradeço, mas me deixe com minha desgraça. Estou pagando o preço de minhas escolhas e só espero conseguir compensar parte delas antes do fim. Este encanto não me faz tão mal, ele servirá aos elfos de qualquer maneira. Até agora, não enganei, nem menti. Leafir sabe de tudo e aceitou meus limites.

Ela saltou:

- Leafir? Você está com Leafir?

Ele fechou os olhos, condenando-se por esquecer que se conheceram. Ela continuou:

- Você agora serve aquele psicopata obsessivo que quase sacrificou a sua própria mulher por poder? Aquele bosta almof...
- Ele não sabia, está bem? Está arrependido. Ele confidenciou a mim, logo a mim, que não percebeu o que estava acontecendo com Ella. A mim! Ele realmente não...
- Seu cretino estúpido! O que mais ele diria depois do que fez? A maneira como ele...
- Você acha que elfos não têm sentimentos?
- Tanto têm que agora tem um cuidando bem de Ella. Muito bem! Leafir já era! Até o amigo reconheceu o que o canalha é. E não vou deixar você se enganar com a falsidade desse pulha, com esse plano escroto que usa um discurso de libertação para espalhar a desgraça pelo mundo.
- Trazer os elfos de volta será uma desgraça?
- Com a liderança dele, sim!
- Você não sabe o que diz!

Ele deu as costas para seguir seu caminho, Aida correu para cima dele novamente. Ridell estava preparado e se esquivou.

- O que quer agora, Aida? Não disse que me deixaria ir?
- Vou arrancar esse encanto das suas costas como se arranca o casco de um rola bosta!

Ela correu até ele, que se evadiu novamente.

- Suma da minha vida, anã maldita de boca suja!
- Não tão suja quanto a puta que te serve!
- Ela se mexe melhor que você que não consegue me pegar!

Era uma estranha brincadeira de pegar no meio da noite sob imprecações, como jamais ocorrido naquelas montanhas.

- Seu cretino, inútil até para ficar parado! As pulgas no saco de marinheiro têm mais utilidade.
- Aporrinham menos que você!

- Eu vou te agarrar!
- Você sempre quis isso, não?

A fúria concedeu uma velocidade extra que a permitiu se jogar sobre Ridell. Ele caiu no chão desajeitadamente com a anã sobre ele. Ela se sentou sobre seu tronco, segurando seus pulsos.

- Sente os músculos agora, cretino?
- Saia de cima de mim, sua maldita! Você pesa mais que mil vacas! Não consigo respirar!
- Mentiroso! Eu sei quando está com dificuldade. De tudo! Está respirando, está indignado porque uma anã o dominou, mas não tem vergonha de um elfo tê-lo enfeitado.
- Não foi el... – Ele preferiu se calar.

Com o silêncio, Aida se concentrou para sentir a extensão do encanto que acreditava ser da parte dos aliados de Leafir. Percebeu o prazer que ele sentia naquela magia, que ocultava os males na alma pela obsessão a que fora imposto. Ela procurou os nós fracos daquela teia a fim de planejar como os romperia nas próximas semanas. Precisaria prender o elfo e estava disposta a ser alvo do seu eterno ódio, desde que fosse um ódio por sua própria escolha, embora ela duvidasse que, se livre, ele assim procederia.

Tentou ir mais fundo para investigar as camadas daquele encanto, e percebeu uma perturbação ao longe. Direcionou sua atenção àquele desequilíbrio, pois parecia crescente e hostil. Crescente e hostil. Cada vez mais. Aida o encarou de frente, olhos de fogo e ódio por ter sido exposto.

Ela gritou e soltou Ridell, a fim de evitar a conexão com a ameaça em chamas.

Rastejou para longe do elfo, que a fitou com assombro.

- Ridell, ele está vindo!
- Ele quem? Leafir? Labaki?
- A criatura de fogo! Vem cobrar sua vida! Está a caminho dentro de você!

*

O perigo iminente apaziguou os ânimos da anã e do elfo, mas não duraria muito caso a iminência se alongasse.

- Quando ele chega?
- Não conheço o intervalo temporal da magia da criatura.
- Então como sabe que não levará meses ou anos?

Aida o olhou com impaciência:

- Porque sei, elfo! Eu sei que é questão de dias ou horas!

Ele protestou, como se estivesse ansioso pela chegada de uma visita:

- Já temos quase dois dias completos.

- E você quer que eu o apresse?

- Não me provoque, Aida. Você foi bem desleal ao não comentar desse seu poder, agora quer que eu acredite nele e nessa promessa. Se estiver jogando comigo, nunca irei perdô-la.

Ela não aceitou a provocação, consciente do perigo que Ridell corria. Na verdade, ela sabia que seu poder não era suficiente para combater a criatura, mas convencera o elfo a aguardar com o propósito de que ele não estivesse só na sua hora derradeira. Ela tentava agir naturalmente, mas estava destruída por dentro.

- Eu queria que fosse mentira! Andei me perguntando por que sonhei com sua vinda, depois pensei que era por Leafir, com quem tive contato recente. Agora entendo. Eu devo estar aqui quando ele chegar, esse é o chamado por você.

Ele riu:

- O seu kraken?

Ela se entristeceu, incapaz de negar:

- Sim, você é o meu kraken torto.

Ele não tinha informações suficientes para entender:

- Fala de mim, mas você é mais cruel. Mesmo nessa situação, faz questão de me lembrar de minha perna.

Fez menção de se afastar quando sentiu uma cólica que o jogou ao chão.

Apreensiva, a anã o viu se contorcer. Fechou os olhos e chacoalhou o corpo, os braços e mãos com mais intensidade, como se desprendesse o medo do corpo. Inspirou e tocou a cabeça de Ridell, pronta para a batalha que a condenaria.

Sentiu a dor de Ridell, como se garras estivessem arranhando suas entranhas. Aida tentou relaxar seus próprios músculos a fim de preparar o caminho para libertar agonia daquela vítima. A dor fluíu e amenizou o sofrimento tanto do elfo quanto da anã. Antes que nova carga viesse, Aida mergulhou mais fundo na origem do mal.

Encontrou a criatura esperando-a, ofendido pela afronta daquela interferência. Aida soube que ele a reconheceu do episódio da busca de Martius para Malva e entendeu que não haveria ameaças vãs. Ela tentou se fechar ao máximo como defesa, porém deixando uma porta aberta para defender Ridell.

Ao contrário do esperado, a criatura nada fez contra ela. Aida percebeu a satisfação do invasor com seu próprio plano, que se voltou à sua vítima para sugar sua vida. Ela tentou atacar, mas pouco sabia daquela arte e ele nada sofreu, ignorando-a. Ele continuava a tirar de Ridell. Ela não viu outra saída senão repor o que ele drenava. Sabia onde aquilo terminaria.

A criatura percebeu o que manteria o elfo vivo por mais tempo. Hesitou, não pela surpresa da decisão de Aida, mas por algo diferente que ela não soube identificar. Ele voltou a drenar, ela tirou mais de si. Ele novamente parou, a refletir. Pelo abismo que o conectava

ao elfo, ele tirou mais, a testar a reação de Aida. Embora consciente de que ele a testava, não conseguia entender o objetivo da avaliação. Até que ouviu em sua mente:

- Por que ajuda este ser?
- Porque este é meu propósito.
- Eu sinto o que você é. Por que se desperdiça com essa escória?
- Como eu disse, é para isto que eu vivo.
- Ele não merece. Não sabe o que esse elfo já fez?
- O que importa? Não é pelos seus crimes que você o condena, mas por ele ter quebrado uma promessa.
- Estranho você conhecer minhas razões e eu não entender as suas. Vejo que se entregará a um sacrifício inútil, seja pelo desfecho ou pelo motivo.
- Luto tanto por ele quanto contra você. Legisla, julga e executa suas próprias leis. Um olhar a concentrar tanto poder não traz justiça, é deficiente por enxergar apenas uma verdade.
- Eu fiz um acordo que ele aceitou.
- Você impôs um silêncio, ou ele morreria naquele mesmo dia.

O invasor sentiu-se descoberto. Que belo poder que enxergava as revelações com tanta clareza?

- Prefiro que viva.
 - Deixe-o ir então. Eu o deverei um favor.
- A resposta foi tão natural quanto uma conversa fugaz:

- Não. Tomarei esta vida, não tente evitar ou tomarei a sua, não por minha escolha.
- Estarei aqui!
- Pare de doar-se ao elfo quando eu tiro dele, ou nada sobrá em você.
- Estarei aqui!

A criatura se lembrou como os anões eram decididos. Morriam por seus propósitos, mesmo sendo eles vãos.

Vendo a ineficácia de seu alerta, voltou a drenar o elfo sem responder a Aida.

Ela sentiu a essência se esvaír pelo abismo e preencheu de imediato o vazio deixado pela criatura. Tentava, em paralelo, amenizar o sofrimento de Ridell ao mesmo tempo em que evitava seu corpo padecesse, embora não pudesse evitar que suas forças se esvaíssem. Logo não as teria em quantidade que a mantivesse alerta, e acabaria cedendo sua vida e a de Ridell à criatura. Não tinha escolha.

Tantos anos de aprendizado e prática terapêutica e tão poucos meses a assimilar novas artes que poderiam salvá-la, perguntou-se por que rejeitou os ensinamentos de Labaki no

princípio. Ela sabia. Porque ele era o vilão. Se antes chegou a desejá-lo morto, agora se arrependia de saber tão pouco.

Não, não foi por ele. Enganava-se. Sempre fora altruísta, otimista, via um mundo onde as pessoas podiam ser boas, trabalhava por aquele mundo e pensou que jamais se veria utilizada para agredir. Estivera pronta para sacrifícios, mas nunca para tirar uma vida. Vivera sob um código que convencera-se ser infalível e imutável. No entanto, reconhecia a hora de atacar, mesmo com o pouco que desenvolvera. Usaria o que seu mestre ensinara da melhor maneira.

Desculpou-se com Ridell e deixou que a dor se apossasse de seu corpo, pois ela precisava se concentrar em sua única chance de salvá-lo. Reuniu sua energia, focou sua raiva, suas frustrações e sua impaciência e transformou-as no desejo de salvar aquele elfo estúpido que não merecia, mas, ah, que precisava viver. Ela pensou no que ele poderia se tornar baseado no quanto evoluiu nos meses em que estiveram juntos e lançou sua esperança na capacidade de redenção que acreditava que qualquer criatura carregava e que se manifestara naquele elfo que jazia ao chão contorcendo-se em agonia.

Atacou. Por tudo que pensara, sentira e vivera. Jogou-se sobre a criatura disposta a lançá-la no abismo de onde viera, e até mergulhar para empurrá-la de volta a sua materialidade se preciso. Tanta vontade, tanta esperança, e tão pouca habilidade naquele ataque determinaram o fracasso de sua única chance.

A carga facilmente foi rechaçada pelo invasor, que observou sem prazer, porém com frieza:

- Você não sabe.

Aida gritou em frustração pela veracidade daquela mensagem. Sabia o que fazia bem, e então o faria até o fim. Doou-se a Ridell, repondo cada fluxo de vida que o invasor drenava. Entregaria a sua essência sem hesitar, daria a ele a chance de reverter sua sina até o último momento ou morreria segundos antes dele, a fim de fechar seu papel naquele mundo.

Acreditava ainda que algum propósito haveria na sua morte e na do elfo, e que sua vida drenada por aquela criatura iria gerar algum novo ciclo que alimentaria a memória do invasor de maneira a mudar, algum dia, a condenação de alguém que importasse.

Ouviu da própria criatura:

- Não.

Espumou de raiva, como ele ousou entrar em suas esperanças?

Então percebeu que ele não estava em seus pensamentos, e não falava com Aida. Ela mergulhou à sua procura, e o percebeu atento a outro lugar. A outra realidade, aquela que se escondia no abismo de onde ele emergira.

Aida tentou ouvir mais, fora bloqueada. No entanto, percebia a vontade do invasor se digladiar com uma escolha. Com uma dívida!

O invasor gritou de ódio e mergulhou de volta no seu abismo, mas não antes de abrir uma porta por onde passou uma voz familiar. Ela respondeu antes de cair desfalecida ao lado de Ridell:

- Mestre!

*

Apesar de enfraquecida, Aida se recuperou mais rapidamente que Ridell. Cuidou de acender uma fogueira para aquecê-los e de reunir suas próprias forças a fim de cedê-las ao elfo. Após o segundo dia em repouso, ele acordou, mas até lá ela tivera tempo suficiente para refletir sobre o que acontecera.

Estava grata pela interferência de Labaki, embora não entendesse como aquilo se processara. Cogitou a dimensão de poder daquele que ela adotara como mestre, cujas habilidades intervieram, de alguma maneira, na execução promovida por uma criatura das mais conectadas ao mundo imaterial. Caso ele tivesse rompido a drenagem da vida de Ridell, já teria sido um sinal de grande e misterioso poder, mas Aida teve a sensação de que o invasor recuou propositadamente. Teria o mestre promovido tamanho perigo que obrigou o executor a desistir do ataque para se defender de Labaki?

Nenhuma das possibilidades eram compatíveis com os ensinamentos de Elthor. No entanto, como ele mesmo revelou, ele avançou sobre estudos próprios com base nos experimentos promovidos pelo fundador do Sacramento. Por um minuto, Aida desconfiou daquela relação desviada em uma bifurcação para diferentes propósitos. Pegou-se duvidando das intenções de Labaki como os bardos e seus asseclas. Condenou-se. Era fato que ele não se revelava por inteiro, mas suas precauções eram fruto de um milênio de arrependimentos. Não cairia naquela armadilha em julgá-lo como os demais. Fora salva e devia a ele sua completa lealdade.

Finalmente, Ridell se mexeu. Ainda foi até ele, apoiou sua cabeça em seu colo. Ao ver que estava pronto, Aida concentrou seu dom a fim de despertá-lo. Agradeceu em oração a Elthor e, secretamente, ao próprio Labaki, reunindo em seu breve ritual mais benesses para transferir ao elfo.

Ele abriu os olhos passivamente apreendendo o seu entorno e, devagar, os últimos acontecimentos antes de desfalecer. Balbuciou, inseguro:

- Estou condenado?

Os olhos de Aida estavam úmidos:

- Não, meu querido. Está salvo. Ele foi embora sem terminar.

- Por quê?

Ela foi sábia em omitir:

- Algo o reteve. Difícil saber.

- Então acabou?

Ela não tinha aquela resposta. No entanto, sabia que ele ganhara algum tempo.

- Eu não sei. Sei apenas que você está aqui agora, e isso já valeu toda a luta.

Aida acariciou o rosto do elfo, esperançosa de que a criatura jamais retornasse. Ridell aceitou o afago reconfortante que dissipou seus medos. A voz familiar da anã, seu sorriso contente e o carinho de seu trato o fizeram se sentir aceito como há muito julgou não ser mais capaz. Ele retribuiu o carinho, tocando a face de Aida. Levantou seu tronco para aproximar seu rosto ao dela, desejoso do beijo que evitara por meses por sua própria frivolidade.

Antes que seus lábios tocassem os da anã, a mão dela tocou sua bochecha violentamente. Ridell se jogou para trás estupefato, mudo de surpresa e indignação.

- Sua cria idiota de uma abominação em mitose cística do cu da vaca! O que pensa que está fazendo?

Ele enfim reconheceu com quem lidava:

- Aida, sua estúpida! Era um beijo! Claro que você não sabe o que é! Prefere saber o que é esse tal mito!

- Mitose, seu imbecil! É por isso que você está acabado, seu cretino! Acha que estou aqui para isso? Não percebe nem o seu nariz na cara, nem o seu car...

- Não fale! Não use essa boca imunda para falar de mim! Você tem razão, eu sou um idiota sim. Em pensar que você sabe o que é uma troca, o que é se doar.

- Doar? Eu me doeie por inteira para você! E você ainda se recusa a pensar, é todo instinto. Evolua Ridell, evolua!

- Que a evolução a carregue para longe de mim, anã! Sou instinto sim! Sinto prazer na vida! Você nunca sentiu prazer, não?

- Não percebe em que nível estou a seu dispor, elfo? Prazer? Nem sabe o que é isso! É sexo? Você também não conhece o suficiente de sexo, seu cretino! Vamos ver o quanto o seu rico instinto de merda vai levá-lo a um mundo fodido onde eu não estarei para salvá-lo. E aí você vai pensar em sexo? Em me beijar? Ou em mim para resgatar sua vida, suas mágoas e sua honra? Sua honra renasceu de mim, seu elfo inútil, estúpido, imbecil e cretino filho da puta!

Foi uma despedida embaçada. Mágoas pelo que não se permitiram e a alegria por terem sobrevivido temperaram as acusações.

*

A breve ausência da Aida foi pouco sentida em Goth Drin, por ter sido habilmente justificada pela necessidade de coletar ervas nos arredores, quando aproveitaria para meditar. Como adepto da meditação, Tonio concordou que a rotina na sede podia ser prejudicial à paz e convenientemente omitiu que acreditava que a anã iria reportar a seu mestre, o que estava dentro das condições impostas por Labaki para que ela cooperasse com as estirpes. Concordou sem ressalvas. A ausência foi também ignorada, pois, não obstante os esforços de Aida para estabilizar o frenesi de tormentos aglomerados de Lohrys, Ella, Lucha, Jainor e Tonio, cada qual instintivamente fazia uso de seus recursos. Lucha liberava doses homeopáticas de uma vilania contida sobre Isabel, enquanto Lohrys

e Ella compartilhavam apoio mútuo e Jainor mirava o futuro na restauração de Goth Drin a fim de se ocupar.

Parte integrante da lista de Aida, Tonio ponderou se também não deveria se dedicar mais à meditação, pois desde as pesquisas de Ella, passou a integrar nova atividade em seu tempo livre: após tantas horas de reflexão sobre as ameaças da fortaleza, sentiu necessidade de registrar visualmente a memória de Melgrod. Voltou a desenhar, hábito abandonado desde que deixara o Vale da Rã.

Já tendo conhecido o brasão de Elthor e sua origem vagamente relatada por Aida, perguntava-se da relação dos primórdios do Sacramento com Vincent e seu conflito com Klaos. Tonio não acreditava que tal visão tivesse sido gratuita, dada a coincidente filiação da anã, logo a porta-voz de Ricard, no Sacramento rejeitado pelo dragão.

Ele desenhava quando Lucha entrou a protestar exatamente sobre a ausência de Aida.

- Até um desarranjo intestinal deve ser detalhadamente reportado para sair de Goth Drin e você deixa Aida ir livremente.

Ele não achou pertinente interromper seu progresso para responder à grotesca observação de Lucha:

- Considerando que temos banheiros, um desarranjo a ser resolvido fora da sede seria realmente suspeito. – Riscava compenetrado. – Aida ainda justificou apropriadamente.

Lucha não se convenceu:

- Ela poderia enviar qualquer um para coletar ervas.

- Qualquer um seria suspeito também. Não pode negar que Aida já salvou mais de uma vida aqui. E antes que diga é obrigação do Sacramento salvar vidas – ele finalmente largou a pena para fitá-la –, não acha que ela já provou sua lealdade para além da cura?

Onde outros estariam encurralados, Lucha raramente ficava sem argumentos.

- Se for verdade o que ela contou. – Observou Lucha, levemente embaraçada, mas não o suficiente para molestar o seu orgulho.

A exortação foi aguda, propositadamente lançada para atingir Lucha em definitivo:

- Se você tem dúvidas sobre a veracidade do alerta de Aida, precisamos decidir agora. Não pode haver espaço para erros.

Funcionou. O orgulho foi estilhaçado por um vórtice de fatos reconstruídos em uma mente lúcida alimentada por um coração conturbado. Lucha não desviou os olhos de Tonio, mas apertou-os como a focar outro ponto do infinito e confirmou:

- Eu acredito... que ela diz a verdade.

Sentiu como uma confissão de mau augúrio, pois as consequências não trariam alívio, tampouco redenção. Tonio compartilhou da sensação, cúmplice que era na estratégia para preservar as estirpes, e correu a mão sobre sua obra em busca de apoio de outro cúmplice.

- Melgrod. – Murmurou em confiança.

Lucha finalmente mirou o desenho: um brasão, como visto em um dos livros que Ella indicou. Entretanto, não entendeu a menção do Mestre de Armas.

- O que tem a ver?

- É o brasão como vi. – Respondeu Tonio inocentemente.

Ela também foi ingênua:

- Está um pouco diferente.

Ele considerou que ela se confundia. Riu, condescendente:

- Não, Lucha. Você não pode ter visto. É a primeira vez que desenho o brasão de Melgrod.

Ela contraiu a testa antes de protestar:

- Tonio, não, você se enganou, este brasão está em um dos livros do Lanceiros. Um dos que Ella me encarregou de folhear.

Em resposta, ele deu uma risada de galhofa, largando a cabeça displicentemente para a frente ao abandonar o paternalismo em explicar. Quando ele abriu os olhos, Lucha o fitava confusa, mãos abertas a revelar a ausência de uma explicação.

Seu sorriso sumiu.

Não houve mais sorrisos naquele dia, pois em seguida ele entrava como um furacão de Martius na sala onde Ella fizera sua pequena biblioteca com o acervo dos Lanceiros. Ela não estava inclinada a interrupções até perceber a urgência do Profeta da Chama.

- Tonio, calma, mesmo com este desenho, preciso saber em qual procurar. Se foi Lucha quem achou, por que ela não veio?

Ele folheava cada livro impacientemente:

- Foi uma aposta, Ella! Não sei por que Lucha não aceita, como ela pode duvidar de minha visão? Tenho que provar que estou certo!

Ao ouvir que se tratava de uma aposta, Lohrys largou o livro que se propôs a folhear e levantou:

- Eu já estava de saída mesmo. Tenho o que inspecionar, se me dão licença. – Um gesto cortês da cabeça seria a deixa para se livrar da impertinência de Tonio, mas foi insuficiente para aplacar a raiva do Profeta.

- Você vai sair? – perguntou Tonio, exasperado. – Lucha diz que o brasão de Melgrod está nos registros dos Lanceiros e você vai sair?

Antes que Ella interviesse para acalmar Tonio, Lohrys afirmou:

- Então, não é uma aposta! – disse controlado e firme.

Ella tocou o braço de Tonio a mostrar que sua própria ira estava na borda do cálice da paciência, pronta para transbordar.

- Tonio?

Ele tinha o rosto tensionado, respiração curta e uma aflição que precisava compartilhar:

- Pode ser um erro de interpretação de uma imagem qualquer, mas eu preciso conferir.

Lohrys se sentou e puxou o livro que abandonara. Ella se empertigou e perguntou, voz seca e funcional:

- Procuramos variações de um M?

Tonio aceitou bem a equipe de busca à figura.

- Não. Dois setes cruzados. Coincidem com um M, mas não é a representação de uma letra.

Lohrys levantou os olhos a Ella, que os sentiu e comentou pelos dois:

- Sete. Curioso. Tão próximo de oito, como as oito qualidades dos lanceiros.

Tonio estava mergulhado nas páginas:

- Quase, mas são setes. Dos jogos de Vincent. A vida foi um jogo para ele por muito tempo, antes de encontrar Celiah.

- Não há o oito nas cartas?

- Oito são as qualidades dos lanceiros Ella, estamos procurando dois setes cruzados que você está vendo neste brasão.

Ella completou ao esticar o pescoço:

- Dois setes cruzados, sustentados pelas asas de um dragão?

Tonio suspirou antes de corrigir, como a revelação fosse um sacrilégio:

- Garras!

Quando Ella encontrou algo semelhante a um M, reconheceu a combinação de setes. Antes de levantar a página a todos, leu:

- Ordem dos Lanceiros em Perpétua vigilância.

Virou o livro para os dois, a revelar uma imagem somente em proporções diferentes à que Tonio criou.

O silêncio do Lanceiro Perpétuo foi quebrado pelo elfo:

- Há quanto tempo você é membro da outrora Estirpe de Tenet, Profeta de Melgrod?

*

O retorno de Aida Barovah a Goth Drin não foi tumultuado como seus dias com Ridell, embora tivesse coincidido com uma série de conflitos secretos. A recente descoberta manteve-se velada, pois os bardos precisariam de evidências substanciais para apresentar aos Lanceiros Perpétuos. A simples memória de Tonio ligada à da gema, que reproduzia recortes da vida de Vincent, não seria sustentada perante uma alegação dele acidentalmente ter deitado os olhos sobre o antigo brasão dos Lanceiros nos anos de seu

treinamento. Precisavam de tempo para descobrir mais, recursos para encontrar provas e uma estratégia para abordar os mestres em Moros.

Alheia à revelação, Aida encontrou uma comemoração em curso pelas conquistas da ordem até aquele momento. No dia seguinte Tonio revelaria a estrutura da Ordem Draconiana e prometeria o retorno dos dragões em um tempo certo, concretizado pelo esforço das duas estirpes reestruturadas. Apenas omitiria de onde eles viriam, deixando a entender vagamente que as fontes eram responsáveis pelo surgimento de quatro dragões. Prometeria ainda revelar o nome dos dragões assim que possível, adiantando que já descobriam que Celiah e Melgrod estavam a caminho para liderar as Estirpes de Ruan e de Tenet.

Os festejos, embora repletos de benesses, ocultaram crimes que Aida não tomou conhecimento, mas revelaram à anã honras inesperadas. Assim que pisou em Goth Drin, Ella afastou o arco das cordas e foi até a anã com ar decidido.

- Preciso que faça algo por mim. Confio que agradecerá o meu pedido.

As provações dos últimos dias a prepararam para qualquer desafio:

- Diga e farei.

Ao contrário do esperado, Ella nada disse. Tirou uma pedra de sua capa e entregou discretamente a Aida, que se arrepiou pelo peso da responsabilidade. Justificou em seguida:

- Preciso ver Tonio e Lucha.

Aida foi limitada por uma necessidade de afastamento dos bardos, e com a carga que jamais imaginara que lhe seria confiada. Estava contida pelo segredo em meio à multidão festiva, a disfarçar o privilégio da tarefa e a cogitar a urgência de Ella. Poderia ter sido Lohrys, mas Ella confiou na Sacerdotisa. Havia um significado, algo além da influência de seu mestre, e entendeu: Aida sentiu a satisfação do reconhecimento. Sentiu também que um propósito de sua existência havia sido alcançado. Inspirou, e entendeu o que Labaki enxergaria na vez seguinte em que se vissem. Segundos antes de tocar Celiah, a provação por Ridell seguida do reconhecimento de Ella a elevaram a sétimo nível.

No entanto, até Labaki ter a oportunidade de enxergá-la no mais alto nível do Sacramento, muito aconteceu em Goth Drin.

*

Mathias vinha instigando Isabel a percorrer discretamente, e cada dia mais longe, circuitos de reconhecimento pelas dependências da fortaleza. Ela passou a transportar suprimentos até os restauradores a fim de ter livre passagem sem despertar suspeitas e, assim, dominar entradas e saídas que porventura viriam a precisar.

A atividade impulsionada pelo sigilo transgressor tornou-se empolgante para Isabel, consciente do aumento de sua pulsação toda vez que conhecia novas paredes antigas e frias a prometer o calor de uma aventura ocultada pelo seu próprio talento. Fantasiava que anos de dissimulação entre veludos e tafetás foram apenas o treinamento necessário para

a nova vida cujo sabor era carregado dos temperos picantes dos limites ocidentais de Moros norte combinados às especiarias aromáticas de além-mar trazidas por Dust.

Por vezes, Conrado a acompanhava, mas procuravam se separar a fim de cobrir maior área. Suas incursões a levaram a grandes conquistas e pequenos insucessos. Poucas vezes tivera a passagem impedida e considerou que simulou bem sua inocência. De fato, era comum encontrar perdidos pelos corredores naqueles dias, quando todos ainda desbravavam, restauravam e aprendiam os caminhos e espaços reestruturados para novas funções. Seus momentos mais difíceis foram devido à pressão das autoridades. Isabel deparara-se com a barreira de Lucha por duas vezes, como se ela estivesse à espreita para sabotar sua exploração. Também não tivera a oportunidade de acessar os aposentos pessoais dos bardos ou, naturalmente, as vigiadas câmaras das fontes, embora desconhecesse que tais câmaras eram nada mais que um estratagema para desviar os verdadeiros esconderijos: os próprios bardos. Deparara-se certa vez com Ella e Lohrys atentos a suas leituras. Levantaram o olhar confusos com a sua presença. Ela sabiamente desculpou-se por acessar a ala incorreta e retrocedeu, dada a falta de motivo para estar naqueles cômodos.

Considerava, portanto, que contornava bem os percalços e ousou mais, também instigada por Conrado. Separaram-se ao acessar um corredor desconhecido no subsolo, à procura de um novo poço que diziam ter localizado.

- É importante que conheçamos todos os recursos disponíveis, fontes de água são estratégicas. – Justificou Mathias.

Era um espaço onde os ruídos de preparação dos festejos não chegavam. À medida que desciam, o burburinho se enfraquecia até que os passos secos nas pedras cobertas de poeira milenar tornaram-se os únicos sons audíveis. Isabel ouvia também seu coração bater por desbravar mais um conjunto de câmaras inóspitas. Em breve poderia se considerar uma das maiores conhecedoras da fortaleza, com habilidades de reconhecer os detalhes que diferenciavam ambientes ardilosos de tão similares.

Ela percorreu passagens estreitas sob a luz pálida da tocha em sua mão direita enquanto arrastava as pontas dos dedos finos sobre a superfície geladas das paredes ocre. O teto baixo não condizia com a grandeza dos espaços superiores, levando-a a cogitar a que tipo de ambiente aquele corredor a levaria. Sem portas laterais, ele parecia conduzir a um destino somente.

Aproximou-se devagar do que um dia fora o contorno inerte de uma porta. Esticou o braço com a tocha, a fim de estudar o local. Mesmo que os cômodos já tivessem sido explorados e liberados, ela ainda se lembrava do fim de Walfor. Percebeu que, mais que uma nascente de água escorrendo por uma parede irregular cheia de musgo, um pequeno poço natural formava um reservatório no canto esquerdo do ambiente. Concentrada em sua descoberta, demorou para perceber um vulto no canto direito pouco iluminado da sala da nascente. Ele se apoiava a um bloco de pedra que parecia fazer as vezes de uma mesa. Seu corpo seminu estava oculto pelo bloco até a altura da cintura, mas pouco se via de suas feições.

Em resposta ao susto da espiã, ele a saudou:

- Bem-vinda. Se tem sede, sirva-se.

O homem tinha gestos medidos de uma gentileza artificial. Ela levantou a tocha inutilmente:

- Quem é você? Não o conheço.

Sua silhueta era tudo que conseguia ver. No entanto, sua voz mansa lembrava serviçais insatisfeitos que escondiam a agressividade atada às duras leis que, cedo ou tarde, quebrariam.

- Nem todos se conhecem, mas um dia todos se encontram. Aqui, ou no além.

A curiosidade por ele estar quieto no escuro não era maior que o medo daquela silenciosa espera. Temeu por quem ele aguardava e voltou-se de súbito para fugir.

O som repentino de cascos a levou a iniciar uma corrida que se limitou a poucos passos. Isabel Eduína Petrosa sentiu uma mão sobre sua boca, uma dor no pescoço e um líquido quente escorrer enquanto era arrastada para a escuridão que oprimia seu peito a impedir que respirasse. A luz afastada da tocha ao chão ainda a permitiu vislumbrar a silhueta borrada de Conrado ao fundo do corredor. Tentou gritar, mas faltou o ar. O brilho foi se apagando até restar a sensação de duas mãos a agarrar sua face enquanto palavras incompreensíveis eram recitadas em seus ouvidos.

Mathias Felin subiu as escadas rapidamente até a superfície. Deparou-se com o entardecer e uma festa em curso. Procurou à sua volta, tomou o rumo da ala dos profetas. Ninguém o impediu. Entrou na ala apreensivo. A ausência de vigias era inesperada e o deixou indeciso, chegou a cogitar se deveria avançar. A imagem de Isabel arrastada para a escuridão estava à sua frente, como se não conseguisse ver outra realidade. Parou e inspirou fundo. Não era hora de perder a calma, sequer vacilar. Seguiu por um trajeto desconhecido até ver Lucha só e encostada a uma parede em uma antecâmara com cinco portas de madeira fresca. Ela estava de costas, voltada para a única aberta, a observar o interior.

Mathias sentiu que novamente dominava a situação. Controlou sua respiração, relaxou os músculos e voltou a ser o espião habituado a riscos, imprevistos e desenganos. Aproximou-se sorrateiramente, enlaçando a cintura de Lucha para surpreendê-la com um beijo delicado no pescoço.

Não a surpreendeu. Ela sequer se mexeu, mas perguntou:

- Está feito?

- Como desejou. Agora posso eu ter o meu desejo atendido?

Ela o fitou com um olhar intrigante. Ela não flertava como nas vezes anteriores, o que era compreensível dada a situação, ou dada a liberdade que ele acabara de tomar.

- Está arrependido?

Ele foi sedutoramente frio:

- Sei fazer boas escolhas. Irei além, se me permitir.

- Não acho que tenha tempo para mais nada.

Ele concordou em silêncio antes de reivindicar:

- Então, vai me dar agora o que eu quero?

Lucha apontou para o centro do quarto. Uma mesa rústica sustentava uma caixa bem adornada. Mathias a fitou desconfiado. Ela esclareceu:

- É o quarto dele.

Ele caminhou devagar até a caixa, hesitante pelo que iria encontrar, mas também com os ouvidos atentos ao seu redor. Uma maneira de evitar surpresas é controlar a distância do opositor pela voz quando os olhos devem se ocupar com outras vistas. Para Mathias, todos eram ameaça e não descuidaria em manter Lucha afastada:

- Penso se não quer mesmo vir comigo. Seus amigos não a perdoarão, e sua frieza pelo que exigiu de Isabel mostra como você pode ser útil para onde vou.

Ela manteve a distância, não passou da porta para responder:

- Isabel foi uma inconveniência, não o motivo principal. E não considero que traí Tonio e Ella, embora eu admita que eles precisarão de tempo para aceitar que tamanho poder não deve permanecer concentrado. Katos precisa da fonte para combater Racina, a outra fonte ficará aqui, segura conosco.

Mathias abriu a caixa. A gema vermelha brilhava forte. Uma onda quente fez o espião recuar um passo. Logo se acostumou à radiação e avançou. Lucha aguardou que ele admirasse a joia até que fizesse menção em confiná-la novamente:

- Essa caixa será facilmente reconhecida.

Ele estancou. Lucha tinha razão. Olhou à sua volta para pensar. Ela sugeriu:

- Tonio costuma amarrar ao corpo quando não usa a capa.

Mathias hesitou:

- E a história de incendiar as pessoas?

Lucha riu em deboche:

- E que outra lenda quer que eu conte? Esquece que também guardo a fonte?

Ele suspirou. Ela riu maldosamente e se aproximou de súbito, esticando o braço:

- Se você quer prov... – Ele a impediu ao segurar forte o seu pulso.

A imagem passada de Labaki a prender os seus pulsos a desestabilizou momentaneamente. Mathias interpretou sua reação como surpresa após ter criado a expectativa de agarrar a gema, mesmo que por segundos. Ele a afastou gentilmente, a indicar que não permitiria que ela tivesse acesso ao seu pagamento. Lucha baixou a cabeça e recuou até a porta.

Chegou à soleira no momento em que os dedos do espião venciam o calor e encostavam levemente na fonte que pulsava. A fúria de Melgrod foi instantânea. Uma onda incandescente engoliu Mathias Felin, cuja carne queimou com tanta intensidade que

impediu o seu grito. Foi uma morte tão silenciosa quanto a de Isabel, também observada por olhos impiedosos. Porém, ao contrário de Mathias, Lucha permaneceu por um tempo a testemunhar o seu fim, até se certificar que Melgrod amansara. Não ousou se aproximar, no entanto.

Coube a Tonio chegar em silêncio na câmara, fitar Lucha à porta, passar por ela e fechar a caixa. Ele deitou os olhos sobre a massa em chamas no chão de pedra antes de dizer com a raiva contida:

- Não vou limpar as cinzas.

Ela retrucou:

- É obra sua, tocou para instigar Melgrod.

Ele se mantinha em estado de alerta, músculos tensos e andar calculado:

- Precisarei tocar mais?

- É desejável. Devo ir na frente de qualquer modo.

Enquanto ela saía, Tonio abria a caixa para guardar a gema consigo. Lucha desceu as escadas a sentir o ritmo de guerra que o mestre de armas impunha. Ela parou e deixou que a magia do bardo vibrasse em seu peito. Iria precisar.

Ao se aproximar do povo em festa, percebeu que Ella já tocava. Inverteu o amuleto para passar por eles sem que fosse afetada pela alegria contagiante do violino. Desceu as escadas e foi em direção ao covil de morte de Isabel. Ela correu pelo corredor estreito somente com a tocha na mão. Sentia o necromante ao fundo e sua magia crescente pelo sacrifício que libertou de sua vida um espírito confuso pela transição repentina e inexplicável.

Ao entrar na sala da nascente, Lucha estancou para confirmar com os olhos o que já sentira. Cumprimentou-o ao atirar a tocha:

- Sílvio!

Antes que o sátiro pudesse reagir além de retirar a tocha de sua frente em reflexo, ela pulou no poço. Ele saltou sobre o corpo de Isabel na mesa improvisada para segui-la, mas a figura que ultrapassou a porta o conteve.

Com a espada na mão, Tonio avançou para impedir que Lamisuios alcançasse a borda do poço, a fim de dar o tempo que Lucha precisava.

Quando ela mergulhou, Lamisuios percebeu que as almas que vagavam naquele espaço a seguiram poço adentro. Antes que pudesse impedir, o mestre de armas, que certa vez ele subestimou, bloqueou sua passagem em desafio aberto.

O sátiro ainda carregava o poder sobrenatural fornecido pelos espíritos e julgou que rapidamente derrotaria Tonio para matar aquela bruxa que sabotava seus planos ao atrair as matrizes de sua magia.

O seu oponente também o avaliara. Tonio se lembrou da agilidade daquela criatura e que não poderia contar com a surpresa de antes. No entanto, estava tomado da energia de sua própria música vibrante que exalava por sua pele.

Com ambos a portar habilidades adicionais desde o primeiro confronto, surpreenderam-se simultaneamente e compreenderam estar em uma nova luta com um novo adversário.

A espada levantada de Tonio foi rechaçada pela magia de Lamisuios que esperava jogá-la dentro do poço. No entanto, a força extra do mestre de armas impediu que ela escapasse de suas mãos. Jogou-se de joelhos após um sotano que era esperado que o sátiro desviasse. A ponta da espada voltada para o alto desceu em trajetória de gota para atingir a cintura da criatura em mezzano. Lamisuios recuou e lançou um golpe místico sobre o rosto de Tonio, que se esquivou ao se jogar para trás em um rolamento para se colocar de pé em seguida. O sátiro deu um salto à frente com um punhal em mãos enquanto Tonio recobrava sua posição, o que o obrigou a estocar ainda ajoelhado para proteger seu espaço. Lamisuios saltou para trás rapidamente, o que deu tempo de o humano retomar sua postura.

Não havia pausa, hesitação ou tempo para pensar. A criatura tinha o reforço da magia necromante como o mestre tinha o reforço da magia barda. Tonio queria instigar Lamisuios, mas não havia tempo para brincadeiras ou provocações. O sátiro era rápido e mortal, e ele sentiu que poderia perder o confronto caso Lucha não eliminasse a sua vantagem sobrenatural. Se ela precisava de tempo, ele temia ter pouco a contribuir.

Procurou ignorar o corpo de Isabel prostrado sobre a mesa. Estava óbvio que o necromante procedia com algum encanto, interrompido quando Lucha o surpreendera. Lançou o olhar sobre o corpo, levando o sátiro a acreditar que Tonio iria para aquela direção. Ele já contava com o mestre de armas escorregando no sangue escorrido ao chão em um seu erro fatal e se adiantou até perto do corpo conforme esperado por Tonio, que pôde evadir da sala a fim de se colocar em guarda no corredor estreito e pouco iluminado. Ao perceber o ardil que conteve sua agilidade no pequeno espaço de teto baixo, chegou a grunhir de raiva. Considerou abandonar Tonio no corredor e voltar-se a Lucha, mas percebeu que apenas daria as costas ao inimigo.

Sem escolha, Lamisuios saltou até o corredor onde Tonio manejou com rapidez golpes consecutivos em recuo de maneira a afastá-lo de Lucha. Quando o sátiro percebeu a artimanha, tentou retornar e Tonio retomou a sequência de golpes a avançar sobre a criatura para evitar que ela tomasse distância para saltar. O sátiro tinha apenas um punhal, porém uma parcela poderosa de magia. Tonio impedia seu uso ao manter a mente do adversário ocupada com a defesa da lâmina que cortava e estocava o ar e, por vezes, resvalava na pele da criatura.

Lamisuios amaldiçoou Mathias Felin sem desconfiar do destino do espião. Julgou que ele estava longe com a fonte e que a ira dos bardos recaía sobre ele como vingança. Alternava pequenos choques como ataque, por não ter tempo de concentrar sua energia em uma investida substancial, com recuos e esquivas como reação, e com o punhal pouco efetivo pelo curto alcance em relação à espada de Tonio. Por sua vez, o mestre fechava a amplitude dos cortes, limitando o movimento da empunhadura a formar uma cunha sobre cada quadrante imaginário que compunha seu campo de ação. Desta maneira, a ponta da

espada não fugia deste campo onde o abdômen até a cabeça de Lamisuios se encontravam, enquanto a parte inferior do corpo do sátiro estava dentro do campo visual do adversário.

O sátiro manejou a dança com os pequenos arremessos de magia e recuos e avanços do corpo, enquanto tentava dividir sua concentração para reunir energia suficiente para um grande impulso, o que demorou mais que o esperado, mas finalmente conseguiu. Tonio foi jogado ao longe no corredor. Aquela distância fatal permitiu a Lamisuios uma corrida sobre o bardo onde novo choque de magia foi arremessado. Tonio levantou a espada instintivamente, porém certo do estrago em seu corpo apesar da resistência adquirida com sua própria música.

A resistência ajudou, mas ficou claro que a força reunida por Lamisuios foi insignificante diante do quanto ele se esforçou. Tonio se apoiou em uma mão a tentar entender o que houve, e viu o sátiro mais incerto ainda, a fitar suas mãos e os arredores. O bardo se levantou devagar, espada elevada sobre os ombros e olhos focados o inimigo. Lamisuios deixou o medo escapar, revelando o sucesso de Lucha. Tonio correu antes que seu oponente retornasse à sala cujo espaço mais amplo equilibraria o confronto, visto que perdera a vantagem dos feitiços necromantes. Saltou rapidamente a fim de alcançar a sala, mas o corpo de Isabel pulou sobre ele. Lamisuios caiu ao chão emaranhado pelo choque com a aristocrata sem vida, sentiu uma lâmina gelada afundar em seu peito e arregalou os olhos diante da derrota para Tonio.

À porta, uma Lucha molhada de água no corpo e sangue nos braços fitava a cena.

Foi repreendida por Tonio:

- Você demorou!

- Já argumentou com espíritos?

Ele aquiesceu. Ainda estava em alerta:

- Vamos ver Ella.

Os amuletos permaneceram invertidos para evitar o contágio da euforia resultante da obra da violinista, pois não estavam propensos a qualquer comemoração. Contentaram-se em confirmar a animação que reinava no pátio interno da fortaleza.

- Você os vê?

- Somente submersa. – Negou, ainda tensa.

Tonio deu a volta no pátio para se isolar no seu refúgio de meditação, entre as ameias voltadas para a superfície espelhada de Idas Drin. Lucha foi até Ella e sinalizou. Quando a violinista respondeu com um meneio, ela seguiu Tonio.

Ele estava compenetrado a fitar o horizonte. Permaneceram em silêncio, sentados na muralha a aguardar. O violino cessou e o som de outros instrumentos preencheram o ar. Logo, Ella se juntava aos dois, colocando-se ao lado de Tonio:

- Como tudo correu?

Ele não se voltou para responder:

- Como planejado.

Lucha completou:

- Pequenos contratempos sem prejuízos. Como ao jogar Isabel sobre o sátiro.

Tonio não reagiu. Sua voz era amarga:

- Como ter certeza que funcionou?

- Lamisuios perdeu o poder, não perdeu? – respondeu Lucha.

- Ele consumiu tudo em seu esforço comigo. – Confirmou, taciturno.

- E não tinha os espíritos para repor. Eles foram até as pessoas, Tonio. Qualquer felicidade compartilhada entre humanos os satisfaz mais, é mais duradoura e consoladora do que os benefícios que os necromantes oferecem. Não preciso ver para saber que eles vagam entre os celebrantes e dali vão se dissipar para outros cantos.

Ella queria saber mais:

- E o espião de Racina?

Lucha fez sinal de que não vivia. Tonio também tinha perguntas a Ella:

- Celiah?

- Segura.

- Alguém desconfiou?

Ella negou:

- Ninguém percebeu o que se passou nas últimas horas. Darão falta deles provavelmente amanhã.

- Não apenas os nossos. – Tonio fitava além da noite para declarar para as montanhas que os cercavam. – Que Bouças, Betemares ou necromantes questionem os destinos de seus aliados, mas que todos eles estejam certos do quanto deverão temer se invadirem nossa casa.

9. LEOPOLDO DE CARIOR

Ele acordou na escuridão absoluta, incerto sequer de estar vivo. Mal tinha forças para se mover, seu corpo padecia em todas as partes e o simples tatear no chão causou-se arrependimentos.

Ouviu outra respiração tão instável e cheia de sofrimento quanto a sua. Aos poucos, lembrou-se dos últimos momentos antes de desfalecer.

- Leopoldo?

Uma voz se esforçou para responder, e o fez em um idioma desconhecido. Ele ofegava para falar, não era possível saber o que era natural da língua ou o que era um arrastar de murmúrios.

Martius venceu a dor e se arrastou até a direção de onde vinham os gemidos. Tocou-o. Leopoldo resmungou algo, segurou sua mão, mas nada evoluía na comunicação. O primeiro se esforçava para dizer que aquela gruta seria seus túmulos caso não conseguissem escapar, mas sem luz para os gestos, sem um idioma em comum e sem as forças para sequer se mover, estavam condenados.

Martius tentou se arrastar novamente para encontrar uma saída, mas foi contido pelo outro que, novamente, segurou sua mão e proferiu algumas palavras. Uma cólica obrigou o rastreador a se encolher enquanto ouvia o gemido rouco de Leopoldo. Quando a dor arrefeceu, as suas forças tinham sido consumidas. Perdeu a consciência novamente.

*

Despertou na escuridão como na primeira vez. No entanto, não sentia frio, sua respiração estava mais fácil e a boca mais úmida. Ainda sentia cólicas que iam e vinham, a cabeça prometia explodir, os olhos doíam e a pele estava sensível ao toque. Era macio. Tatear foi bom, o chão era macio e ele estava seco e coberto. Ousou então abrir os olhos. Malva.

- Malva?

Nada disse. Pensou. As palavras não saíram, mas era ela de cócoras, atenta a manejar algo. Além da moça, um corpo inerte.

Não, alguém quieto. Era vivo!

Martius não o via com clareza sob a luz da fogueira débil, mas percebia o vulto imóvel exceto pela respiração a mover seu peito. Também estava coberto, certamente sob os cuidados de Malva. Foi necessário um esforço para falar:

- Malva?

Conseguiu. Ela se voltou surpresa a princípio e abriu um sorriso ao vê-lo. Transmutou o sorriso em um ar benevolente a disfarçar a preocupação.

- Martius! Finalmente.

Ele tinha muito a perguntar, mas pouca condição de se manifestar. Abriu a boca para aspirar o ar e nada conseguiu dizer. Ela o acalmou:

- Não fale, descanse. Agora, só isso tem a fazer. Descansar.

Martius obedeceu. Fechou os olhos e dormiu.

*

Na vez seguinte, ele tinha mais forças. Sentiu-se alimentado. Na verdade, sentiu o sabor na boca. Percebeu que Malva alimentava o outro. Leopoldo. Seria real?

Pacientemente, aguardou que ela terminasse com o homem. Como Martius, ele estava deitado sobre peles, mas ao contrário do rastreador, conseguia elevar o tronco com o apoio do braço. Aceitava de bom grado os cuidados da menina, e mantinha um olhar de gratidão apesar do sofrimento visível em seu rosto. O braço rígido da cor do barro iniciava-se sob um ombro largo parcialmente escondido pelos longos cabelos crespos emaranhados a formar cipós que pendiam até o chão. Uma barba rala borrava os traços duros a emoldurar os serenos olhos negros.

Eles exibiam uma conexão cujo prelúdio Martius perdera enquanto esteve desacordado. A fala era dispensada por gestos acanhados de uma comunicação em progresso. O homem agradeceu os cuidados dispensados e recostou, visivelmente debilitado.

Quando Malva percebeu o olhar fixo a exhibir o quanto estava consciente, ela foi oferecer assistência. Feliz por ver Martius acordado, ela estava pronta para vários tipos de perguntas, mas se desconcertou diante daquela proferida com tanta mágoa:

- Onde está aquela maldita tocha de pés torcidos?

Malva fitou as suas mãos, incapaz de satisfazer à primeira demanda de Martius.

- Eu não sei.

- Não? – A indignação de sua alma era evidente apesar da debilidade de seu corpo. – Por que você está aqui, e não ele? E aquele é quem eu penso que é? Como ele está aqui? O que me feriu? Eu não me lembro da luta. O que aconteceu... – Ele cedeu ao abatimento, deixando a cabeça pender com os olhos fechados enquanto gemeu.

Malva retomou seu controle:

- Essas sim, eu sei responder. Descanse. Tome, água sempre ajuda. Sim. Fique um pouco de olhos fechados e ouça.

Desobediente, reclamou:

- Tudo dói.

- E vai doer ainda, eu acho. – Apontou para Leopoldo. – Vocês estão na mesma situação.

- Por quê?

- Eu me voluntariei quando Haikela Nhang disse que ele precisava de ajuda. Encontrei vocês, e outros me auxiliam trazendo suprimentos até que estejam em condições de serem transportados para a aldeia.

- Quem é esse Hai qualquer coisa?
- O Guardador das Matas. É como Leopoldo o chama: Haikela Nhang.

Martius gemeu mais uma vez:

- Leopoldo? Mesmo?

Ao ouvir o seu nome, ele se virou. Fitaram-se.

A exigência de Malva para que se recostasse foi ignorada, apesar do visível esforço para examinar Martius enquanto era também avaliado. Se o rastreador exprimia perplexidade, o outro expunha um sorriso de gratidão.

Embora o idioma fosse desconhecido, entender a palavra obrigado foi simples. O difícil foi se manterem acordados.

*

Aquele idioma de uma palavra só penetrou em seus ouvidos, em sua mente, e apenas depois de um tempo, em sua consciência. Despertou.

Com os olhos entreabertos, confirmou continuar no mesmo leito de peles dentro da gruta. Malva não estava à vista, Leopoldo permanecia à frente com uma companhia, um interlocutor com a sua costumeira hostilidade ainda mais exacerbada.

Ele falava e gesticulava diante de um convalescente incólume à exaltação.

- Trouxe-o de volta em vão!
- Em vão? Era seu desejo que eu não retornasse?
- A ironia não é sua marca, Leopoldo! Não se importa mais com Carior?
- Haikela Nhang, não é meu prazer ofendê-lo com ironia. Preferia mesmo nada à metade de mim?

A criatura se calou, envergonhada.

- Pode me dizer por que recusou minha oferta?
- Recusar? Eu a aceitei, Haikela Nhang. Abracei o melhor que me foi disposto. Vejo que aprendeu com louvor a arte para preparar péka para o meu regresso, mas tive como mentor desta transformação Klaos IV Baai, que mostrou mais que os meios para este subterfúgio da magia. Ele relatou o preço. Quando parti para o refúgio pétreo, estava ciente de que o retorno por este caminho seria por meio de uma escolha. Alegro-me que eu tenha recordado as palavras meu irmão e aceitei seu conselho. Não foi minha vontade pagar o preço da transformação integral.

Haikela Nhang, o Guardador das Matas de Carior, exibia uma mágoa que certamente não deixaria transparecer caso soubesse que Martius os observava.

- Nem o frio, nem o quente, prefere o morno?
- O frio me acalentou por um milênio. O quente virá com o voo de Ostrebor, a seu tempo.

- Olhe para você, Leopoldo! Jamais tão impotente e vulnerável como agora!

- E portanto, guardado entre amigos. – A voz de Leopoldo falhou, rouca pela dor ao se mover. – Não deite este olhar de mágoa sobre o seu amigo, não me envergonho pela fraqueza que visita meu corpo. Se meu espírito não estivesse fortalecido, teria sucumbido à tentação de trazer Ostrebor.

- Você estaria voando sobre Carior neste momento.

- Por certo, com minha força restaurada. Sim. Apenas me diga, por que receia perguntar qual seria o preço por Ostrebor?

Ele se exaltou novamente sem desviar o olhar para Martius, a quem apontava sem perceber que ele testemunhava a discussão:

- Pensa que não sei? A vida do péka! Eu sei! E valeria o preço. Ele aceitou! Não o traí, não menti, ele queria Ostrebor como eu!

Leopoldo virou o rosto na direção de Martius, porém, evitou o esforço de mover o tronco ao chegar no limite, insuficiente para enquadrá-lo em seu campo visual.

- E sabe por que ele precisa de Ostrebor?

O Guardador se segurou para que Leopoldo continuasse:

- E sabe por que o poupei?

Houve um murmúrio:

- É o que menos entendo.

O senhor de Humapaew'en kueve ajustou sua posição, abafou um gemido pela dor que retornou e, somente após uma pausa, retomou a sua explicação.

- Eu não poderia retornar por estranho a mim. Creio que você conhece tal limite da magia. Deve ser péka, o meu caminho ao mundo caso os quatro dragões não pudessem mais ser reunidos. Não é qualquer um que poderia ser meu péka, meu amigo. Quanto tempo levou para encontrá-lo?

Ele fitou os calcanhares dos pés invertidos:

- Mais de dez verões, depois de conhecer a possibilidade.

Leopoldo sussurrou, em reflexão:

- Um milênio para o acaso nos favorecer. – Retomou o tom compreensivo de antes. – Entende que me seria caro sacrificá-lo?

- Não entendo. Por Ostrebor? Pelo que você é?

- Em outras condições, talvez em outro mundo, eu poderia ter sido o que ele é, e vice-versa. Não seria o reflexo de sua carne, mas das escolhas próximas. Somos próximos. Mesmo as escolhas quando divergentes ainda me afetarão, como um despertar ou guia do que eu posso, ou quero, ser e fazer. O mesmo de mim para ele. E ainda que nada dessa restauração fosse necessária, que fosse em outro tempo, ou em outra realidade, eu não

passaria incólume por ele, ou ele por mim. Por nossas naturezas, temos uma sintonia particular que faz dele uma pessoa de valor inestimável à minha existência. Eu não estava disposto a perder alguém tão caro a meus olhos sem a oportunidade de um abraço e a cumplicidade de palavras sinceras. Klaos me alertou de um vazio por algo que deixaria de ter vivido.

- E para ter essa experiência, condena o dragão?

- Condenar? Não, não é o fim. Os corações caminham para se unirem. Duvido que Ostrebor não retorne. E na mais triste possibilidade, um dia o mortal péka partirá como todos.

Decepcionado, Haikela Nhang perdera o ânimo para argumentar, mas ainda conseguia provocar:

- Vejo que irá esperar. Por mais tempo que leve, vejo que não irá matá-lo.

- E conto com a honra de suas mãos de que não o fará! Já tomei muito dele, Ostrebor não se manifestará em mim sem o meu desejo. Eu devo aceitar a vida de Martius. Somente eu. Ou o dragão estará condenado. Entende? Tenho sua promessa guardada em meu coração?

O Guardador aceitou a possibilidade futura, empertigando-se. O fogo pareceu se reavivar:

- Tem o meu juramento que Martius do Vale Cálido jamais tombará pelas minhas mãos.

Martius testemunhou o encontro das palmas das mãos direitas como um desconhecido ritual para selar um acordo.

Haikela Nhang se despediu com o ar de descontento que costumava exhibir e uma formalidade nova, decorrente da solenidade que acabara de protagonizar:

- Este não está morto, mas há outro que me deve a vida. Já que vejo como se recupera a contento, é hora de cuidar de minhas outras promessas. Deixo-o novamente por uns dias, ansioso pelo retorno do dragão de Carior.

Leopoldo inclinou a cabeça em despedida e acompanhou com o olhar as chamas se afastarem, a deixar a luz fraca da fogueira que o separava de Martius. Foi então que ele surpreendeu:

- Alguma dúvida?

Martius prendeu a respiração antes de perceber que seria inútil disfarçar. Leopoldo voltou a perguntar para dar tempo do rastreador se recuperar do sobressalto:

- Há algo que ainda deseja que eu esclareça?

Após um suspiro, confessou:

- Muito. Está disposto a outro interrogatório a quem já lhe deve a vida?

O seu interlocutor estranhou:

- Você? Não sou eu quem lhe deve a paga de meu retorno, que é minha vida afora o sono?

Martius se sentiu desconfortável. Ele via os cabelos longos emaranhados de Leopoldo, que Malva visivelmente arrumara. Este, no entanto, falava para o vazio, atento ao tom de voz do rastreador para completar a comunicação.

- Como nos ferimos tanto? Que luta foi essa que não me lembro?

- Luta? Não. Somos agora dois corpos em recuperação onde antes havia um incólume. Como eu disse a Haikela Nhang, eu tirei de você para que eu me fizesse.

- E Ostrebor?

- Quanto mais eu me fizesse, menos você teria. Ostrebor teria custado sua existência por completo.

- Que magia é essa?

- Feitiço milenar que Klaos entregou para destruir nossos inimigos. Bom, agora é milenar.

- De onde veio?

- Os segredos de meu irmão eram vastos, peço perdão por não ter resposta.

A compreensão do fenômeno fez o estômago de Martius revirar. Controlou-se.

- E se me matar, Ostrebor retorna mesmo?

- Uma reflexão desnecessária. Haikela Nhang diz que meus irmãos estão a caminho, o que é novo somente para mim.

Ele bufou.

- Sim, foi o início de tudo. Então não vai me matar mesmo?

- O medo ainda reside em você, Martius?

- Na verdade, não. Só quero saber. Fui avisado que morreria, mas não que ficaria semanas preso a uma cama me recuperando de algo que nem sei que é.

- Ferimentos, corpo debilitado, fraqueza. Seu corpo se refaz, e assim será sempre que eu me ferir.

- Como?

- Por nosso laço até o retorno do dragão. Se já lutou por mim, agora desejará com afinho que eu retorne plenamente, pois, até lá, seu corpo ajuda o meu a se manter. Minhas lesões serão curadas com seu auxílio, doa sua essência a mim a cada vez que eu sofrer danos. Estamos ligados, não importa a distância, não importa o lugar.

Ele tentou não pensar muito no assunto quando passou pela sua cabeça como era mais intempestivo que Leopoldo.

- Você disse que nos parecemos, não acho.

- Não somos a mesma pessoa, seria entediante se fôssemos idênticos.

Martius sorriu, sabia que Leopoldo fazia o mesmo.

- Sabe me dizer o que se lembra desta transformação?

- Lembrar é um termo desacertado. Sei como ocorreu. Primeiro, como seria, ou como aprendi: o pagamento de uma vida seria o preço para um retorno alternativo aos quatro corações unidos. Se a vida não fosse consumida, a dor proveniente de um vínculo natural restauraria a forma humana. Para tanto, seria necessária a água como na tempestade do mar, a magia ativa para catalisar a transformação, o vínculo e o coração presente. E como foi: você se aproximou de meu coração com a vida a se desprender de seu corpo, criando as condições para entregá-la a mim. Eu aceitei uma parte e dela erigi o meu corpo humano, mas recusei a outra para que você se mantivesse neste mundo. Eu fui parcialmente constituído com a parte que tirei de você, cujos ferimentos foram inevitáveis. Vamos nos recuperar no tempo certo, tenha paciência.

Algo mexeu dentro de Martius. Se Leopoldo o agradeceu, sentiu obrigado a fazer o mesmo. O que disse não transpareceu seus verdadeiros sentimentos:

- Não entendo por que me poupou, poderia ter trazido o dragão. Dizem que você é implacável.

Leopoldo estranhou a afirmação:

- Não com meus amigos.

*

Martius se mexeu devagar para não despertar a dor enquanto ele mesmo acordava. Espreguiçou-se cuidadosamente enquanto recobrava mentalmente parte da conversa do dia anterior.

O sobressalto rompeu com a preguiça que desfrutava:

- Ei, Leopoldo. O que foi aquilo?

O outro estava acordado:

- Aquilo o quê?

- Isso!

- Ah?

- Isso aqui! O que estou dizendo! Eu não conheço esse idioma! Vocês o falavam ontem, eu ouvi, entendi, e agora estou falando!

A compreensão na voz de Leopoldo encheu o ar:

- Ah! Sua percepção é tardia. Já estava em sua boca ontem, durante nossa conversa.

- Isso é devido a essa nossa conexão?

- Bom, é uma resposta de contrastes. A conexão ajuda a assimilar o que fala, mas é reflexo da magia de Haikela Nhang para que eu apreenda mais rapidamente o seu idioma. Você se beneficiou dessa estratégia.

- O dom das línguas?

- Eu aprendi a sua e você, a minha. Não haverá outras facilidades que justificam sua empolgação.

- É uma pena. Já me imaginava um poliglota sem nunca estudar.

*

Os dias se passaram mais rapidamente depois que as conversas foram introduzidas na rotina dos convalescentes, o que levou à oportunidade de contar das gemas.

Como Leopoldo nada mencionara, cabia a ele introduzir o quanto conhecia do passado dos dragões.

- Não me perguntou sobre como eu cheguei até você. – Instigou Martius.

- Haikela Nhang certamente o encontrou – respondeu, com uma linguagem cada vez mais simples e próxima aos termos e construções de Martius.

- Não foi tão simples. Ele apenas me guiou. Creio que foram as fadas.

- Que fadas?

- As de sua fortaleza. – Parecia óbvio para Martius.

Leopoldo não soube, a princípio, como reagir:

- Fadas têm morada em Humapaew'en kueue? – Gargalhou com as poucas forças que tinha. – Então elas conseguiram.

- Há problemas?

Ele parecia se divertir.

- Mudanças são esperadas em mil anos. Terei muito a aprender, e pelo jeito, a conviver.

Martius corrigiu:

- Elas também precisam do dragão para manter sua morada neste mundo.

Leopoldo fechou o semblante:

- Entendo. Então será você, e não Haikela Nhang, que me colocará a par destes fatos?

- Não, melhor que seja ele. Tenho outros fatos que preciso te atualizar, sobre Celiah e Vincent.

Leopoldo se mexeu com cuidado para que a dor não compromettesse sua atenção. Ouviu sobre a separação das quatro embarcações, quando o Murmúrio da Brisa rumou a Sul com a Estirpe de Tenet, o Defensor da Costa e a Estirpe de Rivéria foram vistos cercados pela última vez, e nada mais se soube do Perene Consultante com a Estirpe de Ruan ou do Vigilante Firmamento com a Estirpe de pa’Kueve. Sabia-se agora que esta última alcançou o seu destino.

No entanto, não se soube como o Coração de Celiah foi aprisionado por uma serpente de olhos de fogo e resgatado por Martius e seus amigos, embora eles tivessem sucesso em rastrear o Coração de Melgrod até uma seita que acabou por se tornar os primórdios das

novas estirpes. Martius relatou a destruição de Riff-Pei, a travessia pelo deserto gelado desde Dust, e o plano de obter informações sobre o paradeiro de Baai com as mesmas fadas que revelaram Melgrod. Por fim, descreveu como o Guardador das Matas de Carior desviou o seu destino para Leopoldo.

Compenetrado, ele finalmente se manifestou para explicar:

- Você não conseguiria trazer Baai. Creio que está claro que seu destino era aqui.

Martius concordou. Não revelara, ainda, a outra informação de peso.

- O que você precisa saber é que, até eu vir aqui, os Corações de Celiah e Melgrod foram encontrados por interferência de Ricard.

Leopoldo não entendeu.

- Ricard ainda não me foi apresentado em sua história.

Martius se desconcertou antes de encontrar as palavras que esclareceriam:

- Ricard da Ordem Draconiana, que Celiah amaldiçoou com a imortalidade.

A série de revelações era intensa, Leopoldo não sabia como reagir, exceto com negação:

- Está enganado Martius, esse Ricard não caminha entre nós. Pereceu poucos anos depois de me unir aos meus irmãos.

Martius foi direto:

- Lamento, mas se enganaram. Ricard continua vivo até hoje, e é o responsável por trazer os dragões e suas partes humanas de volta ao mundo.

*

Ao terem um pouco mais de forças para se movimentar, foram transportados para o conforto da aldeia. Martius pode testemunhar como os generosos são fortes e os pacientes são imperturbáveis. Embora Leopoldo nada tivesse a oferecer, doou sua gentileza aos que o cercavam. Embora tivesse urgência em recuperar os irmãos, não se abalou com a impotência de seu corpo.

Martius chegou a duvidar da ligação que Leopoldo mencionara, pois aparentavam ser muito diferentes. A força de Martius estava em sua individualidade e seu imediatismo era notório. Estava preso por uma necessidade de convalescência, mas a imaginar o quanto seria mais útil caso levasse a notícia de imediato aos bardos.

Pensou nos bardos. Embora tivessem estabelecido a sede dos Lanceiros Perpétuos como base de comunicação, ele não tinha ideia onde os amigos realmente estariam. Lucha fora deixada ferida e nunca chegara a Carior. Ela devia estar em companhia de Leafir a treinar o que seria a Estirpe de Ruan e Tonio, se tudo tivesse dado certo, estava junto aos Lanceiros com a pequena Estirpe de Tenet.

Era compreensível que Lucha tivesse retornado a Tonio depois de restabelecida. Então, se contasse com essa alternativa, tudo estaria como planejado e restava apenas encontrar

Baai. Obviamente, Leopoldo ajudaria naquela empreitada e, em breve, os dragões estariam no mundo e os bardos livres para seguirem seus caminhos.

Uma pontada de angústia feriu o peito de Martius. Que caminhos seriam aqueles e, por que sua reflexão não considerou um único caminho para os quatro?

Malva o surpreendeu com suas incertezas.

- Ainda preocupado com Haikela Nhang?
- Você viu a chama de pés tortos?
- Não agora. E não o chame assim. Ele cuida das matas de Carior.

Martius a fitou incisivamente:

- Malva, ele quase a matou!

Ela murmurou:

- Assim como os lobos. E você os poupou.

Quando ele fitou o horizonte sem saber o que dizer, ela completou:

- Leopoldo disse que ele só desafia a quem respeita. Aos outros, tira a vida somente. Você deveria respeitá-lo como ele a você, Péka Ostrebor.
- Como é?
- Você entendeu. – Segurou o sorriso indisciplinadamente, fitando-o em desafio jocoso.
- Está me dando lições de moral agora, menina?
- Quem está agindo com infantilidade aqui? Estamos lidando com situações nunca dantes imaginadas, não podemos manter a mesma moral da vidinha do Vale Cálido.
- Está se achando importante, hein?
- Eu tenho como grandes amigos um bardo que conjura tempestades, um homem de mil anos de idade que promete se tornar um dragão e tenho acesso a uma criatura de fogo que nem sei como definir, mas que provocaria pânico em mais da metade das pessoas que já conheci. Sim, estou me achando importante.

Martius riu.

- Está bem, você é importante. Ao menos para mim e para Leopoldo. Isso já é suficiente para uma vida de aventuras.

Ela comemorou a vitória e beijou o rosto de Martius antes de se afastar a espalhar sua felicidade para quem encontrasse. O rastreador permaneceu a observá-la com uma melancolia inexplicável. A imagem de Penélope se misturou à de Amanda e criou uma terceira figura com mais paixão que a primeira e com mais doçura que a segunda. Não. Penélope era apaixonada pela vida e Amanda era doce com Martius. A terceira figura não era Malva.

Malva podia ser apaixonada, doce, alegre e dedicada, mas a verdade era que a moça experimentara o terror na infância e decidira ter uma vida incendiada de emoções que justificasse ter sido ela a escolhida dentre três. Lá estava a explicação para a melancolia que isolou o rastreador no restante do dia.

*

A imensa cobertura estrelada e silenciosa era um acalento nas clareiras durante as noites da mata escura. Haikela Nhang, Guardador das Matas de Carior, escolheu o posto próximo da Fortaleza de Ayaa pa cewvy. Ao avistar as pequenas luzinhas brilhantes que, ao longe, se confundiam com o firmamento iluminado, conjecturou se o retorno de Leopoldo traria o nome de Humapaew'en kuele de volta.

As centenas de anos que se passaram geraram outras mudanças que a montanha absorveu, embora sem ter passado incólume ao tempo. A proximidade dos humanos das terras baixas do Pequeno Reino do Pontal era a maior ameaça da qual ele se sentia incapaz de enfrentar só. Já outras menores e isoladas, ele conseguia contornar com suas habilidades, assim como a que ele concluiria naquela noite. Foi uma ameaça risco nascida nos arredores de Ayaa pa cewvy há poucos anos e o ciclo se fechou quando a existência do Guardador das Matas fora mencionada por um elfo em terras distantes. Era hora de cobrar o juramento de silêncio quebrado.

A noite sem nuvens, que captaria o elfo estivesse ele em qualquer lugar, demorou a se manifestar. Foram ainda noites extras de adiamento. Da clareira cercada pela mata ele tirou os estímulos necessários para ativar o seu poder de resgate daqueles que tinham a palavra pendente à sua vontade: caçadores que juraram nunca mais matar, aventureiros que se comprometeram a jamais retornar a Carior, testemunhas que garantiram que nunca mencionariam a peculiar criatura de fogo que iluminava a floresta escura.

Aquele voto foi além. Haikela Nhang já tinha sido avistado pelo elfo que habitou aquela montanha e não se incomodava por se passar por uma visão ou um fantasma nas noites mais escuras da montanha, pois seria uma mera invenção fantástica aos ouvidos alheios. No entanto, na noite em que Haikela Nhang aceitara apostar nos bardos como indicação mais provável para resgatar Ostrebor, a familiaridade do elfo com a língua antiga da montanha revelara mais que um grupo de bardos com poderes incomuns a humanos. O elfo conheceu as intenções das fadas para as noites seguintes, a promessa da chegada de um dragão em Carior e o despertar nos mares do sul.

Se apenas dois daqueles fatos fossem ligados, a imaginação humana poderia aceitar como real outros segredos de Carior e atrairia curiosos dispostos a comprovações diversas. Assim, quando o elfo fraquejou e revelou um dos segredos, o Guardador das Matas de Carior decidiu usar o seu direito de terminar com sua vida.

No entanto, a iminente visita de Martius adiou suas obrigações. Era hora de corrigir sua negligência.

As nuvens que cobrem uma terra não cobrem as outras no mesmo momento. Já as estrelas que brilham em uma terra abrangem distâncias maiores. Caso elas não fossem suficientes, ou caso o céu estivesse nublado sobre o elfo, a localização seria mais difícil, porém longe de impossível. Outros guardadores de florestas, campos e desertos espalhavam-se pelo

mundo a lutar pelos seus domínios e por aqueles que lá viviam. A cooperação era requisitada sempre que necessária, de maneira a mantê-los a salvo dos verdadeiros predadores, o mundo moldado pelos conflitos entre os minerais, os mares, os rios e as chuvas, o vento e suas calmarias, a luz e o fogo, e a vida no meio selvagem.

Não era necessário. O brilho sobre Carior era o mesmo que incidia sobre o elfo. Encontrado, o encanto do juramento era suficiente para manter o contato sobre a vida de Ridell, mesmo desconhecendo a sua localização.

Iniciou o acesso, sentindo-o ao longe. Aproximou-se devagar, a estudar a conexão traçada, para que os rastros não fossem atenuados. Retomar a construção da via para dentro do elfo exigiria mais esforço se o perdesse.

Ainda longe, mas a sentir Ridell, Haikela Nhang, Guardador das Matas de Carior, sentiu o inesperado: fora percebido por outro poder que atuava em Ridell. Descoberto, sua cólera efervesceu. Não bastassem as expectativas frustradas na intensidade proporcional a do tempo em que foram alimentadas, sua compensação em reduzir os riscos a Carior ainda seria maculada pela interferência alheia.

Praguejou alto, seu brilho de fogo ampliou a claridade à sua volta. Sustentou a conexão até que o interventor recusasse. Em seguida, deixou-a apagar.

Iria se preparar melhor para o que parecia ser uma batalha para dominar a vida daquele elfo maldito.

*

Ele não se dera a chance de estudar a interferência e, portanto, não percebeu que era a mesma oneir querathyra que o espionara meses atrás, tampouco que era a responsável pela chegada de Malva a Carior. A informação poderia ter aplacado parte da cólera direcionada a uma intervenção que expurgaria os desmandos sobre seus planos.

Trazer a Era de Ouro da montanha onde as criaturas amavam seus deuses tanto quanto outras temiam os deuses alheios era o esforço de anos repleto de concessões que jamais imaginara aceitar. Sua vitória fora postergada e estava ávido por outra, mesmo que menos nobre e de relativa facilidade.

Caminhou durante o dia pelas matas a desfrutar do propósito de sua existência. Naquela noite, o céu nublado aumentou sua frustração e os planos foram postergados para a noite seguinte. Até lá, o Guardador refletira, clareara suas intenções e renovara seu poder. Também concentrara sua atenção e libertara a mente de distrações. Quando a luz difusa dissipou seus últimos tons purpúreos e o céu em chumbo deu passagem a uma abóbada negra salpicada de pontos com brilhos de intensidades e cores diferentes, o infinito avisava que estava pronto para colaborar com a execução.

Na mesma clareira, Haikela Nhang, inflamado, acessou Ridell. A princípio, não identificou a interferência anterior, ponderou se ela havia se acovardado ou se estava à espreita. Se estivesse, iria se revelar facilmente.

O Guardador iniciou sua missão ao agarrar a vida de Ridell abruptamente e a sorver de maneira a causar sofrimento. Logo, o socorro se revelou para anular a dor, o que descobriu o véu turvo que não mais protegia aquela intervenção. A oneir querathyra que procurava

Martius acabara de mostrar que era também uma curandeira. Não satisfeita com a revelação, ela mergulhou até ele com suas defesas erigidas.

Ele cresceu, satisfeito com as perspectivas. Uma curandeira pouco faria diante da devastação que ele planejava. Não se importou com a interferência, e passou a atacar Ridell, sugando sua vida para um sumidouro abissal, onde somente a ruína residia. Sentiu abalos leves vindos da inexperiente curandeira em causar lesões ao invés de saná-las. Ignorou-as para seguir com o seu plano, o que pareceu mais fácil que o esperado.

O movimento seguinte o surpreendeu.

O poder maior foi revelado quando ela deixou de curar, e passou a repor a vida do elfo com a sua própria. Haikela Nhang estremeceu. Não estava em batalha contra uma oneir querathyra aventureira que não sabia quem enfrentava, mas como uma maga de poder regenerador capaz de transferir as essências que mantêm a vida. Ele aferiu sua intervenção, abriu-se mais para verificar o retorno e percebeu algo colossal diante da pequenez do elfo de longa vida mal aproveitada.

Hesitou. Lutaria contra um ser que, em outras condições, recusar-se-ia a ofender? Sentiu suas vísceras remoerem. Tentou convencê-la a desistir, o que serviu apenas para confirmar a determinação dos anões.

Ela não recuaria, nem ele. Apesar da lástima que sentia, sua raiva era maior e avançou, consolando-se de que a anã estava ciente de seu destino. Tirou de Ridell até perceber que a sua adversária abdicara de compensar a dor. Bloqueou o ataque inútil que resvalou no canal por onde fluía a vida doada a Ridell. Continuou a extrair a vida, determinado a encerrar a pendência e enterrar com o elfo os desgostos que o atingiam com mais intensidade que os ataques da anã.

E assim teria feito, caso uma outra intervenção, agora externa, não tivesse surgido:

- Guardião de Ostrebor! – A voz do odioso Sávio Labaki! – Pare!

O Guardador não se moveu, mas sentiu a aproximação. Ouviu novamente:

- Pare! Interrompa o ataque!

- Não interfira em meus assuntos! O elfo é meu!

- Mate o elfo como quiser, mas imploro... não... ordeno que pare de consumir a vida de Aida!

- A anã?

Labaki puxou sua mão. Haikela Nhang revidou.

- Não ouse intervir!

- Você me deve, Guardião! Por Ostrebor, essa é a dívida que cobro. A vida da anã não deve ser ameaçada.

- Ousa cobrar o quê? Ostrebor não retornou! Leopoldo se comoveu com o rastreador! Ostrebor não retornou!

Um sorriso sincero iluminou o rosto de Labaki antes de ser substituído por um mais cínico para responder:

- Ora, Guardiã, parece que não conhece seu mestre tão bem quanto pensou.

Em um acesso, Haikela Nhang despejou sua cólera até o abismo que sugava as vidas em queda. Labaki respondeu de imediato, com poucas palavras e mais atitude:

- Aida!

Lançou o Guardador das Matas para longe, quebrando a conexão até Ridell. Um grito de raiva rompeu a perplexidade da criatura e atravessou as copas das árvores até ser ouvido em Ayaa pa cewvy.

- É sua escolha? Há anos desejo enfrentá-lo e me dá a oportunidade de finalmente acabar com sua vida?

Labaki percebeu naquele instante o risco nascido de sua impetuosidade. Tentou negociar:

- Haikela Nhang das Matas de Carior, Guardiã da Gema de Ostrebor, somos aliados, não somos? Aliados fazem concessões. Só peço essa concessão.

Não havia compreensão nos olhos do ser de cabelos de fogo.

- Minha concessão foi aceitá-lo em Carior. Acatar sua orientação e aturar suas ingerências. Agora basta!

A um gesto, uma onça surgiu das sombras e lançou-se sobre Labaki, que a havia percebido e se esquivou a tempo. Novo ataque respondido com outra esquiva tão veloz quanto um lagarto em fuga. Ele tinha medo real em seus olhos, dividindo-se entre a onça e o Guardador.

- Não a enfrenta? De tudo que pensei de você, não imaginei presenciar a covardia. – Provocou Haikela Nhang.

O animal atacou novamente, Labaki conseguiu prendê-la em suas mãos e jogá-la entre os arbustos. O rugido revelou mais a raiva que a dor. Sávio ofegava quando respondeu:

- Não temo por mim!

Haikela Nhang não tinha informações suficientes para entender a alegação:

- Suas justificativas não me comovem.

A clareira se fechou, as árvores se moveram e a escuridão cobriu o paradeiro da onça. Labaki concentrou-se para combater a ilusão, porém de espada em riste e pronto para a surpresa. Embora seus olhos mentissem, conseguiu romper com os ruídos falsos e sua mão esquerda livre agarrou a pata da onça no último momento, puxando-a ao chão a ouvir o lamento de dor do animal. Tentou cravar a espada, mas o seu pavor em se ferir o levou a recuar a tempo de evitar a garra rasgar sua perna.

Afastou-se do animal e de Haikela Nhang, ainda incapaz de correr de vez. Ouvia outros seres na mata a cercá-lo.

Os olhos frios do Guardador revelaram desprezo:

- Não esperava realmente este medo. Caso saia de Carior, será em pedaços.

- Haikela Nhang, há mais em j... – Foi interrompido por novo ataque vindo dos flancos, obrigando-o a se jogar ao chão e rolar para a frente, próximo do Guardador das Matas.

A criatura confiou em sua vantagem absoluta e aproximou-se imprudentemente. Labaki deslizou a lâmina sobre a perna de seu adversário, cortando-o em uma velocidade inumana, feito jamais realizado naquelas matas.

Haikela Nhang gritou e se jogou contra Labaki, que o agarrou pelo pescoço a fim de estrangulá-lo, a evitar as chamas dos cabelos enquanto sentia o calor da penugem de fogo, insignificante para causar queimaduras.

Ambos gritavam de ódio. Liberavam, em suas gargantas, as travas a que aceitaram se submeter para alcançar seus objetivos. Combatiam o destino impiedoso que os aprisionou com seus caprichos para exigir deles mais do que podiam suportar. A música não compensaria a necessidade da violência.

A música.

Reconheceram, porém sem tempo de se defenderem da rajada de vento produzida por Martius para separá-los, jogando ambos contra as copas mais altas. Caíram ao chão enquanto ouviam o complemento ao vento, uma voz familiar que se tornara desconhecida daquelas matas a dominar o ar em um timbre de majestade e fúria:

- Nunca mais! Nunca meus olhos testemunharão meus aliados em combate! Jamais! Ou não serão mais os meus! – A força de seu julgamento latejava no ar. Voltou-se ao Guardador. – Haikela Nhang, por que me insulta? Por que conspurca nossa aliança?

A criatura de fogo se levantou envergonhada. Tinha ciência dos limites que ultrapassara.

- O furor da realidade cega o meu julgamento. Vejo que efetuei um ataque ao Protetor da Montanha, a Leopoldo de Carior. Reconheço a desonra em minhas mãos. Jamais se repetirá. A sensatez lhe é amiga, Leopoldo, nunca seus olhos verão minha ira sobre os seus. – Baixou a cabeça enquanto recuava, ansioso para desaparecer.

Leopoldo entendeu e concedeu seu desejo. Havia uma ligeira mágoa em sua voz, que não mais exigia um alto brado acima das copas:

- Vá-se enquanto a decepção é branda, falaremos depois.

Enquanto o Guardador das Matas de Carior apagava sua luz na noite, Labaki se levantava ofegante. Abriu os braços em uma saudação, um sorriso de lábios apertados expunha a emoção.

Ao contrário, Leopoldo o fitou com um sorriso aberto e adiantou-se. Estancou, confuso, a revelar dúvida no sorriso que se perdeu.

Labaki esclareceu:

- Essa é a distância que nos une, nada menor. Não tente avançar, ou este desconforto aumentará até a dor. – Havia uma alegre compaixão pela ignorância de Leopoldo. – Com as gemas em estado puro é ainda mais penoso e, bem, como sempre, Melgrod é o pior. Sua ira flameja como uma criança confusa.

Leopoldo não soube como reagir:

- Surpreendente limitação!

- De fato. Embora contornável. É nada. – Ele gesticulava com as mãos na ânsia de se aproximar, um sorriso pesaroso reafirmava a lástima pela restrição e a voz trêmula uma comoção incomum. – Mesmo que meus braços não possam envolvê-lo, é imenso o alívio em vê-lo bem, irmão! Seja bem-vindo ao mundo, a Carior, e à sua casa.

Leopoldo foi calorosamente receptivo tanto às garantias, quanto à saudação:

- A receptividade de meu familiar já me abraça. Soube que os anos são séculos, maior motivo para me alegrar revê-lo, Klaos.

Martius ficou sem ar diante da revelação, suas pernas bambearam a ponto de apoiar um joelho ao chão.

Labaki o fitou com um aspecto plácido a se misturar ao cansaço, levantou uma sobrancelha sem palavras, que Martius leu como lia a floresta: “*Não esperava por essa, esperava?*”

OS NOMES DESTA HISTÓRIA

Pessoas, criaturas e grupos

Adália – monstro mágico em forma de serpente de olhos de fogo, e que carrega a gema mágica de Celiah

Aida Barovah – anã veleira do mercado de Valdoa

Alia – uma sereia

Amanda de Aflatin – grã-mestra dos Betemares

Asinuich – elfa, subordinada de Leafir na Guerra do Êxodo

Awmeniewlyna – Lina, a fada que acompanhou Tonio desde Carior

Baai, o quarto – dragão irmão de Celiah

Barão de Baixo Campo – Barão da região de Valdoa

Belina – agente de Racina

Betemares – seita de Fraga liderada por Rêmuldo de Pisanti, Duque de Fraga

Caemvhir – elfo, do grupo dos elfos de Leafir

Celiah – heroína relacionada à gema guardada por Ella

Círio Mantina – filho de Guida Matina, amigo pessoal de Fúlvio Comperteiro

Conrado – codinome de Mathias Felin, agente de Racina

Coriolano – elfo, adotou nome humano quando permaneceu em Femon

Donnal – sobrinho de Tessa

Dora – codinome de Belina de Racina

Durvaal Talquar – Conde de Ataloana, do Reino de Katos

Eal Sanul – mestre dos Lanceiros Perpétuos

Eda – apelido de Leda, codinome de Isabel Eduína

Elder Val Nher – médico que atendeu Lucha

Elthor de Nervendal – fundador da Cidade Elevada de Elthor

Estiopotário Neto – da casa dos Mantina

Estirpe de pa’Kueve – segmento da Ordem Draconiana comandado por Leopoldo

Estirpe de Rivéria – segmento da Ordem Draconiana comandado por Klaos

Estirpe de Ruan – segmento da Ordem Draconiana comandado por Celiah

Estirpe de Tenet – segmento da Ordem Draconiana comandado por Vincent

Fúlvio Comperteiro – nobre que encomendou a Gema de Adália a Tonio

Gan Hu Mentras – Mestre Superior dos Lanceiros Perpétuos

Giácomo Guido Mantina – sobrinho de Guida Mantina

Golias Mantala – mensageiro de Labaki

Guida Mantina – matriarca da família amiga dos Comperteiro, rica viúva de Valdoa

Haikela Nhang – o Guardador das Matas de Carior

Hélio – codinome de Mathias Felin, agente de Racina

Hesedrath – dragão vermelho de tempos antigos

Inar – o elfo Ridell

Isabel Eduína Petrosa Comperteiro – esposa de Fúlvio Comperteiro, filha do Barão de Baixo Campo

Jainor – membro pleno da Plêiade de Danati

João – codinome de um agente de Racina

José – codinome de Mathias Felin, agente de Racina

Jukka – membro adepto da Plêiade de Danati

Justina Catamansa – cafetina conhecida de Justa Catacobra

Klaos – humano, Baai

Lamisuios – Sílvio, o sátiro

Leafir Amdir – elfo Arqueiro Comandante no último exército élfico

Leopoldo – humano, Ostrebor

Lina – apelido dado por Martius à fada Awmeniewlyna

Lohris – elfo, mestre na confecção de arcos

Malva – jovem do passado de Martius

Mathias Felin – agente de Racina, também José, Conrado e Hélio

Melgrod – dragão irmão de Celiah

Moita – ajudante do cocheiro da casa dos Comperteiro

Olmar de Atavanel – segurança de Fúlvio Comperteiro

Ostrebor – dragão irmão de Celiah

Pomelo Carimbeiro – traficante de escravos avistado na Capital de Katos

Profeta da Chama – Tonio

Profetisa da Luz – Ella

Rêmulo de Pisanti – Duque de Fraga, último Bename vivo e Sacerdote Supremo dos Betemares

Ricard – espião da Ordem Draconiana, chamado Coletor de informações

Ridell – elfo ladrão das montanhas Carior

Rinaldo Terranova – contrabandista
Rododendro – cocheiro da casa dos Comperteiro
Sávio Labaki – conhecido como colaborador da nobreza de Valdoa
Servília Mãe – cozinheira da casa dos Comperteiro
Servilina jovem – criada da casa dos Comperteiro
Severo Mincia – contramestre dos necromantes
Sílvio – nome dado ao sátiro Lamisuios dos necromantes
Sinária – a fada mãe de Carior
Tebum Kataro – líder necromante
Trobai – anão ladrão das montanhas Carior
Tufão – o mastim eritueano de Conrado
Velma – guia de Ella na Plêiade de Danati
Vincent – humano, Melgrod
Virgur – guia de Tonio na Plêiade de Danati
Walfor – membro pleno da Plêiade de Danati
Zelda – guia de Lucha na Plêiade de Danati
Zirgur – guia de Martius na Plêiade de Danati

Edifícios

Ayaa pa cewvy – fortaleza das fadas, antiga Humapaew'en kuele
Creodora – Teatro de Creodora, em Valdoa
Corcel Cileste – estalagem de Femon
Goth Drin – antiga sede da Ordem Draconiana, em ruínas
Humapaew'en kuele – fortaleza de Ostrebor
Ruan – propriedade de Celiah

Geografia Política

Atavanel – cidade de Katos, próxima a Valdoa e à Capital de Katos, conhecida pelas suas essências
Belerod – a terra perdida dos elfos
Batistéa – país além-mar famoso por seus cristais finos
Cidade Elevada de Elthor – cidade fortificada, sede do Sacramento de Elthor

Daminer – país onde fica o condado de Rivéria

Dust – terras geladas no extremo sul

Faemon Handra – terra dos elfos no continente humano, chamada de Femon pelos humanos

Femon – antiga Faemon Handra dos elfos

Galianthus – Galianthiel para os elfos, uma das maiores cidades de Femon

Momendrava – reino cuja parte do território é composto pelas montanhas Cenikas, era recentemente Hodrava

Permenbadal – reino cuja parte do território é composto pelas montanhas Cenikas, era recentemente Permeamil

Riff-pei – a terra aquecida da planície do sul, cujo ponto mais próximo conhecido é Dust

Rivéria – condado protegido pelo dragão Baai

Tenetenfrat – cidade onde Vincent viveu seus primeiros anos

Velemont – outra cidade conhecida pelas suas essências

Geografia Natural

Baía do Pontal – baía na costa do Reino de Katos e Pequeno Reino do Pontal

Cadeia Holiah – uma das duas grandes cadeias de montanhas de Moros. Estende-se de Norte a Sul. A Norte, localizam-se os Lanceiros Perpétuos

Carior – a grande montanha situada no Pequeno Reino do Pontal

Cenikas – cadeia de montanhas que abriga Goth Drin, a sede da Ordem Draconiana

Charco Seco – grande pântano de Andreada, morada de Adália do Charco

Finco do Elfos – ou mar élfico, mar que dividia a antiga terra Élfica do Reino de Moros, ainda margeado pela costa de Andreada

Idas Drin – lago ao pé de Goth Drin

Lago Sereno – lago que divide parte de Andreada e o Reino de Moros, também chamado Mar Pequeno pelos locais

Rio Desterro – rio que nasce das mesmas condições do Sobetiba, com o qual divide as águas do Alto Moros, porém atravessa Katos até desaguar no mar. Divide o Território da Capital e o Ducado de Atavina em dois trechos

Rio Holiah – rio divisor de Andreada e Moros, ao pé da Cadeia de Montanhas Holiah

Rio Sobetiba – rio divisor do Reino de Moros com o Reino de Katos. Nasce do Rio Alto Moros e morre ao entregar suas águas para o Grande Rio